PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

A fricativa palato-alveolar e sua complexidade: uma regra variável

T
469 15
B842 f

Cláudia Regina Brescancini

Prof. Dr. Leda Bisol
Orientadora

Data de Defesa: 03/04/2002

Instituição depositária:
Biblioteca Central Irmão José Otão
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, abril de 2002

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ícaro e Branca, aos meus irmãos Luiz Henrique e Ana Maria e a minha avó Ida, fundamental apoio.

À Prof.ª Dr.ª Leda Bisol, pela orientação cuidadosa, pelos constantes incentivos.

Aos professores do grupo de fonologia da PUCRS, Gisela Collischonn, Valéria Monaretto, Laura Quednau, Luiz Carlos Schwindt, Maria Tasca, Elisa Battisti, Maria José Blaskovski Vieira e Marisa Amaral, pelo muito que me ensinaram.

Ao VARSUL/PUCRS, sob a coordenação da Prof.ª Dr.ª Maria Tasca, pelo apoio oferecido durante os meus dois últimos anos do doutorado.

Às colegas Clarissa Severo e Graziela Bohn, pelo carinho e amizade.

Ao VARSUL/UFSC, sob a coordenação da Prof.ª Dr.ª Edair Gorski, pelo apoio oferecido durante o trabalho de coleta de dados.

À Carla Valle, pela seriedade e compromisso demonstrados durante nosso trabalho de coleta de dados na Barra da Lagoa.

À Prof.ª Cleonice Orosco da Silva, da Escola de Ensino Médio Prefeito Acácio Garibaldi São Santiago, do distrito da Barra da Lagoa, e aos amigos Juarez Lopes, José Olímpio da Silva Júnior, Andréa Cavalheiro Silva, Tatiana Loppnow e Marcelino Alves, pelo imenso auxílio na localização de informantes.

Às amigas Marisa Fernandes e Adriana Gibbon, pelo fundamental apoio na finalização deste trabalho e, acima de tudo, pela solidariedade demonstrada.

À CAPES, pela bolsa concedida.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, pelas condições favoráveis para a realização do curso.

Finalmente, de modo muito especial, aos moradores da Barra da Lagoa e do Ribeirão da Ilha, pela receptividade.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS v
LISTA DE QUADROS vii
LISTA DE GRÁFICOS ix
LISTA DE FIGURAS xii
LISTA DE ABREVIATURAS xiv
RESUMO xv
ABSTRACT xvi
1 INTRODUÇÃO 1
2 CARACTERIZAÇÃO DAS FRICATIVAS PALATO-ALVEOLARES 5
2.1 Caracterização Fonética 6
2.1.1 Introdução 6
2.1.2 As fricativas [s, z] 7
2.1.3 As fricativas [ʃ, ʒ] 11
2.1.4 A palatalização 17
2.2 Caracterização Fonológica 27
2.2.1 Introdução 27
2.2.2 O sistema de traços de Jakobson, Fant e Halle (1951) 30
2.2.3 O sistema de traços de Chomsky e Halle (1968) 31
2.2.3.1 O traço [coronal] 31
2.2.3.2 O traço [anterior] 37
2.2.3.3 Os traços correspondentes à palatalização 39
2.3 Caracterização Histórica 46
2.3.1 Introdução 46
2.3.2 As fricativas alveolares e palato-alveolares 47
2.3.3 A produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda 50
2.4 Conclusão 57
3 A FONOLOGIA LEXICAL 58
3.1 Introdução 59
3.2 O Modelo da Fonologia Lexical: propostas de Kiparsky (1982, 1985) e Booij e Rubach (1984, 1987) 61

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

3.3 A Teoria da Subespecificação 68
3.4 Conclusão 71
4 A SÍLABA 72
4.1 Introdução 73
4.2 A Questão da Constituição Silábica 74
4.2.1 Estrutura silábica de ramificação: ausência de constituição interna 74
4.2.1.1 Kahn (1976) 74
4.2.1.2 Clements e Keyser (1983) 75
4.2.1.3 Nespor e Vogel (1996) 78
4.2.2 Estrutura silábica de ramificação: presença de constituição interna 81
4.2.2.1 Selkirk (1982) 81
4.2.2.2 Harris (1983) 84
4.3 As Relações Intra-sílaba, Inter-sílaba e a Escala de Sonoridade 88
4.3.1 Saussure (1916) e Jespersen (1904) 88
4.3.2 Hooper (1976) 88
4.4 A Sílaba em Língua Portuguesa 92
4.4.1 A rima em língua portuguesa 93
4.4.1.1 Ditongos 98
4.4.1.2 Epêntese Vocálica 100
4.4.1.3 A questão do domínio de aplicação da regra de palatalização da fricativa em posição de coda e língua portuguesa 105
4.5. Conclusão 108
5 A GEOMETRIA DE TRAÇOS 109
5.1 Introdução 110
5.2 A Representação Hierárquica de Traços – Propostas 114
5.2.1 Geometria de Traços – modelo base 114
5.2.2 A Hierarquia do Nó do Articulador 118
5.2.3 O nó de Abertura Vocálica e a Teoria Unificada de Traços para Consoantes e Vogais 125
5.2.4 Modelo baseado na constrição 129
5.3 Operações Elementares e Princípios Básicos 133
5.4 A Palatalização nos Modelos de Organização Hierárquica de Traços: Dorsalização e Coronalização 136
5.4.1 Palatalização como dorsalização 136

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

5.4.2 Palatalização como coronalização 138
5.4.3 Outras propostas 146
5.5 Conclusão 151
6 **A REPRESENTAÇÃO LEXICAL DAS FRICATIVAS PALATO-ALVEOLARES: UMA PROPOSTA** 152
6.1. Introdução 153
6.2. Uma Proposta para Representação da Fricativa Palato-Alveolar: [+P] = Nó Vocálico e seu Dependente Ponto-V [dorsal] 154
6.3. [+P] = Nó Vocálico e seus Dependentes Ponto-V ([coronal]) e Abertura ([-aberto1, -aberto2, -aberto3]) 158
6.4. [+P] = [- anterior] 162
6.5. A Fricativa Palato-Alveolar no PB 166
6.6. Conclusão 172
7 **UMA REGRA VARIÁVEL** 173
7.1 A Teoria da Variação Lingüística 174
7.1.1 Os predecessores 174
7.1.2 O modelo teórico-metodológico laboviano 181
7.1.2.1. Martha's Vineyard: um estudo de regra variável 182
7.1.2.2. Os modelos matemáticos para análise de regra variável 188
7.2. Metodologia 194
7.2.1. As Variáveis operacionais 194
7.2.1.1 A variável dependente 194
7.2.1.2 As variáveis independentes 195
7.2.1.2.1 As variáveis lingüísticas 195
7.2.1.2.2 As variáveis sociais 203
7.2.3 Os Distritos em Estudo 209
7.2.4 A amostra 215
7.2.5 A codificação 219
7.2.6 O instrumento de quantificação – VARBRUL 2S 220
7.2.6.1 Os programas do pacote VARBRUL 2S 220
7.2.6.2 A análise multidimensional do programa VARB2000 223
7.2.6.3 O peso relativo 227
7.3 Discussão dos resultados 230
7.3.1 Freqüência global 230

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

7.3.2 Seleção das Variáveis pelo Programa VARB2000 231
7.3.3 As variáveis lingüísticas 233
7.3.3.1 Questões de ortogonalidade entre as variáveis Contexto Seguinte, Traço [voz] e Posição da Fricativa na Palavra 233
7.3.3.2 Questões de ortogonalidade entre as variáveis Posição da Fricativa na Palavra e Acento 238
7.3.3.3 Posição da Fricativa na Palavra 240
7.3.3.4 Traço [voz] 246
7.3.3.5 Contexto Seguinte 250
7.3.3.6 Acento 266
7.3.3.7 Contexto Precedente 276
7.3.3.8 Função Morfológica 292
7.3.4 Variáveis sociais 295
7.3.4.1 Seleção das variáveis sociais 295
7.3.4.2 Questão referente à variável Informantes 297
7.3.4.3 Questão referente à interação 298
7.3.4.4 Região 301
7.3.4.5 Faixa Etária 304
7.3.4.6 Gênero 310
7.3.4.7 Escolaridade 317
7.4. Conclusão 323
8 CONCLUSÃO 324
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 331
ANEXO A 346
ANEXO B 348
ANEXO C 353
ANEXO D 361
MEMORIAL 365

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comparação entre os Sistemas de Traços Distintivos de Jakobson, Fant e Halle (1951) e Chomsky e Halle (1968): traço [grave] e traço [coronal] ... 32

Tabela 2 – Comparação entre os Sistemas de Traços Distintivos de Jakobson, Fant e Halle (1951) e Chomsky e Halle (1968): traço [compacto] e traço [anterior] 38

Tabela 3 – Traço [voz] e Contexto Seguinte: total de dados por célula 234

Tabela 4 – Posição da Fricativa na Palavra e Contexto Seguinte: total de dados por célula 236

Tabela 5 - Posição da Fricativa na Palavra e Traço [voz]: total de dados por célula 237

Tabela 6 - Posição da Fricativa na Palavra e Acento: total de dados por célula 239

Tabela 7 – Posição da Fricativa na Palavra e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda 240

Tabela 8 – Constituintes Prosódicos e Palatalização da Fricativa Alveolar 245

Tabela 9 – Traço [voz] e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda 246

Tabela 10 – Contexto Seguinte e Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda 251

Tabela 11 – Contexto Seguinte e Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda: papel dos traços [anterior] e [alto] 252

Tabela 12 – Variável Acento e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda 267

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Tabela 13 – Contexto Precedente e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda 277

Tabela 14 – Variável Função Morfológica e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda 293

Tabela 15 – Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda: Região e Faixa Etária 299

Tabela 16 – Variável Região e Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda 301

Tabela 17 – Variável Faixa Etária e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda 304

Tabela 18 – Gênero e Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda 310

Tabela 19 – Escolaridade e Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda 317

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Epêntese Lexical 102

Quadro 2 – Não Preenchimento de V por Vogal Epentética: Fusão de Nós Silábicos 103

Quadro 3 – Epêntese Pós-Lexical 104

Quadro 4 – Não Preenchimento de V por Vogal Epentética: Incorporação Livre..... 104

Quadro 5 – Epêntese Pós-Lexical e Ditongação 105

Quadro 6 – Definições dos traços de Ponto: modelo baseado na articulação e modelo baseado na constrição 127

Quadro 7 – Composição das Células Sociais para o Distrito de Florianópolis 217

Quadro 8 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Exemplo de Codificação de Ocorrência 219

Quadro 9 – Contexto Seguinte Fricativo Alveolar ou Fricativo Palato-Alveolar: ocorrências possíveis na amostra em exame 260

Quadro 10 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Processos Fonológicos Pós-lexicais e atuação do Princípio do Contorno Obrigatório 264

Quadro 11 – Dialeto A: relação entre as regras pós-lexicais de palatalização da oclusiva e síncope da vogal átona final 287

Quadro 12 – Dialeto B: relação entre as regras pós-lexicais de palatalização da oclusiva em posição de ataque, palatalização da fricativa em posição de coda e síncope da vogal átona final 288

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Quadro 13 – Dialeto B: relação entre as regras pós-lexicais de palatalização da oclusiva em posição de ataque, palatalização da fricativa em posição de coda e síncope da vogal átona final 289

Quadro 14 – Dialeto B: criação da africada palato-alveolar a partir da não aplicação da regra de síncope 290

Quadro 15 – Dialeto B: criação da africada palato-alveolar a partir da aplicação da regra de síncope 290

Quadro 16 – Seleção efetuada pelo Varb2000: Variáveis Lingüísticas e Sociais 295

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Centralização de (aj)e (aw) e Faixa Etária 186

Gráfico 2 – Freqüência Geral: Fricativa Palato-Alveolar e Outras Variantes 230

Gráfico 3 – Freqüência Global: Variantes de /S/ 231

Gráfico 4 – Traço [voz] e Posição da Fricativa na Palavra 247

Gráfico 5 – Contexto Seguinte e Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda: particularidades articulatórias do Contexto Seguinte 253

Gráfico 6 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Contexto Seguinte e Posição da Fricativa na Palavra 255

Gráfico 7 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Contexto Seguinte e Escala de Sonoridade de Hooper (1976) 256

Gráfico 8 – Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda diante da Vogal da Palavra Seguinte: número de ocorrências 258

Gráfico 9 – Variável Acento e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: fatores amalgamados 269

Gráfico 10 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Acento e Posição da Fricativa na Palavra 270

Gráfico 11 – Produção da Palato-Alveolar em Posição de Coda: Acento e Posição Fricativa na Palavra – fatores amalgamados 271

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Gráfico 12 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Acento e Traço [voz] 273

Gráfico 13 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: papel do Acento da da Sílaba em Contexto Seguinte ao Clítico [- voz] (em percentagem) ... 274

Gráfico 14 – Contexto Precedente e Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda: particularidades articulatórias do Contexto Prcedente 279

Gráfico 15 – Contexto Precedente e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: fatores amalgamados de acordo com o traço [posterior] 280

Gráfico 16 – Contexto Precedente e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: fatores amalgamados de acordo com o traço [alto] 281

Gráfico 17 – Contexto Precedente e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: comparação entre os resultados obtidos para [j] e [i] na palavra fonológica 283

Gráfico 18 – Contexto Precedente e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: contexto vocálico coronal alto em processos de sândi externo 284

Gráfico 19 – Contexto Precedente e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: presença e ausência de contexto vocálico coronal alto diante de sC 285

Gráfico 20 – Informantes Florianópolis e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda 298

Gráfico 21 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Região e Sentimento do Nativo em relação ao Turista e Novos Moradores 302

Gráfico 22 – Produção da Variante Palato-Alveolar em Posição de Coda: Faixa Etária e Região 305

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Gráfico 23 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Faixa Etária e Região (inclusão da Faixa 15-20 anos para a Barra da Lagoa e Ribeirão da Ilha) 307

Gráfico 24 – Produção da Variante Palato-Alveolar em Posição de Coda: Gênero e Região 311

Gráfico 25 – Produção da Variante Palato-Alveolar em Posição de Coda: Gênero e Faixa Etária 312

Gráfico 26 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Ocupação das Mulheres e Região 313

Gráfico 27 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Ocupação dos Homens e Região 314

Gráfico 28 – Produção da Variante Palato-Alveolar em Posição de Coda: Escolaridade e Gênero 318

Gráfico 29 – Produção da Variante Palato-Alveolar em Posição de Coda: Escolaridade e Região 319

Gráfico 30 – Produção da Variante Palato-Alveolar em Posição de Coda: Escolaridade e Região para a Faixa Etária 41-60 anos 321

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Posição da Língua para a Fricativa Alveolar 8

Figura 2 – Posição da Língua para a Fricativa Palato-Alveolar 11

Figura 3 – Posição da Língua para a Fricativa Palatal e para a Vogal [i] 13

Figura 4 – Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982) 61

Figura 5 – Fonologia Lexical (BOOIJ; RUBACH, 1987) 66

Figura 6 – Geometria de Traços: Modelo de Clements (1985) 114

Figura 7 – Hierarquia do Nó do Articulador: Sagey (1986, 1990) 119

Figura 8 – Modelo baseado na constrição: Clements e Hume (1995) 129

Figura 9 – Geometria de Traços: Modelo de Lahiri e Evers (1991) 140

Figura 10 – Geometria de Traços: Modelo de Ni Chiosáin (1994) 148

Figura 11 – Município de Florianópolis-SC: distritos de Florianópolis, Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa 210

Figura 12 – Pacote Varbrul 2S: programas e arquivos referentes de entrada e saída 221

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

LISTA DE ABREVIATURAS

σ	-	SÍLABA
Σ	-	PÉ
ω	-	PALAVRA FONOLÓGICA
Φ	–	FRASE FONOLÓGICA
I	-	FRASE ENTONACIONAL
U	-	ENUNCIADO
N	-	NASAL SUBESPECIFICADA
S	-	SIBILANTE SUBESPECIFICADA
PB	-	PORTUGUÊS BRASILEIRO
PR	-	PORTUGUÊS EUROPEU
PAL	-	PALATALIZAÇÃO
s.c.	-	SEM CONTEXTO DE APLICAÇÃO
Sc	-	PALAVRAS INICIADAS POR /S/ SEGUIDO DE CONSOANTE

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo examinar as fricativas palato-alveolares [ʃ, ʒ], sob a perspectiva da Geometria e Traços (CLEMENTS; HUME, 1995) e da Teoria da Variação Lingüística, modelo laboviano.

Em língua portuguesa, consoantes fricativas palato-alveolares realizam-se distintivamente em início de palavra e entre vogais. Na posição de coda, essas consoantes surgem como variantes, fruto de um processo de palatalização do /S/ subjacente.

À luz da primeira perspectiva, [ʃ, ʒ] são representadas como segmentos complexos corono-dorsais. Propomos ainda que o traço indicativo de palatalização ([+ P]) não é o mesmo para consoantes palato-alveolares e palatais: enquanto para [ʎ, ɲ] [+P] equivale ao nó vocálico e seus dependentes Ponto-V [coronal] e abertura, para [ʃ, ʒ], [+ P] equivale a [dorsal], dependente de Ponto-V.

À luz da segunda perspectiva, procuramos identificar os contextos lingüísticos e sociais que condicionam sincronicamente a aplicação do fenômeno. A amostra utilizada - parte do Banco de Dados do Projeto VARSUL - abrange três regiões do município de Florianópolis, Santa Catarina:centro urbano, Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

ABSTRACT

This thesis aims at studying the palato-alveolar fricatives [ʃ, ʒ] under the perspective of Feature Geometry (CLEMENTS; HUME, 1995) and under the perspective of Linguistic Variation Theory, Labovian model.

In Portuguese language these consonants are realized distinctively at the beginning of the word and between vowels. In coda position, however, palato-alveolar consonants arise as variants, consequence of the palatalization process of an underlying /S.

Under the first perspective, [ʃ, ʒ] are represented as corono-dorsal complex segments. We propose further that the feature referring to palatalization ([+P]) is not the same to palato-alveolar consonants and palatal consonantas: while [+P] is equivalent to the Vocalic Node and its dependents P-V [coronal] and Aperture to [ʎ, ɲ], it is equivalent to the Vocalic Node and its dependent P-V [dorsal] to [ʃ, ʒ].

Under the second perspective, we tried to detect the linguistic and social contexts that regulate the phenomenon application sincronically. The corpus of the study – part of VARSUL Bank Data – embrace three regions of Florianópolis, Santa Catarina: the downtown area, Ribeirão da Ilha and Barra da Lagoa.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

A presente pesquisa tem por objetivo a análise das consoantes fricativas palato-alveolares [ʃ, ʒ] sob duas perspectivas: da fonologia não-linear, especialmente da *Geometria de Traços*, e da *Teoria da Variação Lingüística*.

Tais consoantes realizam-se distintivamente no português tanto em início de palavra (chá x já) quanto entre vogais (acha x haja). Na posição de coda, no entanto, surgem apenas variavelmente, fato que tem sido tratado na literatura como conseqüência do processo de palatalização do /S/ subjacente.

À luz da Geometria de Traços (CLEMENTS; HUME, 1995), pretendemos representar a fricativa palato-alveolar de modo a aproximar, através da hierarquia de traços, teoria fonológica e eventos de fala real. Partimos da hipótese de que [ʃ, ʒ] constituem segmentos complexos relacionados, assim como as palatais [ɲ, ʎ], ao fenômeno geral de palatalização. No entanto, propomos que o traço referente a esse processo não seja o mesmo para os grupos.

À luz da Teoria da Variação Lingüística, pretendemos descrever e analisar o papel que um conjunto de dimensões lingüísticas e sociais desempenha na sistematização da situação de variação verificada em posição de coda, quando a fricativa palato-alveolar surge como uma das possibilidades de realização ao lado do zero fonético (memo), da fricativa alveolar (me[z]mo) e da fricativa laríngea (me[h]mo).

A amostra considerada na análise refere-se ao português falado em três regiões do município de Florianópolis, Santa Catarina – Florianópolis, centro urbano, Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa –, marcadamente influenciadas pela imigração açoriana e madeirense iniciada em 1748.

Pretendemos confirmar, basicamente, se a fricativa palato-alveolar reflete um estágio de variação estável e verificar se desfruta de prestígio na comunidade como um todo. Desejamos ainda examinar se há diferença no uso da variante palato-alveolar nas regiões em exame, o que é esperado devido ao grau diferenciado de isolamento vivido por cada localidade no passado.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Enquanto regra variável, essa pesquisa pretende dar continuidade ao estudo da palatalização da fricativa em posição de coda no português brasileiro iniciado em 1975 por Callou e Marques com relação ao dialeto carioca e retomado para outros dialetos em diversos momentos posteriores, como por Pessoa (1986) para Natal-RN; Silva (1996) para Corumbá-MS; Callou e Moraes (1996) para o Rio de Janeiro-RJ, Recife-PE e Salvador-BA; Canovas (1996) para Savador-BA; Brescancini (1996) para Florianópolis-SC; Gryner e Macedo (1981, 2000) para Cordeiro-RJ e Scherre e Macedo (1989, 2000) para o Rio de Janeiro-RJ.

O presente estudo é desenvolvido em seis capítulos principais que podem ser reunidos em quatro blocos.

No primeiro bloco inserimos o Capítulo 2, Caracterização das Consoantes Fricativas Palato-Alveolares, responsável pela apresentação das informações que sustentam as hipóteses consideradas na análise fonológica e na discussão das variáveis lingüísticas. Está, pois, o capítulo dividido em 3 seções principais. Em 2.1, apresentamos a descrição fonética das fricativas palato-alveolares e justificamos, sob essa perspectiva, a inclusão desse grupo no fenômeno geral de palatalização. Os contextos fonéticos facilitadores desse processo em várias línguas do mundo são também arrolados. Em 2.2, os traços fonológicos que definem os tipos articulatórios em discussão são expostos e discutidos, bem como a descrição do processo de palatalização pelo modelo gerativo padrão. Em 2.3, traçamos o percurso histórico das fricativas palato-alveolares em posição de ataque e apresentamos os vários posicionamentos a respeito da origem da variante palato-alveolar em posição de coda.

O segundo bloco reúne a revisão teórica de três subteorias não-lineares, Fonologia Lexical (Capítulo 3), Teoria da Sílaba (Capítulo 4) e Geometria de Traços (Capítulo 5), as quais definem, no conjunto, a linha fonológica descritiva e explanatória adotada para o exame do processo de palatalização da fricativa na coda.

No Capítulo 3 apresentamos os pressupostos básicos da Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982, 1985; BOOIJ; RUBACH, 1987)e da Teoria da Subespecificação (ARCHANGELI, 1984; PULLEYBLANK, 1986; STERIADE, 1987). O foco está na identificação do domínio da regra de palatalização em exame.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

No Capítulo 4, sobre a Teoria da Sílaba, focalizamos as restrições fonotáticas que regem a constituição da rima em língua portuguesa, com destaque para o modelo de Selkirk (1982).

O Capítulo 5 apresenta os pressupostos da Geometria de Traços (CLEMENTS, 1985; SAGEY, 1986, 1990; CLEMENTS, 1989a, 1989b, 1991; CLEMENTS; HUME, 1995), modelo teórico que fundamenta nossa análise. Nesse capítulo, discutimos as várias propostas de interpretação do traço referente à palatalização, com destaque para a dorsalização e coronalização, em diversas propostas de organização de camadas autossegmentais em estrutura hierárquica baseada na taxonomia de traços.

O terceiro bloco refere-se ao Capítulo 6, onde apresentamos nossa proposta para representação da consoante fricativa palato-alveolar e reunimos as principais evidências apontadas pelos capítulos anteriores para a identificação do traço de palatalização.

O quarto bloco compreende o Capítulo 7, totalmente dedicado ao estudo da regra variável. Apresentamos inicialmente, em 7.1, os pressupostos teórico-metodológicos que subjazem esse tipo de investigação - a Teoria da Variação Lingüística na perspectiva de William Labov. Em 7.2, a variável dependente é definida e são identificadas as dimensões lingüísticas e sociais que podem estar atuando na escolha da variante palato-alveolar em posição coda, bem como as hipóteses referentes a cada uma delas. Nessa seção, apresentamos a amostra em exame detalhadamente e definimos o instrumento quantitativo para a mediação das variáveis. Em 7.3, os resultados da análise estatística são expostos e discutidos.

A Conclusão é apresentada no Capítulo 8. Finalmente, seguem-se as Referências Bibliográficas e os Anexos.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

CAPÍTULO 2

CARACTERIZAÇÃO DAS FRICATIVAS PALATO-ALVEOLARES

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

2.1 Caracterização Fonética

2.1.1 Introdução

A presente pesquisa trata das chamadas consoantes *fricativas* ou *constritivas*, produzidas no canal fonador pela compressão da corrente de ar egressa dos pulmões. O gesto responsável por tal compressão caracteriza-se pela aproximação de um articulador móvel a outro imóvel no trato oral e a conseqüente formação de uma passagem para o ar, de diâmetro bastante reduzido se comparada àquela formada para a produção das vogais e semivogais[1].

Ao passar por essa pequena abertura, as moléculas de ar são comprimidas para logo depois se expandirem, o que gera um aumento da velocidade do fluxo de ar e conseqüente turbulência, percebida pelo ouvido humano como um ruído de fricção.

Em comparação às plosivas, e até mesmo em comparação às outras constritivas, a distância de aproximação do articulador móvel em relação ao articulador imóvel nas fricativas apresenta um grau maior de precisão articulatória. Isto significa dizer que a variação de um milímetro em tal distância já é o suficiente para que o efeito acústico de fricção não mais se produza.

Outro aspecto relevante diz respeito ao formato do trato oral, que deve ser mantido por um período de tempo perceptível para que a corrente de ar com turbulência seja produzida. O resultado em uma fricativa como [s], por exemplo, é um formato altamente constante em vários contextos, principalmente se comparada à nasal [n] ou às plosivas [t, d], as quais produzem praticamente o mesmo som independentemente da constância de duração do gesto ou do tipo de contato articulatório (se firme ou suave) (LADEFOGED; MADDIESON, 1996, p.137).

Pode haver ou não um fechamento vélico simultâneo à articulação destas consoantes. Geralmente, considera-se que a corrente de ar percorra a cavidade oral, a

[1] Ainda com relação às semivogais, as fricativas são produzidas com um esforço expiratório mais intenso e com maior quantidade de ar (ROSETTI, 1962, p. 94).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

menos que haja uma especificação em contrário, o que significaria a passagem de parte da corrente também pela cavidade nasal (ABERCROMBIE, 1967, p. 49).

Uma abertura entre as cordas vocais de aproximadamente de 60% a 95% permite a passagem da corrente de ar a um volume de fluxo relativamente baixo (aproximadamente de 200 a 350 cm^3 /s para os sons [s, ʃ] do inglês, por exemplo (CATFORD,1977, p. 95)), originando os sons fricativos surdos. O estabelecimento de apenas um fenda glotal origina os sonoros, produzidos com as cordas vocais sujeitas a vários graus de tensão, o que permite a emissão de sopros de ar periódicos e de alta velocidade (p. 97).

Os sons fricativos são encontrados em quase todas as línguas do mundo (MADDIESON, 1984, p. 41). Dentre as muitas possibilidades produzidas – que vão desde articulações labiais até a laríngea (MALMBERG, 1954, p. 86) – o estudo em questão enfoca [s, z, ʃ, ʒ].

As seções 2.1.2 e 2.1.3 tratam as fricativas do grupo [s, z, ʃ, ʒ] separadamente, de acordo com a divisão estabelecida pela posição do articulador móvel em relação ao articulador imóvel. A seção 2.1.4 busca definir foneticamente o fenômeno de palatalização, sua relação com as consoantes palatais e palato-alveolares, além de especificar os contextos que o favorecem nas línguas do mundo.

2.1.2 As fricativas [s, z]

O estreitamento à passagem da corrente de ar nas fricativas [s, z] forma-se quando a ponta ou lâmina da língua se aproxima da arcada alveolar ou da parte de trás dos dentes superiores, conforme ilustra a Figura 1 a seguir, baseada em exames de raio X. Na cavidade oral, a corrente de ar passa por um canal formado no centro da língua, devido ao levantamento de suas bordas, e vai de encontro aos dentes superiores, verdadeiros obstáculos a sua passagem. A velocidade desse fluxo de ar é relativamente alta e conseqüentemente a turbulência é um tanto intensa (CATFORD, 1977, p. 154).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

menos que haja uma especificação em contrário, o que significaria a passagem de parte da corrente também pela cavidade nasal (ABERCROMBIE, 1967, p. 49).

Uma abertura entre as cordas vocais de aproximadamente de 60% a 95% permite a passagem da corrente de ar a um volume de fluxo relativamente baixo (aproximadamente de 200 a 350 cm^3 /s para os sons [s, ʃ] do inglês, por exemplo (CATFORD,1977, p. 95)), originando os sons fricativos surdos. O estabelecimento de apenas um fenda glotal origina os sonoros, produzidos com as cordas vocais sujeitas a vários graus de tensão, o que permite a emissão de sopros de ar periódicos e de alta velocidade (p. 97).

Os sons fricativos são encontrados em quase todas as línguas do mundo (MADDIESON, 1984, p. 41). Dentre as muitas possibilidades produzidas – que vão desde articulações labiais até a laríngea (MALMBERG, 1954, p. 86) – o estudo em questão enfoca [s, z, ʃ, ʒ].

As seções 2.1.2 e 2.1.3 tratam as fricativas do grupo [s, z, ʃ, ʒ] separadamente, de acordo com a divisão estabelecida pela posição do articulador móvel em relação ao articulador imóvel. A seção 2.1.4 busca definir foneticamente o fenômeno de palatalização, sua relação com as consoantes palatais e palato-alveolares, além de especificar os contextos que o favorecem nas línguas do mundo.

2.1.2 As fricativas [s, z]

O estreitamento à passagem da corrente de ar nas fricativas [s, z] forma-se quando a ponta ou lâmina da língua se aproxima da arcada alveolar ou da parte de trás dos dentes superiores, conforme ilustra a Figura 1 a seguir, baseada em exames de raio X. Na cavidade oral, a corrente de ar passa por um canal formado no centro da língua, devido ao levantamento de suas bordas, e vai de encontro aos dentes superiores, verdadeiros obstáculos a sua passagem. A velocidade desse fluxo de ar é relativamente alta e conseqüentemente a turbulência é um tanto intensa (CATFORD, 1977, p. 154).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Figura 1 – Posição da Língua para a Fricativa Alveolar
(LADEFOGED, 1957 apud LADEFOGED; MADDIESON, 1996, p. 147)

Os lábios geralmente estão estendidos, o que garante a manutenção das altas freqüências características desse tipo de som (da ordem de 6.000 a 7.800 ciclos por segundo) (HEFFNER, 1969, p. 157).

A literatura sobre fonética geral registra várias denominações a esse conjunto de fricativas, que vão desde *sibilante* (HOLDER, apud LADEFOGED; MADDIESON, 1996), *fricativa alveolar* (ROSETTI, 1962), *fricativa dental/alveolar* (GAYA, 1966), *fricativa alveolar* e *fricativa dental* (ABERCROMBIE, 1967), *fricativa lâmino-alveolar* (CATFORD, 1977), *fricativa côncava alveolar* e *fricativa côncava dental* (WEISS, 1988), *fricativa sibilante alveolar* e *fricativa sibilante dental* (LADEFOGED; MADDIESON, 1996) ou simplesmente *fricativa de obstáculo* (SHADLE; BADIN; MOULINIER, 1991).

Há muita dificuldade em se saber com certeza se a articulação nessa área é dental ou alveolar, como comprovam as denominações acima registradas, pois o ponto exato em que a articulação se produz pode oscilar entre essas duas áreas, sem demarcação precisa, tanto de uma língua para outra, como também dentro do domínio geográfico de cada uma.

Para o chinês padrão, por exemplo, Ladefoged e Maddieson (1996, p. 151) comentam que a localização precisa da constrição nas fricativas [s, z] é um pouco diferente de falante para falante, apresentando-se ora nos dentes, ora um pouco atrás dos dentes e até mesmo mais além, na arcada alveolar. Para o polonês (p. 154), tais fricativas são articuladas na região alveolar, mas com a lâmina da língua muito próxima do lado posterior dos dentes superiores, o que as caracteriza como dentalizadas.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Tal fato justifica o posicionamento de muitos foneticistas em tratar as fricativas de ambos os pontos de articulação em conjunção, somente se referindo à qualidade especificamente dental ou alveolar quando a questão da predominância é evidenciada. Esta é a posição adotada por Gaya (1966, p.139), por exemplo, ao defender que o estreitamento em francês é dental; em alemão, é mais interior, supra-dental ou pré-alveolar, e em inglês predomina a articulação alveolar.

No caso da língua portuguesa, [s, z] são apresentadas como fricativas dentais por Câmara Júnior (1957) e Lacerda (1961), para quem a denominação alveolar, embora adotada pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, é inadequada por caracterizar uma articulação em que a ponta da língua toca os alvéolos superiores e produz uma espécie de retração do canal bucal, muito característica do basco e do inglês, por exemplo.

Mesmo assim, a denominação fricativa alveolar é encontrada em um trabalho posterior de Câmara Júnior (1976) e em trabalhos mais recentes de fonética geral do português brasileiro (doravante PB), como em Cagliari (1981), o que indica, certamente, uma interpretação diferente do gesto articulatório daquela apregoada por Lacerda. Para Cristófaro Silva (1999), /s, z/ podem ocorrer no PB com articulação alveolar ou dental. Já Silveira (1988) define o mesmo conjunto como dental.

Para o português europeu (doravante PE), Mateus (1990, p. 49) define [s, z] como dentais, produzidas com a aproximação da ponta e lâmina da língua da região dente-alveolar. Já Head (1964) estabelece pontos de articulação diferenciados para cada membro do par: /s/ é apontado como alveolar (p. 150) e /z/ como dental (p.154).

Outro obstáculo com relação à determinação das regiões que servem de base para a caracterização de tais fricativas refere-se à determinação dos pontos de referência que são usados para a localização dos contatos em palatogramas. De acordo com Cagliari (1974, p. 38), alguns autores consideram que a referência "dental" significa simplesmente "dentes incisivos", enquanto para outros refere-se a qualquer contato feito contra os dentes em geral. O mesmo ocorre com "alveolar", que significa para uns somente a região "alveolar dos incisivos e caninos"; para outros foneticistas, alveolar é usado sempre que um contato é feito nos alvéolos de qualquer dente.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

A dificuldade em se estabelecer o limite que separa um gesto dental de um alveolar parece sinalizar que o local exato onde se dá a articulação é menos importante para a caracterização das fricativas sibilantes em algumas línguas do mundo do que a parte exata do articulador móvel envolvida na articulação (ABERCROMBIE, 1967 ; GAYA, 1966). Sendo assim, empregar o termo *apical* (o articulador móvel é a ponta da língua) ou o termo *laminal* (o articulador móvel envolvido é a lâmina) pode indicar maiores diferenças perceptuais do gesto articulatório do que quando se emprega o termo *dental* ou *alveolar*[2].

Em [s, z] laminais, a língua adota uma forma mais ou menos convexa e a ponta descansa ou se apóia nos incisivos inferiores. O ar passa por um estreitamento formado entre a lâmina e os dentes/alvéolos, produzindo, desse modo, a fricativa característica. Segundo Gaya (1966, p. 139), esta é a produção característica das fricativas sibilantes [s, z] em francês, italiano, inglês e alemão.

No caso da produção *apical*, a ponta da língua se levanta em direção à arcada alveolar e a língua adquire uma forma mais ou menos côncava. Esse posicionamento tende a criar, parcialmente, condições para a formação de uma cavidade inferior pós-dental bastante característica das fricativas sibilantes [ʃ, ʒ]. Desse modo, qualquer [s] apical tende a soar como um [ʃ] (CATFORD,1977, p. 157). Uma comprovação desse efeito é apresentada por Gaya (1966, p. 140) com relação ao "s castelhano", apical, percebido pelo estrangeiro como chiante, especialmente na pronúncia vasconavarra e riojana. Segundo ainda o autor, essa é a produção própria do centro e norte da Espanha.

Quanto ao PE, as consoantes [s, z] são comumente referidas como produzidas

[2] Os termos *apical* e *laminal* não são definidos uniformemente nos compêndios de fonética geral. Catford (1977) entende que a ponta da língua se divide em duas partes: ápice da língua e área ao redor do ápice; a parte da língua considerada como lâmina é a que fica em oposição aos dentes e à arcada alveolar quando a língua está em repouso, ou seja, é a ponta da língua acrescida de 10 a 15 mm. Ladefoged e Maddieson (1996) definem ponta não apenas como ápice, mais incluindo também alguns centrímetros adjacentes devido à dificuldade de uso apenas do ápice na articulação; a lâmina é entendida como a parte da língua que fica abaixo da arcada alveolar, sendo um pouco mais curta do que o proposto por Catford. Para Keating (1991), a ponta inclui toda a pequena área ao redor do ápice da língua; a lâmina é considerada como sendo mais extensa do que o proposto por Catford e Ladefoged, da ordem de 15-20 mm. Abercrombie (1967, p. 53) salienta ainda que muitos autores utilizam os termos *laminal* e *dorsal* (GAYA, 1966, p. 139 utiliza também *pré-dorsal*) como sinônimos, muito embora o último

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

pela ponta e lâmina da língua (MATEUS, 1990, p. 48-9). Para o PB, da mesma forma, há registros de envolvimento da ponta ou lâmina (CRISTÓFARO SILVA, 1999, p. 32) e apenas da ponta da língua (SILVEIRA, 1988, p. 76). Mesmo assim, não há menção de que a produção apical ou laminal ocasione diferença perceptual relevante, com exceção daquela feita por Câmara Júnior (1957, p. 41) com relação à possibilidade de uma variedade dialetal em que [s, z] são produzidas de modo cacuminal, com a ponta da língua elevando-se para a gengiva ou mesmo para a borda inicial do palato duro.

2.1.3 As fricativas [ʃ, ʒ]

A produção das fricativas [ʃ, ʒ] ocorre em uma área mais posterior do trato oral, pela aproximação entre lâmina (ou ponta e lâmina) da língua e a região entre alvéolos e palato duro[3]. A Figura 2 a seguir, baseada em exames de raio X, indica que a região da língua por trás da constrição geralmente assume uma forma abobadada e, conseqüentemente, uma pequena cavidade entre os dentes inferiores e a ponta/lâmina da língua é constituída. O resultado é a formação de uma ressonância bastante característica.

Figura 2 – Posição da Língua para a Fricativa Palato-alveolar
(LADEFOGED, 1957 apud LADEFOGED; MADDIESON, 1996, p. 149)

A importância da formação desta cavidade de ressonância para a produção de [ʃ, ʒ] é atestada por Catford (1977, p. 154-155) em um experimento. Ao articular um [ʃ]

também se refira a uma articulação produzida com a parte posterior da língua.

[3] Ao invés de elevar-se, a ponta da língua pode dirigir-se para baixo, como ocorre no alemão meridional. No entanto, a elevação é a articulação produzida no francês, inglês e alemão setentrional (GAYA, 1966, p. 141). De acordo com Keating (1991, p.46), nenhuma palato-alveolar possui a ponta da língua para baixo a ponto de haver contato com os incisivos inferiores.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

anômalo, sem que haja a formação dessa cavidade pós-dental[4], obteve um som mais parecido com [s], ou algo entre [s] e [ʃ], como o atestado em algumas línguas caucasianas. Desse modo, o [s] apical ("s castelhano"), comentado anteriormente (p. 10), pode ser interpretado como um [ʃ] que antecedeu seu ponto de articulação.

Do ponto de vista aerodinâmico, o canal que se forma para [ʃ, ʒ] é muito semelhante ao descrito acima para [s, z] : estreito, apresentando forte turbulência e jato de ar com alta velocidade projetado contra os dentes[5]. Porém, além de ser um pouco mais profundo, este canal localiza-se também um pouco mais atrás, o que significa que o jato de ar tem de percorrer um caminho maior até alcançar os dentes, dissipando um pouco sua energia. Como conseqüência, perde velocidade e se espalha ao atingir o obstáculo (dentes) (CATFORD, 1977, p. 154). O resultado é turbulência menos intensa ao atingir os dentes e freqüência mais baixa para [ʃ, ʒ] do que para [s, z].

Outra diferença entre esses dois conjuntos diz respeito à forma dos lábios, mais arredondados e projetados para a maioria das fricativas [ʃ, ʒ], como no inglês americano e francês (leve projeção), ou no alemão (mais projeção e arredondamento) (HEFFNER, 1969, p. 56).

No PB, a produção de tais fricativas é atestada por Cagliari (1981, p. 25-26) como apresentando protusão labial em diferentes graus, de acordo com o dialeto e a posição em que tais fricativas ocupam na sílaba. Considera, por exemplo, que no dialeto carioca a protusão é muito leve quando em posição pós-vocálica.

Denominações registradas nos compêndios de fonética geral referentes a [ʃ, ʒ] são : *fricativa pré-palatal* (ROSETTI, 1962); *fricativa palatal* (GAYA, 1966); *fricativa palato-alveolar* (ABERCROMBIE, 1967); *fricativa lâmino-pós-alveolar* (CATFORD,

---

[4] Podemos adquirir esse efeito ao colocar um pedaço de pão debaixo da língua, por trás dos dentes inferiores, e então forçar a produção de [ʃ] (cf. CATFORD, 1977, p. 155).

[5] É com base em tais semelhanças que Ladefoged e Maddieson (1996, p. 138) reúnem [s, z, ʃ, ʒ] no grupo das chamadas *sibilantes* , em contraposição ao grupo das fricativas *não-sibilantes* ([ɸ, β, f, v, x, ɤ, χ , ʁ], onde a turbulência é gerada na própria constrição e não mais além, como nas sibilantes.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

1977); *fricativa côncava alveopalatal* (WEISS, 1988); *fricativa sibilante posterior* ou *fricativa palato-alveolar* (LADEFOGED; MADDIESON, 1996).

Com exceção de Gaya (1966), que trata como palatais as consoantes que são articuladas no palato duro ou um pouco mais adiante, todos os autores em discussão são unânimes em estabelecer definições fonéticas distintas entre as consoantes palato-alveolares e palatais, comuns no alemão, polonês, tcheco, russo (KEATING, 1988) e nas demais línguas eslavas (CRYSTAL, 1988, p. 219).

Uma das principais diferenças entre a produção palato-alveolar e a palatal refere-se a uma pequena variação na área de contato ou aproximação entre os articuladores envolvidos. Tal constatação é apresentada por Keating (1988, p. 87) com base em resultados da análise comparativa de raios X de várias consoantes do alemão, polonês, checo, russo, mandarim e francês. Verificou a autora que as consoantes palatais não são articuladas apenas por um estreitamento formado entre a parte frontal da lâmina da língua e a arcada alveolar, mas também envolvem a parte posterior da lâmina/parte da frente do dorso, originando uma área de constrição bastante longa, como se fossem vogais frontais "consonantais", já que a língua mantém o formato observado na produção da vogal [i]. A Figura 3 a seguir ilustra essa semelhança com base nos diagramas estáticos parciais da fricativa palatal (à esquerda) e da vogal [i].

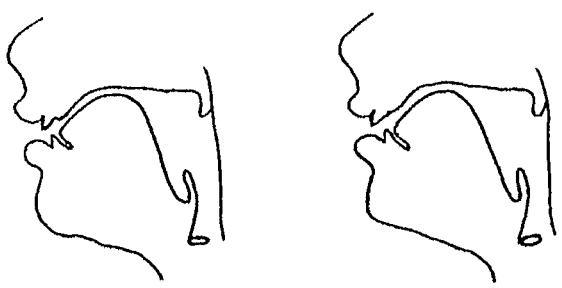


Figura 3 - Posição da Língua para a Fricativa Palatal e para a Vogal [i]
(KEATING, 1988, p. 82)

A orientação do formato da língua nas palato-alveolares (ver Figura 2) é comprovadamente diferente do formato das palatais, devido ao envolvimento entre a lâmina (ou a ponta e lâmina) da língua e uma região intermediária entre a arcada alveolar e o palato duro, configurando assim uma área de constrição mais curta.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Outra diferença entre as duas possibilidades articulatórias diz respeito à ausência da cavidade sob a lâmina da língua nas palatais, característica das palato-alveolares, visto que a ponta da língua e a parte frontal da lâmina mais próxima da ponta não estão envolvidas na articulação e geralmente estão em posição mais baixa no trato oral.

Evidências em favor da não inclusão de [ʃ, ʒ] entre as palatais são oferecidas pela análise de palatogramas de várias línguas por Cagliari (1974, p. 129-130). De fato, a regularidade obtida nos resultados evidencia que a maior constrição desses sons ocorre quase exclusivamente na linha divisória das regiões alveolar e pré-palatal. A semelhança perceptual entre palato-alveolares e palatais, devido à formação de uma cavidade ressoadora anterior, segundo o autor, não é suficiente para que façam parte do mesmo grupo classificatório.

Para Hall (1997, p. 11-12), uma área acusticamente estável é estabelecida não entre todas as palatais e palato-alveolares, mas sim entre essas últimas e [c, ɟ, ɲ, ʎ], as quais, segundo o autor, são produzidas em uma região intermediária entre aquela onde se produz [ʃ, ʒ] e a que se produz as palatais [ç, j]. Diante desse fato, propõe que as consoantes do grupo [c, ɟ, ɲ, ʎ] sejam então reclassificadas como alveolopalatais.

Evidências fonéticas da separação entre palatais e alveolopalatais são oferecidas por Ladefoged e Maddieson (1996, p. 165) com relação à posição da raiz da língua em húngaro: mais avançada para as oclusivas e nasais palatais do que para as fricativas correspondentes. Recasens (1990, p. 273-274), do mesmo modo, salienta que fricativas palatais tendem a ser articuladas com a aproximação entre o médio-dorso da língua e a região médio-palatal. Já as não-contínuas envolvem o contato entre a área pós-alveolar/pré-palatal e o pré-dorso da língua. Portanto, a constrição e a parte da língua envolvida localizam-se um pouco mais à frente para as oclusivas palatais, nasais e para a lateral [c, ɟ, ɲ, ʎ] do que para as fricativas [ç, j].

Em língua portuguesa, no entanto, ocorrências de palatais reais são registradas em ma[ʎ]a, *malha*; apa[ɲ]a, *apanha*; man[c]e, *manque*; pa[j], *pai*; ma[j̃], *mãe*; [ç]io, *rio*; man[ɟ]i, *mangue* (CAGLIARI, 1974, p. 68). A separação classificatória entre tais

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

consoantes e [ʃ, ʒ] também é mantida para o PE por Mateus (1990, p. 48-9), para quem [ʃ, ʒ] são pré-palatais e [ʎ, ɲ], palatais. Já para Head (1964, p. 151; 154; 156; 160), também com relação ao PE, os quatro sons são classificados como palatais.

Da mesma forma os classifica Câmara Júnior (1957) para o PB, estabelecendo o local de articulação uniformemente como "na parte anterior do palato duro" (p. 28). Silveira (1988, p. 74) reúne os sons em questão sob a denominação línguo-palatal, por envolverem "o médio palato".

Cristófaro Silva (1999), da mesma forma que Cagliari (1981), propõe denominações que salientam a diferença no local de articulação dos sons: [ʃ, ʒ] são definidas como alveopalatais e palato-alveolares, respectivamente, e o grupo [ʎ, ɲ] é igualmente denominado palatal pelos autores.

O fato de articularem-se as consoantes palato-alveolares da língua portuguesa com o ápice ou com a lâmina da língua parece não estar correlacionado com nenhum processo corrente de expressão nas línguas. Segundo Keating (1991, p. 46), é bem provável que sejam todas ápico-laminais. Já Maddieson (1984) considera-as como articulações do corpo da língua.

Mateus (1990, p. 48-9) afirma serem tais consoantes produzidas com o envolvimento da ponta e da lâmina da língua no PE. Para o PB, Câmara Júnior (1972, p. 59) menciona o envolvimento do "dorso anterior da língua", expressão proveniente do inglês *blade*. Já Silveira (1988, p. 74) menciona a "parte média da língua" como o articulador móvel responsável.

Muito embora o movimento de elevação da língua para a produção das consoantes [ʃ, ʒ] ocorra independentemente do fato de se aplicar uma articulação apical ou laminal, Ladefoged e Maddieson (1996, p. 149) defendem que, em algumas línguas, é justamente o fato de haver tais possibilidades que determina o formato da câmara de ressonância por trás da articulação e, como conseqüência, as propriedades de ressonância das consoantes [ʃ, ʒ]. Nesse sentido, Catford (1977, p. 157) discute a

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

possibilidade de formação de dois tipos de canal ressoador: um "palatalizado" e outro "velarizado".

Caso a ponta da língua se levante para formar uma constrição na área pós-alveolar, o corpo da língua imediatamente por trás da ponta será mais posterior e se elevará em direção ao palato mole. A forma do ressoador atrás da articulação é tal que adquire uma característica "velar ou de [o]", soando como velarizada. Como exemplo deste tipo de som, o autor cita as [ʃ, ʒ] do russo.

Se a ponta da língua é mantida abaixo e a lâmina aproxima-se da área pós-alveolar, o corpo total da língua por trás dessa constrição direciona-se para o palato duro. O tamanho e, portanto, as propriedades de ressonância da câmara assim formada por trás da constrição parecem dividir um certo grau de qualidade "palatal ou como um [i]". Segundo o autor, são assim articuladas as consoantes [ʃ, ʒ] do inglês.

Essa perspectiva de análise para as palato-alveolares parece ser confirmada pelos resultados obtidos por Cagliari (1974) com base na análise dos palatogramas desses sons para várias línguas, inclusive o português. Constatou nesse experimento que a constrição é feita propriamente com a região da língua mais distante da ponta (o começo do dorso (p. 45)), o que conduz à conclusão de que parece difícil adquirir um caráter velar ou velarizado secundário, como o sugerido para o russo por Catford, aproximando-se mais de uma articulação semelhante a de [i], como para o inglês.

Tal interpretação vai de encontro às análises efetuadas com base em raios X por Keating (1988), conforme mencionado anteriormente, e por Ladefoged e Maddieson (1996, p. 158-159), para o inglês e também para o toda (língua dravidiana, falada na Índia). Argumentam os autores que a articulação de [ʃ, ʒ] não envolve uma constrição longa e praticamente ininterrupta de toda parte laminal e pré-dorsal da língua, como o verificado para as palatais (ver Figura 3), mas sim uma configuração de certo modo partida, onde a constrição se realiza entre a lâmina da língua e a região pós-alveolar e, por trás dela, o corpo da língua assume um formato abobadado (ver Figura 2).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Seriam então as consoantes palato-alveolares o mesmo que consoantes palatalizadas? Para Lass (1976, p. 189), o levantamento nítido da língua em direção ao palato duro é um indício claro de que são palatalizadas. Ladefoged e Maddieson (1996, p. 158-159) sugerem que a forma convexa de língua seja caracterizada como um "leve grau de palatalização". Já para Keating (1991, p. 40), esta questão ainda não está clara.

Examinemos mais detalhadamente, na seção seguinte, a definição de palatalização e sua possível aplicação às consoantes palatais e consoantes palato-alveolares.

2.1.4 A palatalização

Em linhas gerais, o termo *palatalização* refere-se a qualquer movimento da parte anterior da língua em direção ao palato duro, seja por deslocamento ou por simultaneidade articulatória.

O primeiro caso, o de deslocamento para uma região palatal, refere-se a um processo de assimilação de um segmento consonantal ou vocálico a um ambiente contíguo frontal alto, ocasionando alteração do ponto de articulação primário. Exemplo desse tipo de modificação é atestado por Catford (1977, p. 192) ao mencionar a forte tendência palatalizante das consoantes em russo por influência da vogal alta [i]. As dento-alveolares [t,d] têm sua articulação alterada para uma zona não tão distante - a palatal -, conforme atestam os exemplos a seguir :

(1)

tot	(pron. demonst.)	tʲötʲə	'tia'
da	'sim'	dʲædʲə	'tio'

A simultaneidade envolve a superimposição articulatória de duas posturas: uma suplementar, denominada *articulação secundária*, relacionada ao movimento da parte anterior da língua em direção ao palato duro, e outra de caráter estável - a *articulação primária* (LADEFOGED, 1971, p. 63). Assim, consoantes palatalizadas desse modo apresentam uma coloração de [j] ou [i] característica (SCHANE, 1975, p. 43).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Como exemplo desse tipo articulatório, pode-se citar as consoantes bilabiais e lábio-dentais do russo em contato com uma vogal anterior. Segundo Catford (1977, p. 192), tais consoantes palatalizam-se de um modo um tanto diferente da série dento-alveolar, já que os gestos articulatórios envolvidos estão distantes no trato oral. Conseqüentemente, a articulação primária, localizada nos lábios ou no contato lábio-dental, ocorre simultaneamente à articulação secundária [j] e não sucessivamente.

Bhat (1978, p.67), com base na análise de 120 exemplos de palatalizações em línguas de diferentes famílias e dialetos, constata que a palatalização provocada por simultaneidade articulatória, um processo menos freqüente em comparação à palatalização por deslocamento, afeta quase todas as consoantes de uma língua. Já as modificações por deslocamento são geralmente menos sistemáticas e atingem apenas uma porção limitada do sistema consonantal.

Embora a divisão acima preconize uma distinção entre os dois tipos articulatórios, na prática é bastante difícil estabelecer um corte claro entre uma consoante com sua articulação principal alterada e uma consoante com uma articulação secundária, já que o movimento articulatório no ponto de transição entre os sons constitui um continuum. A articulação palatalizada pode, desse modo, envolver essas duas possibilidades, uma ou outra ou até mesmo caracterizar-se como um estágio entre elas (BHAT, 1978, p. 68).

A dificuldade em distinguir os dois tipos salientados também envolve possibilidades de configuração do articulador móvel, visto que a lâmina e o centro da língua podem formar duas articulações distintas, estágios intermediários entre uma e outra, ou um único articulador que se estende do centro para o dorso ou do centro para a lâmina. Adicionalmente, a força relativa das duas articulações pode variar de diversas formas: a articulação secundária pode ser mais forte do que a principal (ou vice-versa) e até mesmo chegar a substituí-la (BHAT, 1978, p.68).

A palatalização, como fenômeno geral, é produzida, segundo Bhat (1978, p. 47), de acordo com três tendências que podem ser combinadas ou não, a saber: frontalização

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

da língua, levantamento da língua e espirantização[6]. A palatalização induzida pelo levantamento da língua parece ser mais eficiente em consoantes dentais/alveolares contíguas a vogais frontais ou semivogais palatais. Já aquela induzida pela frontalização da língua é mais efetiva em consoantes velares contíguas a vogais frontais.

Neeld (1973), embora reconheça, da mesma forma que Bhat, que o fenômeno possa envolver levantamento e frontalização conjuntamente ou apenas um ou outro, estabelece um tipo de hierarquia de ambientes favorecedores, que se estende da vogal anterior baixa [æ], ambiente menos favorecedor, ao glide [j], mais favorecedor. A base para esse estabelecimento está, segundo o autor, na própria definição de palatalização como processo de assimilação a uma posição frontal alta: quanto mais um segmento se aproximar dessa configuração, mais condicionante ele é considerado.

De modo diverso, Bhat (1978, p. 60-61) mostra que uma conseqüência direta da correlação entre os movimentos horizontal e vertical da língua e o processo de palatalização é que não só um ambiente anterior ([i , y, e, ɛ]) ou alto ([i , y]) induz o fenômeno, mas uma vogal anterior baixa também pode funcionar como ambiente palatalizante para as consoantes velares, como ocorre no inglês com [æ, æ̃], no russo com [æ] e em dialetos do francês com [ɑ]. As vogais posteriores altas e a semivogal posterior alta podem, do mesmo modo, funcionar eficientemente na palatalização das apicais, como atestam casos do papago (Nova Guiné), em que t,d,s,n são palatalizados antes de i,e,u (MILLER, 1967 apud BHAT, 1978, p. 54).

Com relação ao papel condicionante de vogais frontais arredondadas, não há na literatura registro de que atuem de modo especial em relação à contraparte não-arredondada. Nesse sentido, Bhat (1978, p. 61) cita casos como o do norueguês, akru (dialeto curdo) e mandarim, em que oclusivas velares se tornam palato-alveolares tanto diante de vogais frontais altas não-arredondadas quanto de arredondadas.

---

[6] A espirantização, acusticamente definida como a adição de maior estridência à consoante, é entendida pelo autor como um processo de fortalecimento, ou de não-abertura. Tal definição é oposta àquela defendida tradicionalmente pela Lingüística Histórica, em que o processo é visto como de enfraquecimento ou "abertura", como, por exemplo, quando plosivas transformam-se em africadas ou fricativas em posição intervocálica (BHAT, 1978, p. 50).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Já Neeld (1973, p. 37) defende a pouca eficiência das frontais arredondadas (ocupam um lugar baixo na hierarquia proposta pelo autor concernente aos ambientes favorecedores à palatalização), embora afirme que a palatalização antes de uma vogal arredondada implique palatalização antes da não-arredondada correspondente. Evidências apresentadas pelo autor são trazidas do francês. O radical /reg/ diante de [i] origina *régime* (re[ʒ]ime) em um claro exemplo de palatalização da oclusiva sonora, mas não se converte em fricativa palato-alveolar sonora em *regularité* (re[gy]larité) por causa da vogal [y]. A razão para o comportamento desse grupo de vogais poderia estar (a) no próprio arredondamento, caso seja comprovado que o arredondamento dos lábios em francês tenha um efeito centralizador em vogais frontais ou (b) na frontalização insuficiente, ou seja, a vogal pode não se frontalizar o suficiente para provocar a frontalização da consoante velar precedente (BHAT, 1978, p. 61).

Cagliari (1974, p. 103), embora considere relativamente a questão do ambiente na indução à palatalização, mostra que análises palatográficas comprovam maior indução quando a consoante e a vogal (ou glide) envolvidos estão na mesma sílaba. No caso de haver separação silábica, quando a vogal (ou iode) precede a consoante, as palatalizações são menos sensíveis.

Fundamental para o fenômeno, por outro lado, parece ser a presença de energia articulatória. Diante do fato de que as consoantes palatalizadas são movidas para o centro da região palatal, quer vindo da série anterior, quer da série posterior, e sabendo-se que as articulações palatais se caracterizam sobretudo pela energia e firmeza articulatórias, as consoantes palatalizadas apresentam, portanto, a disposição articulatória das consoantes não-palatais, mas com uma articulação com mais energia. Uma conseqüência desse fato é a maior ocorrência de consoantes palatalizadas em sílaba tônica (CAGLIARI, 1974, p. 80).

Sendo os contextos fortes os favorecedores, naturalmente se aponta maior facilidade de palatalização entre as consoantes surdas, mais "fortes" do que as sonoras (CAGLIARI, 1974, p. 82). Evidência oriunda da palatografia mostra que o aumento de energia articulatória reflete-se no aumento da área de contato da língua no palato. Sendo

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

as consoantes surdas as que são produzidas com maior energia articulatória e, conseqüentemente, as que apresentam maior área de contato, conclui-se que são também facilitadoras do fenômeno.

Bhat (1978, p. 47) exibe uma visão diferente da oferecida por Cagliari (1974, p. 80) sobre a influência do ambiente prosódico na palatalização. Para o autor, a palatalização provocada por levantamento da língua é mais eficiente em ambientes não-acentuados do aquela provocada por frontalização da língua, mais comum em ambientes acentuados.

O deslocamento de uma consoante para uma posição palatal motivado por uma consoante palatal vizinha é, segundo Bhat (1978, p. 63), bastante comum com nasais, já que tendem a assimilar o ponto de articulação do segmento seguinte. Em algumas línguas, as consoantes palatais estendem sua influência também através de uma vogal interveniente ou até mesmo chegam a afetar todas as consoantes apicais que ocorrem na palavra. Um exemplo deste efeito é apresentado por Hoijer (1946, apud BHAT, 1978, p. 64) em chiricahua apache (EUA), onde uma fricativa alveolar assimila-se opcionalmente a uma consoante [ʃ] seguinte do radical ou em sílaba pré-final. A freqüência desta ocorrência é determinada pela distância entre as duas consoantes e também por um aspecto supra-segmental - a rapidez da fala.

A respeito da velocidade de fala, Bhat (1978, p. 65) defende que a palatalização é geralmente fortalecida, e até mesmo introduzida, em um trecho da fala à medida que a velocidade de enunciação aumenta. Em cayuvava (Bolívia), por exemplo, [h] se torna [ʃ] antes de [i,e] na fala rápida (KEY, 1961 apud BHAT, 1978, p. 65). Também em higi (Nigéria) o aumento da velocidade da fala tende a aumentar tanto o grau quanto a influência da palatalização. Na fala extremamente rápida, a palatalização chega a influenciar duas ou três sílabas em ambas as direções (MOHRLANG, 1972 apud BHAT, 1978, p. 65).

Neeld (1973, p. 40), assim como Bhat, enfoca a importância da velocidade de fala no fenômeno em questão ao mencionar a regra de formação da consoante palatal em

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

bini (Papua Nova Guiné), que se aplica após a regra de formação do glide. Constatou o autor que, de um total de sete velocidades identificadas, a regra de palatalização opera na velocidade de número seis.

Dentre as consoantes apicais, as sibilantes, ao lado das nasais, são apontadas como as consoantes mais suscetíveis à palatalização nas línguas do mundo (BHAT 1978, p.71)[7]. Os ambientes indutores são para as sibilantes em maior número do que para outras apicais ou até mesmo não-apicais e incluem uma vogal posterior precedente ou seguinte, uma vogal frontal precedente ou até mesmo uma consoante velar ou labial vizinha. Desse modo, as línguas oferecem casos de palatalização em que uma fricativa alveolar passa a ser produzida como palato-alveolar tanto diante de [i] ou [e], como no coreano (NEELD, 1973, p. 38), de acordo com a definição mais clássica do fenômeno, quanto diante de uma consoante como [l], como no norueguês (FOLEY, 1977, p. 37), em [ʃ]laks (slags) e [ʃ]lem (slem), entendido como um processo de fortalecimento do /s/ diante de outra consoante cujo grau de força é medido pelo parâmetro de soância.

O efeito da palatalização nessas consoantes é, segundo Ladefoged e Maddieson (1996, p. 365), mais complexo do que nas bilabiais ou dorsais devido à alteração de aspectos específicos da configuração da língua, essenciais para a articulação da consoante primária. Isto é, com o deslocamento da parte anterior da língua da posição dental para alveolar e da alveolar para pré-palatal, a constrição primária também sofre uma pequena alteração em sua localização. Nas palavras de Bhat (1978, p.70-71), o levantamento da língua é acompanhado por uma retração até certo ponto automática. Pode também ser considerado um caso de assimilação antecipatória ao ambiente palatalizante seguinte: a língua assume uma posição retraída se comparada à posição da língua em uma consoante alveolar ou dental.

A distinção exata entre consoantes palatais, palato-alveolares e consoantes palatalizadas parece ainda não ter sido estabelecida de forma unânime na literatura sobre fonética geral. Autores como Rosetti (1962) e Abercrombie (1967) consideram que a presença de duas articulações na consoante palatalizada é suficiente para incluí-la em

[7] Cagliari (1974, p.100) não inclui [s,z] em sua escala de consoantes da língua portuguesa mais

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

uma categoria diferente da ocupada pela consoante palatal ou palato-alveolar, em que apenas uma constrição acontece.

No entanto, nem todos os autores crêem na existência dessa linha demarcatória entre tais possibilidades articulatórias. Conforme já mencionado com relação a Ladefoged e Maddieson (1996) (ver seção 2.1.3) por exemplo, um certo grau de palatalização é quase que um acompanhamento inevitável da articulação de algumas fricativas palato-alveolares, devido ao formato de cúpula da língua por trás da constrição. Esta parece ser também a posição de Weiss (1988, p. 40), segundo a qual uma articulação palato-alveolar (ou alveopalatal, em seus termos) pode ser considerada como uma *palatalização simultânea.*

Para o PB, Cagliari (1981, p. 94) constata que a palatalização é um traço inerente de uma consoante palatal, como a lateral [ʎ] e a nasal [ɲ] e, desse modo, considera que não faz sentido dizer que uma consoante palatal se palataliza. As consoantes [ʃ, ʒ], por não serem classificadas pelo autor como palatais, mas como palato-alveolares (p. 9), não apresentam, portanto, essa característica. A comprovação advém das diferenças marcantes na energia de articulação expressas pelos palatogramas de diversas línguas e da indicação clara de que a constrição localiza-se na região pré-palatal (p. 130).

A visão de Câmara Júnior (1946, 1953, 1972, 1976, 1984), apresentada em sua vasta bibliografia, é um tanto diversa das anteriores. O autor defende que tanto [ʃ, ʒ] quanto [ʎ, ɲ] se enquadram no fenômeno geral de palatalização, por meio do qual o começo do palato duro e a lâmina da língua (ou dorso anterior, conforme CÂMARA JÚNIOR (1972, p. 59)) intervêm na produção das consoantes dentais [s, z] e [l, n], respectivamente. O autor sugere ainda que este quadro geral formado pelas quatro consoantes pode ser dividido em duas partes, com duas consoantes em cada uma, tendo por base particularidades articulatórias que resultam em efeitos acústicos distintos. Sendo assim, tem-se o *molhamento* e o *chiamento*.

Os termos *moles* e *molhadas* são utilizados, em contraposição a *duras*, para se

---

suscetíveis à palatalização. Em ordem crescente, aponta [l,n], [k,g], [t,d], [x,r], [p,b,m].

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

referir aos aspectos auditivos provocados pelas consoantes palatais ou palatalizadas. Mais especificamente, *moles* refere-se à idéia de que a palatalização representa uma articulação fraca e instável devido ao fato de que a parte média da língua não dispõe de músculos especiais para a sua condução à abóbada palatina e, conseqüentemente, os sons produzidos são mais fracos, ou moles (ROUSSELOT, 1924 apud CAGLIARI, 1974, p. 276)[8].

Segundo Câmara Júnior (1957), no chamado molhamento (fr. *mouillement*) ocorre uma espécie de iotização, ou seja, a intromissão de uma articulação /i/ nas consoantes ditas "duras" (ou não-palatalizadas), quando da elevação da parte média da lâmina da língua em direção ao palato duro. A idéia de que há a integração de um [j] é explicitada pelo autor na própria representação gráfica do som como [l^{y}] e [n^{y}], isto é, a consoante que sofre a "modificação" (do inglês *modification,* conforme BLOOMFIELD (1933)) ou o "trabalho (articulatório) complementar" (do alemão *Nebenarbeit,* conforme TRUBETZKOY (1969, 1939), seguida por um [y] sobrescrito, simbolizando a semivogal.

Já no chiamento (fr. *chuintement*) ocorre um encurvamento longitudinal da língua que cria uma espécie de canal por onde "chia" a corrente de ar (CÂMARA JÚNIOR, 1972, p. 59), isto é, um canal com o efeito acústico de chiamento. Da mesma forma que o comentado para as molhadas, a representação gráfica das chiantes adotada pelo autor - [s' , z'] - indica serem estas provenientes de um processo sofrido pelas dentais correspondentes (CÂMARA JÚNIOR, 1957, p. 43-4).

Rosetti (1962, p. 93-94), de modo diferente, entende que a consoante palatalizada seria aquela produzida por duas articulações sucessivas e a molhada, por uma só articulação. Nas palatalizadas, o palato duro não é tocado pela língua durante a

[8] A natureza "molhada" ou "mole" dos sons palatais e palatalizados recebeu uma outra explicação de Straka (1965, p. 122-3), que os considera, contrariamente, como articulações enérgicas e firmes. A falta de um músculo especial para realizar a elevação do dorso da língua não sustenta o caráter fraco desses sons, pois, na realidade, esse movimento pode ser realizado facilmente pela ação de outros músculos linguais, sem a necessidade de um músculo especial. A preservação das consoantes [ʎ, ɲ] em língua portuguesa funciona como uma comprovação da maior energia e firmeza com que são articuladas, visto que se mantêm exatamente em posição intervocálica, mais fraca, onde estão facilmente sujeitas a desaparecer (CAGLIARI, 1974, p. 63).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

articulação, pois há apenas a formação de uma espécie de corredor entre a parte anterior e posterior da abóbada do palato, fruto do estreito contato entre dois elementos: uma consoante e um *i*. Já nas consoantes molhadas ocorre a extensão do contato da língua com o palato e o resultado é a produção de uma só articulação. Desse modo, são as palatalizadas entendidas, nessa visão, como um primeiro estágio para o molhamento.

Tomando o exemplo da língua portuguesa, entende o autor (p. 93) que o grupo latino *li* (com em *filiu*), na passagem para o português (*filho*), foi constituído, em uma fase intermediária do processo, por dois elementos em estreito contato - a consoante propriamente dita e o elemento palatal seguinte, caracterizando-se como uma consoante palatalizada, de modo análogo à tendência observada em dialetos do romeno ([p,b,m,f,v] → [k^j, g^j, n^j, h^j, y^j (ou g^j)], respectivamente (BHAT, 1978, p. 70) . No entanto, salienta que a consoante representada em português por *lh* é, na verdade, uma consoante molhada, produzida por uma só articulação - [ʎ] - e representativa do estágio final desse processo.

Em suma, a presente seção procurou mostrar que:

a) As consoantes fricativas [s, z, ʃ, ʒ] em discussão diferenciam-se principalmente quanto a três aspectos: 1) local do trato oral em que são articuladas: mais posteriormente para [ʃ, ʒ] do que para [s, z]; 2) tamanho do canal formado no centro da língua: mais profundo para [ʃ, ʒ] e 3) configuração dos lábios: mais arredondados e projetados para [ʃ, ʒ];

b) A maioria dos foneticistas arrolados estabelecem classificações diferenciadas entre os grupos [ʃ, ʒ] e [ʎ, ɲ] com base em diferenças articulatórias. As principais são:(i) oclusão no ponto de articulação para [ʎ, ɲ]; (ii) formato da língua diferenciado na produção de [ʎ, ɲ] em comparação a [ʃ, ʒ]; (iii) constrição mais longa para [ʎ, ɲ], estendendo-se por uma área maior da região palatal; (iv) ausência em [ʎ, ɲ] da cavidade formada entre os dentes inferiores e a ponta/lâmina da língua, responsável pela ressonância bastante

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

característica para [ʃ, ʒ];

c) A interpretação das fricativas palato-alveolares [ʃ, ʒ] como consoantes palatalizadas que carregam, como as palatais [ʎ, ɲ], certo grau da qualidade vocálica de [i] não é possível devido a diferenças articulatórias entre esses dois grupos, referentes principalmente ao formato de língua. Para o grupo das palato-alveolares, um certo grau de palatalização inerente só é admitido se for relacionado ao formato abobadado assumido pelo corpo da língua por trás da constrição entre lâmina da língua e região pós-alveolar. A ausência de uma articulação secundária [j] em [ʃ, ʒ] é claramente defendida por Câmara Júnior (1957, 1972), Rosetti (1962), Abercrombie (1967), Cagliari (1981), Weiss (1988) e Ladefoged e Maddieson (1996). Mesmo assim, esses autores divergem quanto à inclusão do grupo no fenômeno geral de palatalização;

d) Os contextos favorecedores do fenômeno de palatalização envolvendo sibilantes são principalmente os surdos e não-acentuados. Com relação ao ambiente circundante, nem só as vogais palatais favorecem o fenômeno. No caso das sibilantes, somam-se também as vogais posteriores altas e as consoantes velares e labiais. A contigüidade silábica entre a consoante que se palataliza e o ambiente indutor também se mostra favorecedora. No capítulo 7, ao apresentarmos os resultados para as variáveis lingüísticas, retomaremos tais tendências para a comprovação ou não de sua eficiência na produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda em Florianópolis/SC.

Desses aspectos, dois são fundamentais para o desenvolvimento dos capítulos que se seguem: (i) a interpretação diferenciada entre fricativas palato-alveolares [ʃ, ʒ] e consoantes palatais [ʎ, ɲ], com base na ausência de uma formato de língua de [i] para o primeiro grupo e (ii) os contextos que mais favorecem a palatalização especificamente em sibilantes: não-acentuados, vogais posteriores, consoantes velares e labiais e contextos [- voz], considerados palatalizantes também para qualquer outra consoante.

A seção seguinte pretende apresentar os traços fonológicos que definem os tipos articulatórios em discussão.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

2.2 Caracterização Fonológica

2.2.1 Introdução

O estudo da fala humana recebeu considerável avanço após a descoberta, efetuada pelos estudiosos da Escola de Praga (Viena 1923-1939), de que os segmentos fonológicos, ou fonemas, caracterizam-se como a totalidade das propriedades relevantes de uma unidade sonora (TRUBETZKOY, 1939).

A partir de então, tais propriedades relevantes, ou unidades menores do que o fonema, começaram a ser referidas como as responsáveis pelo estabelecimento de distinções de significado em *oposições fonológicas*, mecanismo de fundamental importância na fonologia de Praga. Assim, em um par de palavras como *bad/pad*, do inglês, por exemplo, a unidade mínima distintiva passou a ser identificada como o vozeamento em oposição a sua ausência e não simplesmente os fonemas *b* e *p*.

As oposições fonológicas receberam então um tratamento classificatório com base em propriedades fonéticas, o que permitiu arranjar os fonemas em sistemas vocálicos, consonantais e prosódicos de acordo com características tanto articulatórias quanto acústicas e perceptuais. Central a essa proposta é a idéia de que tais propriedades se combinam de modo limitado para formar inventários fonológicos nas diversas línguas.

Um dos aspectos mais importantes apontados por uma oposição entre propriedades sonoras relevantes foi considerado como sendo a possibilidade de ser esta neutralizada, ou seja, ser suspensa em determinados contextos, de acordo com o ambiente circundante, a posição na palavra, na sílaba ou ainda em decorrência da presença ou não de acento. É com base nessa perspectiva que Câmara Júnior (1977, p. 45-46) discute a anulação da oposição existente no quadro das fricativas em língua portuguesa entre as consoantes "duras" /s/ e /z/ e as "palatalizadas" /ʃ/ e /ʒ/ quando em posição pós-vocálica.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

As quatro possibilidades de realização funcionam nessa posição, segundo o autor, de acordo com as oposições entre palatalização e não-palatalização e com a oposição entre vozeamento e ausência de vozeamento. Desse modo, tem-se em posição final de sílaba e final de palavra [s] ou [ʃ] antes de consoante surda ou pausa e [z] ou [ʒ] antes de consoante sonora, apontando o fim do contraste surdo/sonoro e alveolar/palatal, pois a ocorrência do vozeamento passa a ser determinada pela qualidade surda ou sonora da consoante seguinte e a ocorrência da palatalização pelo falar em questão. Diz-se então que as quatro consoantes se neutralizam em proveito de um único traço distintivo permanente - a fricção produzida pela língua – representada pelo *arquifonema*[9] /S/ (CÂMARA JÚNIOR, 1953, p. 113)[10].

As propriedades sonoras relevantes apontadas pela fonologia de Praga passaram a ser tratadas pela designação *traços distintivos* somente a partir de Bloomfield (1933), que estabelece uma distinção entre traços distintivos e traços não-distintivos. Porém, foi apenas com Jakobson, Fant e Halle (1951) que surgiu a primeira proposta coerente de uma teoria de traços distintivos universal, de base fonética, capaz de descrever as principais oposições fonológicas nas diferentes línguas do mundo.

De base acústica, mas também com correlatos articulatórios e perceptivos bem definidos, esse sistema de traços opera com a noção de que as propriedades distintivas sonoras caracterizam-se como componentes dos fonemas e não mais como dimensões classificatórias apenas, como apregoava Trubetzkoy. Sendo assim, os autores propõem-se a descrever os sistemas sonoros das línguas por um conjunto maximamente reduzido de traços binários universais. Para cada língua, uma matriz é estabelecida, com fonemas arranjados horizontalmente e as oposições distintivas, verticalmente.

O traço distintivo somente conquista a condição de unidade mínima com status lingüístico com a publicação de *The Sound Pattern of English* (Chomsky e Halle, 1968)

---

[9] Termo cunhado pela Escola de Praga para se referir à soma das propriedades distintivas que os fonemas em oposição possuem em comum (cf. TRUBETZKOY, 1969, p. 79).

[10] Câmara Júnior, em trabalho posterior (1976, p, 51, nota 7), propôs que o arquifonema /S/ fosse interpretado como /z/ devido ao comportamento de /S/ em final de palavra diante de palavra seguinte iniciada por vogal, quando é produzido como /z/ (ex.: *fala*[zo]*je* para *falas hoje*).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(doravante SPE), onde tem o papel de descrever os níveis fonético e fonológico bem como o de compor as regras que conectam esses dois níveis.

Assim como o proposto por Jakobson, Fant e Halle, também uma matriz é utilizada para descrever um morfema, mas com a diferença de que na nova proposta os símbolos alfabéticos são entendidos como abreviações *ad doc* dos feixes de traços (FISCHER-JORGENSEN, 1975, p. 218).

De base fonética, o sistema de traços do SPE visa basicamente representar as capacidades de produção da fala do aparato vocal humano, o que acabou por gerar um aumento considerável no número de traços em comparação ao sistema anterior de Jakobson, Fant e Halle, já que se passou a operar com tantos traços fonéticos quanto os aspectos articulatórios parcialmente independentes sob controle. A justificativa para tal revisão do sistema anterior está na busca por uma descrição fonética menos artificial e que possibilite a formulação de regras mais simples (CHOMSKY; HALLE, 1968, p. 297). Essa projeção da fonética é limitada, no entanto, pelo fato de que, em termos gerativos, evidências a favor ou contra uma distinção particular de traços é sempre fundada no domínio fonológico.

Ainda assim, os traços distintivos são interpretados na teoria fonológica como o ponto de ligação mais direto entre o sistema lingüístico e os fatos físicos e fisiológicos da fala. Conseqüentemente, o agrupamento natural de sons necessário para o estabelecimento de generalizações sobre a estrutura fonológica das línguas é, em grande parte, oferecido pelas propriedades que definem as realizações acústicas e articulatórias dos sons (KENSTOWICZ; KISSEBERTH, 1979, p. 22). A partir do SPE ficou claro então que o grande número de sons da fala encontrados nas línguas do mundo nada mais é do que a realização de um número limitado de combinações de traços.

Ao longo do desenvolvimento da lingüística moderna, várias propostas surgiram sobre a forma de organização desses constituintes últimos da fala. Em um primeiro momento, quando o fonema ainda era considerado uma unidade fonológica importante, surgiu a noção do agrupamento em *feixes* (*bundles*) (BLOOMFIELD, 1933), o que sugere desorganização inerente e falta de estrutura interna. A fonologia gerativa

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

desenvolvida nos anos subseqüentes passou a operar com *matrizes*, colunas verticais de traços, os quais são entendidos como funções designadoras das propriedades físicas de um fonema (CHOMSKY e HALLE, 1968, 164-165), capazes de funcionar conjuntamente em regras fonológicas. Foi somente a partir do desenvolvimento da *Teoria Autossegmental* (GOLDSMITH, 1979, 1990) (ver Capítulo 5) que os traços passaram a ser entendidos como entidades aptas a funcionar em regras fonológicas também isoladamente, como *autossegmentos*.

Os traços que definem e distinguem as consoantes [s, z] e [ʃ, ʒ] são apresentados em 2.2.2, com base nos sistemas binários de Jakobson, Fant e Halle (1952), e em 2.2.3, com base no sistema de Chomsky e Halle (1968). Ainda nessa perspectiva, apontamos os traços que expressam o processo de palatalização na literatura referente bem como as regras relativas a esse fenômeno em língua portuguesa oferecidas por Mateus (1975, 1990), Lopez (1979) e Guy (1981).

2.2.2 O sistema de traços de Jakobson, Fant e Halle (1951)

Consoantes alveolares e palato-alveolares, assim como também as palatais, são definidas no sistema de traços de Jakobson, Fant e Halle pelo valor opositivo do traço [grave], ou mais especificamente, pelo traço [+ agudo].

Acusticamente, a oposição grave/agudo envolve o estabelecimento de uma linha divisória no espectro com predominância de apenas um dos lados. Nos sons [agudo], há predominância do lado superior do espectro, com energia nas freqüências mais baixas. Articulatoriamente, na produção desses sons (vogais frontais, consoantes dentais, alveolares, palato-alveolares e palatais) a cavidade oral é menor e mais dividida se comparada a que se configura para os sons graves (vogais posteriores, consoantes labiais e velares) (p. 29-30).

As alveolares [s, z] e as palato-alveolares [ʃ, ʒ] distinguem-se pela oposição compacto/difuso. As palato-alveolares são [compacto] e as alveolares são [difuso]. Do ponto de vista articulatório, nos sons compactos, os volumes das cavidades anterior e

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

posterior à constrição são próximos, sendo também próximas as suas freqüências naturais de ressonância.

2.2.3 O sistema de traços de Chomsky e Halle (1968)

Com relação ao grupo das consoantes [s, z] e [ʃ, ʒ], interessam-nos particularmente os *Traços de Cavidade*, os quais se referem ao local do trato oral onde se dão as modificações sofridas pela corrente de ar egressa dos pulmões. Discute-se, pois, o papel dos traços [coronal], [anterior], [alto] e [posterior], esses dois últimos pertencentes ao subgrupo dos Traços de Cavidade referido como Traços do Corpo da Língua (p. 304). Ao lado dos traços [arredondado] e [baixo], esse conjunto refere-se especificamente ao deslocamento do corpo da língua a partir da posição neutra[11].

2.2.3.1 O traço [coronal]

As consoantes [s, z] e [ʃ, ʒ] pertencem ao grupo [+ coronal], definido no SPE como aquele em que as articulações ocorrem pelo levantamento da lâmina da língua de sua posição neutra. São assim classificadas as dentais, alveolares, palato-alveolares, líquidas e vogais retroflexas. Consoantes articuladas com os lábios ou com o corpo da língua (todas as vogais) e o [R] uvular são [- coronal]. Também são os glides [j] e [w] (p. 304).

As consoantes palatais, por serem produzidas pelo levantamento não da lâmina da língua, mas de sua porção central, isto é, da parte que conecta lâmina e corpo da língua, são tidas no SPE como [- coronal].

Embora a base definidora dos sistemas de Jakobson, Fant e Halle e de Chomsky e Halle seja diversa, o estabelecimento de uma comparação entre ambos aponta que o traço [coronal] corresponde apenas parcialmente ao valor negativo do traço [grave], conforme mostra a Tabela 1 a seguir. Excetuando-se as palatais, as consoantes

[11] Na posição neutra, a configuração do corpo da língua é a mesma que se observa na articulação da vogal *e* do inglês na palavra *bed*; a lâmina da língua permanece praticamente na mesma posição que assume na respiração normal (op. cit., p. 300).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

classificadas como [- grave] no primeiro sistema são [+ coronal] no presente, enquanto as consoantes [+grave] são [- coronal]. De modo diverso, as palatais, de [- grave] no sistema de Jakobson, Fant e Halle, passam a [- coronal].

Tabela 1 – Comparação entre os Sistemas de Traços Distintivos de Jakobson, Fant e Halle (1951) e Chomsky e Halle (1968): traço [grave] e traço [coronal]

	Alveolar	Palato-Alveolar	Palatal
Jakobson et al.			
Grave	-	-	-
Chomsky & Halle			
Coronal	+	+	-

No entanto, com base em processos fonológicos encontrados em várias línguas com ampla distribuição geográfica, alguns lingüistas da fase pós-SPE apontaram o fato de que dentais, alveolares e palatais comportam-se como uma classe natural, ao contrário do proposto por Chomsky e Halle, o que conduziu ao estabelecimento de uma corrente em defesa do traço [- grave].

Casos específicos que comprovam a pertinência dessa classe foram apontados, por exemplo, na língua baule (Costa do Marfim) (VAGO, 1976), em que [w] é pronunciado como um glide frontal [j] entre uma consoante alveolar ou palatal e uma vogal frontal, e também no sânscrito, com relação à regra de retroflexação de /n/ (ODDEN, 1978), aplicada sempre que [n] for precedido por [ʂ, ɽ, r] em qualquer posição da palavra, caso não haja nenhuma consoante dental, alveolar ou palatal interveniente.

Também como evidência para o fato de que dentais, alveolares e palatais formam uma classe natural, Lahiri e Blumstein (1984, p. 136) mencionam a regra de reduplicação vocálica na língua feʔfeʔ-bamileke (Cameroon, África), descrita por Hyman (1973), em que a vogal reduplicativa / ɨ / se converte em /i/ quando seguida por /i/ na sílaba seguinte ou quando preceder [ʃ, ʒ], [c, ɟ], [ɲ], [j] ou vogais frontais de qualquer altura.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Da forma como é definido por Chomsky e Halle, o traço [coronal] não é capaz de captar dois aspectos do padrão fonológico em feʔfeʔ-bamileke: (a) falha em reunir palatais e palato-alveolares sob a mesma classe, distinguindo-as de outras consoantes do sistema e (b) não explica o processo de assimilação por si, uma vez que todas as vogais não-retroflexas e o glide [j] são [- coronal].

Em defesa da manutenção do traço [coronal] e a fim de incorporar pelo menos algumas das classes de sons categorizados pelo traço [grave][12], foi proposta uma redefinição de [coronal], com o estabelecimento de novos correlatos acústicos e articulatórios.

Halle e Stevens (1979, p. 346) propõem, desse modo, que [coronal] passe a ser definido articulatoriamente pelo levantamento da parte frontal (isto é, ponta, lâmina e/ou parte central) da língua de forma a fazer contato com o palato. Do ponto de vista acústico, o traço revisado é caracterizado por um formato de espectro espesso que indica uma concentração maior de energia nas freqüências mais altas se comparada às freqüências baixas, conseqüência (a) do espectro de ruído decorrente das cavidades acústicas relativamente pequenas formadas no local da constrição ou um pouco antes dela, no caso das obstruintes coronais e (b) das altas freqüências e da proximidade do segundo formante e dos formantes mais altos no caso do glide (p. 347).

No entanto, não é possível afirmar que a adoção da nova definição do traço [coronal] seja unânime. Hall (1997, p. 9-10), com base no exame de processos fonológicos indicativos da inclusão de consoantes palatais no grupo das coronais em várias línguas, observa que a grande maioria envolve apenas as palatais não-contínuas [c, ɟ, ɲ], sem nenhum caso em que haja menção a fricativas palatais como [ç, ʝ]. Diante disso, propõe o autor que esse último grupo seja considerado [- coronal] e somente o primeiro, das fricativas não-contínuas, pertença à classe [+ coronal]. Esse funciona como o argumento fonológico para a estipulação da classe alveolopalatal, conforme mencionado em 2.1.3 para o argumento fonético.

---

[12] Os traços [coronal] e [grave] distinguem-se ainda com relação à classificação das vogais: em Chomsky e Halle, vogais não-retroflexas são [- coronal] e vogais retroflexas, [+ coronal]. Em Jakobson, Fant e Halle, todas as vogais frontais são [- grave] e as vogais posteriores, [+ grave].

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Evidências de que alveolopalatais, alveolares e palato-alveolares comportam-se como uma classe natural são oferecidas por Hall (1997, p.12) com relação ao chinês de Nantong, polonês (p. 12-13) e húngaro (p. 13). No caso do chinês, é mencionado o processo de desvelarização em que [ŋ] se superficializa como [n] diante de consoantes alveolares ([t, t^h , n, l] entre outros), palato-alveolares ([tʃ, ʃ] entre outros) e alveolopalatais ([tɕ, ɕ] entre outros).

A incorporação do glide [j] e das vogais frontais à classe [+ coronal] revista caracteriza-se particularmente como uma agressão à proposta do SPE de que esse traço seja relevante apenas para consoantes.

A exclusão das vogais do grupo [coronal] pode ser justificada, de acordo com Clements (1976, p. 97), pela própria definição de vogal neutra, já que Chomsky e Halle (1968) consideram [+ coronal] os sons produzidos pelo levantamento da lâmina da língua a partir da posição equivalente a de uma vogal frontal (ver nota 11 anterior). Se a vogal neutra for entendida como [ə], então as vogais frontais, ou pelo menos as vogais frontais [- baixo], caem automaticamente na definição de [coronal].

No entanto, a reunião de vogais frontais, glide frontal e consoantes coronais em uma única categoria de traço é atribuída principalmente ao comportamento desses sons em regras fonológicas. Além do mencionado anteriormente relativo à língua fe?fe-bamileke, em que consoantes coronais desempenham papel crucial em regras que criam vogais frontais, há ainda registros, por exemplo, em ewe (Ghana, Togo), onde [l] e [r] estão em distribuição complementar em sílabas formadas por consoante + líqüida + vogal: [r] ocorre quando a consoante precedente for coronal alveolar (*trɔ́*), nasal palatal (*ɲrà*) ou [j] (*yrɔ́*) (p. 104).

Clements (1976, p. 97) considera que o fato de ser bastante comum a regra de palatalização da oclusiva velar a uma africada palato-alveolar diante de vogais frontais constitui mais uma evidência para a inclusão de vogais frontais e consoantes coronais a uma mesma categoria de traço, de modo contrário ao exposto novamente no SPE para o

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

eslavo (CHOMSKY; HALLE, 1968, p. 421-435). Nessa perspectiva, a aplicação do processo de palatalização se dá em duas etapas: a primeira cria velares frontalizadas, altamente marcadas, e a segunda, por meio de convenções de marcação ligadas a essa regra, converte automaticamente o segmento marcado em um segmento mais simples, no caso [tʃ][13].

A análise alternativa de Clements parte do pressuposto de que velares frontalizadas, por serem mais comuns na fonologia das línguas do mundo do que africadas palato-alveolares, não podem ser consideradas mais complexas do que estas, e desse modo, o processo existente no eslavo não é adequadamente descrito por regras de ligação mas sim pela assimilação simples por parte da oclusiva velar de uma ou mais características das vogais anteriores. Se é possível tal relação, o autor conclui que /tʃ/ e /i/ formam uma classe natural e, portanto, devem ser atribuídos a uma única categoria de traço, ou seja, [+ coronal].

Com relação às distinções estabelecidas pelo traço [coronal], nota-se que sua redefinição acabou por suscitar novas propostas a respeito do estabelecimento de oposições entre consoantes palatais e outras coronais[14].

Da forma como foi definido no SPE, o traço coronal (i) reunia as palatais, labiais e velares em oposição às dentais, alveolares, palato-alveolares e retroflexas e (ii) distinguia as palatais das palato-alveolares. Com relação à primeira função, Lahiri e Blumstein (1984, p. 137) apontam a pouca freqüência de processos fonológicos onde palatais, labiais e velares funcionam conjuntamente, fato que indica a fraca motivação para a reunião destas em uma única classe, [- coronal], e a adequação do traço redefinido. Com a inclusão das palatais no grupo identificado pelo traço coronal, a

[13] Convenções ligam-se diretamente à regra [-ant] → [- post] / _ [-cons, -post] e contribuem para que esta seja interpretada como também atribuindo [+ coronal], [+ soltura relaxada] e [+ estridente] (op. cit., p. 423).

[14] Outra distinção afetada pela redefinição do traço [coronal] refere-se àquela entre vogais retroflexas e vogais não-retroflexas. Clements (1976, p. 102-103) propõe que a distinção seja feita pelo traço [distribuído], já que vogais retroflexas provocam a formação na linha central do trato oral de uma constrição de comprimento mais reduzido do que as vogais não-retroflexas. Desse modo, vogais retroflexas são [- distribuído] e vogais não-retrofelxas são [+ distribuído]. Consoantes e vogais retroflexas passam a ser proximamente relacionadas, muito embora as consoantes retroflexas sejam ainda distintas de outras consoantes coronais pelos traços [-ant, - distr].

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

segunda função passa a ser desempenhada por outros traços, como [estridente], que estabelece a distinção entre palato-alveolares e palatais no grupo das fricativas.

Com base na influência do formato da língua na direção da corrente de ar, Halle e Stevens (1979, p. 346) sugerem um novo traço no sistema para realizar tal distinção – o traço [acanalado][15] (*[grooved]*) (em oposição a [plano]). Alveolares e palato-alveolares seriam então [+ acanalado] e palatais, como [ç] em *dich*, do alemão, [- acanaldo], tornando totalmente supérflua a distinção já estabelecida pelo traço [estridente][16].

Em favor da manutenção de [estridente], por outro lado, estão Lahiri e Blumstein (1984, p.142-143), para quem [acanalado] não pode dar conta de todos os contrastes definidos por [estridente], em particular o existente entre as contínuas bilabiais e labio-dentais em ewe (língua falada em Gana e Togo)[17].

O traço [coronal] revisado, segundo Keating (1991, p. 29-30), caracteriza-se como uma classe universal nas línguas do mundo[18]: envolve mais contrastes de ponto e modo de articulação e define as consoantes mais comuns nas línguas. Do ponto de vista articulatório, isto se dá pelo fato de que a lâmina da língua pode assumir uma grande quantidade de configurações com os articuladores imóveis, em número maior do que o observado para outros articuladores. A conseqüência para a fonologia das línguas, segundo Paradis e Prunet (1991, p. 2), é que consoantes coronais são tidas como o ponto de articulação não-marcado e não-especificado: se metade das consoantes de uma língua são coronais, então é mais provável que uma dada consoante seja coronal ao invés de pertencente a qualquer outra classe.

---

[15] O tradução 'acanalado' para *grooved* é sugerida por nós com base na descrição articulatória da produção das consoantes [s, z, ʃ, ʒ] por Weiss (1988, p. 36), para quem são essas fricativas definidas como côncavas ou acanaladas (cf. seção 2.1). Segundo a autora, na articulação de tais fricativas, o ar passa por um canal no centro da língua, formado pelo levantamento de suas bordas. Na articulação de [s, z] o canal é menos profundo e menos extenso do que o que se forma na articulação de [ʃ, ʒ].

[16] Desse modo, a classe [s, z, ʃ, ʒ, č, ǰ], atuante na regra de plural do inglês, passaria a ser identificada como [+ coronal, + acanalado] (op. cit., p. 347).

[17] Para detalhes, ver Chomsky e Halle (op. cit., p. 239).

[18] De acordo com Maddieson (1984, p. 31-32), consoantes velares e labiais também são praticamente universais.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Salientam ainda os autores que, além de serem muito freqüentes[19, 20], consoantes coronais são apontadas também como as mais suscetíveis a processos de assimilação se comparadas a outros pontos de articulação.

2.2.3.2 O traço [anterior]

O traço de ponto de articulação importante para a distinção fonológica entre as consoantes [s, z] e [ʃ, ʒ] é *anterior*. De acordo com Chomsky e Halle (1968, p. 304), o valor positivo para o traço designa os sons produzidos com uma obstrução localizada na zona do trato vocal situada entre os lábios e a região palato-alveolar, reconhecida como aquela onde o som [ʃ] do inglês é articulado. Enquadram-se nesse grupo as labiais, dentais e alveolares. As vogais, formadas sem constrição na cavidade oral, são sempre [- anterior], assim como também as consoantes palato-alveolares, retroflexas, palatais, velares, uvulares e faringais, articuladas com uma obstrução localizada fora da região descrita.

O traço [anterior] é uma revisão do traço acústico [compacto] (e de seu oposto [difuso]) proposto por Jakobson, Fant e Halle. Consoantes [+ anterior], como [s, z], são identificadas como [- compacto] nesse sistema e as consoantes [- anterior] [ʃ, ʒ], como [+ compacto], o que indica uma correspondência direta entre os traços coronal e difuso, conforme ilustra a Tabela 2 a seguir.

[19] Das 317 línguas examinadas por Maddieson (op. cit., p. 60), /s/ é atestado em 266, /ʃ/ em 146, /f/ em 135 e /x/ em 45. Considerando-se as nasais, 316 línguas possuem /n/, enquanto que 299, /m/ e 167, /ŋ/.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Tabela 2 – Comparação entre os Sistemas de Traços Distintivos de Jakobson, Fant e Halle (1951) e Chomsky e Halle (1968): traço [compacto] e traço [anterior]

	Alveolar	Palato-Alveolar	Palatal
Jakobson et al.			
Compacto	-	+	+
Chomsky & Halle			
Anterior	+	-	-

O tratamento dado pelo SPE ao traço [anterior] foi alvo de críticas por vários lingüistas, entre eles Lass (1976)[21], Kenstowics e Kisseberth (1979) e Keating (1991).

Para Keating (1991, p. 41) a definição do traço é foneticamente vaga, o que se confirma pela falta de precisão na estipulação da linha divisória exata entre [+ anterior] e [- anterior]. Freqüentemente se menciona como ponto de referência a borda da arcada alveolar: consoantes alveolares são articuladas à frente desse ponto e consoantes palato-alveolares, atrás dele. No entanto, raios X desses sons mostraram que essa caracterização é incorreta, já que ambos os valores para o traço anterior foram encontrados à frente da borda da arcada alveolar.

De modo geral, os resultados indicam que as alveolares são articuladas na região mais à frente da arcada e as palato-alveolares, ao redor da borda da arcada, podendo estar centradas nesse ponto ou estender-se ainda um pouco à frente. Embora a diferença entre os dois valores do traço pareça ser extremamente sutil, sugere a autora que a linha demarcatória seria melhor estabelecida como a parte do meio da arcada alveolar, entre a sua borda e os dentes superiores.

Do ponto de vista fonológico, Kenstowicz e Kisseberth (1979, p. 248) salientam ainda a inexistência de processos que apontem [anterior] como definidor de uma classe natural. A função desse traço parece estar circunscrita ao estabelecimento da distinção de labiais e dentais/alveolares com relação a outras consoantes.

[20] Em língua portuguesa, dos dezenove fonemas consonantais, onze são [+ coronal], ou seja, 58%. As línguas inglesa e francesa apresentam proporções semelhantes (cf. PARADIS; PRUNET, op. cit., p. 11).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Como traço correlato a [anterior], foi proposto por Halle (1988 apud KEATING, 1991, p. 43) o traço *contato com os incisivos inferiores*, referente à presença da cavidade sublingual na articulação de palato-alveolares (ver seção 2.1.2). Como a realização do contato ([+ contato dos incisivos inferiores]) implica ausência da cavidade sublingual, [- contato dos incisivos inferiores] seria equivalente a [- anterior], distinguindo assim as alveolares, pelo valor positivo do traço, das palato-alveolares, pelo negativo. No entanto, a motivação para o traço é questionada pela existência de coronais [- anterior] produzidas com a ponta da língua para baixo e, conseqüentemente, sem a formação da cavidade sublingual.

Aspectos adicionais relativos ao traço [anterior] são discutidos na seção seguinte.

2.2.3.3 Os traços correspondentes à palatalização

De acordo com Chomsky e Halle (1968, p. 305), a caracterização de articulações consonantais subsidiárias, como palatalização, velarização e faringalização, em consoantes [+ coronal] e [+ anterior], é expressa por meio dos Traços do Corpo da Língua, já que tais possibilidades articulatórias são entendidas como consistindo da super-imposição de uma articulação vocálica a uma constrição consonantal básica. Desse modo, consoantes palatalizadas são interpretadas como possuindo uma articulação subsidiária de [i] imposta, conforme discutido em 2.1.3, o que faz com que sejam classificadas como [+ alto] e [- posterior].

Em língua portuguesa, a palatalização como um caso típico de assimilação dos traços da vogal alta frontal, ou de vogais médias frontais subjacentes não-acentuadas convertidas em [i] ou [j], é representada pela produção variável de /t, d/ como [t^j , d^j] (BISOL; HORA, 1995) ou [tʃ, dʒ] (LOPEZ, 1979, p. 131; BISOL, HORA, 1995, p. 17), como em noi[tʃi] (*noite*) e [dʒi]a (*dia*). O aspecto assimilatório da regra é apresentado em (2) a seguir, conforme Lopez (1979, p. 133).

[21] Os argumentos de Lass (op. cit.) serão discutidos em 2.2.3.3.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(2) $$^{C}\,[+\text{anterior}] \rightarrow \begin{bmatrix} -\text{anterior} \\ +\text{alto} \end{bmatrix} \;/\; \underline{\quad} \begin{bmatrix} -\text{posterior} \\ +\text{alto} \end{bmatrix}$$

Observa a autora que o processo é mais bem descrito como uma assimilação espacial, uma vez que envolve consoantes e vogais definidas por traços com diferentes significados. O traço vocálico correspondente aos consonantais [anterior] e [coronal] é [posterior], de modo que uma consoante [+ coronal, + anterior] assimila os traços [- posterior, + alto] da vogal ou glide frontal em contexto seguinte, tornando-se [- anterior, + alto].

Embora também caracterizada como resultado de um processo de palatalização por Câmara Júnior (ver seção 2.1.3), a produção da palato-alveolar em posição pós-vocálica, variável no PB, mas de caráter praticamente categórico no PE, não apresenta como contexto indutor uma vogal ou glide [- posterior, + alto]. Em termos gerativos, é entendida como a transformação de uma consoante [+ coronal, + anterior] que ocupa a posição de coda em uma consoante [- anterior], independentemente do contexto circundante.

A formalização da regra oferecida por Mateus (1975; 1990) não expressa uma operação de mudança de traço, já que na maioria dos dialetos portugueses a consoante ortografada *s* em final de sílaba ou de palavra é produzida como uma consoante palato-alveolar. Desse modo, afirma a autora que, no nível da palavra, esta consoante deve ser referida na estrutura subjacente como um segmento não inteiramente especificado /S/, definido pelos traços [- soante, + coronal, + contínuo], que se especifica sempre como [- anterior]. O sinal do traço sonoro segue o sinal do mesmo traço da consoante em contexto seguinte, indicando um processo de assimilação de vozeamento, conforme a regra (3) a seguir (MATEUS, 1975, p. 33):

(3) $$\begin{bmatrix} C \\ -\text{soan} \\ +\text{cor} \\ +\text{cont} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} -\text{ant} \\ \alpha\ \text{son} \end{bmatrix} \;/\; [_\,] \begin{bmatrix} C \\ \alpha\ \text{son} \end{bmatrix}$$

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.696/2003.

Em final de palavra, antes de pausa, a consoante palato-alveolar especifica-se como [-son], conforme apresenta a regra (4) a seguir.

(4)

$$\begin{bmatrix} C \\ \text{-soan} \\ \text{+ cor} \\ \text{+ cont} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} \text{-ant} \\ \text{- son} \end{bmatrix} \; / \; [_\,]$$

Essas duas regras podem apresentar-se em uma única, conforme mostra (5) a seguir.

(5)

$$\begin{bmatrix} C \\ \text{-soan} \\ \text{+ cor} \\ \text{+ cont} \end{bmatrix} \rightarrow \left\{ \begin{array}{ll} \begin{bmatrix} \text{- ant} \\ \alpha \text{ son} \end{bmatrix} & / \; [_\,] \begin{bmatrix} C \\ \alpha \text{ son} \end{bmatrix} \\ \begin{bmatrix} \text{- ant} \\ \text{- son} \end{bmatrix} & / \; [_\,] \quad \# \end{array} \right\}$$

Se a análise considerar o nível da frase, a consoante final passa a [+ anterior] e [+ sonoro] quando a palavra seguinte começar por vogal, como em *casas antigas* [kazazãn'tigaʃ]. Nesse contexto é possível ainda que ocorra a pronúncia [ʒ], o que significa que o segmento não passou a [+ anterior], mas apenas assimilou o traço [+ sonoro] (MATEUS 1990, p. 345, nota 1).

Guy (1981), partindo do princípio de que /s/ é a única consoante [+ estridente] que ocorre em final de sílaba em língua portuguesa, propõe que esse traço passe a representar o segmento, ao invés de [- soante], [+ contínuo] e [+ anterior]. Por essa razão, estabelece duas regras: assimilação de vozeamento e palatalização, conforme (6) e (7) a seguir.

(6) Assimilação de vozeamento

$$[\,+\text{estrid}\,] \rightarrow [\,\alpha\ \text{voz}] \; / \; _ \;\; \$ \;\; [\,\alpha \text{ voz}]$$ [5]

[5] O símbolo '$' indica fronteira silábica. Guy (Ibid.) assume que, pelo menos subjacentemente, a fronteira silábica acompanha a fronteira de palavra.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(7) Palatalização

$$[+\text{estrid}] \rightarrow [-\text{ant}] \quad / _ \begin{bmatrix} +\text{cons} \\ \varnothing \end{bmatrix}$$

No entanto, o autor observa que a regra de palatalização necessita de uma regra de apoio, pois defende que a maioria dos falantes assimila /s/ a qualquer sibilante ou chiante que lhe siga. Dessa forma, embora a regra de palatalização preveja [ʃ] e [ʒ] antes de [s] e [z], respectivamente, são encontrados, na verdade, apenas [s] e [z] neste contexto. Tal regra de apoio refere-se ao fenômeno de *assibilação.* A regra é expressa conforme (8) adiante.

(8) Assibilação

$$[+\text{estrid}] \rightarrow [\alpha\ \text{ant}] \quad / _ \begin{bmatrix} +\text{estrid} \\ +\ \text{cor} \\ \alpha\ \text{ant} \end{bmatrix}$$

Finalizando sua análise, o autor apresenta o output das três regras para o sistema de sibilantes em língua portuguesa, variedade carioca:

> The output of these rules gives us [z] intervocalically and before another [z], [s] before another [s], [ʒ] before voiced consonants except [z], and [ʃ] before all voiceless consonants except [s], and pause. This fits the observed data fairly accurately[22] (GUY, 1981, p.113).

A designação da fricativa palato-alveolar como uma consoante [- anterior] nas regras de palatalização elaboradas por Mateus (1975; 1990) indica que a consoante é constituída por apenas uma articulação primária, posição esta bastante controvertida na literatura sobre o assunto, até mesmo se considerado o proposto por Chomsky e Halle (1968).

[22] O output destas regras aponta [z] intervocalicamente e antes de outro [z]; [s] antes de outro [s]; [ʒ] antes de consoantes vozeadas, exceto [z], e [ʃ] antes de todas as consoantes não vozeadas, exceto [s] e pausa. Tal análise dá conta dos dados observados adequadamente.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.696/2003.

Nesse sistema de traços, consoantes palato-alveolares, embora sejam redundantemente consideradas [+ alto], já que se diferem por esse traço das labiais, alveolares e dentais, necessitam do traço [posterior] para o estabelecimento do contraste entre palato-alveolares palatalizadas – [- posterior] – e palato-alveolares velarizadas - [+ posterior] – em russo (ver seção 2.1.3).

Também em favor da presença da articulação secundária vocálica para as palato-alveolares está Lass (1976, p. 188-189), para quem a distinção principal entre a série alveolar e a palato-alveolar não está na posição da língua, mas em seu formato, conforme exposto em 2.1.4. Desse modo, a caracterização mais adequada para tais consoantes é, segundo o autor, como consoantes alveolares palatalizadas, identificadas pelos traços [+ coronal, - posterior, + alto]. Nesse sentido, [ʃ, ʒ] seriam melhor distintas de [s, z] pelo traço [alto] ([ʃ, ʒ] são [+ alto] e [s, z], [- alto]).

Tendo por justificativa a economia de traços, Lass (p. 189), entre outros (RAMERS e VATER, 1991; WIESE, 1996 apud HALL, 1997, p. 65), propõe que o traço [anterior] seja dispensado na distinção entre fricativas alveolares e palato-alveolares em favor do traço [alto]. Os autores citados concordam que alveolares e palato-alveolares podem ser minimamente distintas pela diferença de altura da língua, o que parece ser inclusive mais adequado tendo-se em vista, para as últimas, a configuração dupla que as formas assumidas pelos articuladores sugerem[23].

Por outro lado, Keating (1988), com base em dados de várias línguas, atribui papel ao traço [- posterior], assim como também ao traço [+ alto], apenas para as consoantes palatais, baseando-se no fato de que o formato de língua observado em tais articulações é semelhante ao da produção da vogal [i]. Já as consoantes palato-alveolares, devido à orientação diversa do formato da língua, são consideradas apenas como [+ coronal]. Embora, em seu artigo de 1991, Keating mencione a existência de um formato de língua cupulado por trás da constrição, de acordo com Lass (1976) e

[23] Contra essa proposta está Hall (op. cit., p. 65), que salienta a incapacidade do traço [alto] em estabelecer a distinção no mordviniano moksha entre /sʲ/ e /ʃʲ/. Como concordam em altura, tais sons devem ser distintos pelo traço que descreve o local da constrição na área coronal, ou seja, [anterior].

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.696/2003.

Ladefoged e Maddieson (1996) (ver seção 2.1.3), entende-se que sua interpretação das palato-alveolares como consoantes simples justifica-se por não considerar definitiva a afirmação de que a retração do corpo da língua e o conseqüente formato cupulado configurado para essas consoantes constituam indícios de palatalização.

Assim como Keating (1988, 1991), Hall (1997) defende que a palatalização inerente em [c, ɟ, ɲ, ʎ, ɕ, ʑ], alveolopalatais em sua classificação, é fato constatado fonologicamente pela inexistência de alveolopalatais palatalizadas nas línguas do mundo. Segundo o autor, tais consoantes são fonologicamente marcadas para o traço de palatalização [- posterior] e, portanto, não podem ser marcadas pelo mesmo traço duas vezes, o que ocorreria se a palatalização como traço secundário fosse imposta a segmentos que já são palatalizados.

Difere seu posicionamento ao de Keating (1988), no entanto, com relação às palato-alveolares, as quais acredita serem consoantes [- posterior]. Duas evidências são oferecidas: (1) grande quantidade de processos nas línguas do mundo em que uma consoante fricativa alveolar se torna uma palato-alveolar antes de vogais frontais, como aponta Bhat (1978)[24]; (2) a inexistência de línguas que contrastam palato-alveolares e alveolopalatais, como [c, ɟ, ɲ, ɕ, ʑ] em sua classificação.

Se adotarmos o proposto de que palato-alveolares são consoantes [- posterior], somos conduzidos a concluir que o formado abobadado do dorso da língua por trás da constrição coronal nas palato-alveolares só pode ser captado pelo traço [+ alto], o que coloca palato-alveolares e palatais em uma mesma classe, ou seja, aquela caracterizada tanto pelo Traço de Cavidade [+ coronal] quanto pelos traços de Corpo da Língua [- posterior] e [+ alto], ao contrário do que Keating (1988) apregoou, mas em concordância com a sugestão de Ladefoged e Maddieson (1996) de que esse formato abobadado da língua caracteriza-se como um certo grau de palatalização. Se isto é verdade, então concluímos que nem só um formato de língua como o da vogal [i] define uma articulação palatalizada, mas também um tipo articulatório em que a lâmina da língua se aproxima da arcada alveolar e o dorso se retrai e se eleva. O problema que

[24] Para Hall (1997), /i/ é uma vogal [- coronal, - posterior, + alto].

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.696/2003.

rge então é que essa peculiaridade articulatória distintiva do tipo de palatalização erente nas palatais e do tipo inerente nas palato-alveolares não é captado por esse stema de traços, ferindo assim um dos objetivos de seu estabelecimento, conforme encionado na seção 2.2.1, ou seja, a busca de uma descrição fonética menos artificial.

Sumariando, o traço [coronal] revisado passou a incluir em uma mesma classe onsoantes alveolares, palato-alveolares e palatais. Pode-se inferir que, do ponto de vista rticulatório, tanto palatais quanto palato-alveolares envolvem a atuação do corpo da ngua e não só da lâmina para suas realizações, embora a orientação do formato da ngua se difira para as duas classes. Tal fato se traduz no sistema do SPE pelos traços onsonantais – [+ coronal], [- anterior] - e pelos vocálicos – [+ alto] e [- posterior].

Fica por ora em aberto essa questão que será retomada no sexto capítulo, quando roporemos uma solução com base na teoria da Geometria de Traços (CLEMENTS; 985, 1989a, 1989b, 1991; CLEMENTS; HUME, 1995; SAGEY, 1986. 1990).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

2.3 Caracterização Histórica

2.3.1 Introdução

Durante a fase imperial, o sistema consonântico do latim recebeu inovações importantes ocasionadas por processos de palatalização. O ponto de articulação de oclusivas velares sofreu uma espécie de anteriorização por influência da vogal frontal em contexto seguinte, resultando pronúncias como [k^{j}i], [k^{j}e], [g^{j}i], [g^{j}e] para *ci, ce, gi* e *ge,* respectivamente, em quase toda a România. As velares palatalizadas surdas [k^{j}i], [k^{j}e] passaram ainda a [tʃi] e [tʃe] e finalmente a [tsi] e [tse] (*centum* > port. *cento, cem*). Os grupos *gi* e *ge* [g^{j}i], [g^{j}e] tornaram-se em posição intervocálica um simples glide [j] (*regina* > *rainha*), que em posição inicial, passou a [dʒ] (WILLIAMS, 1961, p. 20*)*. Essa africada palato-alveolar sonora proveio também de um glide [j] do latim clássico (*iulium* > *julho*) (TEYSSIER, 1984, p. 10).

Outros processos ocorridos nesse período originaram as consoantes palato-alveolares /ʃ/ e as palatais /ɲ/ e /ʎ/ da língua portuguesa em posição de ataque silábico. De acordo com Williams (1961), o primeiro fonema provém (a) de um *i* ou *e* em hiato que passou a [j] e, após *–ss-,* deu origem a [ʃ], transcrito *x* (*rŭsseŭm* > *roxo*); (b) *sc* seguido por [j] (*fasciam* > *faixa*); (c) *x* medial (*coxam* > *coxa*); (d) das seqüências consonantais *cl, fl* e *pl* que originaram uma africada [tʃ], transcrita *ch*, cuja pronúncia tornou-se [ʃ] por volta de 1700 (*clamāre* > *chamar; flagāre* > *cheirar* e *planum* > *cheio*). Nesse caso, o desenvolvimento parece ter sido o seguinte : pl > pll > pʎ > pj > ptʃ > tʃ > ʃ.

As consoantes lateral palatal e nasal palatal originaram-se a partir de *l* ou *n* seguidos de [j], proveniente de *e* ou *i* em hiato (*filium* > *filho; seniorem* > *senhor*). Outra fonte do fonema /ʎ/ está também na evolução do grupo consoantal *cl* [kl], em que [k] passa a [j] e, em galego-português, palataliza a consoante seguinte (*ocŭlum* > * *ojlo* > *olho*) (TEYSSIER, 1984, p. 11).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

A seção seguinte visa apresentar o trajeto das consoantes alveolares e palato-alveolares até o português moderno, na posição de início de sílaba e na intervocálica. A seção 2.3.3 concentra-se na posição pós-vocálica.

2.3.2 As fricativas alveolares e palato-alveolares

Em sua fase mais antiga, apresentava o galego-português duas africadas pré-dorso-alveolares - /ts/ e /dz/ (resultantes da oclusiva velar palatalizada)- e duas fricativas ápico-alveolares - /s̻/ e /z̻/ (resultantes do *s* latino). Desde cedo, as africadas, por perda do momento oclusivo inicial, começam a se transformar em fricativas em todo o domínio lingüístico ibero-românico, o que resultou em um sistema composto por duas fricativas pré-dorsais (/s/ e /z/) e duas ápico-alveolares (/s̻/ e /z̻/) (MAIA, 1986, p. 438-9).

Embora os quatro fonemas tenham sido nitidamente distintos pela ortografia galego-portuguesa no início (as pronúncias eram diferentes entre *servo* e *cervo* e entre *coser* e *cozer)*, a análise de documentos do século XIII, tanto da Galiza quanto de Portugal, já aponta alguns exemplos de trocas de grafemas, fato que parece refletir modificações em curso no sistema consonântico. Assim, começa a ser percebida uma certa confusão entre *ç* ou *c* ^{e,i}, representantes da fricativa (ou africada) pré-dorsal surda /s/ (← /ts/), e *–ss-* e *s-*, grafias da ápico-alveolar surda /s̻/ . Com relação à contraparte sonora do sistema, a fricativa (ou africada) pré-dorsal /z/ (← /dz), grafada geralmente *–z* e *–z-* , começa a ser confundida com a ápico alveolar /z̻/ , grafada *–s-*, *-ʃ-*, *-ʃʃ-* (MAIA, 1986, p. 457).

A conseqüência desse processo foi a redução do sistema de quatro para duas fricativas apenas, ou seja, o sistema /ts, dz, s̻, z̻/, através de uma etapa intermediária /s, z, s̻, z̻/, evolui para um sistema mais simples, apenas de dois membros.

A justificativa para tal fenômeno parece estar na "pequena margem de segurança" entre os fonemas envolvidos. Do ponto de vista articulatório, isto significa dizer que as duas produções são bastante semelhantes e, devido a diferenças pessoais no trato vocal,

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

a produção apical de um falante pode soar como a dorsal de outro, de tal forma que a identificação do som isoladamente não seja mais possível (MAIA, 1986, p. 447).

Joos (1952, p. 222-223) oferece várias evidências em defesa de tal visão. Afirma ser possível até mesmo encontrar crianças aprendendo a produzir uma forma através da imitação da outra em áreas onde existe apenas um fonema /s/. Já em uma língua que possui os dois fonemas, a diferença sempre será "ouvida" pelos falantes nativos, a menos que as condições de audibilidade sejam más ou que a produção esteja sendo feita por um não-nativo.

Desse modo, segundo o autor, uma oposição fonológica entre a pré-dorsal e a apical não consegue resistir muito tempo às pressões sociais como as que estão presentes em situações de mistura dialetal. Um exemplo típico seriam o alto alemão medieval e o francês arcaico, os quais apresentaram uma oposição estável entre as duas fricativas por um tempo considerável, mas que acabou por se desfazer em cada uma das línguas devido a um período de comunicação inter-dialetal de rápido crescimento.

O processo de redução não se deu sempre em favor de um mesmo fonema pela Península Ibérica. Muito embora a variedade pré-dorsal seja a mais comum nas línguas modernas da Europa Ocidental, conforme afirma Joos (1952, p. 222), em Portugal, foi apenas adotada na região centro-sul, onde, entre os séculos XV e XVI, a multiplicidade de exemplos parece já sinalizar uma verdadeira mudança no sistema. Para Cuesta e Luz (1971, p. 218), porém, a generalização em favor das pré-dorsais para s-, -ss- e –s- ainda não era praticada totalmente em Lisboa "no tempo de Camões", muito embora caracterizasse a fala das classes mais humildes.

No norte de Portugal, os documentos observados por Maia (1986) referentes à região de Entre-Douro-e-Minho não apresentam confusões gráficas como as comentadas para Galiza e centro-sul de Portugal. A explicação pode estar na não manifestação do fenômeno nos textos escritos ou na não simultaneidade com o desenvolvido no centro-sul de Portugal. O fato é que ainda hoje se mantém a oposição fonológica entre as quatro sibilantes em algumas zonas mais arcaizantes do português setentrional, como também em pontos de fala leonesa, junto à fronteira luso-espanhola (nota 1, p. 439) .

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Em outras regiões do território português, foi adotada a redução do sistema em favor das fricativas apicais, o chamado "s beirão", como é o caso da área que compreende do noroeste ao centro-leste de Portugal (TEYSSIER, 1984, p. 51).

Na Galiza, contemporaneamente a Portugal, a perda de distinção também se deu, no geral, em favor das pré-dorsais. No sul da Espanha, embora os vestígos mais antigos do processo sejam de fins do século XV, supõe-se que a confusão no sistema de fricativas já tenha começado muito tempo antes, chegando também à eliminação das ápico-alveolares e à generalização das pré-dorsais ou, no caso andaluz, das pré-dorsais e interdentais (MAIA, 1986, p. 448-449).

Processo semelhante ao descrito para /ts/, /dz/ e /s̪/, /z̪/ ocorreu entre as consoantes palato-alveolares /tʃ/, grafada *ch,* e /ʃ/, grafada *x*. No século XVII, /tʃ/ perde seu elemento oclusivo inicial e, assim, começa a haver confusões entre *ch* e *x* (*xão* por *chão; roxa* por *rocha* e *axar* por *achar*) (TEYSSIER, 1984, p.53-54).

Tal inovação também iniciou-se na região sul de Portugal, onde, no século XVIII, já é tida como consolidada, como atesta Verney em 1746, em seu *Verdadeiro Método de Estudar.* Afirma o autor que o *ch* é articulado como *x* na Estremadura e também em várias outras províncias; no entanto, assim como para as fricativas alveolares, o processo não se expandiu por todo o território: a pronúncia [tʃ] ainda sobreviveu em algumas províncias do norte e até no interior da zona produtora de [ʃ].

Quanto à fricativa palato-alveolar sonora /dʒ/, são vários os grafemas usados na sua transcrição, sobretudo durante o século XIII, o que parece apontar para a possibilidade desse fonema realizar-se, desde tal período, quer como [dʒ], quer como [ʒ]. São mais comuns os grafemas *i , j , y , g* e mais esporádicos *yy, gi* e *yi* (MAIA, 1986, p. 468).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

2.3.3 A produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda

Também a posição de final de sílaba enfrentou a problemática referente a confusões de grafemas em decorrência do processo de igualação das fricativas. Maia (1986, p. 454) registra para a fricativa (ou africada) pré-dorsal sonora a representação pelos grafemas *–z* e *–s* (ou -ʃ) e para a ápico-alveolar, -ʃ, -s, -ʃʃ e ainda -x, a qual aparece de modo muito esporádico, tanto no interior quanto no fim de palavra (*extraya, Lixbõa, ʃex*) (p. 461).

Com relação à pronúncia de tais alógrafos, muitas questões são levantadas pela literatura: quando emergiu a produção palato-alveolar, característica do PE de hoje ? qual a abrangência real do fenômeno em território português? quais fatores contribuiram para seu aparecimento?

A primeira questão suscita várias hipóteses. Teyssier (1984, p. 55), assim como Cuesta e Luz (1971, p. 220-221), defendem que seriam inicialmente pronunciados como sibilantes e teriam se "palatalizado" entre os séculos XVI e XVIII, já que o primeiro registro de pronúncia palatal foi feito em 1746 por Luís Antônio Verney, em seu *Verdadeiro Método de Estudar*, na região da Estremadura, Portugal. Afirma o autor que:

> O que eu sei é que a pronúncia portuguesa acaba em x todas as palavras que acabam em s; quero dizer que todo o s final pronunciam como x, de que não quero outra prova mais que cada um observe como pronuncia o s final, e que diferença tem do s que pronunciam no meio das dicções. (...) Observo que não só o s final se pronuncia como x, mas também o z final, o que V.P. pode ver em Diz, Luiz, Fiz etc (VERNEY, 1949 [1746], p. 77-78).

Outra evidência citada pelo autor para localização do fenômeno entre os séculos XVI e XVIII é a menção feita a tal pronúncia na tradução para o francês, de 1799, da gramática *New Portuguese Grammar* de Antônio Vieira Transtagano, publicada em Londres em 1768. Nas notas e correções introduzidas pelo tradutor (anônimo), diz-se claramente que "*o s* final pronuncia-se quase como *ous*, ou, melhor, aproxima-se

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

sensivelmente de *ouch*". O exemplo que ilustra a afirmação é "*otrous*, ou melhor *otrouch*, que se escreve *outros*". Afirma o autor que:

> [...] se dá freqüentemente o som ch à letra s, quando em posição final. Está sujeita à mesma metamorfose quando antecede outra consoante, aproximando-se muito da pronúncia alemã, sem, no entanto adoptar toda a rigidez, em palavras semelhantes a estado e esposa, que se pronunciam mais ou menos echstado, echsposa (TRANSTAGANO, 1799 [1768], p. 135 apud TEYSSIER, 1984, p. 55).

O estabelecimento de uma ligação estreita entre o fenômeno de igualação das fricativas e o surgimento da pronúncia palato-alveolar possibilita que se suponha o surgimento dessa última no decorrer do século XVI. Nesse sentido, as ápico-alveolares teriam passado a pré-dorsais em início de sílaba e se palatalizado em final de sílaba. A dificuldade demonstrada por alguns estudiosos em aceitar tal suposição não está na propensão à palatalização das ápico-alveolares, mas na localização temporal do fenômeno. Desse modo, para Teyssier (1984, p. 55), se realmente tal transformação ocorreu em Portugal no século XVI, Minas Gerais, densamente povoada no século XVIII, deveria praticar a palato-alveolar em final de sílaba, o que não acontece.

A invalidade dessa hipótese é defendida também por Viana (1892, 1973) em sua *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros,* onde afirma que a pronúncia das fricativas alveolares em posição pós-vocálica ainda não era palato-alveolar em meados do século XVI, mas sim sibilante alveolar, conforme apontam "as considerações sobre a pronúncia do português do centro do reino no tempo de Camões".

Uma posição não tão segura a esse respeito é apresentada por Hart (1955, p. 441-445), que apresenta indícios tanto para a pronúncia da fricativa em coda já ser palato-alveolar no século XVI quanto para ainda não ser. Com relação à ultima possibilidade, afirma o autor que as gramáticas e ortografias contemporâneas nada sugeriram sobre tal fenômeno e, além disso, o *s* de final de sílaba é hoje produzido como [s] em grande parte do Brasil e em alguns pontos de Portugal. Por outro lado, aponta

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

que o grafema *x* ocorre com certa freqüência em manuscritos do português arcaico, fato que já poderia estar indicando uma pronúncia como [ʃ].

Révah (1958, p. 390) defende que a pronúncia palato-alveolar de *s* em posição implosiva no PE é posterior ao século XVI, baseando-se para tanto no fato de estar muito generalizada no PB a pronúncia alveolar. Cunha (1974) atribui-a ao fim do século XVII no PE, supondo que nas áreas do Brasil onde existe é um fato muito recente, já do século XIX. Já Silva Neto (1988), com base também em Verney, situa o fenômeno mais tarde, no primeiro terço do século XVIII.

Nunes (1928, p. 364-365) apresenta uma hipótese sobre a pronúncia palato-alveolar na coda bastante anterior no eixo temporal se comparada às propostas comentadas até aqui. Segundo o autor, aos grafemas *-s, -z –x* correspondia já no galego-português a um som idêntico ao que acontece hoje em Portugal, possivelmente de tipo palatal. A base de sua suposição está nas formas *fiz, quix* e *prix* que aparecem em rima em uma das cantigas de amigo galego-portuguesas analisadas. Em outras composições, as referidas formas aparecem com outras grafias diferentes, como *fix, quis, pris*. Nas Cantigas de Santa Maria de Afonso X, essas mesmas formas surgem em rima sempre com *–x*.

Maia (1986, p. 461-64), assim como também Williams (1961, p. 102), concordam com a possibilidade de que desde o período galego-português, *-s, -z* e *–x* em posição de coda pudessem apresentar uma pronúncia palato-alveolar. Além da alternância entre os grafemas *–z, -s* e *–x*, a autora aponta como evidência a supressão da consoante final de palavra quando diante de outra inciada por consoante palato-alveolar, como o encontrado em um documento do século XIII escrito em galego, onde se encontra uma seqüência como "dou chumaços". Na mesma frase, verifica-se a não-supressão quando a consoante que inicia a palavra seguinte começa por outro segmento que não palato-alveolar, como em "dous façeyróos"[25]. A supressão, portanto, parece ser explicável se a realização dessa consoante for palato-alveolar.

[25] "[...] e mando y conmigo meu leyto com una cóçedra e com dou chumaços e dous façeyrós [...]" (COUSELO, X. F. A vida e a fala dos devanceiros. *Escolma de documentos en galego dos séculos XIII ao XVI*. I. Vigo, 1967. doc. 24 de 1278 apud MAIA, 1986, p. 462, nota (3))

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Do exposto acima, conclui-se: se o testemunho de Verney deixa claro que a realização palato-alveolar já estava bastante difundida em Portugal na primeira metade do século XVIII, faz-se necessário supor que, durante muitas gerações, ou mesmo durante vários séculos, se processou a entrada da pronúncia palato-alveolar em posição de coda, ou seja, já se caracterizava como um processo em andamento no galego-português, como apontam as grafias acima comentadas, e que viria a triunfar em grande parte de Portugal.

Com relação à questão sobre a expansão do fenômeno em território português, o próprio registro de Verney mencionado anteriormente, ao citar a região da Estremadura, já localiza a força do fenômeno ao sul de Portugal. Assim também o faz Revah (1958) e Cunha (1974).

Embora a fricativa palato-alveolar na coda tenha operado inicialmente ao sul de Portugal, e tenha sido, portanto, adotada em Lisboa, onde se localizava a Corte, sua propagação por outras regiões do território português não se deu uniformemente. Do mesmo modo que o observado no processo de redução das fricativas em outras posições, a região sul se caracterizou como inovadora e a norte, como conservadora, mantendo até hoje áreas em que as produções ápico-alveolares e pré-dorso-alveolares coexitem, como o nordeste de Portugal, e outras, mais para o centro do território, em que são ouvidas as ápico-alveolares nessa posição (TEYSSIER, 1984, p. 55-56).

Desse modo, constata-se que foi justamente ao sul, onde a redução se deu em favor de duas fricativas, uma surda e outra sonora, pré-dorsais, que a produção da palato-alveolar encontrou seu espaço mais propício de difusão. Maia (1986, p. 456) supõe que a redução das fricativas ápico-alveolares e pré-dorsais, cujo reflexo se deu na confusão das grafias correspondentes, tenha se iniciado justamente na coda, e não no ataque, por ser aquela a posição onde "z era um som articulatoriamente relaxado".

A terceira questão pode ser respondida com base na estreita semelhança articulatória entre as ápico-alveolares e as palato-alveolares. Conforme comentado anteriormente, autores como Teyssier (1984, p. 55) e Silva Neto (1988, p. 617-618)

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

defendem que com a redução do sistema de duas apicais e duas pré-dorsais em favor das pré-dorsais na área meridional de Portugal, poderia ter ocorrido a passagem direta das apicais às palato-alveolares em posição interna antes de consoante.

A propensão à palatalização demonstrada pelas ápico-alveolares está diretamente relacionada à própria natureza instável desses sons, conforme o comentado anteriormente em referência à dificuldade das apicais em se estabelecerem nos sistemas das línguas européias, fato que as torna menos comuns do que as fricativas dorsais.

O gesto articulatório das fricativas apicais é muito mais parecido com o das palato-alveolares do que com o das pré-dorsais. Para a produção das apicais, ocorre a formação de uma câmara de ressonância abaixo da ponta da língua e por trás dos dentes inferiores, que origina um som um tanto "abafado", bastante característico de [ʃ], conforme o descrito em 2.1.3. Já a dorsal tem o espaço equivalente preenchido pela língua, o que origina, portanto, uma ressonância mais alta e um som mais "nítido" (JOOS, 1952 p. 222; WILLIAMS, 1961, p. 73).

Evidências da proximidade destes sons são encontradas em empréstimos franceses da língua inglesa, os quais oferecem uma gama de exemplos da passagem das ápico-alveolares do francês arcaico a palato-alveolares do inglês. Ao "emprestar" palavras que continham ápico-alveolares do francês, o inglês operou substituições em duas direções: (1) na maioria dos casos, da ápico-alveolar para a pré-dorsal, como em *base*, por exemplo; (2) da ápico-alveolar para palato-alveolar, como em *cash* e *push.* (JOOS, 1952, p. 225).

Outro manifesto da passagem de fricativa apicais para palato-alveolares é apresentado por Cuesta e Luz (1971, p. 62) também para a posição de ataque, no norte e centro de Portugal, onde as ápico-alveolares em contato com um [i] se palatalizam por completo, produzindo, por exemplo, [biˈʒɛw] para o topônimo *Vizeu* e [ˈdiʃə] para *disse*. Também a palatalização do *s* latino em início de sílaba (lat. *syringam* > *xeringa* para *seringa*), cujos vestígios no português atual são raros, é explicada como conseqüência da semelhança da antiga apical portuguesa com a palato-alveolar. A

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

hipótese de que tal fenômeno se devesse à influência mourisca foi abandonada por ter-se apresentado também em zonas da Romania muito distantes da fronteira árabe (JOOS, 1952, p. 273; WILLIAMS, 1961, p.73).

Hart (1955, p. 415) oferece provas da proximidade entre ápico-alveolares e palato-alveolares ao se referir à mudança ocasional de s a [ʃ] no espanhol arcaico (*sāpōnem* > xabón) como conseqüência da semelhança acústica entre as duas fricativas. Acredita o autor que a produção palato-alveolar em posição final de sílaba seja posterior à passagem de [s̻] para [s] em início de sílaba e, além disso, que tenha ocorrido apenas em certas palavras (ou talvez apenas diante de certas consoantes).

O caráter instável da fricativa ápico-alveolar é ainda atestado no francês arcaico, onde, em posição pós-vocálica e diante de consoante, sofreu um processo de enfraquecimento que resultou no aparecimento de um alofone fricativo surdo [h] por volta do século XII. Assim, uma palavra como *paste* /paṣ̻tə/ [pɑṣ̻tə], articulada com [ɑ] devido à retração da língua provocada pela ápico-alveolar [ṣ̻], mudou para [pɑhtə], com um [h] muito parecido com um som vocálico. Mais tarde, esse [h] tornou-se sonoro para depois, finalmente, perder toda sua fricção, deixando outro [ɑ] em seu lugar na mesma sílaba. Em outras palavras, o que aconteceu foi uma prolongação do [ɑ] original, de forma que uma palavra como *paste* passou a ser [pɑ:tə], onde não se vê mais um alofone da ápico-alveolar, mas apenas mais um elemento do sistema vocálico da língua (JOOS, 1952, p. 228).

Sumariando a seção, pode-se afirmar que a produção da palato-alveolar em posição implosiva está interligada ao processo de redução das fricativas, na medida em que as ápico-alveolares na coda passaram a palato-alveolares (ou palatalizaram-se) ao invés de caminharem em direção à pré-dorso-alveolar. O processo de simplificação do sistema de sibilantes, bem como o de palatalização em posição pós-vocálica, parece ter sido motivado principalmente em áreas de contato inter-dialetal intenso, como parece ter sido o caso do sul de Portugal, centro do reino. Indícios desses fenômenos já são visíveis

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

desde o século XIII, sendo que, no século XVIII, já eram bastante presentes no centro-sul de Portugal.

Disso conclui-se que a ampliação do império português nos séculos XV e XVI transportou para as colônias de Madeira e Açores, costa ocidental da África e Brasil, um sistema de fricativas que apresentava tanto as ápico-alveolares quanto as pré-dorsais em início de sílaba, em posição intervocálica e em final da sílaba, onde também poderia ocorrer, ainda que de forma incipiente, a fricativa palato-alveolar.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

2.4 Conclusão

As consoantes palato-alveolares [ʃ, ʒ] e palatais [ʎ, ɲ], embora constituam inovações do sistema consonântico do português, originadas a partir de processos de palatalização, apresentam configurações de corpo da língua diferenciadas: enquanto para as palatais a palatalização está relacionada a um formato de língua semelhante ao da vogal [i], para as palato-alveolares relaciona-se ao formato abobadado assumido pelo corpo da língua por trás da constrição principal.

Desse modo, a inclusão desses grupos distintos de consoantes em um mesmo processo justifica-se por ser a palatalização caracteristicamente um fenômeno que reúne processos diversos, mas que se relacionam de várias formas. Esse fato se reflete na divisão tripartida que Bhat (1978) estabelece para seu estudo em várias línguas e dialetos com relação aos processos indutores (levantamento da língua, frontalização da língua e espirantização) e nos diversos ambientes que circundam a consoante candidata à palatalização e que não se restringem à vogal ou glide frontal alto.

As propostas de formalização da regra de palatalização da fricativa em posição de coda em língua portuguesa, de base gerativa (SPE), relacionam esse fenômeno à especificação somente do traço [- anterior]. Diante do exposto com relação à descrição fonética do tipo consonantal palato-alveolar, e diante do próprio propósito do sistema de traços do SPE, ou seja, a busca de uma descrição fonética menos artificial, conclui-se pela necessidade de estipulação de mais um traço definidor do processo, relacionado agora ao deslocamento do corpo da língua.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

CAPÍTULO 3

A FONOLOGIA LEXICAL

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

3.1 Introdução

A Fonologia Lexical, um dos módulos da chamada *fonologia não-linear*, caracteriza-se por integrar em uma mesma teoria regras morfológicas e fonológicas.

Embora o SPE tenha desconsiderado a distinção pré-gerativa entre regras da fonologia e regras da morfofonologia, deve-se o restabelecimento da importância dessa dicotomia, em grande parte, aos avanços nos estudos fonológicos e morfológicos efetuados na década de setenta e liderados principalmente por Siegel (1978), Jackendoff (1975), Aronoff (1976) e Pesetsky (1979).

A discussão em torno da questão do ordenamento de regras em várias línguas conduziu à constatação de que o ordenamento fixo não apresentava nenhum benefício em línguas onde uma regra B, ordenada após uma regra A, se aplica a uma fileira derivada [xy], mas bloqueia uma fileira subjacente idêntica [xy].

Mascaró (1976) propôs relacionar o problema levantado por regras fonológicas restritas a contextos derivados à *ciclicidade estrita* apresentada por Chomsky (1973) para a sintaxe transformacional. O resultado foi a formulação da *Condição do Ciclo Estrito*, segundo a qual a restrição de aplicação de algumas regras a contextos derivados é uma propriedade de regras que se aplicam em *ciclos*, ou seja, regras ordenadas em conjuntos que se aplicam repetidamente a fileiras cada vez maiores.

O domínio para aplicação de tais regras é fornecido pela estrutura morfológica. Sendo assim, informação de um ciclo anterior constitui um domínio opaco à aplicação de regras mais tardias, a menos que a regra faça referência à informação na representação que atravesse a fronteira entre o ciclo corrente e o precedente. Uma conseqüência direta dessa condição é que a representação subjacente passa a constituir um domínio opaco, pois nenhuma regra cíclica pode entrar nesse domínio diretamente sem a assistência de um afixo.

No campo da morfologia, estudos provaram que a propriedade de opacidade oriunda da sintaxe transformacional também se mostrava relevante. Siegel (1978)

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

apontou, com base em dados referentes à questão da afixação em inglês, que apenas as informações provenientes do ciclo imediatamente precedente estão disponíveis às regras de formação de palavras, o que se torna visível com a supressão de colchetes internos no final de cada ciclo da derivação. Desse modo, na etapa da derivação onde o prefixo *un-* se aplica a uma fileira como *[[discover]ed]*, por exemplo, a fileira *dis-* apresenta o mesmo status dos três fonemas da seqüência inicial da palavra *discotheque* (KENSTOWICZ, 1994, p. 212).

Pesetsky (1979), com base na observação de que os colchetes internos da morfologia são de fundamental importância para a delimitação dos domínios de aplicação das regras fonológicas, propôs um modelo de interação entre fonologia e morfologia em que as regras fonológicas cíclicas se aplicam no léxico, após cada regra de formação da palavra. Essa proposta é tida como a primeira a estabelecer uma relação verdadeiramente interacionista entre fonologia e morfologia, pois assume que regras fonológicas se aplicam no léxico após cada operação morfológica, incluindo operações dentro do mesmo estrato. O output dessa operação pode ainda passar por derivação morfológica adicional, de modo que cada operação morfológica caracterize um input para o ciclo fonológico.

Uma conseqüência direta dessa proposta é que as regras fonológicas lexicais não necessitam mais ser rotuladas como cíclicas, pois sua ciclicidade segue diretamente da forma como a gramática está organizada.

A questão do ambiente derivado, o papel da morfologia na fonologia e, mais especificamente, as idéias de Pesetsky foram sintetizadas por Paul Kiparsky (1982, 1985) na chamada Fonologia Lexical. A seção 3.2 apresenta os pressupostos desse modelo e a visão alternativa do componente lexical proposta por Booij e Rubach (1987). A localização da regra de palatalização da fricativa em posição de coda na gramática da língua portuguesa também é oferecida. A seção 3.3 discute, com base na Teoria da Subespecificação, o status lexical da consoante fricativa em exame.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

3.2 O modelo da Fonologia Lexical: propostas de Kiparsky (1982, 1985) e Booij e Rubach (1984, 1987)

O modelo teórico clássico da Fonologia Lexical reconhece a existência de dois grandes componentes – lexical e pós-lexical -, conforme ilustra a Figura 4 a seguir.

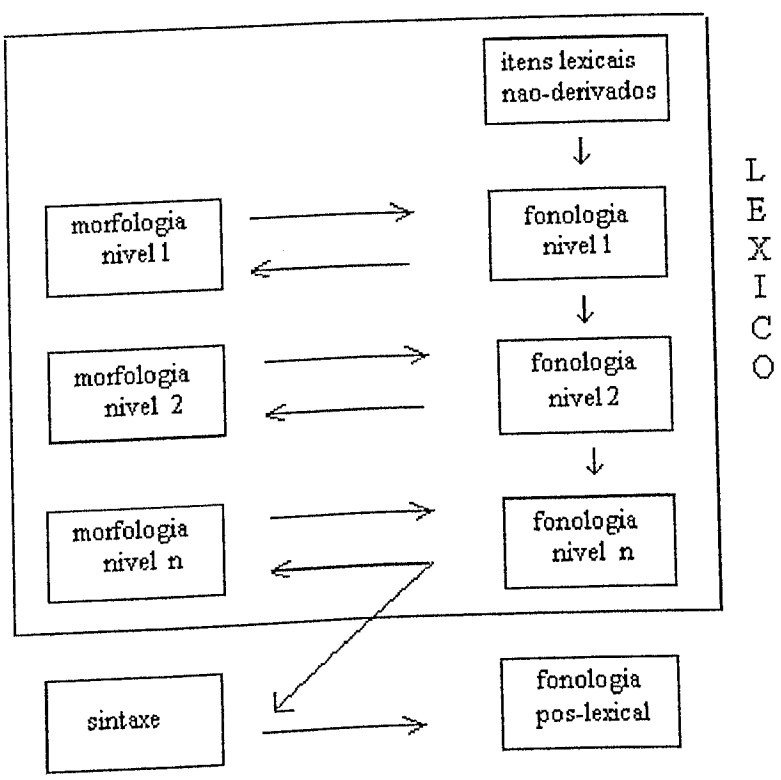


Figura 4 – Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982)

O componente lexical é considerado como central à gramática e abrange não só as propriedades idiossincráticas das palavras e morfemas, mas também as regras de formação de palavra e as regras fonológicas.

A coluna da esquerda exposta na Figura 4 mostra que os processos flexionais e derivacionais são ordenados em níveis, o que reflete a ordem dos processos morfológicos na formação das palavras. As flechas mostram que a saída de cada processo de formação de palavras passa por regras fonológicas (coluna da direita) dentro do próprio léxico. Cada nível, portanto, funciona como domínio para um conjunto de regras fonológicas.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

A ciclicidade é fruto desse entrelaçamento entre fonologia lexical e morfologia e pode acontecer dentro do próprio nível, quando uma determinada regra fonológica se aplica ao output de operações morfológicas do mesmo nível, ou entre níveis, quando uma determinada regra opera em dois níveis consecutivos: aplica-se em um nível *n* e depois novamente em um nível *n + 1*.

As regras fonológicas que se intercalam com as operações morfológicas sucessivas no léxico constituem, portanto, as chamadas *regras lexicais*. São governadas pela Condição do Ciclo Estrito e pelo Princípio de Preservação de Estrutura.

A *Condição do Ciclo Estrito*, reformulada por Kiparsky, assume a forma apresentada em (9).

(9)

> If W is derived from a lexical entry W', where W' is nondistintic from XPAQY and distinct from XPBQY, then a rule A → B/ XP _QY cannot apply to W until the word level (KIPARSKY 1985, p. 89)[1].

O caráter interacionista do modelo segue exatamente da relação próxima entre ciclicidade e essa Condição, a qual limita a aplicação de regras cíclicas a estruturas derivadas, criadas na morfologia. O condicionamento proveniente da realidade da regra gera um movimento no sistema, não dos estratos morfológicos e fonológicos, mas das formas output resultantes de um estrato que adentram o outro como input.

Outro elemento básico para o funcionamento da Fonologia Lexical é o *Princípio de Preservação de Estrutura*, segundo o qual uma regra fonológica lexical não pode se referir a traços que não sejam distintivos, o que significa dizer que todas as regras fonológicas lexicais devem ser definidas com base no conjunto de segmentos subjacentes da língua. Não há espaço para a alofonia no componente lexical; por conseguinte, se uma regra introduzir ou se referir a um segmento não contrastivo, é impedida pelo Princípio de Preservação de Estrutura de se aplicar nesse componente.

---

[1] Se W é derivado de uma entrada lexical W', onde W' é não-distinto de XPAQY e distinto de XPBQY, então a regra A → B/ XP _ QY não pode se aplicar a W até o nível da palavra.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Kiparsky (1973) considera ainda a importância da atuação do princípio *Elsewhere Condition* com relação ao fenômeno de bloqueio. Sua função é garantir que a regra mais específica se aplique antes da regra mais geral, caso o resultado de aplicação das regras a uma mesma fileira for distinto e a descrição estrutural da regra mais geral incluir a descrição estrutural da mais específica. A formalização final desse princípio é apresentada como (10).

(10)

> Rules A and B in the same component apply disjunctively to a form θ if and only if
>
> a) The structural description of A (the special rule) properly includes the structural description of B (the general rule);
>
> b) The result of applying A to θ is distinct from the result of applying B to θ.
>
> In that case A is applied first, and if it takes effect, then B is not applied. (KIPARSKY, 1982, p. 136)[2].

A Condição *Elsewhere* é importante para a descrição do papel das regras de Harmonização Vocálica e de Abaixamento em processos de alternância vocálica em formas verbais do tempo presente em língua portuguesa (Harris, 1974). O ambiente da regra de Abaixamento (/mov + e/) → m[ɔ]ve) é menos restrito que o da regra de Harmonização (/mo+ e + o/ → m[o]vo), uma vez que afeta a última vogal não alta da raiz e uma pequena classe de vogais altas. Além disso, os resultados de aplicação das regras são distintos: enquanto a regra de Harmonização atribui o traço [- baixo] para a vogal da raiz, a regra de Abaixamento atribui [+ baixo]. Conseqüentemente, de acordo com a previsão da Condição *Elsewhere* em (10), qualquer forma que sofra harmonização não pode sofrer abaixamento.

---

[2] Regras A e B no mesmo contexto aplicam-se disjuntivamente a uma forma θ se e somente se:

a) a descrição estrutural de A (a regra especial) inclui adequadamente a descrição estrutural de B (a regra geral);

b) o resultado da aplicação de A a θ é distinto do resultado da aplicação de B a θ.

Nesse caso, A aplica-se primeiramente, e se tem efeito, então B não se aplica.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

As características que identificam uma regra lexical podem ser observadas na regra de encurtamento trissilábico no inglês (KIPARSKY, 1982), em que uma vogal longa se torna curta quando seguida por duas sílabas, a primeira das quais não-acentuada. A regra se aplica a formas derivadas por sufixação, como *divīne* → *divĭnity* e *serēne* → serĕnity, mas é bloqueada em *nightingale* e *ivory* em respeito à Condição do Ciclo Estrito, já que tais itens são não derivados.

Embora os sufixos *–ity* e *–fy* geralmente iniciem a aplicação do encurtamento trissilábico, há exceções, como *obesity*, fato previsto em regras do componente lexical. Em respeito ao Princípio de Preservação de Estrutura, observa-se ainda que a regra em questão relaciona segmentos que ocorrem como fonemas independentes em inglês – /ij/ (*se*[ij]*ne*) e /ɛ/ (*se*[ɛ]*nity*) –, contrastantes em pares mínimos como *beat* vs. *bet*.

Após a aplicação de todas as regras lexicais, as palavras podem adentrar a sintaxe, conforme indica a seta em sentido descendente na Figura 4. A informação fornecida por esse componente não está disponível à fonologia lexical e, conseqüentemente, as frases ou locuções produzidas não são atingidas por regras lexicais, muito embora ainda possam ser alcançadas por regras fonológicas tardias, atuantes no componente que segue a sintaxe - o pós-lexical.

As regras pós-lexicais são intrinsecamente não-cíclicas, já que não há nesse nível intercâmbio entre morfologia e fonologia. Desse modo, não podem se referir aos parênteses internos das palavras, já que a saída do léxico implica na impossibilidade de acesso a qualquer tipo de informação sobre a organização interna das palavras. Após a aplicação das regras lexicais, os parênteses morfológicos são apagados pela Convenção de Apagamento dos Colchetes.

Como operam apenas após as palavras terem sido combinadas em sentenças na sintaxe as regras pós-lexicais podem aplicar-se entre palavras (*across the board*), sem exceções, sempre que sua descrição estrutural for encontrada.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Ao contrário das regras lexicais, regras pós-lexicais podem introduzir segmentos não-constrastivos, não estando, portanto, sujeitas ao Princípio de Preservação de Estrutura.

A regra de *flapping* em inglês (KENSTOWICZ, 1994, p. 195-196) exemplifica o comportamento de regras pós-lexicais. O contexto de aplicação é estabelecido em termos puramente fonológicos, sem nenhum tipo de informação morfológica: oclusivas dentais entre vogais, a primeira delas acentuada, convertem-se em [ɾ]. A regra se aplica tanto dentro de morfemas, como em *atom* (a[ɾ]om), quanto em fronteira morfemática, como em *meeting* (mee[ɾ]-ing) ou no nível frasal, como em *What is wrong?* (wha[ɾ] is). Não são registradas exceções.

Adicionalmente, o output [ɾ] não faz parte do inventário subjacente dos segmentos fonológicos contrastantes em inglês. Esse som só surge como um produto da regra de *flapping*.

Booij e Rubach (1987) apresentam uma proposta de organização das regras fonológicas no léxico que se diferencia do modelo de Kiparsky (1982, 1985) por propor a existência de três tipos de regras: regras lexicais cíclicas, regras lexicais pós-cíclicas e regras pós-lexicais. O modelo proposto pelos autores é apresentado na Figura 5 a seguir.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

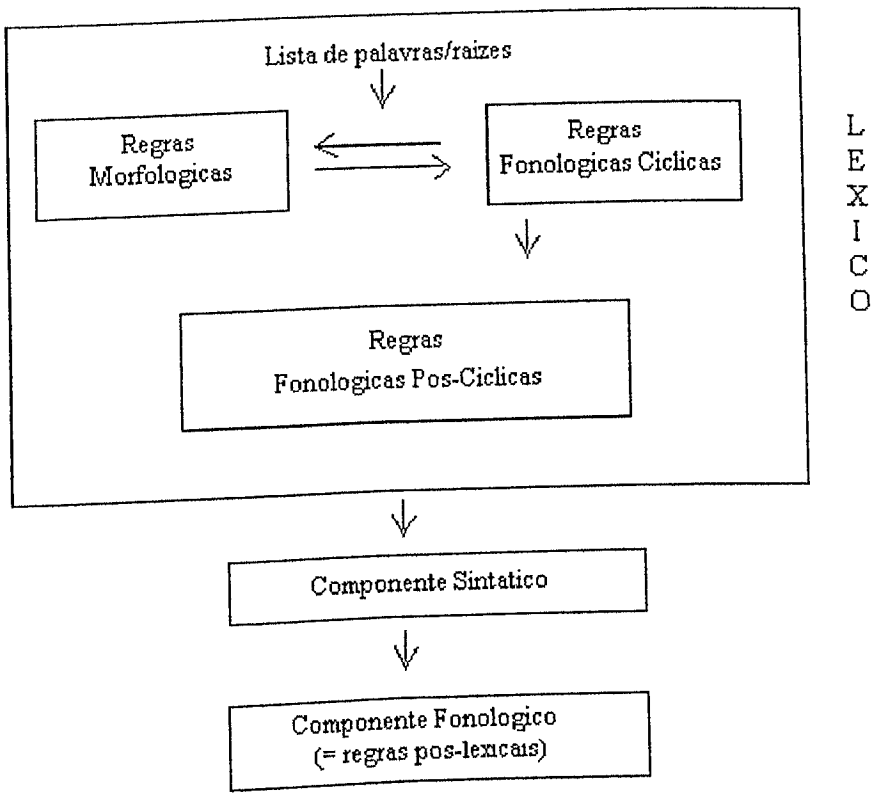


Figura 5: Fonologia Lexical (BOOIJ; RUBACH,1987)

As regras lexicais cíclicas funcionam de modo interativo, de acordo com o modelo clássico de Kiparsky (1982): reaplicam-se após cada operação de formação de palavra e estão sujeitas ao Princípio do Ciclo Estrito. O output desse ciclo funciona como input para as regras fonológicas pós-cíclicas.

De modo oposto às regras cíclicas, as regras lexicais pós-cíclicas não interagem com a morfologia e não estão sujeitas ao Princípio do Ciclo Estrito, o que permite que se apliquem livremente tanto em monomorfemas (itens não-derivados) quanto entre fronteiras morfemáticas. Além disso, podem originar segmentos ou estruturas silábicas que não estão presentes subjacentemente.

Conforme expõe a Figura 5, as regras pós-lexicais aplicam-se após a sintaxe. A distinção entre fonologia da palavra (componente lexical) e fonologia da frase (componente pós-lexical) preconizada pelos modelos anteriores é mantida.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

O modelo de Fonologia Lexical que assumimos para a língua portuguesa se baseia em Wetzels (1992). Seguindo os pressupostos fundamentados em Kiparsky (1985), admite o autor que o léxico está ordenado em dois níveis: o da raiz (nível 1) e o da palavra (nível 2). No nível 1 há total interação entre morfologia e fonologia, enquanto no nível 2 toda morfologia se aplica antes da fonologia. O output do léxico adentra a sintaxe e depois se submete às regras fonológicas do componente pós-lexical.

A regra de palatalização da fricativa pós-vocálica caracteriza-se como pós-lexical (LEE, 1992, p. 117; MATEUS; D'ANDRADE, 2000, p. 35). Assim como a regra de *flapping* em inglês, comentada anteriormente, o contexto de aplicação da regra em exame nesse estudo não faz referência à informação morfológica, ou seja, ocorre tanto em fronteira morfemática, como em *descascar* (de[ʃ]cascar), quanto no interior do morfema, como em *festa* (fe[ʃ]ta). Outra característica importante se refere a sua aplicação no nível frasal, entre palavras, como em *mais dinheiro* (mai[ʒ] dinheiro), *eles foram* (ele[ʃ] foram) e *luz elétrica* (lu[ʒ e]létrica). Adicionalmente, a palatalização da fricativa pós-vocálica é uma regra variável e não inclui exceções.

Também no componente pós-lexical localiza-se a regra de assimilação regressiva de sonoridade. A fricativa pós-vocálica assimila o traço [voz] da consoante seguinte na mesma palavra (me[zm]o, fe[ʃt]a) ou na palavra seguinte (a[z g]arotas, mai[ʒ d]inheiro), sem exceções. Quando em posição final absoluta, seguida por pausa, apenas o traço [-voz] se manifesta (pa[s], feli[ʃ]).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

3.3 A Teoria da Subespecificação

A Fonologia Lexical ofereceu um novo impulso à idéia, já defendida pela Escola de Praga com a estipulação de arquifonemas, de que vazios nas especificações de traços podem expressar generalizações fonológicas significativas.

De acordo com Kiparsky (1985), os valores redundantes e os valores não-marcados dos traços estão ausentes da representação subjacente. Nesse nível, apenas o valor marcado é especificado. O preenchimento dos valores não especificados se dá no léxico, quando uma regra lexical o exigir; mas, de modo geral, ocorre no pós-léxico, por meio de regras de redundância ou de regras default, as quais inserem o valor não-marcado de um traço.

Essas idéias culminaram na abordagem dita *radical* à subespecificação (ARCHANGELI, 1984; PULLEYBLANK, 1986). A principal evidência para a especificação mínima na estrutura subjacente vem de casos de transparência fonológica em processos de harmonização vocálica, como o verificado em japonês (MESTER; ITÔ, 1989).

Uma visão alternativa à subespecificação radical é a chamada subespecificação *restritiva* (STERIADE, 1987), de acordo com a qual apenas os traços contrastivos devem ser especificados na representação subjacente. Traços redundantes são subespecificados.

Tanto a versão radical quanto a restritiva são consideradas como teorias genuínas à questão da subespecificação e somente a evidência empírica é capaz de decidir qual é mais adequada, já que ambas as posições são empiricamente atestadas em diferentes situações (MESTER; ITÔ, 1989, p. 267).

Para a língua portuguesa, Mateus e D'Andrade (2000, p. 35) adotam a versão radical de subespecificação, o que acarreta a não-especificação dos traços de ponto de articulação na representação subjacente das consoantes /s, z/, por serem consideradas, ao lado de outras coronais [+ anterior], como /t, d, l, ɾ, n/, bastante comuns nas línguas do

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

mundo (ver Capítulo 2, seção 2.2.3.1). O preenchimento é previsto no nível pós-lexical e é guiado pela localização dos segmentos na sílaba: se a consoante estiver no ataque, são especificadas como [+ coronal, + anterior] por regras default; se estiver na coda, regras de alofonia são disparadas.

Não intencionamos na presente pesquisa propor um estudo a respeito da questão da subespecificação no sistema consonantal da língua portuguesa. No entanto, entendemos que, embora a ausência do traço de ponto de articulação na subjacência seja bastante sugerida para as coronais (KIPARSKY, 1985; MESTER; ITÔ, 1989; YIP, 1991), seu status não-marcado em termos universais não é totalmente comprovado, já que há línguas onde sofrem no léxico restrições de co-ocorrência ocasionadas pela adjacência a outras consoantes coronais (YIP, 1988 apud YIP, 1991). Conforme McCarthy e Taub (1992) afirmam, a questão da subespecificação das coronais parece ainda não estar totalmente resolvida.

Diante disso e do fato de que a presença do traço [coronal] na representação subjacente é necessária para a adequada estipulação da Condição de Boa Formação Silábica da Rima e da Regra de Adjunção do /S/ em língua portuguesa, como será discutido no Capítulo 4, propomos que /s, z/ sejam plenamente especificados para os traços [coronal], [anterior] e [voz] e que seja a silabificação do segmento na coda ou no ataque responsável, respectivamente, pela neutralização ou não do traço [anterior] e pela neutralização do traço [voz].

Com relação ainda a esse último traço, sistemas de obstruintes em várias línguas do mundo mostram que a presença de uma série obstruinte [+ voz] implica a presença de uma série obstruinte correspondente [- voz], mas não o contrário. Esse fato conduz à conclusão de que [- voz] é o valor não marcado para o traço, o que implicaria, em uma visão radical de subespecificação, na sua eliminação da representação subjacente. No entanto, fatos de língua comprovam a atuação no componente lexical do valor negativo do traço em regras de assimilação (WETZELS; MASCARÓ, 2001, p. 231-232), o que nos leva a crer que os dois valores do traço existem nesse componente, pelo menos para algumas línguas.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Em português, parece-nos, portanto, que (i) a não-especificação está restrita à posição de coda e (ii) o caráter não-marcado interlingüístico de [-voz] é verificado na posição de coda absoluta, quando a fricativa coronal não apresenta contexto seguinte consonantal ou vocálico.

Admitimos ainda nesse estudo que segmentos não carregam especificações para certos traços, tanto subjacentemente quanto em qualquer outro estágio derivacional subseqüente. Coronais, por exemplo, são inerentemente não especificadas para o traço [labial]. Esse tipo de subespecificação, conhecido como *permanente* (STERIADE, 1995, p. 117), está diretamente relacionado aos pressupostos da *Geometria de Traços* e será apresentado no capítulo 5.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

3.4 Conclusão

Assumimos, nesse capítulo, que a consoante /s/ silabada na coda em língua portuguesa é interpretada como uma consoante [+ contínua, + coronal], neutralizada para o traço correspondente à palatalização. Esse traço é inserido no componente pós-lexical. A especificação para o traço [voz] é fornecida também no pós-léxico, pelo contexto seguinte ou por regra default de atribuição do valor não-marcado para o traço (ou seja, [- voz]).

O capítulo seguinte, através da Teoria da Sílaba, examina as restrições fonotáticas inter-sílaba e intra-sílaba que envolvem a fricativa palato-alveolar em língua portuguesa.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

CAPÍTULO 4

A SÍLABA

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

4.1 Introdução

O reconhecimento da categoria sílaba como um elemento essencial para a compreensão da estrutura fonológica consolidou-se devido a pesquisas subseqüentes à publicação do SPE, muito embora a noção conceitual referente remonte à gramática tradicional.

A sílaba recebeu basicamente dois tipos de interpretação ao longo do desenvolvimento da teoria fonológica. Partiu de uma abordagem totalmente linear, em que é concebida como meramente uma seqüência de segmentos em uma representação delimitada por fronteiras silábicas ou elementos de juntura (HOOPER, 1976) e alcançou uma interpretação não-linear, como uma unidade hierárquica na representação fonológica.

À luz dessa última perspectiva, há ainda a possibilidade de ser interpretada como uma estrutura de ramificação sem estrutura interna (KAHN, 1976; CLEMENTS; KEISER, 1983; NESPOR; VOGEL, 1986) ou como uma estrutura de ramificação com estrutura interna (SELKIRK, 1982), caso em que recupera o conjunto de constituintes formado por ataque, núcleo e coda, mencionados já por Trubetzkoy (1969) e Pike e Pike (1947), ou apenas ataque e rima (HARRIS, 1983)[1].

É sobre essa última questão - a necessidade de estruturação interna na composição silábica - que nos debruçamos em 4.2 a seguir. Em 4.3 examinaremos as relações de contraste sonoro intra-sílaba e inter-sílaba por meio das escalas de sonoridade de Jespersen (1904) e Hooper (1976). Em 4.4, partimos da proposta de Bisol (1999) para análise da sílaba em língua portuguesa e examinamos as restrições fonotáticas que regem a constituição da rima na língua. Enfoque será dado nessa seção ao ditongo decrescente e à vogal epentética diante de seqüências sC. Finalmente, evidências para a estipulação da rima como domínio da regra de palatalização da fricativa pós-vocálica serão apresentadas.

[1] Os termos *onset* (ataque), *peak* (núcleo) e *coda* (coda) foram propostos originalmente por Hockett (1955) e o termo *rime* (rima), por Fudge (1969) (SELKIRK, 1982, p. 380, nota 3).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

4.2 A Questão da Constituição Silábica

4.2.1 Estrutura silábica de ramificação: ausência de constituição interna

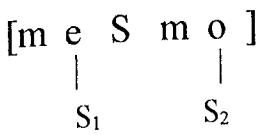
4.2.1.1 Kahn (1976)

Influenciado diretamente por inovações propostas pela teoria autossegmental de Goldsmith (1976) (ver Capítulo 5), Kahn define a sílaba, em termos perceptuais e articulatórios, como uma unidade maior do que o segmento e menor do que a palavra, responsável pelo condicionamento de diversos processos que ocorrem no nível fonético do espectro fonológico (KAHN, 1976, p. 17, 20).

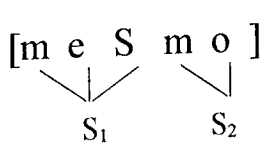
Propõe o autor que a sílaba seja representada por uma estrutura hierárquica onde linhas de associação estabeleçam a ligação entre o nó silábico S e os segmentos. Cada seqüência máxima de segmentos dominados por um único nó S constitui uma sílaba. A silabificação é gerada por um conjunto de regras que se aplicam em um único ponto na derivação. O algoritmo proposto pelo autor (KAHN, 1976, p. 38) é apresentado em (11) a seguir.

(11)

(i) Cada segmento [+ silábico] é associado a exatamente uma sílaba



(ii) Cada segmento [- silábico] é associado a pelo menos uma sílaba

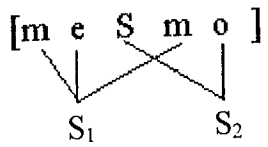


(iii) Linhas de associação entre sílabas e segmentos não podem se cruzar.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Uma silabificação do tipo [meSm.u] ou [me.Smu], embora seja prevista pelo algorítimo acima, é excluída por regras específicas da língua. A regra (iii) impede que silabificações do tipo (12) sejam geradas :

(12)



Os elementos que compõem a sílaba estabelecem entre si o mesmo tipo de relação e funcionam apenas conjuntamente em regras fonológicas. A representação resultante, conseqüentemente, afasta-se da noção de silabicidade como a relação entre um segmento e seus vizinhos, ou seja, como originada pela contração dos músculos respiratórios com conseqüente sopro de ar e um único pico de sonoridade ou proeminência (PIKE; PIKE, 1947, p. 60; ABERCROMBIE, 1967, p. 35).

4.2.1.2 Clements e Keiser (1983)

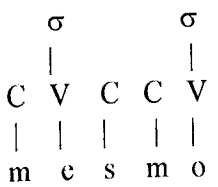
Seguindo a mesma linha de Kahn, mas adotando a distinção entre unidades de tempo C/V e segmentos, preconizada por McCarthy (1979), Clementes e Keyser (1983) apresentam um modelo silábico que dispensa o traço [± silábico] à medida que introduz uma terceira camada entre a camada silábica e a segmental - a camada CV - constituída por entidades de representação fonológica formal e com a função de distinguir posições funcionais dentro da sílaba, ou seja, diferenciar os picos silábicos (V) das margens (C). Não há uma correspondência analógica entre os elementos C e V e os traços [+ silábico] e [- silábico], respectivamente, porque os primeiros servem à função adicional e igualmente importante de definir as unidades primitivas de tempo do nível sub-silábico da representação fonológica (p. 10-11).

Um dado como *mesmo* é silabificado como mostra (13), com base no algorítmo adotado pelos autores (p. 38) e que constitui uma reformulação do proposto por Kahn.

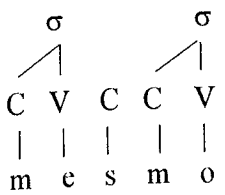
PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(13)

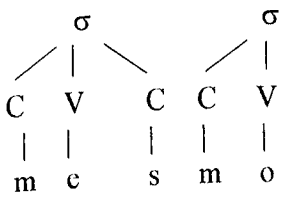
(i) Os elementos vocálicos são pré-ligados aos nós silábicos:



(ii) Os elementos consonantais à esquerda são ajustados adjacentemente um a um até que a configuração resultante em cada passo satisfaça todas as condições de estrutura silábica relevantes:



(iii) Os elementos consonantais à direita são ajustados à direita conforme (ii) :



De modo diverso do proposto por Kahn (1976), para quem a silabificação é realizada por uma série de regras que se aplicam em um único ponto na derivação, na presente teoria, as palavras são totalmente silabificadas no nível da representação lexical, o que acarreta semelhança entre as estruturas silábicas de superficie e subjacente (CLEMENTS; KEISER, 1983, p. 27).

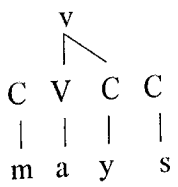
A questão que se coloca diante de tais propostas é se um modelo de duas ou três camadas silábicas é suficientemente capaz de fornecer uma completa caracterização dos processos que se referem à sílaba ou se é necessário reconhecer estrutura hierárquica adicional.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Clements e Keiser (p. 16-17) propõem que a organização fonológica permita uma categoria núcleo para o estabelecimento da distinção entre sílabas leves (formadas por uma vogal curta) e pesadas (formadas por vogal longa, ditongo ou vogal seguida por uma consoante), de extrema relevância em línguas sensíveis ao peso silábico.

Diante desse fato, os autores estabelecem uma camada adicional às três já propostas – a camada do núcleo - consistindo de uma fileira de símbolo *v* ligada a pelo menos um e no máximo dois elementos da camada CV. O exemplo seguinte (14) ilustra sua disposição junto as outras camadas:

(14)



O núcleo não é tido como um subconstituinte silábico, mas forma uma unidade prosódica independente em um plano separado da representação. A diferença entre sílabas leves e pesadas é formalizada, portanto, em termos da distinção entre núcleos simples e ramificados e não com base no agrupamento entre núcleo e coda em um único constituinte, um universal da composição silábica por Kuryłowicz (1948), Pike (1967) e Newman (1972).

Sendo assim, a proposta de Clements e Keiser parece deixar claro que o conjunto de condições de estrutura silábica que definem as sílabas bem-formadas para as línguas pode ser estabelecido adequadamente com referência às categorias sílaba e núcleo. Já a estipulação de uma camada da rima, englobando o núcleo e todos os segmentos seguintes a ele dentro da sílaba, não é apresentada pelos autores com entusiasmo, embora aventem que jogos de palavras e erros de fala em inglês e finlandês funcionem como evidência externa para o agrupamento do núcleo não só com elementos pós-nucleares (formando a rima), mas também com pré-nucleares (estreitando as relações entre ataque e núcleo) (CLEMENTS; KEISER, 1983, p. 22). Essa última possibilidade é tradicionalmente rejeitada na literatura sobre o assunto, uma vez que as restrições de co-

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

ocorrência entre núcleo e coda são sempre mais prováveis de existir do que as restrições entre núcleo e ataque e coda e ataque (PIKE, 1967; FUDGE,1969)[2].

Evidência clara para o estabelecimento da rima, assim também considerada por Clements e Keiser, refere-se à distinção entre segmentos moraicos e não-moraicos. A razão principal para se agrupar o núcleo de uma sílaba com seu ramo à direita - a rima - e não com o da esquerda - o ataque - é o fato de que moras ocorrem apenas na seção nuclear e pós-nuclear da sílaba. Outro fator refere-se ao estabelecimento de restrições relativas ao limite máximo da extensão final das sílabas, que encontra na rima seu domínio mais apropriado (CLEMENTS; KEISER, 1983, p. 22).

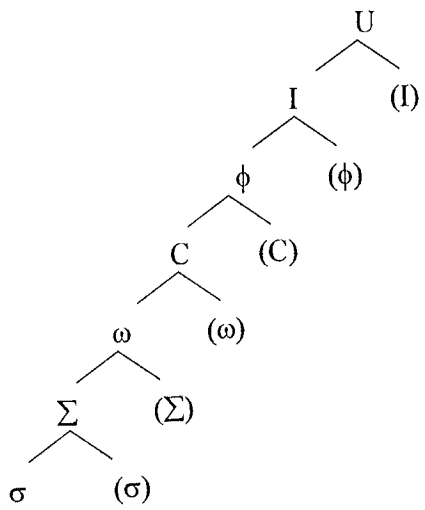
4.2.1.3 Nespor e Vogel (1986)

A compreensão da sílaba como uma unidade de ramificação n-ária, na linha de Kahn e Clements e Keiser, também é defendida por Nespor e Vogel (1986). As autoras propõem uma teoria fonológica prosódica em que uma dada fileira da língua se organiza em uma série de constituintes fonológicos arranjados hierarquicamente e aptos a funcionar como domínios de aplicação de regras fonológicas. A sílaba ocupa a categoria terminal da hierarquia, conforme o diagrama arbóreo (15) a seguir , onde U = enunciado; I = frase entonacional; ϕ = frase fonológica; ω = palavra fonológica; Σ = pé e σ = sílaba:

[2] Pike (1967, p. 386-387) afirma que
[...] if a formula CCV is manifested by /s/ in the first consonant slot, and the nucleus slot is filled by the phoneme /a/, the list of phonemes which fill the second consonant slot are more likely to be controlled by the presence of the /a/, the list of phonemes which fill the second consonant slot are more likely to be controlled by the presence of the /s/, /s/ then they are by the presence of the /a/ - e.g., they may be limited to voiceless consonants after the voiceless /s/, etc. Such considerations indicate that a closer relationship exists between the two consonants than exists between either consonant and the vowel.
Nesse sentido, para Fudge (1969, p. 272-273):

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(15)



Os princípios que estabelecem a geometria da árvore expressa em (15) são quatro:

(16)

> Principle 1. A given nonterminal unit of the prosodic hierarchy, X^p, is composed of one or more units of immediately lower category, X^{p-1}.
> Principle 2. A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is a part.
> Principle 3. The hierarquical structures of prosodic phonology are n-ary branching.
> Principle 4. The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one node is assigned the value strong (s) and all the other nodes are assigned the value weak (w) (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 7)[3].

Sendo a estrutura interna de cada constituinte prosódico caracterizada pela mesma configuração geométrica, as regras que constroem as árvores de diferentes categorias prosódicas terão a mesma forma de uma regra universal, a saber :

Certain peaks do not coocur with certain codas [...] while there is no such constraint between onset and peak.

[3] Princípio 1: uma dada unidade não terminal da hierarquia prosódica, X^p, é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente inferior, X^{p-1};
Princípio 2: uma unidade de um dado nível da hierarquia está exaustivamente contida na unidade superordenada da qual faz parte;
Princípio 3: as estruturas hierárquicas da fonologia prosódica são ramificações n-árias;
Princípio 4: a relação de proeminência relativa definida para nós irmãos é tal que um nó recebe o valor *forte* (s) e todos os outros nós recebem o valor *fraco* (w).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(17) Prosodic Constituent Construction

Join into na n-ary branching X^p all X^{p-1} included in a string delimited by the definition of the domain of X^p (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 7)[4].

Ao estabelecerem a localização terminal da sílaba na hierarquia, não excluem as autoras a possibilidade de os segmentos serem agrupados em outras unidades subsilábicas, como ataque e rima, mas indicam apenas que essas unidades não estão organizadas de acordo com os princípios que governam todas as outras unidades acima do nível da sílaba e, portanto, não funcionam como domínio de aplicação de regras fonológicas (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 12). Pelo menos três dos quatro princípios adotados pelas autoras seriam feridos caso fossem admitidas na hierarquia esses sub-constituintes.

Primeiramente, o fato de os constituintes ataque e rima serem máximos viola o primeiro princípio, visto que uma sílaba não pode ser composta por "um ou mais" ataques ou por "uma ou mais" rimas. Além disso, ataque e rima apresentam características distintas, não podendo constituir unidades de um mesmo nível.

Os segmentos ambissilábicos analisados à luz de uma estrutura silábica com constituição interna apresentam um membro que é, ao mesmo tempo, membro da rima de uma sílaba e do ataque de outra. Nesse caso, nem a rima e nem o ataque estão exaustivamente contidos na unidade superordenada, violando o Princípio 2.

O Princípio 3 é ferido à medida que ataque e rima são divisões binárias por natureza, assim como também suas estruturas internas.

Embora reconheçam as autoras que ataque e rima são relevantes para dar conta de padrões de acento e de certas restrições fonotáticas, defendem que não são necessários para a determinação do domínio de aplicação de regras fonológicas, uma

[4] Construção do Constituinte Prosódico
Una a um X^p de ramificação n-ária, todos os X^{p-1} incluídos em uma fileira delimitada pela definição do domínio de X^p

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

vez que qualquer domínio formulado em termos de ataque ou rima pode ser efetivamente formulado em termos de sílaba (NESPOR; VOGEL; 1986, p. 13).

Um exemplo desse tipo de relação é apresentado através da regra de fortalecimento do glide em espanhol (HARRIS, 1983, p. 58). A fricativa palato-alveolar [ʒ] é produzida em b), mas não em a), quando ocorre o glide, conforme exemplificam os casos a seguir:

a) ley → le[j]
b) leyes → le-[ʒ]es

Essa regra não se aplica a qualquer glide que ocupe a posição de rima, mas apenas aquele que não é precedido por nenhum outro segmento na mesma sílaba. Sendo assim, a especificação da rima como domínio da regra ocasionaria resultados agramaticais na língua, como, por exemplo, le[ʒ] (lei) .

Casos como este conduziram as autoras a concluir que todas as regras de domínio da rima podem ser reformuladas como regras de domínio da sílaba, mas há certas regras de domínio da sílaba que não podem ser reformuladas em termos de domínio da rima; portanto, o menor domínio para as regras fonológicas é a sílaba. O resultado é a estipulação de um sistema mais restrito, que (i) contenha um domínio a menos para a aplicação de regras segmentais; (ii) elimine a situação em que não há como escolher entre duas formulações de uma regra e (iii) evite a duplicação de funções, originada quando tanto a rima quanto a sílaba são potencialmente o domínio para um único fenômeno (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 76).

4.2.2 Estrutura silábica de ramificação: presença de constituição interna

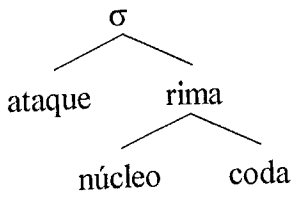
4.2.2.1 Selkirk (1982)

Contrariamente a Kahn, Clements e Keiser e Nespor e Vogel, Selkirk (1982) defende que a estrutura silábica de uma elocução deve permitir o acesso a afirmações

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

mais gerais e explanatórias a respeito das restrições fonotáticas em uma língua, o que permite caracterizar apropriadamente o domínio de aplicação de uma série de regras fonológicas. A representação silábica adotada pela autora (p. 341), na versão com nós rotulados, apresenta-se como em (18), na forma de uma estrutura arbórea de ramificação binária:

(18)



A idéia subjacente a esse tipo de representação silábica é resumida pelo *Princípio Fonotático do Constituinte Imediato* (SELKIRK, 1982, p. 339), segundo o qual quanto mais proximamente relacionadas do ponto de vista estrutural estão duas posições, mais sujeitas a restrições fonotáticas são elas. Desse modo, é possível diante de tal proposta estabelecer como domínio de aplicação de uma regra não somente a categoria sílaba, mas a rima se ela se ramifica ou o ataque, ramificado ou não, o que confere, em muitos casos, maior clareza à descrição do fenômeno.

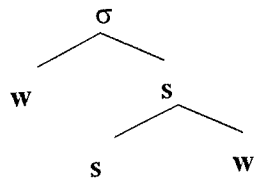
Um caso típico da necessidade de tal estipulação é encontrado no chinês (CHEN, 1984; BATTISTELLA, 1984 apud STERIADE, 1988, p. 121-122). A vogal /ə/ assimila o traço [- posterior] do glide quando este se encontra na coda (/(C)əi/ → /(C/ei/) ou no ataque (/(C)yə/ → (/(C/ye/), mas não quando o glide precedente pertence a uma silaba fechada (/(C)yəC/ → (* /(C/yeC/). Este padrão só é descrito de maneira econômica em uma teoria em que a assimilação bidirecional ocorra dentro de uma unidade silábica mínima ou, tomando-se um princípio da sintaxe, em que tal relação ocorra entre um glide e a vogal que o c-comanda.

Em uma representação como (18), seria possível localizar uma regra desse tipo como se aplicando em um domínio bem específico: dentro da rima se ela se ramifica ou entre uma rima não-ramificada e o ataque, mas nunca entre o núcleo de uma rima ramificada e o ataque (STERIADE, 1988, p. 121-122).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

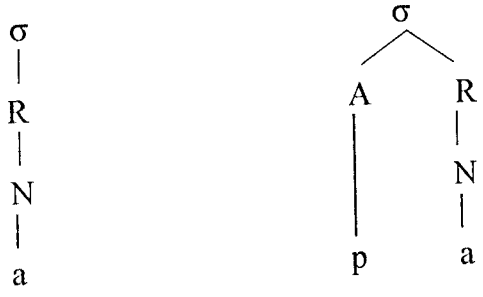
A noção fonética de silabicidade como uma estrutura de contraste entre um pico de proeminência e suas margens é diretamente acessada em uma representação binária do tipo (18). Nesse sentido, os três rótulos em (18) podem ser substituídos apenas por outros dois, a saber *w* (*weak,* fraco) e *s* (*strong*, forte), os quais apontam para a existência da relação de subordinação entre os constituintes (PIKE; PIKE, 1947) em termos da "força" prosódica baseada no grau de soância (LIBERMAN; PRINCE, 1977). Desse modo, o constituinte subordinado, tido como mais fraco (menos soante) - *weak* - e o subordinante, mais sonoro e, portanto, mais forte (SELKIRK, 1982, p. 342-343) originam uma representação do tipo (19), onde se depreende que a rima é mais forte do que o ataque e o núcleo é mais forte do que a coda:

(19)



A noção de peso silábico recebe um tratamento mais adequado em uma representação da sílaba como uma estrutura de ramificação binária com organização interna. A estrutura do ataque bem como sua presença são irrelevantes para a definição de sílabas leves e pesadas, uma vez que só a estrutura da rima é pertinente. Uma sílaba leve é representada como (20), com a rima não-ramificada e o núcleo ocupado por uma única vogal curta.

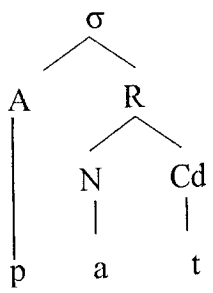
(20)



A sílaba pesada apresenta rima ramificada. Pode conter uma vogal curta seguida por pelo menos uma consoante, conforme o exposto em (21), ou ainda uma vogal longa (22) ou ditongo (23) , opcionalmente seguidos por uma ou mais consoantes:

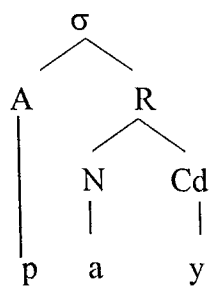
PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(21)



(22)

(23)



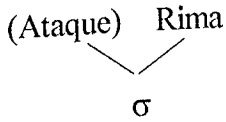
Além de uma concepção diferente de estrutura silábica em relação a Kahn (1976) e Clements e Keyser (1983), Selkirk (1982) apresenta também outra visão a respeito da construção de estrutura silábica. Ao invés de regras, a silabificação nessa proposta é regida por princípios gerais, que atuam como condições de boa-formação sobre as formas subjacentes.

Desse modo, a estrutura subjacente e a ressilabação obedecem aos princípios de composição da sílaba básica (*Basic Syllable Conditions*), que englobam o molde silábico, responsável pela caracterização da estrutura interna da sílaba, pelo número máximo e mínimos de posições terminais e pelo conjunto de condições sobre os nós terminais, e as restrições de co-ocorrência.

4.2.2.2 Harris (1983)

Assim como Selkirk, Harris (1983, p. 8) defende que a unidade de organização lingüística sobre a qual as restrições fonotáticas se estabelecem é a sílaba e, portanto, propõe uma representação do tipo em (24):

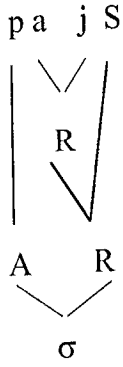
(24)



Os dois constituintes imediatos da sílaba, com funcionamento independentes, são reconhecidos como ataque (opcional) e rima (obrigatória). No entanto, de modo diferente do proposto por Selkirk (1982), Harris entende que a rima, embora possua sua própria estrutura interna, como em (25) a seguir, não apresenta os subcomponentes núcleo e coda.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

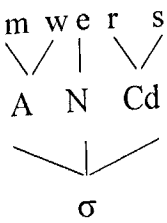
(25)



Com base em exemplos do espanhol, o autor apresenta dois argumentos para a divisão da sílaba em apenas dois constituinte maiores, sem levar em consideração detalhes de organização interna. O primeiro deles refere-se às restrições seqüenciais dentro de cada constituinte silábico.

Desse modo, a partir de um modelo silábico de ramificação ternária, cujos constituintes primários são do tipo defendido por Selkirk (1982), Saporta e Contreras (1962 apud HARRIS, 1983, p. 7) observam a necessidade de estipulação adicional para justificar uma sílaba como muers.to como mal-formada no espanhol, visto que a representação adotada pelos autores licencia as seqüências que se formam dentro de cada constituinte, conforme mostra (26) a seguir :

(26)



A proposta de Harris é que a referência apenas a um constituinte que reúna o núcleo e a coda resolva a questão, uma vez que torna possível o estabelecimento não só do número de segmentos permitidos na rima, como também do tipo de seqüência de segmentos possíveis.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

O segundo argumento refere-se à questão de atribuição de acento. Para Saporta e Contreras (1962 apud HARRIS, 1983, p. 13), a impossibilidade de acento na antepenúltima sílaba de uma palavra justifica-se pela presença de uma coda não nula ou núcleo ramificado na penúltima sílaba. Desse modo explica o autor a agramaticalidade do acento em *telé*[fos]*no* e *telé*[boy]*na*. Para HARRIS (p.12), é possível atingir maior generalidade se núcleo e coda fossem reunidos em um único constituinte, de forma que a impossibilidade de acento nas duas palavras acima fosse justificada apenas pela rima ramificada da penúltima sílaba.

Um argumento adicional oferecido pelo autor em defesa do constituinte rima baseia-se na aplicação de regras que, em certos casos, só se aplicam se o segmento alvo se encontra na rima, independente de sua posição nesse constituinte (HARRIS, 1983, p. 40). A representação segue o modelo em (27):

(27) $$x \rightarrow y \,/\, \underset{\mid}{\underset{R}{__}}$$

Um exemplo desse tipo de regra é a aspiração, muito comum em dialetos do espanhol, em dados como:

a) tienes → tiene[h]
b) después → de[h]pué[h]
c) tienes espacio → tiene[h]espacio

Harris salienta que, embora tenha sido considerado um fenômeno de final de palavra, dados como c) comprovam sua possibilidade de aplicação entre palavras, o que resulta no papel de ataque de [h] após a ressilabação. A regra é então estabelecida como (28) a seguir (HARRIS, 1983, p. 45):

(28) $$\underset{\mid}{\underset{R}{s}} \rightarrow h \,/\, [+\text{ soante}]\ __$$

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

A generalização que (28) capta, e que seria perdida em uma descrição disjuntiva do tipo (29) seguinte, é que a variante aspirada ocorre em posição inicial de sílaba apenas se também estiver em posição final de palavra seguida por uma palavra iniciada por vogal.

(29) $$s \rightarrow h / [+ \text{soante}]_ \left\{ \begin{matrix} C \\ \# \end{matrix} \right\}$$

Desse modo, parece claro afirmar que uma representação silábica do tipo defendido por Selkirk (1982) e Harris (1983) permite uma caracterização mais restritiva da noção de restrições fonotáticas possíveis nas línguas.

Retomaremos a questão referente à importância do constituinte rima em 4.4.1.3, quando discutiremos o domínio silábico da regra de palatalização da fricativa em posição de coda.

Além de restrições segmentais entre os membros das seções pré e pós nucleares, as línguas costumam também impor restrições quanto à distância de sonoridade, assunto da seção seguinte.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

4.3 As Relações Intra-sílaba, Inter-sílaba e a Escala de Sonoridade

4.3.1 Saussure (1916) e Jespersen (1904)

O valor explanatório da relação entre os segmentos na sílaba foi explorado desde o século XIX (WHITNEY, 1865 apud CLEMENTS 1990, p. 284) com base na sonoridade inerente dos sons. Nessa linha, Saussure (1916) propõe uma definição da sílaba com base no grau de abertura dos sons: os sons mais abertos (mais soantes) ocorrem no núcleo silábico e os sons menos abertos (menos soantes), na margens.

A sonoridade ou audibilidade dos sons foi também o critério adotado por Jespersen (1904, apud CLEMENTS, 1990, p. 284) para justificar a constituição silábica nas línguas. Os segmentos mais sonoros ocupam o núcleo e os menos sonoros se distanciam dele. A escala proposta por Jespersen é apresentada em (30). Os menos soantes são listados no início da escala (HOOPER, 1976, p. 197-198):

(30)

1 - Consoantes surdas
a) oclusivas
b) fricativas
2 - Oclusivas sonoras
3 - Fricativas sonoras
4 - Nasais e laterais
5 - Trills e Tap
6 - Vogais fechadas
7 - Vogais médias
8 - Vogais abertas

4.3.2 Hooper (1976)

Outro método para captar a relação entre tipos de segmentos e silabificação é oferecido por Hooper (1976) com base na correlação entre a força do traço consonantal e a força da posição silábica, independentemente motivada. A idéia subjacente é que há posições fortes e fracas na sílaba e, consistentemente, as posições fracas são ocupadas por consoantes fracas e as posições fortes, por consoantes fortes (p. 197).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

A força consonantal, portanto, uma noção física importante à proposta por sua função no sistema lingüístico, é crucial devido a dois aspectos: (a) determinação do local das consoantes ao redor do núcleo e (b) determinação da diferença entre a posição inicial de sílaba e a posição final.

Há evidências fonológicas indicando que a posição inicial de sílaba é universalmente mais forte do que a posição final de sílaba (HOOPER, 1976, p. 199) e, além disso, processos conhecidos como "fortalecimento" sempre ocorrem em posição inicial e nunca em posição final ou em segunda posição (p. 199). Por outro lado, é muito mais comum nas línguas haver processos de enfraquecimento, como os de assimilação, ocorrendo no final da sílaba do que em seu início.

Exemplos que atestam a relativa condição fraca da posição final de sílaba são amplamente encontrados na diacronia e sincronia das línguas. No primeiro caso, é conhecida a perda de consoantes na passagem do latim para o português moderno, como em (31) a seguir:

(31)

Latim	Português
septem	sete
pulsum	poço
sponsum	esposo

Quanto à sincronia, Hooper (1976, p. 216-217) menciona que, em alguns dialetos do espanhol (andalusiano e os dialetos americanos), o /s/ final de sílaba enfraquece para uma mera aspiração, uma continuação do processo geral de criação de sílabas abertas. A explicação não está, segundo o autor, na estipulação de uma fraqueza inerente do /s/, mas sim na fraqueza da posição final de sílaba. Obstruintes tendem a enfraquecer ou cair em posição final.

Como as sílabas seguem-se umas as outras, o final de uma sílaba (sua posição fraca) imediatamente precede o início da seguinte (a posição forte). Dada a teoria apresentada aqui, é razoável esperar que a consoante na posição forte influencie a consoante na posição fraca, mas não se espera que a relação oposta se configure.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

O papel da força consonantal é explicitado por meio da estipulação de uma escala universal (HOOPER, 1976, p. 206), conforme (32) a seguir :

(32)

Glides	Líquidas	Nasais	Contínuas Sonoras	Contínuas Surdas Oclusivas Sonoras [5]	Oclusiva Surda
1	2	3	4	5	6

A relação entre esta escala e a posição silábica se estabelece através da constatação de que as fronteiras silábicas nas línguas são atribuídas com base na força relativa dos segmentos contíguos. Tal afirmação motivou a proposição de uma lei geral de preferência para segmentos marginais contíguos e heterossilábicos, conhecida como Lei do Contato Silábico, com base em dados do espanhol. Segundo essa lei,

(33)

> The preference for a syllabic structure $A^{\$} B$, where A and B are marginal segments and a and b are the Consonantal Strength values of A and B respectively, increases with the value of b minus a (VENNEMANN; MURRAY, 1983, p. 520).[6]

De acordo com esse princípio e a escala em (32), um padrão como *am.la* é preferível a uma padrão como *at.ja* porque os valores de força consonantal de 'l' e 'm' diferem um do outro por um valor igual a –1 (ou seja, força consonantal de *l* (2) - força consonantal de *m* (3)), enquanto entre 'j' e 't' a diferença é de -5 (força consonantal de *j* (1) - força consonantal de *t* (6)) (HOOPER, 1976, p. 520).

[5] Não foi descoberta pelo autor nenhuma relação universal de força entre contínuas sonoras e oclusivas sonoras. É provável que a relação entre esses dois tipos consonantais seja sempre determinada por fatores históricos ou fonéticos específicos de língua. Emboras as africadas não tenham sido colocadas na escala, pressume-se, devido a sua complexidade, que sejam as mais fortes das consoantes. A contraparte sonora da africada deve ser um pouco mais fraca. No entanto, assume o autor que talvez seja esse também um caso a ser considerado em relação às características de língua específica (HOOPER, 1976, p. 206).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Diante do fato de que o traço de força corresponde inversamente aos correlatos fonéticos de grau de sonoridade (Jespersen) e grau de abertura (Saussure), a Lei do Contato Silábico pode ainda ser interpretada como: "In any sequence C_a \$ C_b there is a preference for C_a to exceed C_b in sonority" (CLEMENTS, 1990, p. 287)[7].

O papel da sonoridade no condicionamento da produção palato-alveolar em posição de coda em língua portuguesa será mostrado no Capítulo 7, quando analisarmos a variável lingüística Contexto Seguinte (ver Capítulo 7, seção 7.3.3.5). As restrições fonotáticas que regem a constituição silábica em língua portuguesa, com ênfase à rima, bem como o domínio de aplicação da regra de palatalização da fricativa alveolar são discutidos na seção 4.4 seguinte.

[6] A preferência por uma estrutura silábica $A^{\$} B$, onde A e B são segmentos marginais e a e b são os valores de força consonantal para A e B, respectivamente, aumenta com o valor de b menos a.
[7] Em qualquer seqüência C_a \$ C_b, há uma preferência para que C_a exceda C_b em sonoridade.

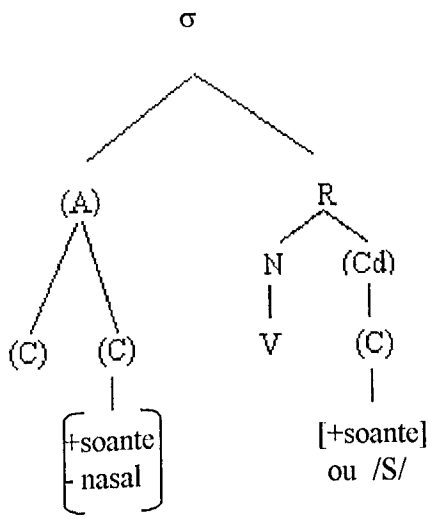
PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

4.4 A Sílaba em Língua Portuguesa

O presente estudo parte da proposta de Bisol (1999) para análise da sílaba em língua portuguesa, estabelecida na linha de Selkirk (1982). Desse modo, a estrutura silábica é construída por princípios gerais de composição silábica (doravante PCBS) que figuram no léxico profundo como condições de boa-formação e fornecem o molde canônico para o mapeamento de uma cadeia de sons.

Os PCBS são expressáveis por meio de uma árvore de ramificação binária e geram o padrão canônico CCVC(C) em língua portuguesa. A representação (34) a seguir expõe esses princípios (BISOL, 1999, p. 4).

(34)



A sílaba em língua portuguesa apresenta estrutura binária, representada pelos constituintes ataque e rima. O ataque é opcional e a rima, obrigatória. Também ramificada em dois constituintes, núcleo e coda, é a rima: o núcleo é obrigatório e a coda, opcional. O ataque compreende no máximo dois segmentos, o segundo dos quais é uma soante não-nasal. A coda pode ser ocupada por uma consoante soante ou por /S/.

A escansão dos segmentos de uma cadeia de sons segue as seguintes etapas: (i) identificação do segmento mais sonoro como núcleo e projeção da rima e da sílaba; (ii) formação do ataque; (iii) expansão da rima. Há ainda a atuação de princípios universais e condições de língua particular.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Quanto aos princípios universais, atuam na silabação (1) o *Princípio de Seqüenciamento de Sonoridade*, garantindo que entre ataque e núcleo e coda e núcleo a sonoridade seja crescente; (2) o *Princípio de Preservação de Estrutura* (ver Capítulo 3, seção 3.2); (3) o *Princípio de Maximização de Ataque*, segundo o qual os ataques devem ser maximizados de acordo com os princípios de composição da sílaba básica da língua (SELKIRK, 1982, p. 359); (4) o *Princípio de Licenciamento Prosódico*, o qual exige que todas as unidades fonológicas pertençam a unidades prosódicas de nível mais alto, pois, caso contrário, são apagadas ainda no nível lexical (exceção feita à unidade licenciada por extrametricidade) (ITÔ, 1986, p. 3).

As Condições de Língua Particular completam os Princípios Universais. Focalizaremos a seguir as Condições de Rima.

4.4.1 A rima em língua portuguesa

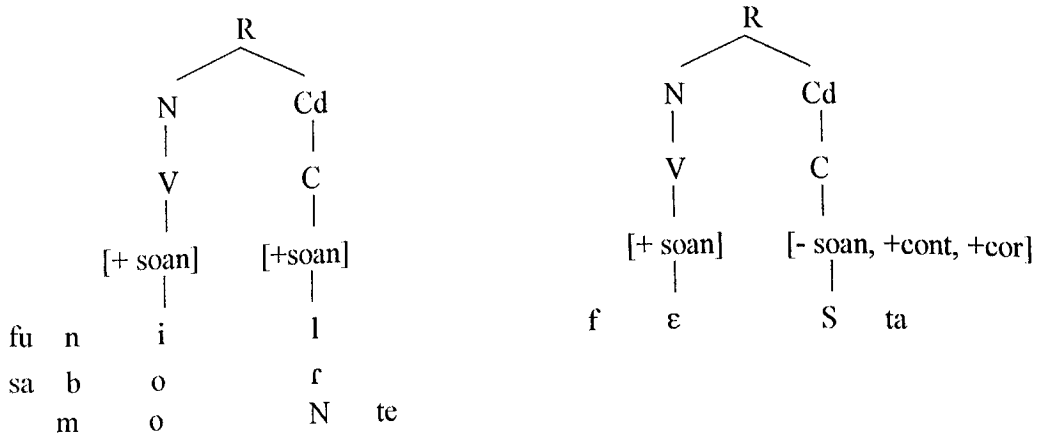
O constituinte rima, foco na discussão sobre a palatalização da fricativa, abriga no máximo três constituintes (**pers**pectiva) e no mínimo um (**pé**), já que a posição de núcleo é obrigatória.

Somente vogais funcionam como núcleo e, como não há vogais longas na língua, seqüências do tipo VV (**boi**; nav**io**) são, pelo menos subjacentemente, dissilábicas (BISOL, 1999, p. 3).

A posição de coda está apta a abrigar o segundo e terceiro elementos consonantais expressos no padrão canônico. A primeira consoante, mais próxima ao núcleo, é ocupada pelas soantes /l/ (funil), /ɾ/ (sabo**r**) e /N/ (mo**n**te) e pela obstruinte /S/ (pires), de acordo com o quadro consonantal apontado por Câmara Júnior (1977, p. 113) para a posição pós-vocálica. Conforme discutido no Capítulo 3 (seção 3.3), propomos que o único segmento consonantal [-soante] permitido na coda seja uma consoante [+coronal] e [+ contínua], neutralizada, nessa posição, com relação aos traços [anterior] e [voz]. As representações arbóreas relativas à coda em língua portuguesa são apresentadas em (35) a seguir.

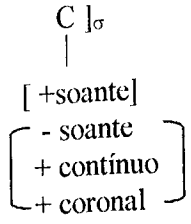
PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(35)



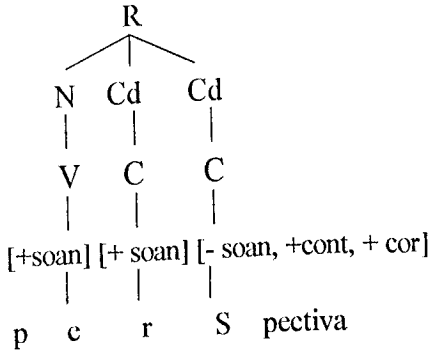
Admitimos, portanto, a atuação da Condição de Boa-Formação da Coda exposta em (36) a seguir, segundo a qual a posição de coda permite apenas consoantes soantes ou consoantes obstruintes [+ contínuo, + coronal].

(36)



A segunda consoante da coda (C parentético no padrão canônico exposto em 4.4) é apontada como resultado da *Regra de Adjunção de /S/* (BISOL, 1999, p. 5). Entendemos que, de acordo com essa regra, atuante ao lado dos PCSBs, uma consoante [- soante, + contínuo, + coronal], também neutralizada com relação ao traço [anterior] e [voz], é acrescida a uma rima bem formada. Com o acréscimo de mais uma ramificação, atinge-se o formato máximo da rima em língua portuguesa, conforme (37) a seguir.

(37)



O terceiro ramo da rima é necessário para dar conta de um grupo menor de palavras em língua portuguesa, formado pela seqüência intra-silábica VG/S/ (auspício,

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

eusporangido, lausperene, abalaustrar, austro, cáustico, claustro, etc), VN/S/ (construir, instinto, conspícuo, inspector, monstro, etc), V/l/S/ (solstício) e V/ɾ//S/ (antiperspirante, perspectiva, imperscrutável, perscrutar, superstição, etc).

A estrutura da rima é de suma importância para a atribuição do acento no sistema em questão, já que a língua se mostra sensível ao peso silábico. De acordo com Bisol (1992), as sílabas são estruturadas em pés métricos binários de cabeça à esquerda ((* .)) - os *troqueus silábicos* (HAYES, 1995, p. 63) -, atribuídos a partir da borda direita da palavra. Em nomes e adjetivos, opera de maneira cíclica em paroxítonas e proparoxítonas. Em paroxítonas, como em *casa* ([káza]) e *caseiro* ([kazéjro]); *fácil* ([fásiw]) e *facilidade* ([fasilidádi]). No caso de *fácil* ocorre um ajuste ao domínio da regra pela extrametricidade da consoante final no léxico (/fá.si<l>/, pois, caso contrário, o algoritmo geraria [fasíw]. Proparoxítonas, como *fósforo*, também acomodam-se à regra pela extrametricidade da sílaba final (/fɔ́S.fo.<ro>/).

Nomes terminados em sílaba pesada final, como *pomar* ([pomáx]), por exemplo, atraem acento justamente para essa sílaba. Incluem-se nesse grupo palavras acabadas em vogal com acento na sílaba final devido a presença de uma consoante abstrata na rima final, como *café* (/kafɛC/), a qual somente vem à superfície em palavras derivadas (cafeteira).

Opostamente aos nomes, troqueus silábicos aplicam-se em verbos de modo não-cíclico, na palavra pronta. A extrametricidade surge para essa categoria de palavras como uma regra específica, marcando as consoantes /S/ e /N/ com status de flexão em verbos terminados em sílaba pesada, como *cantas* (/káNta<S>/) e *cantem* (/káNte<n>/), além da sílaba final da primeira e segunda pessoa do plural dos tempos do Imperfeito, como em *cantássemos* (/kaNtáse<moS>/) e *cantásseis* (/kaNtáse<is>/[8].

[8] As formas verbais do tempo futuro são compostas pela combinação do modo infinitivo e de formas do presente ou do pretérito imperfeito do verbo haver, futuro e condicional, respectivamente (ex.:'cantar' /kaNtár/ /á/; 'cantaríamos' /kaNtár/ /ía<moS>/). Devido à configuração de uma seqüência de dois acentos (cf. /kaNtárá/; /kaNtáríamos/), rejeitada pela língua portuguesa, apenas o último permanece (cf. /kaNtará/; /kaNtaríamos/) (BISOL,1992, p. 8-10).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Cristófaro Silva (1999) aponta que consoantes palato-alveolares e consoantes palatais em posição intervocálica se comportam de modo padrão com respeito ao bloqueio do acento na antepenúltima sílaba, ou seja, quando /ɲ/, /ʎ/, /ʃ/, /ʒ/ ocorrem na última posição de ataque da palavra o acento cai sempre na penúltima sílaba, como em *aránha, agúlha, bolácha, bandéja.*

Giangola (1994), assim como também Wetzels (1997, p. 217-221), propõem que no caso das palatais a justificativa seja a mesma apontada por Harris (1983) para o espanhol: o acento antepenúltimo é impossível se a penúltima sílaba for pesada. Desse modo, /ɲ/ e /ʎ/ são analisadas como geminadas, participando como ataque e coda na fonologia do PB. Além dessas consoantes, o grupo *rr* também se comporta como uma geminada em língua portuguesa, já que não há na língua proparoxítonas com r-forte na sílaba final, como em *bezérro, socórro, cigárro*, etc (MONARETTO, 1997, p. 186)[9].

Cremos, no entanto, que muitos dos argumentos utilizados para sustentar a hipótese do caráter geminado das palatais e vibrantes intervocálicas não se aplicam às palato-alveolares.

Em primeiro lugar, pode-se mencionar o fato de que as palato-alveolares são facilmente encontradas em início de palavra, ao contrário das palatais nasal e lateral. No caso de /ɲ/, as poucas palavras registradas no dicionário são de origem indígena, como *nhambi*, *nhapim*, ou africana, como *nhoca, nhá.* Há ainda *nhoque*, do italiano *gnocchi*, produzida geralmente como um [i] inicial.

No caso de /ʎ/, além de *lhe* (clítico de 3ª pessoa), pronunciado geralmente como [li], o dicionário registra basicamente empréstimos, como *lhama,* de origem espanhola, também pronunciado como um [i] inicial[10].

---

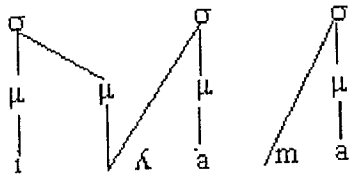
[9] Carreira (1988) defende para o espanhol que o acento antepenúltimo também é excluído em palavras onde o ataque da sílaba final apresente uma das seguintes consoantes: /ɲ/, /ʎ/, /ʃ/, /r/, /y/, /h/, como em *cabaña, canalla, cucaracha, catarro.*

[10] O Dicionário Aurélio Século XXI registra 64 palavras iniciadas por *nh* e 9 iniciadas por *lh.*

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

De acordo com Giangola (1994, p. 54), as geminadas são analisadas como estruturas moráicas. A epêntese de uma vogal no início da palavra possibilita a criação de estrutura para a associação da mora da geminada como coda de sílaba, conforme ilustra (38) a seguir. Fricativas palato-alveolares, por outro lado, ocorrem amplamente em início de palavra (por exemplo:. *chato, chave, jato, janela*) e não são conhecidos casos em que haja a inserção de uma vogal em posição precedente (*[iʃa]ve; *[iʒa]to).

(38)



Outro aspecto que difere o comportamento entre palatais e palato-alveolares refere-se à ausência de coda consonantal em sílaba precedente às consoantes /ɲ/ e /ʎ/, ao contrário das consoantes planas /n/ e /l/ correspondentes, como *adorno*, *escarlate*[11]. Tais consoantes também nunca seguem um ditongo VG. Já as palato-alveolares /ʃ, ʒ/ ocorrem livremente após sílaba com rima ramificada, seja ela ocupada por consoante na coda, como em *marcha, colchetes, corja, tarja, pilcha,* ou por um glide na superfície, como em *peixe, faixa, caixa* (ver seção 4.4.1.1 adiante).

O comportamento das palato-alveolares /ʃ, ʒ/ análogo às consoantes palatais e à vibrante intervocálica com relação à localização do acento não é suficiente para interpretá-las como consoantes geminadas, já que outras diferenças existem, conforme apresentado. O fato de não haver palavras proparoxítonas com palato-alveolares, palatais ou vibrantes ocupando o ataque da última sílaba não parece ser motivo suficiente para classificar palato-alveolares como geminadas. O acento na antepenúltima sílaba está restrito a um pequeno grupo de palavras na língua bastante instável, já que, desde o latim, tendem a se transformar em paroxítonas pela queda da sílaba postônica não final, como, por exemplo, em *apicŭla* > *abelha* e *vetŭlus* > *velho*. Sincronicamente, essa

[11] A única palavra encontrada no dicionário em que uma sílaba com rima ramificada precede uma consoante nasal palatal foi *lornhão,* do francês *lorgnon.*

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

tendência ainda persiste, como o verificado em *pílula* [piwla], *chácara* ['ʃakra] (AMARAL, 2000).

Adicionalmente, o algoritmo acentual adotado na presente pesquisa para a língua portuguesa trata indistintamente palavras como *caminho* e *adorno*; *agulha* e *escarlate*; *bolacha* e *camisa*; *bezerro* e *retiro*. Em todos os casos mencionados, atribui-se um troqueu silábico a partir da borda direita da palavra, independentemente da quantidade da penúltima sílaba.

4.4.1.1 Ditongos

A proposta de que glides não existem na estrutura subjacente em língua portuguesa tem sua origem em Câmara Júnior (1976, p. 36), para quem tais segmentos são fonemas vocálicos[12]. Um dos principais argumentos utilizados pelo autor nesse sentido refere-se à pronúncia do /ɾ/ em posição de ataque: entre vogais, /ɾ/ fraco opõe-se a /r/ forte (caro: carro); em início de palavra (rato) ou ataque após consoante, /r/ forte é percebido (guelra, Israel, genro); mas após ditongo existe apenas /ɾ/ fraco (aurora, Laura e europeu), o que impede interpretar o contexto antecedente a /ɾ/ como uma consoante semelhante a /l/, /S/ ou /n/[13].

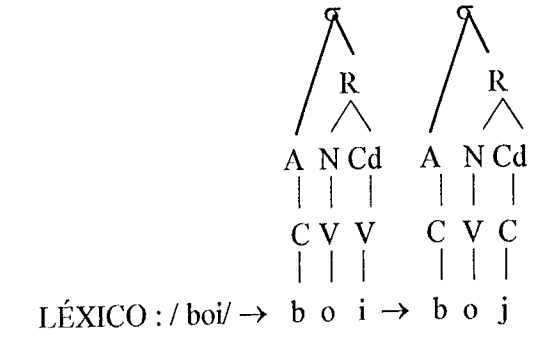
Outros argumentos em favor da interpretação de ditongos como seqüências subjacentes VV referem-se principalmente às várias possibilidades de divisão silábica da seqüência (vai-dade ~ va-i-dade ~ va-i-i-dade) e à passagem de /j/ a /e/ em itens como *papai* (papa[j] ~ papa[e]) e de /w/ a /o/ em itens como *pau* (pa[w] ~ pa[o]).

No componente lexical, as seqüências de duas vogais adjacentes de alturas diferentes são silabadas automaticamente como núcleo e coda com base na escala de sonoridade: vogais altas adjacentes a vogais não-altas são incorporadas `a coda. Por regra universal, a vogal da coda converte-se em glide, conforme mostra (39) a seguir.

[12] Em uma proposta inicial, Câmara Júnior (1953) posiciona-se de modo contrário, ou seja, glides são interpretados como fonemas consonantais pós-vocálicos.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(39)



De acordo com Bisol (1994), ditongos decrescentes derivados pós-lexicalmente por assimilação são encontrados em sílaba final de palavra acentuada, diante de /S/, e alternam com apenas uma vogal, como em *arroz* (arr[os] ~ arr[ojs]) e *rapaz* (rap[as] ~ rap[ajs]). O caso inverso, em que ditongos decrescentes derivados lexicalmente alternam com uma única vogal (por exemplo, seis [sejs] ~ *[ses]), não são encontrados na língua (BISOL, 1989, p. 134), fato que nossos dados não confirmam, conforme será mostrado em 7.3.3.7 (ver capítulo 7).

A proposta da autora estabelece que, em tais casos, a fricativa de final de sílaba, representada subjacentemente como /S/, é responsável pela criação variável do glide coronal. O processo se dá pela assimilação por parte da vogal do núcleo de um traço vocálico inerente a esse segmento, independente de sua realização alveolar ou palato-alveolar. É também essa característica vocálica, presente, nessa proposta, para a fricativa palato-alveolar em posição de ataque, que justifica o surgimento do glide de produção variável em itens como *peixe* ([peʃi] ~[pejʃi]) e *caixa* ([kaʃa] ~[kajʃa]), representados subjacentemente por apenas uma vogal (/peʃe/ e /kaʃa/) (BISOL, 1989, p. 191-192). Voltaremos a essa questão mais detalhadamente no capítulo 6, quando da apresentação de nossa proposta para representação lexical da fricativa palato-alveolar.

[13] Exceção a esse padrão é encontrada na palavra *bairro*.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

4.4.1.2 Epêntese Vocálica

Entendemos por epêntese vocálica o fenômeno de intercalação de uma vogal /i/ não-etimológica entre duas consoantes (anaptixe) ou de sua intrusão em posição inicial (prótese) ou final de palavra (paragoge).

Os casos de anaptixe envolvem principalmente empréstimos do latim clássico, introduzidos através da língua escrita a partir do século XV, como em *compacto*, *ritmo*, *afta*, etc (CÂMARA JÚNIOR, 1976, p. 46). Em nossos dados, esse tipo de epêntese constitui-se apenas em seqüências de obstruinte e /S/, como em *substância*, *administrativo* e *substituta*.

A prótese de /i/ abrange as ocorrências de /S/ seguido por consoante (daqui em diante sC) provenientes do latim em palavras como *statu* (> estado) , *schola* (> escola), *stella* (> estrela), *scutum* (> escudo), as quais, já no latim vulgar, receberam a prótese de uma vogal *i*, consagrada posteriormente na escrita como *e* (WILLIAMS, 1961, p. 76-77). Somam-se a esse grupo as seqüências sC de palavras de origem estrangeira, já dicionarizadas[14], como *scanner* (ingl.), *script* (ingl.) e *stress* (ingl.).

Siglas (por exemplo, ONG, de Organização Não-Governamental), nomes próprios (por exemplo, Engov) e palavras de origem estrangeira (por exemplo, web) são comumente atingidas pela paragoge.

Com relação às palavras do grupo sC, há basicamente dois posicionamentos relacionados à presença ou não de uma vogal subjacente à esquerda de /S/. Em defesa da primeira hipótese, argumenta-se que tais palavras, há muito parte do léxico da língua portuguesa, acabaram incorporando à forma subjacente a vogal protética [i], o que se verifica pela sua consolidação na escrita. A presença de tal vogal se faz clara nas palavras derivadas morfologicamente, como *inescrupuloso* (< *scrupulu*) e *desestimular* (< *stimulare*), por exemplo (FREITAS, 2000, p. 500).

[14] Conforme Novo Aurélio Século XXI (2000, CD-Rom).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Nesse caso, a produção sem vogal, muito comum no PE, embora não categórica (MATEUS; ANDRADE, 1998; FREITAS, 2000), é explicada pelo apagamento possível em nível pós-lexical.

A postulação da forma subjacente sem a vogal à esquerda de sC encontra forte justificativa na variabilidade com que é produzida, tanto em dialetos em que /S/ é uma fricativa palato-alveolar, como no PE ([ʃ]cola ~ [ɨʃ]kola) (MATEUS; ANDRADE, 1998), ou no PB, dialeto carioca ([ʃ]trela ~ [iʃ]trela) (CALLOU; MARQUES, 1975), quanto nos que a produzem como uma fricativa alveolar, como na maioria dos dialetos do PB ([is]trela ~ [s]trela) (BISOL, 1999).

Mais importante ainda para a comprovação da realidade sincrônica desse processo são os empréstimos recentes, como *scanner*, por exemplo, que, embora dicionarizado como uma seqüência /S/ + obstruinte, é comumente produzido com a vogal protética [i]. Também incluem-se aí nomes próprios adaptados à fonologia do português, como *Stefano* (COLLISCHONN, 1996, p. 164).

Outro argumento em favor de uma forma subjacente /ØSC/ envolve a comparação com outras seqüências sC grafadas com vogal inicial diferente de *e*, como em *asterisco*, *ostentar*, *aspargo*, por exemplo, em que a vogal inicial sempre é produzida pelos falantes. Conclui-se, portanto, que a alternância com zero ocorre apenas quando sC é precedida por *e* (BISOL, 1999, p. 42).

Posto, portanto, que a vogal à esquerda de /S/ tanto em *escola* quanto em *substituto* é proveniente de um processo de epêntese, já que não existe na forma subjacente de tais itens, resta-nos localizar o nível em que se dá sua entrada, isto é, se no léxico ou no pós-léxico.

A localização no léxico é defendida por Collischonn (1996), com base na Teoria da Sílaba de Itô (1986)[15]. Em tal proposta, a epêntese é entendida não como uma regra, de acordo com Harris (1983), mas como conseqüência natural do processo de silabação,

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

através do alinhamento da seqüência fonológica ao molde silábico específico da língua e da direção de silabação, estabelecida parametricamente.

No Quadro 1 a seguir, o procedimento de silabação é ilustrado com o item *escola*. O molde CCVCC aplica-se iterativamente à seqüência subjacente /Skɔla/, da direita para a esquerda, direção comumente adotada para as línguas indo-européias (COLLISCHONN, 1996, p. 170). Na primeira silabação, /S/ não é ligado ao nó silábico em respeito ao *Princípio de Preservação de Estrutura*. É somente na segunda silabação que o elemento perdido se ajusta ao molde silábico devido ao mapeamento de um núcleo V não-especificado, cujos traços melódicos serão preenchidos por regra default.

Quadro 1 – Epêntese Lexical

LÉXICO	1ª silabação	2ª silabação	Resultado Final
/Skɔla/	C C V C] | | S k ɔ . la	C C V C] | | VS. k ɔ . la	iS. k ɔ . l a

A epêntese tem a função de manter na palavra o elemento não associado ao nó silábico, já que o *Princípio de Preservação de Estrutura* desencadeia a operação de *Apagamento do Elemento Extraviado* (*Stray Erasure*), responsável pela extinção dos segmentos que não se alinham ao molde ao final de cada ciclo derivacional.

Embora a epêntese seja tratada nessa proposta como categórica, ocorrendo sempre que uma consoante perdida, devido às condições de boa-formação da língua, não puder ser associada nem ao ataque e nem à coda de sílabas adjacentes durante o processo de silabação, o preenchimento variável dos traços melódicos de V, responsável pela produção de formas como *su*[biʃ]*tituto* e *su*[bs]*tituto*, por exemplo, é apontado como uma possibilidade no pós-léxico (COLLISCHONN, 1996, p. 222). Nesse caso, a posição V vazia ligada a um nó silábico transporta-se do léxico para o pós-léxico, onde pode ser preenchida ou não pela vogal [i] ou, mais raramente, por [e].

[15] Evidências a respeito da localização da epêntese no léxico são desenvolvidas em COLLISCHONN (1996).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Tal análise encontra problemas para justificar adequadamente os casos de não-ocorrência de epêntese em fronteira de palavra, como em *na escola* (n[aʃ]cola), *minha esposa* (minh[aʃ]posa), *eu escrevo* ([ewʃ]crevo) (ver Capítulo 7, seção 7.3.3.7), encontrados em nossa amostra ao lado de ocorrências em que se detecta processos de sândi externo motivados pelo choque de dois núcleos silábicos, como a ditongação, resultado da conversão da vogal epentética em glide (n[ayʃ]cola; minh[ayʃ]posa; [ewiʃ]crevo), e a elisão, pelo apagamento da vogal /a/ e conseqüente permanência da vogal epentética como núcleo da nova sílaba constituída (minh[iʃ]posa).

Collischonn (1996, p. 226) propõe então que a opção de não preenchimento de V por uma vogal alta possa ser explicada por um processo de fusão entre o nó silábico completo e o outro incompleto, conforme ilustra o Quadro 2 a seguir

Quadro 2 – Não Preenchimento de V por Vogal Epentética: Fusão de Nós Silábicos

PÓS-LÉXICO	Fusão de nós silábicos	Saída
σ σ σ σ n aV sk ɔ l a	σ σ σ n a s k ɔ l a	[nas'kɔla]

A ausência de casos desse tipo na amostra-base analisada por Collischonn (1997), em que a inserção de vogal alta não ocorre em fronteira de palavra, tanto em posição inicial (*um[as]kol) quanto em final (*PU[ka]visa), é utilizada pela autora como um argumento em defesa da hipótese de que a epêntese é anterior à concatenção frasal, já que não foram encontradas ocorrências em que processos de ressilabação em fronteira de palavra a sangrassem (p. 167-169). Sendo assim, Collischon considera a possibilidade da existência de uma condição de boa-formação que exija inserção da vogal ainda no léxico, quando V se encontrar na borda da palavra (p. 226).

A existência desse tipo de dado na amostra considerada pela presente pesquisa nos leva a optar por outro tipo de análise. De acordo com Bisol (1999, p. 43), em palavras como *escola* (/Skɔla/) e *toraks* (/tɔrakS/), em que as consoantes perdidas se

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

encontram na borda da palavra, a consoante inicial e as duas consoantes finais são protegidas do apagamento durante todo o componente lexical pelo recurso de extrametricidade, conforme se verifica no Quadro 3 adiante. No pós-léxico, a extrametricidade deixa de ser ativa e, conseqüentemente, os segmentos, antes invisíveis, são silabados devido à pressão do *Princípio do Licenciamento Prosódico.* Como não há intervenção do *Princípio de Preservação de Estrutura*, o ataque e a rima emergem com duas consoantes ([ʃkɔla] e [tɔrakʃ]), conforme indica a Saída 1. A outra opção possível é a epêntese ([iʃkɔla] e [tɔrakiʃ]), mostrada na Saída 2.

Quadro 3 – Epêntese Pós-Lexical

LÉXICO		**PÓS-LÉXICO**	Saída 1: Incorporação livre	Saída 2 : Epêntese
/Skɔla/	σ σ <S> k ɔ l a	σ σ ʃ k ɔ l a	σ σ ʃ kɔ l a	σ σ σ i ʃk ɔ l a
/tɔrakS/	σ σ t ɔr a <kS>	σ σ t ɔr a kʃ	σ σ t ɔ rak ʃ	σ σ σ t ɔr aki ʃ

Sob essa perspectiva de análise, um dado como *na escola* (n[aʃ]cola), em que a opção de epêntese não é a escolhida, seria obtido diretamente, sem lançar mão de nenhum tipo de condição ou regra especial. Conforme ilustra o Quadro 4 a seguir, ao entrar no componente pós-lexical, /S/ perde a característica de segmento extramétrico e, por ressilabação, incorpora-se automaticamente à sílaba anterior, assumindo a posição de coda.

Quadro 4 – Não Preenchimento de V por Vogal Epentética: Incorporação Livre

PÓS-LÉXICO	Saída 1 : Incorporação Livre
σ σ σ n a ʃ k ɔ l a	σ σ σ naʃ k ɔ l a

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

A outra opção de saída nesse caso envolve a entrada da vogal epentética, criando, desse modo, contexto para o sândi externo, ou seja, o choque entre dois núcleos silábicos, conforme mostra o Quadro 5 a seguir. O núcleo da sílaba mais fraca é perdido, o que resulta dois segmentos flutuantes não permitidos mesmo no componente pós-lexical em respeito ao *Princípio do Licenciamento Prosódico*. A ressilabação processa-se, com a conversão da vogal alta epentética em glide. A fricativa continua a ocupar a posição de coda.

Quadro 5 – Epêntese Pós-Lexical e Ditongação

PÓS-LÉXICO		Saída : Epêntese
σ σ σ σ n a i ʃ k ɔ l a	σ σ σ n a i ʃ k ɔ l a	σ σ σ n a j ʃ k ɔ l a

Consideramos, portanto, que o recurso à extrametricidade no léxico oferece uma solução mais direta à questão da epêntese variável diante de seqüências sC em língua portuguesa, pois elimina a postulação de uma condição de boa-formação que exija a inserção da vogal diante de sC ainda no léxico e o processo de fusão entre um nó silábico completo e outro incompleto no pós-léxico.

4.4.1.3 A questão do domínio de aplicação da regra de palatalização da fricativa em posição de coda em língua portuguesa

De acordo com a seção 4.2, duas possibilidades para a caracterização do domínio de aplicação da regra de palatalização da fricativa alveolar em posição de coda são oferecidas: a de Nespor e Vogel (1986), expressa em (40), e a de Harris (1983), em (41).

(40) $s \rightarrow \int / __ C_0]_\sigma$

(41) $s \rightarrow \int / \underset{\underset{R}{|}}{__}$

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Embora haja um número considerável de regras que possam ser formuladas em termos de rima[16], a sílaba não pode ser dispensada como domínio fonológico (ver seção 4.2.1.3). Conseqüentemente, a teoria fonológica passa a dispor de tipos diferentes de regras que lidam com questões de estrutura silábica. Se, por outro lado, a rima não for utilizada como domínio de regra fonológica é possível restringir todas as regras a um único tipo. O resultado é um sistema mais simples e mais restritivo e, nesse sentido, a alternativa de adoção da sílaba como domínio fonológico mínimo é apontada como preferível (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 76).

No entanto, com relação à regra em discussão, uma estipulação de domínio como (40) não daria conta do fato de que a produção palato-alveolar da fricativa pós-vocálica, assim como também a regra de aspiração para o espanhol (ver 4.2.2.2), acontecem não só em final de palavra ou diante de consoante, mas também diante de vogal, como atestam, no caso da fricativa em discussão, as ocorrências extraídas da amostra utilizada para a análise estatística a ser apresentada no capítulo 7 (ver Anexo B- Quadro B 1).

Diante disso, optamos por representar a regra como (41), já que a ausência de qualquer variável no lado direito da regra claramente representa um contexto mais ilimitado, oferecendo assim maior generalidade à representação. Adicionalmente, há evidência clara na literatura tanto para a existência das unidades sub-silábicas quanto para o fato de que os princípios que governam os constituintes ataque e rima são significativamente diferentes.

Outro argumento a favor da opção adotada advém das importantes informações obtidas sobre o papel do contexto precedente na produção da fricativa palato-alveolar (ver Capítulo 7, seção 7.3.3.7), expressão clara da relação fonotática entre os constituintes sub-silábicos núcleo e coda. O domínio silábico, a outra opção, apesar de oferecer economia para o sistema em virtude do menor número de domínios possíveis para aplicação de regras segmentais e da não duplicação de funções, uma possibilidade real quando tanto a rima quanto a sílaba são potencialmente o domínio de um único

[16] Harris (1983) propõe para o espanhol que a rima seja o domínio para as regras de velarização (op. cit., p.46), aspiração (op. cit., p. 46), semi-vocalização do /l/ (op. cit., p. 48), despalatalização da lateral (op. cit., p. 51), despalatalização da nasal (op. cit., p. 53) e fortalecimento do /r/ (op. cit., p. 63, 65).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

fenômeno, obscureceria o fato de que é justamente esta estreita relação entre /S/ e a vogal que o precede uma das principais responsáveis pela aplicação da regra variável em discussão, visto que Contexto Precedente é, do ponto de vista estatístico, a segunda variável lingüística mais importante para o processo em estudo (ver Capítulo 7, seção 7.3.2).

Tem-se, assim, que a própria estrutura fonotática da língua parece conduzir à postulação de unidades de constituição dentro da sílaba, isto é, à idéia de que a sílaba possui estrutura interna de constituintes imediatos com nós rotulados.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

4.5 Conclusão

Nesse capítulo, defendemos que a interpretação da sílaba como uma estrutura de ramificação com constituição interna permite uma caracterização mais adequada das restrições fonotáticas possíveis nas línguas.

Com relação à língua portuguesa, mostramos que os princípios de composição silábica, ao lado da Condição de Boa-Formação da Rima e da Regra de Adjunção de /S/, regulam a ocorrência de até duas codas consonantais, sendo a primeira posição ocupada tanto por consoantes [+ soante] quanto pela consoante [- soante, + contínuo, + coronal], neutralizada para os traços [anterior] e [voz]. A segunda posição só pode ser ocupada por essa consoante neutralizada.

Embora a literatura registre a possibilidade de geminadas [+ soante], não consideramos a análise extensiva às fricativas palato-alveolares intervocálicas. Propomos então uma Condição Negativa de Boa-Formação de Geminadas que exclui tal possibilidade no sistema da língua portuguesa.

Com base em dados provenientes da amostra em exame nesse estudo, consideramos que a análise mais econômica para a seqüência sC de início de palavra é aquela que postula a extrametricidade de /S/ no componente lexical e a epêntese como regra variável no componente pós-lexical.

Por último, concluímos ser a rima o domínio adequado de aplicação da regra de palatalização da fricativa pós-vocálica.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

CAPÍTULO 5

A GEOMETRIA DE TRAÇOS

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÔPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

5.1 Introdução

O exame acerca da relação linear entre os elementos segmentais e suprassegmentais em representações fonológicas, foco de interesse dos estudos nos anos 70, conduziu à constatação de que as línguas do mundo nem sempre tratam os parâmetros articulatórios como propriedades segmentais pertencentes a consoantes ou vogais individuais, já que é lícita a possibilidade de se comportarem de modo independente, estendendo-se inclusive por vários segmentos.

A negação, portanto, da biunivocidade como única forma de relação entre um segmento e os traços que o caracterizam conduziu ao desenvolvimento da chamada *Teoria Autossegmental,* originalmente delineada por Goldsmith (1979) para dar conta de fenômenos tonais e posteriormente estendida à descrição de outros parâmetros articulatórios como a nasalização, o vozeamento e a aspiração.

A representação fonológica passa então a ser entendida como composta por uma ou mais *camadas* paralelas constituídas por fileira de segmentos que se diferem um dos outros com relação ao tipo de traço pelo qual são especificados (GOLDSMITH, 1990, p. 8-9). Desse modo, conforme (42) a seguir, na representação fonológica de um item como *sùčí* (dialeto do mixtecano), cada segmento é disposto na chamada *camada segmental*, da esquerda para a direta, em relação de precedência temporal. Os tons ocupam uma camada própria – a camada tonal – e especificam, no caso, uma e apenas uma vogal: /u/ é L (baixo) e /i/ é H (alto).

(42)

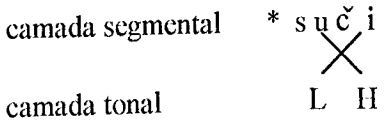
camada segmental	s u č i
	| |
camada tonal	L H

A camada tonal indica o papel da laringe para a constituição do tom da palavra e a camada não-tonal, o trabalho realizado pelos outros órgão do trato oral. A correspondência entre os gestos da laringe e do trato oral é expressa por meio de *linhas de associação,* indicando, assim, a simultaneidade de tempo na produção de tons e vogais.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

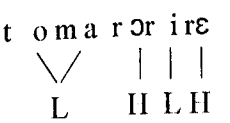
Dada a noção de precedência temporal expressa em (42), são mal-formadas as representações em que linhas de associação se cruzam, como ilustra (43) a seguir, onde se observa uma contradição entre as relações de precedência e dominância.

(43)



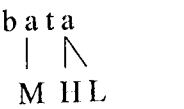
A vantagem oferecida pela representação autossegmental em relação à matriz de traços do modelo gerativo padrão está justamente na possibilidade de representação de associações múltiplas entre autossegmentos de diferentes camadas. Se um tom baixo (L) é produzido durante o tempo de produção de duas sílabas, emerge um *tom de contorno*, como ilustra o dado de kukuyu (língua bantu) em (44) a seguir. A ligação dupla na camada segmental é fruto de uma regra específica da língua, segundo a qual vogais iniciais não associadas a nenhum tom associam-se ao tom mais próximo (GOLDSMITH, 1990, p. 14).

(44)



De modo inverso, a representação em (45), em supyire, aponta que dois tons podem ser produzidos durante o mesmo período de tempo em que uma única sílaba é produzida. O tom alto (H) precede o tom baixo (L), de acordo com o ordenamento linear da camada tonal, ou seja, o começo da vogal é articulado simultaneamente com um tom alto e seu final com um baixo, o que caracteriza uma vogal com tom de contorno ou com tom decrescente. A associação entre tons e segmentos deu-se da esquerda para a direita, em uma relação unívoca de tom e segmento. Como havia mais tons do que vogais, o tom extra associou-se à vogal final (GOLDSMITH, 1990, p. 26-27).

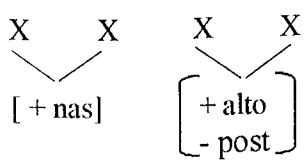
(45)

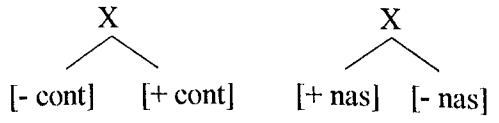


Representações análogas às relativas aos tons de contorno (44) e (45) foram propostas a *segmentos* de contorno, como consoantes geminadas e vogais longas,

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

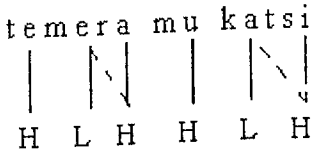
representadas como uma única qualidade associada a dois *slots*, conforme mostra (46) a seguir, ou com dois valores de traço diferenciados associados a um único *slot*, como em (47), referentes a africadas e oclusivas pré-nasalizadas, por exemplo.

(46) 

(47) 

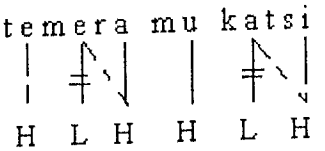
A possibilidade de ligação entre autossegmentos na forma um-para-muitos oferece ainda à teoria fonológica a vantagem de expressar naturalmente processos de assimilação através da adição de uma linha de associação. A especificação de traço do segmento gatilho espraia-se para o alvo através da adição de uma linha de associação entre o gatilho e a posição do alvo na camada segmental. Em (48) adiante, tem-se um caso de assimilação tonal em kihunde (língua bantu, Zaire), fruto de uma regra que opera no nível frasal e que muda uma seqüência de vogais H-L-H para H-H-H, através do espraiamento do tom alto (H) para a vogal adjacente associada a um tom baixo (L).

(48)



A regra prevê ainda que outra operação básica da fonologia não-linear envolvendo linhas de associação ocorra - o desligamento ou apagamento. Desse modo, a representação em (49) indica o desligamento da linha de associação que liga os tons L às vogais-alvo do espraiamento expresso em (48) (GOLDSMITH, 1990, p. 36).

(49)



PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Evidências que sustentam a representação autossegmental de processos assimilatórios, como o descrito em (48), referem-se à *integridade* e à *inalterabilidade* das estruturas de ligação resultantes. A primeira diz respeito à resistência apresentada por geminadas subjacentes ou por *clusters* formados por processos assimilatórios[1] em serem separados por regras de epêntese, as quais acabariam gerando estruturas mal-formadas devido à impossibilidade de especificar os traços do segmento epentético sem cruzar as linhas de associação da estrutura de ligação.

No segundo caso, regras que anteriormente seriam aplicadas por encontrarem contextos propícios deixam de aplicar-se justamente por não identificarem mais tais contextos (GOLDSMITH, 1990, p. 49). Nesse sentido, Hayes (1986) afirma que linhas de associação em regras fonológicas são interpretadas exaustivamente e, portanto, estruturas que tenham mais linhas de associação do que a própria regra não vão ao encontro de sua descrição estrutural.

Na seção 5.2 a seguir, são retomadas as principais propostas de modelo para representação das classes naturais de traços sob a perspectiva autossegmental, reunidas sob a denominação teórica de *Geometria de Traços*.

Desde os modelos de Clements (1985) e Sagey (1986)[2], considerados pioneiros nesse sub-componente da fonologia não-linear, a questão da organização interna do segmento é solucionada através da adoção de uma representação em que as camadas autossegmentais estão arranjadas em uma estrutura hierárquica baseada em uma taxonomia de traços. Implementações a essa idéia na linha de Clements são apresentadas em seus artigos posteriores de 1989a, 1989b, 1991 e em Clements e Hume (1995).

Em 5.3 são apresentadas as operações elementares e os princípios básicos que regem o modelo. Em 5.4, as principais propostas de representação da fricativa palato-alveolar e do processo de palatalização relatados na literatura sobre o assunto são comentados.

---

[1] Ver Hayes (1986) para o palestino e Steriade (1982) para o kolami.

[2] Mohanan (1983) foi o primeiro a propor a reunião dos traços que compõem segmentos em conjuntos, sob nós de classe (SCHMIDT, 1994, p. 287). Outras propostas como Thráisson (1978) e Mascaró (1983) foram desenvolvidas nessa mesma linha, conforme menciona Clements (op. cit.).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

5.2 A Representação Hierárquica de Traços – Propostas

5.2.1 Geometria de Traços – Modelo base

Com base nas convenções de representação não-linear, o agrupamento de traços é representado por Clements (1985, p. 229) em uma estrutura tri-dimensional como parte da geometria de representação fonológica considerada universal, conforme ilustra a Figura 6 a seguir.

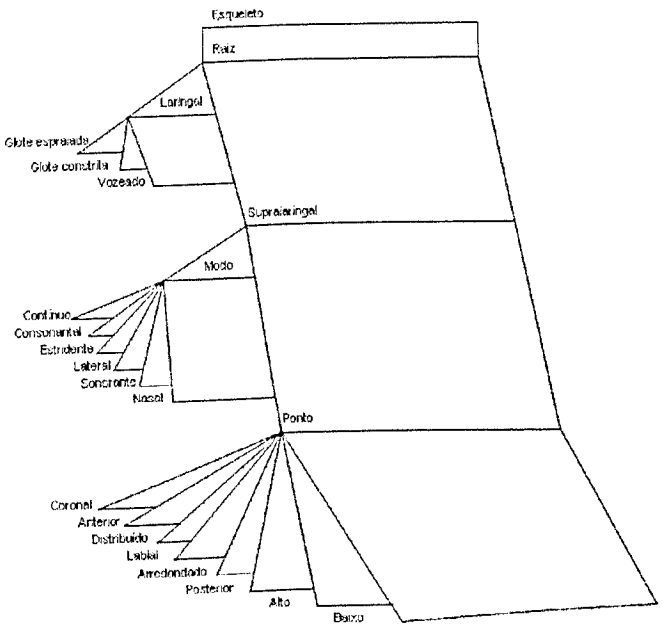


Figura 6 – Geometria de Traços: Modelo de Clements (1985)

A base empírica da teoria de Geometria de Traços está na caracterização dos chamados *nós de classe*, entendidos como agrupamentos de traços que consistentemente se comportam como uma unidade em regras fonológicas. Tais nós estão dispostos hierarquicamente em camadas.

A camada mais alta da representação na Figura 6 é a *camada CV* ou *camada do esqueleto*, composta por *slots,* ou seja, espécies de âncoras para a associação de vogais e consoantes que serão realizadas. Dessa camada partem as *camadas de classe*.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

A primeira camada de classe, diretamente ligada à camada CV, é a *camada da raiz,* que imediatamente domina a *camada laringal* e a *camada supra-laringal*. Camada da raiz e camada laringal são adjacentes e definem, portanto, um *plano*, assim como também a camada da raiz em relação à camada supra-laringal.

A *camada laringal* imediatamente domina os traços referentes ao estado da glote, [glote constrita], [glote espraiada] e [voz], cada um ocupando sua própria camada.

A *camada supra-laringal* caracteriza o estado dos articuladores supraglotais. Domina imediatamente a *camada de ponto* e a *camada de modo*. Embora o autor saliente, a respeito dessa última, a ausência de processos de assimilação ou apagamento que justifiquem o agrupamento dos traços de modo [consoantal], [soante], [contínuo], [lateral], [estridente] e [nasal] em uma classe, reconhece que alguns desses participam individualmente em processos de assimilação.

Os traços de ponto são apresentados em dois conjuntos: os *primários* [coronal], [anterior] e [distribuído], que distinguem ponto de articulação em consoantes, mas não em vogais, e os *secundários* [alto], [posterior], [baixo], [labial] e [arredondado], os quais distinguem ponto de articulação em vogais apenas.

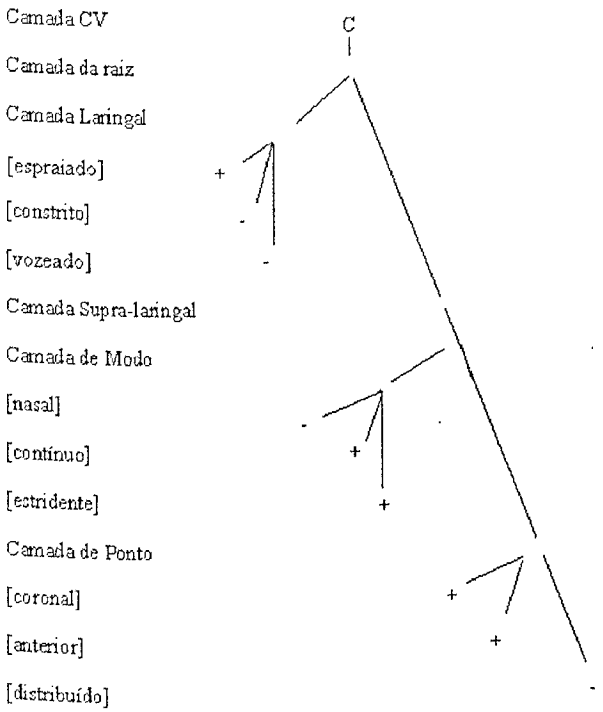
Amplamente atestado nas línguas do mundo, o processo de assimilação de ponto é interpretado na Geometria de Traços como espraiamento do nó de ponto, caso em que vogais e consoantes são tidas como pertencentes ao mesmo plano. No entanto, abaixo do nó de ponto, os traços de ponto referentes a consoantes e vogais envolvem planos distintos, o que significa a possibilidade de traços vocálicos espraiarem-se através de consoantes e de traços consonantais espraiarem-se através de vogais, sem incorrerem em violação à proibição de cruzamento de linhas em um mesmo plano.

Diante do exposto, conclui-se que a organização hierárquica de um segmento possui a estrutura formal de um diagrama em forma de árvore, cuja raiz é um ou mais elementos da camada CV e cujos símbolos terminais são as especificações de traço "+" e "-". A esse respeito especificamente, nota-se que os traços terminais correspondem àqueles defendidos no SPE, com a adição dos laringais [glote constrita] e [glote não-

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.696/2003.

constrita] e do traço [labial]. Em (50) a seguir, apresentamos a representação parcial de [s]:

(50)



O grau de independência relativa entre dois traços ou classes de traços está correlacionado com o número de nós que os separa. Desse modo, (50) aponta que o grau mais alto de independência está entre os traços laringais e todos os outros, seguido por aquele expresso entre os traços de modo e de ponto. Conseqüentemente, é esperado que regras fonológicas possam afetar os traços supra-laringais como uma unidade, sem afetar os traços laringais e vice-versa. O mesmo se espera para as camadas de ponto e de modo.

Em qualquer modelo de organização hierárquica de traços, os processos de assimilação autossegmental são descritos como o espraiamento de um elemento de uma camada a uma nova posição na camada adjacente. Envolvem três tipos mais comuns nas línguas do mundo, a saber: (i) total: o nó de raiz se espraia; (ii) parcial: um nó de classe se espraia; (iii) um único traço se espraia (CLEMENTS, 1985, p. 231).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.696/2003.

Um exemplo típico de assimilação parcial é mostrado pelo autor com relação à regra de palatalização em inglês, responsável por alternâncias como *permit/permission*, em que uma obstruinte passa à fricativa diante de uma vogal ou glide alto subseqüente. Nota-se, portanto, que não só todos os traços de ponto da vogal ou glide são assimilados pela consoante, mas também são os traços de modo [+ contínuo] e [+ estridente].

Como a assimilação que envolve dois nós de classe ao mesmo tempo constitui uma operação custosa ao modelo, já que regras fonológicas realizam apenas uma operação de cada vez, o autor propõe que a palatalização em discussão seja decomposta em dois processos independentes, ordenados da seguinte forma: (i) espirantização, expressa pela assimilação dos traços de modo e (ii) palatalização propriamente dita, envolvendo o nó de ponto de [j] que domina os traços [+ coronal, - anterior, + distribuído, + alto, - posterior]. O espraiamento provoca então a recategorização dos traços da oclusiva, que passam a [- anterior] e [+ distribuído] (CLEMENTS, 1985, p. 246).

Essa combinação possível entre a teoria dos nós de classe e a teoria das operações e restrições fonológicas é que constitui o ponto central da Geometria de Traços. Embora se possa afirmar que uma concepção componencial de traços (de acordo com desenvolvimentos da fonologia pós-Bloomfieldiana dos anos 40 e 50) (GOLDSMITH, 1990, p. 275; 277) seja parte integrante desse modelo teórico, já que é nítida a forte correspondência com a estrutura dos articuladores e a rede neurológica que governa seu comportamento, as representações de traços resultantes não são justificadas pelo sistema anatômico, mas sim pela teoria fonológica, responsável pela organização do material fonético. Desse modo, diz-se que a teoria expressa a conexão íntima entre a organização do segmento e os tipos de processos fonológicos que tais segmentos podem suportar (BROE, 1992, p. 159).

Essa proposta preliminar de representação hierárquica de traços é revisada por SAGEY (1986), que investiga mais profundamente seu conteúdo e estrutura, focalizando os segmentos complexos.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.696/2003.

5.2.2 A Hierarquia do Nó do Articulador

Em sua tese de doutorado – *The representation of features and relations in non-linear phonology* (1986, 1990) -, Sagey propõe que a organização hierárquica de traços apresentada em Clements (1985) sofra algumas alterações com base nas relações de dependência e independência entre traços distintivos comprovadas por processos fonológicos ocorrentes em várias línguas.

A falta de evidência para a classe de modo já apontada por Clements (1985) é resolvida nessa proposta através do desaparecimento desse nó e pela conseqüente inclusão de seus dependentes – [contínuo], [consonantal], [soante], [lateral] e [estridente] - sob o nó de raiz, considerando-se o comportamento individual de cada traço[3]. Tratamento diferenciado também é oferecido ao traço [nasal], o qual se torna dependente de um novo nó representando o palato mole.

A principal contribuição desse modelo, no entanto, reside na proposta de uma geometria para os traços de ponto de articulação – a *Hierarquia do Nó do Articulador* – como parte da representação hierárquica universal de traços. De acordo com Sagey (1990, p. 35), ao nó de ponto subordinam-se nós independentes que designam cada um dos articuladores ativos distintos do trato oral, a saber: os lábios (nó labial), a parte frontal da língua (nó coronal), o corpo da língua (nó dorsal) e a raiz da língua (nó da raiz da língua). A Figura 7 a seguir apresenta a estrutura arbórea completa sugerida pela autora.

[3] A subordinação de [soante], [estridente] e [lateral] ao nó de raiz é, segundo Sagey (op. cit., p. 210), problemática, uma vez que tais traços não são análogos à [consonantal] e [contínuo], ambos referentes ao grau de fechamento de um articulador.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

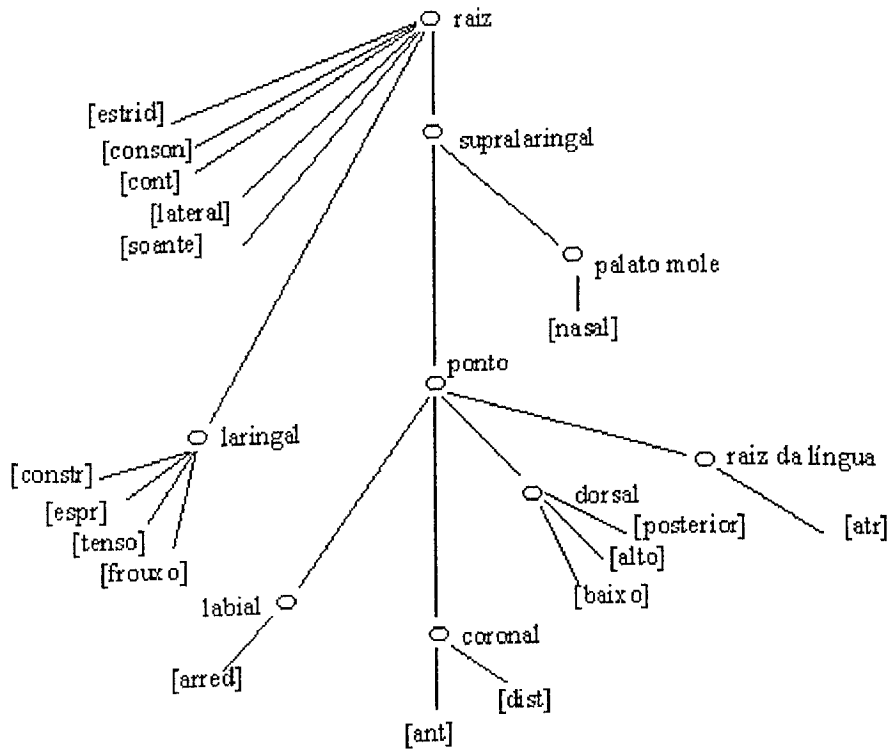
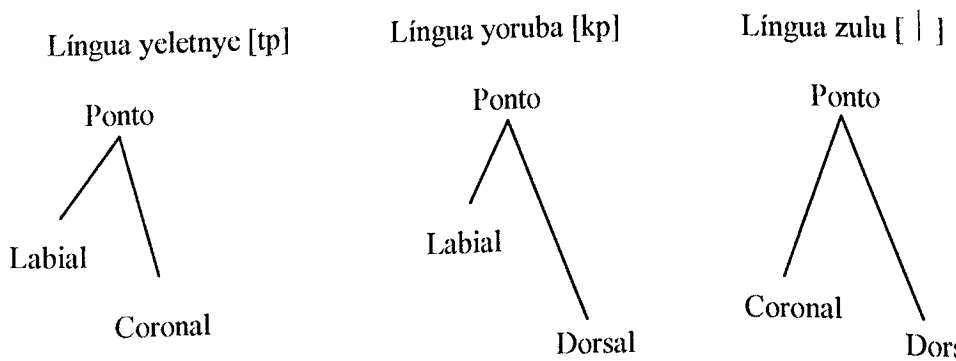


Figura 7 – Hierarquia do Nó do Articulador: Sagey (1986, 1990)

Uma das vantagens em restringir os articuladores a esse conjunto está na caracterização de segmentos complexos pela combinação de dois (ou potencialmente mais)[4] pontos de articulação simultâneos em qualquer língua humana. Desse modo, o modelo expresso na Figura 7 prevê a possibilidade de articulações diferentes simultâneas envolvendo, por exemplo, os lábios e a lâmina da língua (lábio-coronal), os lábios e o dorso da língua (lábio-velar) ou a lâmina e o dorso da língua (click dental). Tais configurações duplamente articuladas são representadas em (51) a seguir.

(51)



[4] Ladefoged e Maddieson (1996) apresentam justificativas acústicas para a raridade de segmentos com tripla ou quádrupla articulação. No caso das oclusivas orais, por exemplo, uma das oclusões de um segmento com articulação tripla sempre estará contido no outro, o que não permite a identificação clara de sua presença.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.696/2003.

Também relacionados à presença de articuladores ativos no trato oral estão os nós de classe laringal e palato mole, envolvendo, respectivamente, a glote e o palato mole como articuladores ativos.

A reunião de labial, coronal, dorsal e raiz da língua sob um constituinte de ponto, excluindo-se a classe palato mole, é atribuída ao fato de que os traços subordinados ao nó de ponto exercem maior influência na estrutura do formante do que a nasalidade em virtude das mudanças no formato do ressoador (SAGEY, 1990, p. 206). Do mesmo modo, a fonética acústica justifica a distinção entre os agrupamentos de traços supralaringais e laringais, no sentido de que apenas os primeiros causam distorções nas estruturas dos formantes. O nó de raiz, por sua vez, não apresenta motivação acústica ou anatômica, correspondendo apenas à entidade fonológica.

Como labial, coronal, dorsal, raiz da língua, palato mole e laringal não são simplesmente traços, mas nós de classe, não são caracterizados por "+" ou "-". A especificação de um desses nós em um segmento significa que o articulador, representado pela classe de traços, está presente como um articulador ativo no segmento.

Essa inovação na Geometria de Traços permite que se resolvam algumas inadequações do modelo padrão, principalmente no que se refere à classe [coronal]. Enquanto [+ coronal] define uma classe freqüentemente atestada em regras fonológicas (alveolares, palatais, retroflexas), evidências para a classe reunida pelo seu valor oposto (labial, velar, uvular) são praticamente inexistentes (BROE, 1992, p. 161). À luz da Hierarquia de Ponto, essa classe problemática simplesmente não é mencionada, já que só [coronal] existe.

Importantes diferenças com relação à teoria padrão são também observadas com relação aos traços terminais expressos na Figura 7, os quais são os únicos especificados pelos valores "+" e "-". Cada um deles ocorre sob um e apenas um nó de classe e, além disso, um traço terminal que ocorre sob um nó de articulador na hierarquia não pode ser especificado em um segmento a menos que o nó articulador correspondente seja também especificado, até mesmo considerando-se o valor negativo do traço (SAGEY, 1990, p. 207-208). Desse modo, [- arredondado] implica o nó labial e [- posterior], o nó

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

dorsal. As definições dos traços terminais sob os articuladores são as seguintes (SAGEY, 1990, p. 208):

(52)

Implicam o nó labial	
[+ arredondado]	lábios arredondados
[- arredondado]	lábios estendidos
Implicam o nó coronal	
[+ anterior]	constrição formada pela parte frontal da língua à frente da região palato alveolar
[- anterior]	constrição formada pela parte frontal da língua atrás da região palato alveolar
[+ distribuído]	constrição formada pela parte frontal da língua que se estende por uma distância considerável ao longo da direção do fluxo de ar
[- distribuído]	constrição formada pela parte frontal da língua que se estende por uma distância pequena ao longo da direção do fluxo de ar
Implicam o nó dorsal	
[+ alto]	corpo da língua levantado
[- alto]	envolvendo o corpo da língua, distintivamente não levantado
[+ baixo]	corpo da língua abaixado
[- baixo]	envolvendo o corpo da língua, distintivamente não abaixado
[+ posterior]	corpo da língua retraído
[- posterior]	corpo da língua frontalizado
Implicam o nó raiz da língua	
[+ ATR]	raiz da língua avançada
[- ATR]	envolvendo a raiz da língua, distintivamente não avançada
Implicam o nó laringal	
[+ glote espraiada]	glote espraiada
[- glote espraiada]	envolvendo a glote, distintivamente não espraiada
[+ glote constrita]	glote constrita
[- glote constrita]	envolvendo a glote, distintivamente não constrita
[+ corda vocal tensa]	cordas vocais tensas
[- corda vocal tensa]	cordas vocais distintivamente não tensas (ex.: tom médio)
[+ corda vocal frouxa]	cordas vocais frouxas
[- corda vocal frouxa]	cordas vocais distintivamente não frouxas (ex.: tom médio)
Implicam nó do palato mole	
[+ nasal]	palato mole abaixado
[- nasal]	palato mole levantado

De modo diverso do apresentado pela teoria padrão, onde [anterior] refere-se somente ao ponto de articulação, independentemente de qual articulador formou a constrição, no modelo de Hierarquia do Articulador esse traço é definido apenas pelo envolvimento da parte frontal da língua. Conseqüentemente, labiais não são [+ anterior]

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

e velares não são [- anterior]. Essa determinação, segundo Broe (1992, p. 161-162), resolve outra inadequação apontada pela teoria dos traços distintivos do SPE, já que não se conhece nenhum processo fonológico em que tanto [+ anterior] (labial, alveolar) quanto [- anterior] (palatal, retroflexo, velar, uvular) funcionem como uma classe natural. No modelo de Sagey, esse problema desaparece, uma vez que [anterior] é um traço terminal, cuja função é a subclassificação dos segmentos [coronal] e não a classificação cruzada de todo o inventário consonantal.

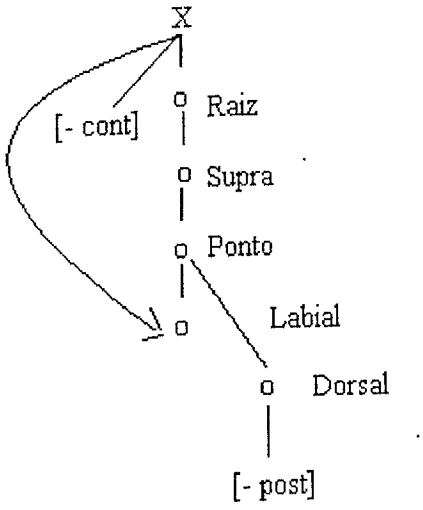
Outra implementação oferecida pelo modelo em discussão com relação ao modelo anterior refere-se à atribuição dos traços de ponto referentes às vogais como dependentes dos traços de articulador. Desse modo, ao mesmo tempo em que prevê a interação fonológica entre vogais arredondadas e consoantes labiais, já que [± arredondado] subordina-se ao nó [labial], a presente proposta reúne os outros traços vocálicos do SPE sob um nó específico - [dorsal] - para indicar o envolvimento do corpo da língua como um articulador ativo. O traço [coronal] restringe-se apenas às vogais retroflexas, sem poder de distinção para as outras vogais. Prevê, portanto, que os traços sob [dorsal] possam funcionar como uma única unidade em regras fonológicas.

Os traços vocálicos em segmentos complexos com articulação secundária, como os palatalizados, velarizados e labializados, recebem uma interpretação totalmente abstrata no modelo de Sagey. Opostamente ao tratamento fonético recebido até então, as articulações primárias e secundárias são agora diferenciadas pela propriedade de distintividade do grau de fechamento, e não mais pelo grau de fechamento, de modo que em uma consoante complexa o grau de fechamento distintivo é o primário ou *maior*, nos termos da proponente, e o grau de fechamento previsível é o secundário, ou *menor* (SAGEY, 1990, p. 149).

Como tanto a articulação maior quanto a menor ligam-se diretamente ao nó de ponto, a diferenciação entre ambas se dá por meio de um *indicador* em forma de seta que estabelece a ligação entre o nó de raiz, onde se encontram os traços de fechamento, e o traço do articulador maior. Essa proposta é ilustrada em (53) a seguir com a representação de uma consoante bilabial palatalizada [p^{j}] em nupe, originada pelo espraiamento do traço [- posterior] de uma vogal frontal em contexto seguinte. Para a autora, o glide /j/ é definido pelo traço de ponto [dorsal] e seu dependente [- posterior].

UFMG/FACULDADE DE LETRAS - COPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(53) [p^j]



O espraiamento de [- posterior] acarreta em /p/ a interpolação do nó dorsal, originando [p^j], um segmento complexo com [labial] e [dorsal] não ordenados. O fato de a adição de [- posterior] modificar /p/ comprova que este não é redundantemente [- posterior], como assume a teoria padrão, caso em que essa adição não causaria efeito algum. À luz da Hierarquia do Nó do Articulador, esse processo torna-se completamente natural, já que /p/ possui apenas o nó labial sob o nó de ponto e a adição de [- posterior] provoca a adição do nó dorsal ao nó de ponto.

A seta indicadora em (52) mostra que o traço de grau de fechamento [- contínuo] se aplica ao nó labial. Essa informação é importante em nupe pois é necessário distinguir o grau de fechamento da articulação dorsal entre a bilabial palatalizada [p^j] e a consoante lábio-dorsal palatalizada [kp^j], ou seja, deve-se representar o fato de que na bilabial a articulação dorsal é [+ contínua, - consonantal], proveniente de uma vogal, enquanto que na lábio-dorsal é [- contínua, + consonantal], relativa à consoante [k].

Desse modo, a única forma de distinção entre [p^j] e [kp^j] é a representação diferenciada dos articuladores maiores de cada tipo consonantal: enquanto apenas o nó labial é sinalizado pelo indicador em (54), a lábio-dorsal palatalizada requer duas setas indicadoras, uma para o nó labial e outra para o nó dorsal.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Embora o tratamento dado às consoantes complexas com articulação secundária seja muito mais fonológico do que fonético, o arranjo de nós e traços proposto por Sagey (Figura 7) visa refletir, de certo modo, a universalidade da anatomia do trato oral humano. Fenômenos fonológicos são então explicados, dentro dessa perspectiva, em termos de representações fonológicas que se baseiam no mecanismo físico da fala, o que, de acordo com Sagey, constitui um desiderato dos estudos fonológicos:

> I hope that future research [...] will lead us further toward the goal of explaining phonology in terms of its physical basis, so that we do not attribute to arbitrary aspects of the phonology what is explainable on the basis of phonetics (SAGEY, 1990, p. 215)[5].

Uma crítica geralmente feita a esse posicionamento refere-se à simplificação que a anatomia do trato oral passa a assumir quando se reduz a uma estrutura como expressa na Figura 7. A possibilidade real de um traço envolver vários gestos articulatórios discretos produzidos por vários articuladores distintos é ignorada, já que nas representações fiéis a tal hierarquia apenas um único articulador está envolvido na produção de um dado traço (SCHMIDT, 1994, p. 289).

Outros desafios a esse modelo envolvem principalmente a caracterização das vogais, conforme será discutido a seguir. Enquanto a representação na Figura 7 propõe que vogais sejam identificadas com relação aos traços do SPE referentes ao corpo da língua [alto], [posterior], [baixo], dependentes do nó de articulador dorsal, e [arredondado], dependente de labial, Clements, em trabalhos posteriores, a serem comentados nas seções 5.2.3 e 5.2.4 seguintes, define a altura vocálica como uma dimensão fonética uniforme subdividida em registros e estende a possibilidade de formação de classes naturais entre consoantes e vogais para além do nó dorsal.

[5] Espero que a pesquisa futura [...] nos guie em direção do objetivo de explicar a fonologia em termos de sua base física, de forma que não atribuamos a aspectos arbitrários da fonologia o que é explicável com base na fonética.

UFSC/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

5.2.3 O nó de abertura vocálica e a Teoria Unificada de Traços para Consoantes e Vogais

O modelo de organização de traços vocálicos proposto em Clements (1989b) fundamenta-se na generalização depreendida de outros sistemas de traços não-binários de que a altura vocálica forma um parâmetro articulatório e acústico uniforme com um número de valores potencialmente ilimitado.

Nessa perspectiva, as distinções de altura são estabelecidas com base em um único traço binário – [abertura] -, capaz de promover uma subdivisão ilimitada, apenas restrita pela habilidade humana em discriminar alturas vocálicas (1989b, p. 24). Desse modo, subseqüente à delimitação de dois registros primários, um mais alto e outro mais baixo, cada um em uma camada, outras subdivisões podem ocorrer, originando sistemas com três, quatro ou cinco alturas vocálicas. Configura-se então um tipo de relação hierárquica entre as diferentes alturas, em termos de [± aberto], de forma que algumas se tornam mais próximas do que outras.

Sugere o autor que esse conceito hierárquico de abertura vocálica seja integrado a uma teoria de sonoridade baseada em traços. Ao traço [abertura] são adicionados os traços de sonoridade [soante], [aproximante] e [vocóide] na constituição de uma escala em que o valor positivo de cada traço de sonoridade corresponde à proeminência psico-acústica do som. Desse modo, a posição de qualquer segmento na escala se torna equivalente à soma das especificações "+" de seus traços de sonoridade.

Em uma língua com um sistema de quatro alturas, como a língua portuguesa, por exemplo, a escala de sonoridade é caracterizada como (54) a seguir, onde O = obstruinte; N = nasal; L = líquida.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(54)

O	N	L	/i, u/	/e, o/	/ɛ, ɔ/	/a/	
			-	-	-	+	Aberto 1
			-	+	+	+	Aberto 2
			-	-	+	+	Aberto 3
			+	+	+	+	Vocóide
-	-	+	+	+	+	+	Aproxim.
-	+	+	+	+	+	+	Soante
0	1	2	3	4	5	6	Escala

Depreende-se de (54) que a vogal baixa ocupa a posição mais alta na escala de sonoridade, o que diretamente dá conta do fato de que constituem essas vogais o tipo de núcleo silábico preferido nas línguas dos mundo.

De modo diverso do proposto pelos modelos anteriores, os traços de altura vocálica não se localizam sob os nós do articulador, mas reúnem-se sob um nó específico para designar a altura das vogais - o nó de abertura - , o qual domina tantas camadas [abertura] quantas forem necessárias para expressar as distinções de altura vocálica em uma língua.

A estipulação desse nó traz como conseqüência a admissão da superfluidade dos traços binários [alto] e [baixo] para o estabelecimento da distinção entre vogais altas e médias, já que a altura vocálica passa a ser tratada em termos de graus de abertura. Além disso, promove mais economia à representação pela eliminação do nó raiz da língua e seu dependente [ATR] (SAGEY, 1986, 1990), motivados apenas pela necessidade de se descrever uma quarta altura vocálica.

Em outro artigo, intitulado *A Unified Set of Features for Consonants and Vowels* (1989a), Clements defende um rompimento com a tradição iniciada pelo SPE, e adotada pelo próprio autor e por Sagey nos modelos de 1985 e 1986, respectivamente, no concernente à caracterização de consoantes e vogais por diferentes conjuntos de traços. Retomando, de certo modo, a proposta de Jakobson, Fant e Halle (1951), propõe um único conjunto de parâmetros para a caracterização de consoantes e vogais e,

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

conseqüentemente, a redução substancial dos princípios necessários para a descrição fonológica.

Dois nós de classe adicionais – *nó de ponto consonantal* ou *Ponto-C* e *nó de ponto vocálico* ou *Ponto-V* -, cada um ocupando um plano distinto, são propostos para acomodar, respectivamente, os traços primários, definidores do ponto de articulação consonantal e os traços secundários, relativos ao ponto de articulação em vogais e à articulação secundária em consoantes.

Desse modo, os traços [labial], [coronal] e [dorsal] passam a ocorrer tanto sob Ponto-C quanto sob Ponto-V e, nesse caso, são considerados suficientes para o estabelecimento da distinção do ponto de articulação em vogais, substituindo, assim, os traços tradicionalmente vocálicos [posterior] e [arredondado].

A fim de preencher adequadamente essa função, propõe-se que esses traços, apresentados por Sagey com uma definição puramente embasada nos movimentos articulatórios envolvidos, sejam redefinidos em termos de suas constrições características a fim de se tornarem válidos tanto para consoantes quanto para vogais. No Quadro 6 a seguir são apresentadas, lado a lado, as definições de cada traço de ponto de acordo com cada proposta:

Quadro 6 – Definições dos traços de ponto: modelo baseado na articulação e modelo baseado na constrição

	Modelo baseado na articulação (SAGEY, 1986, 1990)	**Modelo baseado na constrição (CLEMENTS; HUME, 1995)**
Labial	Envolve os lábios como articuladores ativos	Envolve uma constrição formada pelos lábios inferiores
Coronal	Envolve a parte frontal da língua como articulador ativo	Envolve uma constrição formada pela parte frontal da língua
Dorsal	Envolve o corpo da língua como um articulador ativo	Envolve uma constrição formada pelo dorso da língua

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Pela definição de Clements e Hume (1995), vogais arredondadas passam a ser classificadas como [labial], vogais frontais como [coronal] e vogais posteriores como [dorsal]. Conseqüentemente, [posterior] e [arredondado] tornam-se supérfluos.

Os gestos articulatórios relacionados aos traços [arredondado] e [labial] são considerados coincidentes nessa perspectiva, já que ambos indicam envolvimento dos lábios na produção de consoantes e vogais (CLEMENTS, 1989a, p. 13). A função exercida pelo traço [posterior] passa a ser realizada pelo traço [coronal].

Com a proposta de unificação dos traços, [labial], [coronal] e [dorsal] passaram a ser tratados como privativos sob a justificativa de que regras fonológicas parecem não operar com os valores negativos dessas categorias. Com isso, a superfluidade de [± posterior] em vogais justifica-se pela substituição de [- posterior] por [coronal] e seu dependente [- anterior][6] e de [+ posterior] pelo traço privativo [dorsal].

Embora a nova interpretação do traço [posterior] seja controversa na Geometria de Traços, conforme será discutido no Capítulo 6 (seção 6.4), regras fonológicas de diversas línguas oferecem considerável evidência para a estipulação de classes naturais envolvendo tanto consoantes quanto vogais. A união entre consoantes labiais e vogais arredondadas ou labializadas é considerada a menos controversa de todas, sendo reconhecida, inclusive, desde os primeiros estudos acerca do tema[7].

Quanto à estipulação da classe natural formada por vogais posteriores e consoantes dorsais, Clements e Hume (1995, p. 279-280) oferecem evidências em processos existente em francês e em línguas africanas. Argumentos a favor e contra a interação entre vogais frontais, glides frontais e consoantes coronais já foram mencionados no capítulo 2 (seção 2.2.3.1).

[6] Consoantes [coronal] sob Ponto-C podem ser [+ anterior] ou [- anterior]; vogais e glides frontais apenas apresentam o valor negativo desse traço.

[7] Clements e Hume (1995, p. 278) mencionam os trabalhos de Reighard (1972), Campbell (1974), Selkirk (1988), Capo (1989) e Clements (1990b, 1993).

MATERIAL PROTEGIDO POR DIREITOS AUTORAIS. COPIANOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

5.2.4 Modelo baseado na constrição

O modelo de organização universal de traços para consoantes e vogais, na linha de Clements, atinge seu formato final em Clements e Hume (1995, p. 292), assumindo as representações expostas na Figura 8 a seguir.

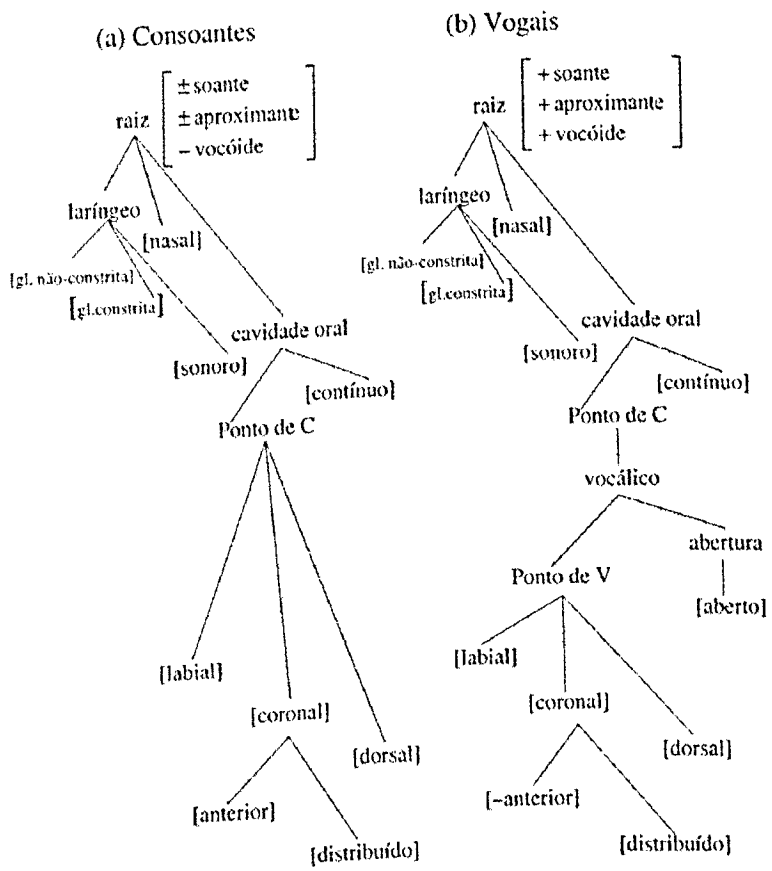


Figura 8 – Modelo baseado na constrição: Clements e Hume (1995)

A base dessa proposta está na busca pela representação da atividade articulatória por meio das constrições do trato oral, responsáveis pela determinação da forma do sinal acústico e conseqüentemente pela percepção do som (CLEMENTS; HUME, 1995, p. 275-276). Tais constrições reduzem-se a dois tipos - consonantal e, encaixado neste, vocálico -, cada um representado na hierarquia por um nó próprio. Às representações consonantal e vocálica ligam-se os parâmetros de *grau de constrição* e *localização da constrição*.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Em consoantes, a constrição propriamente dita é representada pelo nó de cavidade oral, o grau de constrição pelo nó [contínuo] e a localização da constrição pelo nó de ponto (ou Ponto-C).

Em vogais, a constrição é representada pelo nó vocálico, o grau de constrição pelo nó de abertura e a localização da constrição pelo nó de ponto (ou Ponto-V). O modelo (Figura 8) prevê que o nó vocálico seja capaz de se espraiar livremente através de consoantes simples, especificadas para qualquer um dos traços de ponto. No modelo de Sagey (1986, 1990), esse procedimento torna-se impossível caso os traços vocálicos espraiantes sob o nó dorsal necessitem atravessar uma consoante também especificada pelo nó dorsal.

O nó de raiz passa a abrigar apenas os traços de classe maior [soante], [aproximante] e [vocóide], estreitamente ligados entre si e com relação ao nó dominante. Conseqüentemente, quando esses traços estão envolvidos em processos de espraiamento ou de desligamento, o que espraia ou desliga é o nó de raiz. É previsto ainda que sejam totalmente especificados na representação subjacente, restringindo a estrutura da raiz e, dessa forma, guiando processos de silabificação (CLEMENTS; HUME, 1995, p. 269)[8].

O traço [contínuo], pertencente ao nó de raiz em Sagey, passa a ser dominado pelo nó de cavidade oral, que faz a ligação entre o nó de raiz e o nó de ponto. Esse constituinte caracteriza a noção de constrição na cavidade oral como uma unidade funcional em fonologia e é atestado por processos que envolvem, por exemplo, assimilação tanto da localização quanto do grau de constrição.

Entre os nós eliminados no modelo baseado na contrição (Figura 8), em comparação ao modelo do nó do articulador, estão o nó do palato mole e o nó supralaringal[9]. O traço [nasal], único dependente do nó do palato mole, passa a ser ligado diretamente ao nó de raiz, com total liberdade de espraiamento.

[8] A afiliação dos outros traços antes atribuídos como dependentes do nó de raiz - [lateral] e [estridente] não é clara. A literatura registra proponentes em favor da subordinação desses traços ao nó coronal CLEMENTS; HUME, op. cit., p. 293).

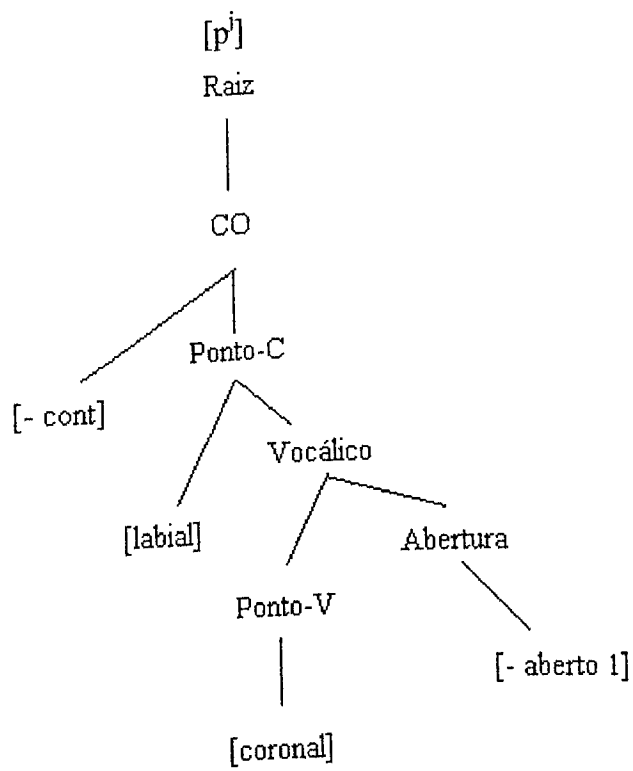
[9] Explicações alternativas foram oferecidas para a maioria dos fenômenos originalmente apontados como provas da funcionalidade do nó supralaringal na representação (op. cit., p. 293).

PUC-RS/BIBLIOTECA GERAL - CATALOGAÇÃO NA FONTE. DE ACORDO COM OS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Uma das principais conseqüências do modelo baseado na constrição diz respeito à representação de segmentos complexos formados por articulação secundária. Enquanto Sagey (1986, 1990) se utiliza de um dispositivo especialmente criado para distinguir a articulação maior de outra menor, o indicador, conforme discutido em 5.2.2, Clements e Hume (1995, p. 287-288) os diferencia pela própria organização dos nós: a particulação maior em qualquer consoante complexa é interpretada pelos valores sob Ponto-C e a articulação menor é caracterizada por um dos traços sob Ponto-V, suplementado por traços de altura vocálica apropriados.

Desse modo, a consoante bilabial palatalizada [p^j] em nupe, representada em (53), passaria a ter a representação mostrada em (55). O espraiamento do nó vocálico da vogal frontal para a consoante labial /p/ automaticamente acarreta a aquisição da articulação menor dessa consoante. Conseqüentemente, a seta indicadora torna-se dispensável.

(55)



O estabelecimento da distinção entre a bilabial palatalizada [[p^j] e a lábio-dorsal palatalizada [kp^j] é focalizado no modelo baseado em constrições pela representação de

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

[dorsal] e de [labial] sob Ponto-C e pelo nó vocálico e seus dependentes, mostrando que se trata de uma consoante com duas articulações consonantais e uma articulação secundária vocálica.

A preferência por um modelo que tem por unidade básica de organização a constrição em relação a um modelo estruturado a partir do envolvimento do articulador é justificada por Clements e Hume (1995, p. 300) pela falta de motivação fonológica para os traços caracterizadores de qualidades específicas do movimento dos articuladores. O modelo baseado na constrição parece ganhar mais força ainda com os resultados de pesquisas acústicas efetuadas por Stevens (1972, 1989, apud CLEMENTS; HUME, 1995, p. 299) que apontam para a insensibilidade das freqüências naturais do sistema a pequenas modificações na localização da constrição, ou seja, há regiões dentro das quais deslocamentos moderados da constrição produzem efeitos desprezíveis no sinal. Essas regiões formam uma base importante para o estabelecimento dos correlatos acústicos e auditivos dos traços distintivos.

Independentemente de ser a unidade organizacional baseada na constrição ou no articulador, a representação de segmentos pela hierarquia de traços aproxima substancialmente a teoria fonológica dos eventos de fala real, sem que o valor explanatório em nível lingüístico seja abandonado. O modelo, de modo geral, se insere em um sistema mais restritivo se comparado ao SPE, guiado pelas regras transformacionais, já que todas as estruturas arbóreas geradas no curso da derivação são extraídas de um mesmo reservatório definido por condições de boa-formação. Passemos a examiná-las mais detalhadamente.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

5.3 Operações Elementares e Princípios Básicos

As operações elementares disponíveis às regras restringem-se a um conjunto de oito possibilidades. Além do espraiamento e desligamento, já comentados em 5.1, restam ainda (CLEMENTS, 1989b, p. 7):

(56)

a) insira X
b) apague X
c) separe X
d) funda X
e) permute X
f) mapeie X em Y

Insira X designa a inserção de um nó e caracteriza regras que inserem valores default assim como também elementos epentéticos. *Apague X* apaga um nó em regras de apagamento. *Separe X* descreve regras em que um nó de raiz ou um elemento do esqueleto se parte e ocasiona a autossegmentação da geometria de um outro elemento. *Funda X* refere-se à junção de dois elementos do esqueleto em um único nó de raiz. *Permute X* ocorre em regras de metátese e *mapeie X em Y*, em regras de associação que precedem convenções gerais.

Há um princípio geral que regula as regras fonológicas em (56), juntamente com espraiamento e apagamento, segundo o qual estas só podem ser expressas em termos de uma única operação elementar (CLEMENTS, 1989b, p. 8).

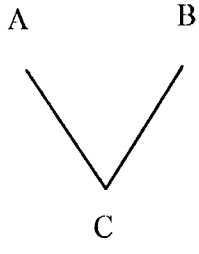
Além da *Condição de Não Cruzamento de Linhas*, apresentada em 5.1 para segmentos tonais, e responsável pela proibição do cruzamento de linhas de associação que ligam dois elementos de uma camada *j* a dois elementos de uma camada *k* (CLEMENTS; HUME, 1995, p. 266), a teoria considera ainda outras convenções e princípios para seu funcionamento. Salientamos na presente exposição o *Princípio de Conservação do Sistema*, a *Convenção de Não-Ramificação*, a *Convenção de Poda do Ramo* e o *Princípio do Contorno Obrigatório*.

PUCRS BIBLIOTECA CENTRAL – COPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

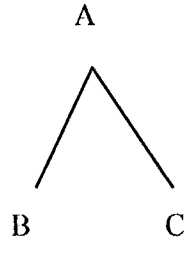
O sistema de regras que mapeia representações subjacentes em representações de superfície deve satisfazer o *Princípio de Conservação do Sistema*, segundo o qual regras não podem criar estruturas que violem as condições de boa-formação universais ou específicas de língua (CLEMENTS, 1989b, p. 8)[10].

Com relação ao conjunto de estruturas universalmente bem-formadas, é previsto que qualquer nó possa estar ligado a dois ou mais nós de uma camada mais alta, conforme mostra a *configuração* em (57) a seguir. Por outro lado, se um nó não-terminal *A* ramificar-se em dois nós mais baixos na mesma camada, *B* e *C*, a configuração ramificada configurada, expressa em (58), é considerada mal-formada (*Convenção de Não*-ramificação) (CLEMENTS, 1989b, p. 7).

(57)



(58)



A má formação de uma estrutura como (57) é então solucionada, no caso não-marcado, por meio da *Convenção de Poda do Ramo* (HALLE; VERGNAUD, 1982, p. 80), segundo a qual a linha de associação não proveniente do espraiamento é apagada (CLEMENTS, 1989b, p. 9). Caso não seja possível apagar o ramo mais antigo, o que configura a situação marcada, a obediência ao Princípio de Conservação do sistema é alcançada pela atuação da *Convenção de Fissão de Nós,* de acordo com a qual a configuração ramificante em (58) se divide em dois nós irmãos –A_1 e A_2– retendo todas as associações anteriores (CLEMENTS, 1989b, p. 11). Caso a configuração resultante ainda viole a Condição de Não-Ramificação, a Convenção de Fissão de Nós se aplica novamente ou até que a condição seja atendida.

Regularidades envolvendo representações fonológicas em várias línguas conduziram à estipulação do *Princípio do Contorno Obrigatório* (LEBEN, 1973; McCARTHY, 1986) também como uma convenção universal e determinística. Segundo

[10] Esse princípio é também referido por Princípio de Preservação de Estrutura (KIPARSKY, 1985).

DOCUMENTO PROTEGIDO PELA LEI DE DIREITO AUTORAL - CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

esse princípio, segmentos, traços ou nós idênticos adjacentes são proibidos em uma mesma camada. Igualmente, são proibidas regras que criam violações a esse princípio.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

5.4 A Palatalização nos Modelos de Organização Hierárquica de Traços: Dorsalização e Coronalização

As várias propostas de caracterização do processo de palatalização com base em modelos de organização hierárquica de traços diferem-se com respeito basicamente a dois aspectos inter-relacionados, a saber:

(a) a identificação do traço de palatalização [+ P][11];
(b) o modo como esse traço está organizado com respeito a outros traços.

Dois grupos gerais podem ser constituídos, distintos pela localização de [+ P] ou como dependente do nó dorsal ou do nó coronal. Tanto em um caso como em outro, o objetivo é representar diretamente o articulador envolvido na execução do gesto articulatório da palatalização.

5.4.1 Palatalização como dorsalização

Considerando-se o processo de palatalização de um modo geral, a localização de [+ P] sob o nó dorsal é defendida pelas propostas de organização de traço de Clements (1985) e Sagey (1986, 1990), as quais espelham diretamente o fato articulatório de que é o corpo da língua o responsável pela execução da palatalização. Como a orientação seguida é a mesma proposta no SPE, [+ P] equivale a [- posterior].

Consoantes palatais ([ɲ]) assim como consoantes coronais e labiais palatalizadas ([t^j] e [p^j], respectivamente) são representadas como segmentos complexos, especificados para o nó coronal e para os dependentes vocálicos do nó dorsal, [- posterior] e [+ alto]. Já as dorsais palatalizadas ([k^j]) apresentam apenas o nó de articulador dorsal e seu dependente [- posterior], configurando-se como consoantes simples.

Com relação às palato-alveolares [ʃ, ʒ], Sagey (1990), com base em Keating (1988) (ver capítulo 2, seção 2.2.3.3), defende a necessidade de estabelecer a distinção

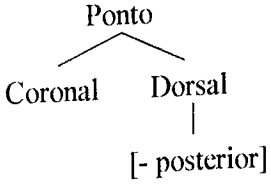
[11] Seguimos Hall (1997, p. 77) na adoção de [+ P] para o traço indicativo de palatalização.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL - CÓPIA NÃO AUTORIZADA - LEI 10.695/2003.

entre esse grupo e as consoantes palatais, mais semelhantes a vogais frontais altas. Diante disso, palato-alveolares, mesmo que se originem a partir de um processo de palatalização, são representadas lexicalmente como consoantes simples, com apenas o nó coronal e seu dependente [- anterior].

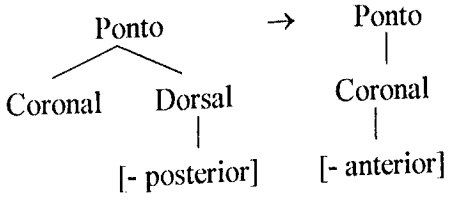
Um exemplo típico é apontado em zoque (SAGEY, 1990, p. 78). A assimilação da fricativa alveolar a um *offglide* palatal precedente, como em *j-sʌk* → *ʃʌk* (os feijões dele), origina uma consoante complexa, como a representada em (59) a seguir, a partir do espraiamento do traço [- posterior] do *offglide* para a consoante alveolar seguinte, o que acarreta a especificação do nó dorsal na consoante.

(59) [ʃ]



Em seguida, a consoante coronal duplamente articulada com um glide dorsal [- posterior] é reanalisada como uma coronal [- anterior], conforme ilustra (60) a seguir. A justificativa oferecida pela autora está no fato de que as articulações dorsal e coronal, por serem muito próximas, não são produzidas como duas constrições independentes, mas fundem-se em uma única articulação coronal [- anterior].

(60)



Desse modo, embora sejam as palato-alveolares geradas também por um processo de palatalização, não exibem em sua representação esse traço. Essas consoantes sofrem uma espécie de reestruturação baseada no pressuposto de que o traço [- anterior] define quase a mesma classe de [+ corpo da língua]: um estreitamento formado pelo corpo da língua é sempre [- anterior], enquanto aquele formado sem o

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

envolvimento do corpo da língua é geralmente [+ anterior] (SAGEY, 1990, p. 108, nota 37). Mecanismos de reestruturação são considerados arbitrários por Lahiri e Evers (1991, p. 82-83) e, de acordo com Clements e Hume (1995, p. 292), colaboram apenas para enfraquecer a teoria, pois comprometem a busca por um formalismo capaz de expressar processos comuns em termos de parâmetros descritivos simples.

5.4.2 Palatalização como coronalização

A subordinação de [+ P] ao traço [coronal] expressa diretamente a grande suscetibilidade das consoantes coronais ao processo de palatalização, conforme já apontado em 2.1.3 com referência especificamente às sibilantes (BHAT, 1978). Dentre as várias propostas que interpretam a palatalização desse modo, revisamos aqui a de Mester e Itô (1989), Lahiri e Evers (1991) e Clements e Hume (1995).

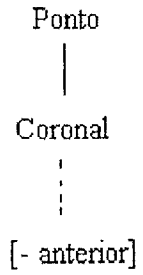
Mester e Itô (1989, p. 287) defendem que a palatalização entendida como coronalização implica no levantamento da lâmina da língua, um gesto articulatório acarretado tanto na articulação de segmentos coronais quanto na articulação de vogais frontais e glides frontais[12]. No modelo de organização de traços isto pode significar a adição de um componente coronal ou, se este já está presente, seu destaque pela adição do traço [- anterior].

Desse modo, a palatalização de um segmento coronal é representada pela associação simplesmente de [- anterior] ao nó coronal, conforme ilustra (61) a seguir. Consoantes velares e labiais palatalizadas recebem o nó coronal e seu dependente [- anterior], como mostra (62) e (63), respectivamente.

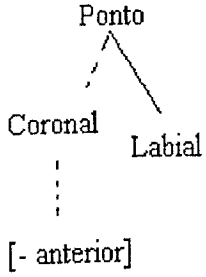
[12] Mester e Itô (op. cit.) seguem Clements (1976) quanto à coronalidade das vogais frontais e à conseqüente reunião de vogais frontais, glide frontal e consoantes coronais na classe natural [+ coronal].

PUC-RS/BIBLIOTECA CENTRAL - EXEMPLAR DE USO TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.994/2003.

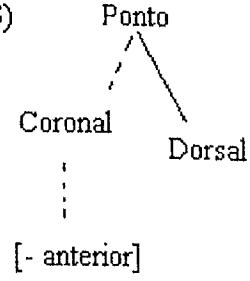
(61)



(62)



(63)



A palatalização de coronais é caracterizada, portanto, como uma mudança na articulação primária, que gera uma consoante fonologicamente não-complexa, enquanto a palatalização em não-coronais cria consoantes complexas pela adição de uma articulação secundária.

Desse modo, a suscetibilidade das coronais à palatalização é entendida nessa linha como conseqüência da própria estrutura da coronal, como se depreende de (61).

Lahiri e Evers (1991), da mesma forma que Mester e Itô, entendem que consoantes palato-alveolares são mais bem expressas como consoantes simples coronais, distintas das alveolares pelo traço [- anterior] dependente de [coronal]. Processos de palatalização que alteram a articulação primária de consoantes alveolares/dentais, gerando uma fricativa ou africada palato-alveolar, são então expressos simplesmente como o espraiamento do traço [- anterior] sob o nó coronal da vogal ou glide frontal para a consoante alveolar ou dental.

Diferem da proposta anterior, no entanto, com relação à representação de labiais e velares palatalizadas, caso em que [+ P] passa a ser representado pelo traço [alto] dependente de um novo nó - posição da língua -, conforme ilustra a Figura 9 a seguir.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

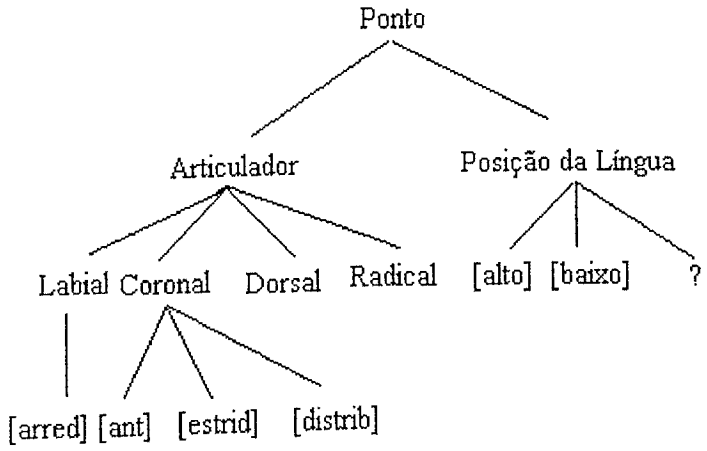


Figura 9 – Geometria de Traços: Modelo de Lahiri e Evers (1991)

Essa representação arbórea proposta por Lahiri e Evers (1991, p. 86) constitui uma espécie de combinação entre os modelos de Sagey (1986, 1990) e Clements (1989a), uma vez que os dois aspectos crucias dessas hierarquias são contemplados, ou seja, um nó específico para a definição dos traços de corpo da língua e um conjunto unitário de traços de ponto para consoantes e vogais.

O nó de ponto domina dois outros nós: o nó do articulador, que inclui os articuladores maiores labial, coronal, dorsal e radical (sugerido para dar conta de consoantes guturais) e o nó de posição da língua, que domina os traços binários de altura da língua [alto] e [baixo], definidos agora com base na descrição acústica do formante. A necessidade de outros traços sob esse nó é ainda motivo para pesquisa, o que justifica o ponto de interrogação indicando outra(s) possibilidade(s) de ramificação. Os traços terminais do nó do articulador são binários e incluem [arredondado], dependente de labial, e os traços [anterior], [distribuído] e [estridente], dependentes de coronal.

A separação entre os nós articulador e posição da língua prevê que esse último seja capaz de passar por operações de espraiamento, o que implica o envolvimento não só dos traços [alto] e [baixo] individualmente, mas também do nó como um todo e de qualquer traço ou de todos os traços dominados por ele.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

A desvinculação dos nós articulador e posição da língua concorda com o proposto por Keating (1988, p. 89) no sentido de que consoantes palatais devem ser representadas como segmentos complexos, articulados tanto com a lâmina da língua quanto com o corpo da língua, o que se traduz pelo envolvimento do nó coronal e dos traços de corpo da língua [+ alto] e [- posterior]. Na proposta de Lahiri e Evers (1991) especificamente, a propriedade de ser coronal e [alto] é facilmente captada pela representação separada dos traços de altura da língua, mas o traço [posterior] é dispensado, já que se pressupõe dorsal como caracterizador dos segmentos [+ posterior] e o traço [anterior], sob o nó coronal, como responsável por todos os segmentos [- posterior].

A equivalência entre os traço [anterior] e [- posterior] como uma interpretação prática do fato articulatório, já que a definição de [anterior] refere-se ao local da obstrução no trato oral, e não ao movimento realizado pelo corpo da língua no eixo horizontal do trato oral, não é totalmente ignorada por Lahiri e Evers, visto que afirmam ser o processo de produção de uma palato-alveolar a partir de uma alveolar um tipo de "posteriorização", no sentido de a localização mais para trás da constrição, em comparação à alveolar, estar acompanhada pelo recuo e elevação do corpo da língua.

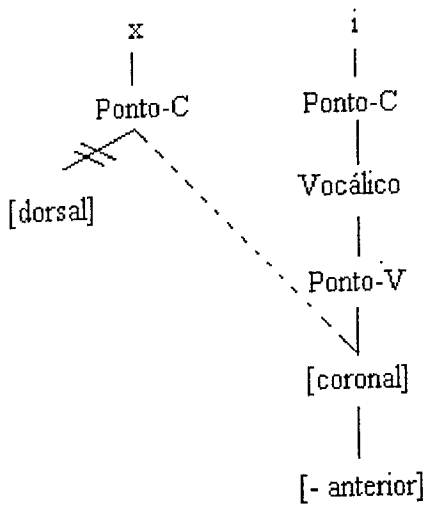
Apesar do traço [anterior] não representar exatamente essa idéia, os autores consideram mais intuitivo que o processo de palatalização da fricativa alveolar disparado por uma vogal alta frontal envolva o espraiamento de [- anterior] da vogal para a consoante ao invés do traço [- posterior], como sugere Sagey (1986, 1990) (ver seção 5.2.2).

A diferença entre a representação do processo de palatalização que muda uma articulação primária e a que acrescenta a essa uma articulação secundária também é estabelecida por Clements e Hume (1995). O primeiro caso pode ser exemplificado pela regra do eslovaco, em que uma consoante velar como /x/ é realizada como /ʃ/ quando seguida por /i, e, æ, j/ (p. 295). Nesse caso, o traço [coronal] sob Ponto-V da vogal se espraia diretamente ao nó de Ponto-C da consoante velar, substituindo seu traço [dorsal] original, conforme ilustra a representação (64) a seguir. A vantagem dessa proposta está

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

na possibilidade de representação da palatalização de modo simples e direto, sem nenhum ônus à teoria.

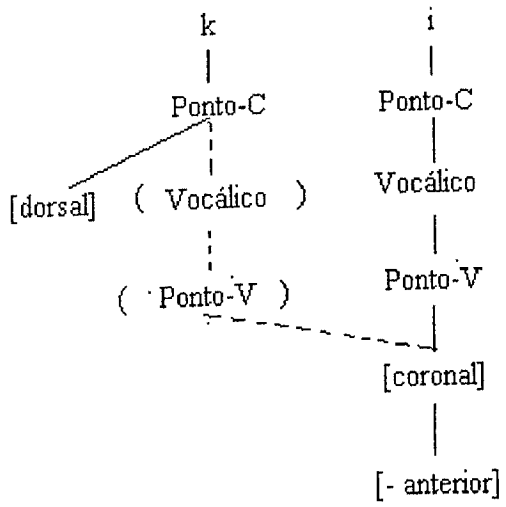
(64)



Como houve mudança da articulação primária da consoante, o segmento resultante [ʃ] é apontado pelos autores como fruto de uma regra elementar de *coronalização*. A palatalização propriamente dita para Clements e Hume (1995) pode ser exemplificada pelo estágio de frontalização das oclusivas velares na passagem do latim para o português, conforme comentado no Capítulo 2 (seção 2.3.1), por influência de uma vogal frontal em contexto seguinte ([ke]*ntum* > [k^{j}]*entum* > [tʃ]*entum* > [ts]*entum* > port. [s]*em*), processo análogo ao sincrônico (e opcional), verificado no francês acadiano (*/gɛte/ ~ g^{j}ɛte ~ dʒɛte*) (CLEMENTS; HUME, 1995, p. 294). As variantes [k^{j}, g^{j}], tanto em um caso como em outro, são resultado do espraiamento do traço [coronal] da vogal frontal para a consoante velar, a qual se torna uma velar palatalizada e não uma coronal, conforme ilustra (65) a seguir.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(65)



O espraiamento do traço [coronal] para a consoante implica a interpolação de um nó de Ponto-V e de seu subordinante vocálico para que a exigência de boa-formação seja atendida.

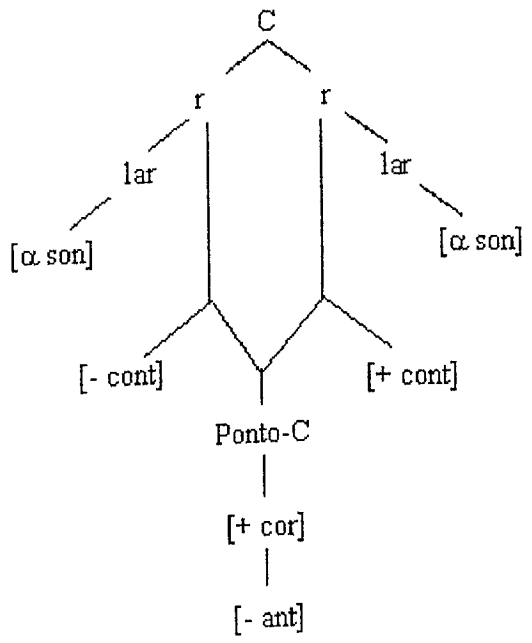
A passagem de [k^j] a [tʃ] observada na evolução do latim imperial assim como também a variante [dʒ], que ocorre ao lado de [g^j] no francês acadiano, são originadas a partir de um processo de *coronalização,* ocasionado pela promoção da articulação menor verificada nas velares palatalizadas, ou seja, o traço [coronal] e seu dependente [- anterior] desligam-se de Ponto-V e são copiados sob Ponto-C, substituindo o traço de articulação maior original. O segmento resultante, um segmento de contorno, representado pelos dois valores do traço [contínuo] sob o nó de raiz, apresenta então um único traço de articulação maior. Nesse tipo de processo, portanto, a coronalização é alimentada pela palatalização.

Esse também é o caso da produção palato-alveolar de oclusivas alveolares em ambiente de vogal ou glide frontal, um processo bastante comum nas línguas do mundo de acordo com Bhat (1978), quem o registra em eslavo (p. 53), japonês (p. 53), papago (p. 54), entre outras línguas. Para o português, Bisol e Hora (1995) consideram que o processo possui dois estágios: no primeiro, a consoante oclusiva alveolar é palatalizada pelo espraiamento de uma vogal ou glide frontal, originando uma consoante com articulação secundária ([t^j, d^j]); no segundo, a africada palato-alveolar é criada pela promoção do traço secundário da consoante à articulação primária. Nesse ponto, os

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

autores defendem, de acordo com Clements (1989a), que a consoante resultante bifurca-se em duas raízes pela aplicação da Convenção de Fissão de Nós e em obediência à Convenção de Não-Ramificação (ver 5.3), já que, com a promoção do traço vocálico sob o nó de cavidade oral, uma configuração ramificada envolvendo o traço [contínuo] se estabelece. A representação (66) adiante ilustra a africada palato-alveolar, conforme Bisol e Hora (1995, p. 17).

(66) [tʃ]

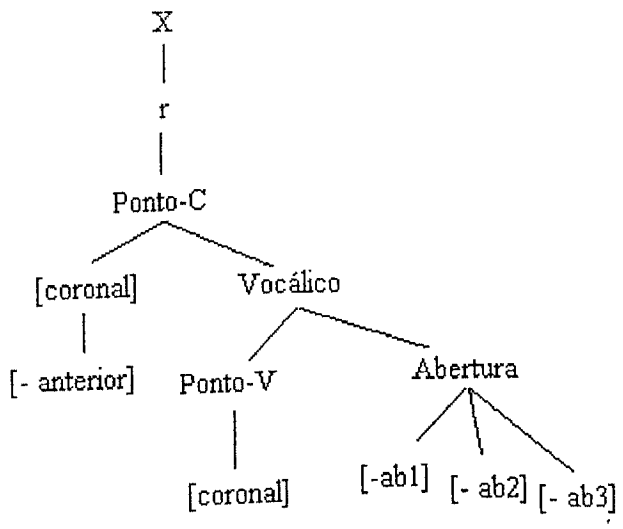


Quanto à fricativa palato-alveolar, ainda na linha de Clements e Hume (1995), duas representações são registradas. De um lado, é tida como uma consoante simples, em que [+ P] é equivalente a [- anterior], de modo idêntico ao proposto por Mester e Itô (ver representação (61) e Lahiri e Evers. Essa é a representação adotada em língua portuguesa por Cagliari (1997, p. 60) e Mateus e D'Andrade (2000, p. 37).

A outra possibilidade refere-se à representação da palato-alveolar como uma consoante complexa, apresentando tanto o nó de Ponto-C quanto o de Ponto-V, como propõe Hernandorena (1994) com base em dados de aquisição da língua portuguesa. A geometria que representa tais consoantes passaria a ser expressa como em (67) adiante, uma configuração análoga às consoantes palatalizadas por uma articulação secundária, conforme o comentado para as velares [k^j, g^j], onde [+ P] é equivalente ao nó vocálico e seus dependentes Ponto-V e abertura.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(67) [ʃ, ʒ]



A principal evidência apontada pela autora para o envolvimento do nó vocálico na representação em (67) está em três tipos de produção verificados na etapa anterior à aquisição plena das fricativas palato-alveolares. Desse modo, além da substituição de [ʃ, ʒ] por [s, z,], como em [s]*uva* para *chuva* e *igre*[z]*a* para *igreja*, ocorre a substituição das palato-alveolares pelo glide [j] como, por exemplo, em [j]*anela* para *janela* e a palatalização de [s, z] diante de vogal alta [i], como em [ʃ]*inema* e *poli*[ʃ]*ia* (HERNANDORENA, 1994, p. 161, 164). Segundo a autora, tais fatos conduzem à conclusão de que no processo de aquisição da fonologia, as crianças estão dando a [ʃ, ʒ] o mesmo tratamento dado as consoantes [ʎ, ɲ], reconhecidamente consoantes complexas, conforme defende Giangola (1994, p. 56).

Desse modo, as produções como [s]*uva* e *igre*[z]*a* são representadas como um simples processo de demarcagem, pelo desligamento do nó vocálico dependente do nó de Ponto-C. Já produções como [j]*anela* são justificadas pelo desligamento do traço [coronal] imediatamente dominado pelo nó de Ponto-C. Ocorrências como [ʃ]*inema* e *poli*[ʃ]*ia* são decorrentes do espraiamento do nó vocálico da vogal para a consoante que a antecede, fazendo resultar dessa operação um segmento como o expresso em (67).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

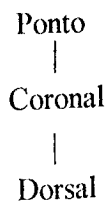
Em decorrência do espraiamento do nó vocálico da vogal, o traço [+ anterior] da consoante alveolar, dependente de [coronal], converte-se em [- anterior]. Por outro lado, quando se dá o desligamento do nó vocálico ([ʒ] → [j] em *janela* para [j]*anela*), o traço dependente de [coronal] passa a ser redundantemente [+ anterior], como ocorre com todas as consoantes coronais simples da língua portuguesa, de acordo com a proposta defendida por Hernandorena.

5.4.3 Outras propostas

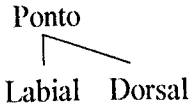
A identidade de [+ P] e sua localização na hierarquia de traços motivaram uma série de outras propostas na literatura sobre o fenômeno geral de palatalização que não se restringem à visão do fenômeno como coronalização ou como dorsalização.

Mester (1986, 1988) e Selkirk (1988) (apud MESTER; ITÔ, 1989, p. 287) propõem que um determinado traço ou nó possa desfrutar de certa mobilidade na Geometria de Traços. Com base nessa idéia, apresentam os autores uma versão da proposta de palatalização como dorsalização em que [+ P] se torna equivalente ao próprio nó dorsal (e não ao seu dependente [- posterior], como em Clements (1985) e Sagey (1986, 1990)). Desse modo, para as coronais palatalizadas, o nó dorsal se associa ao nó coronal, como em (68) adiante, e para as não-coronais, se associa ao nó de ponto, como em (69). Nota-se que se mantém a assimetria com respeito à palatalização entre coronais e não-coronais.

(68)



(69)



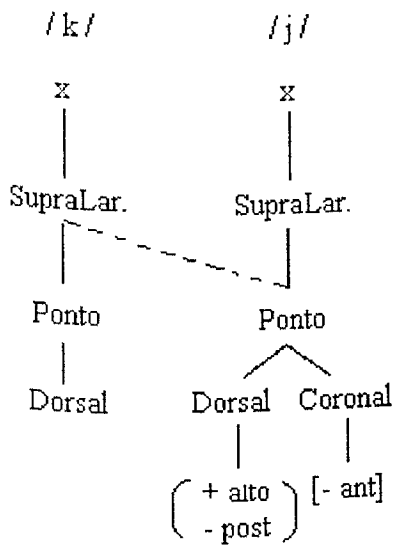
A desvantagem de (68) está em ferir um dos pressupostos básicos relativos à organização entre nós e traços do modelo de Geometria de Traços, em qualquer uma das versões apresentadas em 5.2, ou seja, o de que nós relativos ao ponto de articulação associam-se somente ao nó de ponto e a eles associam-se traços binários.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

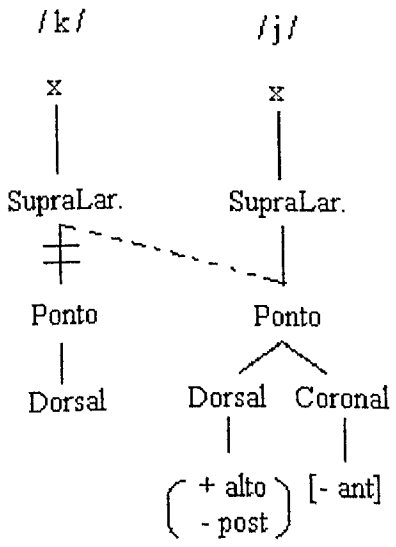
Jacobs e Weijer (1992), seguindo também Keating (1988) com relação à necessidade de se distinguir consoantes palatais complexas de consoantes palato-alveolares simples, propõem que, enquanto essas são representadas apenas pelo nó coronal, aquelas devem ser simultaneamente representadas pelos nó coronal e pelos traços de corpo da língua [+ alto, - posterior], sob o nó dorsal.

Essa estratégia torna possível descrever diretamente os diferentes tipos de palatalização como espraiamento autossegmental, de forma que não se faz necessário nenhum recurso a regras de reestruturação. Sendo assim, a mudança de /k/ para [k^j] em contexto de /j/, /i/ ou /e/, especificados pelos nós coronal e dorsal, pode ser descrita como espraiamento de todo nó de ponto, como se observa na representação em (70) a seguir. O nó de ponto original da consoante palatalizada fica intacto. A mudança de /k/ para [tʃ] antes de [j] ou [i] é apresentada da mesma forma, com a diferença de que nesse caso o nó de ponto original é desligado, como se verifica em (71) (JACOBS; WEIJER, 1992, p. 130, 132).

(70)



(71)

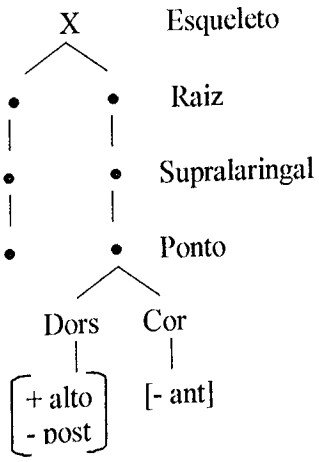


A Condição de Não Ramificação (ver 5.3) proíbe (70), que é reparada pela Convenção de Fissão de Nós, assumindo uma representação como (72) adiante. O resultado final - um segmento complexo com duas raízes - é considerado pelos autores como adequadamente descritor do processo de palatalização como articulação

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

secundária, ou seja, da superimposição de uma articulação vocálica a uma consoante (JACOBS; WEIJER, 1992, p. 132).

(72)



Contra a representação do processo de palatalização como coronalização e como dorsalização está Ní Chiosáin (1994). Com base em três processos do irlandês - desligamento do nó coronal, fusão do nó coronal e assimilação de ponto -, a autora defende que somente uma estrutura como a apresentada na Figura 10 a seguir, em que [+ P], equivalente ao traço [posterior], é independente dos outros traços de ponto, pode explicá-los satisfatoriamente.

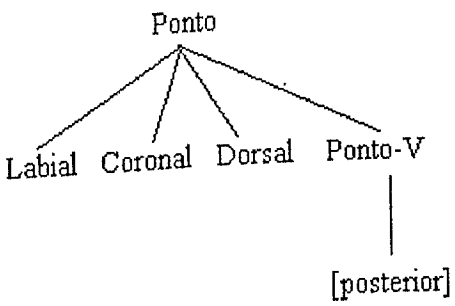


Figura 10 – Geometria de Traços: Modelo de Ní Chiosáin (1994)

Com relação à regra de desligamento do nó coronal, a interpretação de [+P] como dependente do nó coronal é considerada inadequada pelo fato de o desligamento do traço coronal na passagem de [s^j] a [h^j] (por exemplo: s^j u:l (caminhar)→ h^j u:l (caminhei, caminhava, caminhado)) (NÍ CHIOSÁIN, 1994, p. 101) não acarretar também o desligamento do traço de palatalização.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Outra regra também não representada adequadamente pela interpretação de [+ P] como dependente de coronal é a fusão dos nós coronal referentes a *clusters* coronais heteromorfêmicos em irlandês. Os processos de prefixação e formação de palavras por composição são marcados para lenir a consoante inicial da segunda palavra de um composto (por exemplo: lʲa + suːlʲ → lʲahuːlʲ (um olho)) e a do radical no caso de uma forma prefixada (por exemplo: do + dʲeːntə → dojeːntə (impossível)). Quando, porém, duas consoantes heteromorfêmicas coronais são adjacentes no domínio de aplicação, a lenição do segundo membro é bloqueada (por exemplo: las- + dʲrəharʲ → lasdʲrəharʲ (meio-irmão)), o que se explica pelo fato de que as obstruintes coronais são parte de uma estrutura de ligação. Apesar da fusão do nó coronal, o traço [+ P] não é compartilhado, fato que seria impossível de ser representado em um modelo em que [+ P] estivesse sob coronal. Nesse caso, a fusão dos nós coronal acarretaria a partilha também do traço de palatalização.

Com relação à terceira regra apontada pela autora, a regra de assimilação de ponto, a consoante coronal recebe o nó dorsal da consoante vizinha, perdendo seu nó coronal, sem que esse processo afete a especificação para o traço [+ P] (por exemplo: sʲinʲ + gaur → sʲiŋʲgaur, (isto é um bode)). Caso [+ P] fosse dependente do nó coronal, essa representação seria impossível, pois o desligamento do nó coronal acarretaria o desligamento de [+ P].

A palatalização como dorsalização, caso em que [+ P] é dependente do nó dorsal, expressa adequadamente as duas primeiras regras, já que ambas requerem a independência do traço [+ P] com relação ao nó coronal, exatamente da forma como oferece a representação em (59) (ver seção 5.4.1), mas não a terceira regra, pois o espraiamento do nó dorsal resultaria em um segmento duplamente especificado para dorsal (e seu dependente [- posterior]), situação que fere os pressupostos básicos da Geometria de Traços (NÍ CHIOSÁIN, 1994, p. 102).

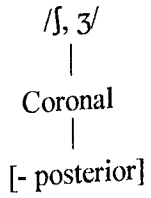
Outra visão alternativa para o fenômeno é oferecida por Hall (1997), para quem os segmentos marcados por [+ P] incluem as vogais frontais como [i, e, æ], as consoantes palato-alveolares, as alveolopalatais (conforme Capítulo 2, seções 2.1.3 e 2.2.3), as palatais e os segmentos palatalizados. A propriedade compartilhada por todos

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

esses segmentos é o envolvimento tanto da região pré-dorsal quanto da lâmina da língua, o que se traduz, segundo o autor (HALL, 1997, p. 83), pela interpretação de [+ P] como [- posterior].

Com relação especificamente às palato-alveolares, tem-se, portanto, uma representação conforme (73) a seguir, em que o traço [- posterior] é subordinado ao nó Coronal.

(73)



O problema criado pela possibilidade de localização de um traço binário, [posterior], sob um ou outro nó de ponto é justificado pelo fato de que [+ P] refere-se à frontalização tanto do pré-dorso da língua, região relacionada ao nó dorsal, quanto da lâmina da língua, referente ao nó coronal. A Geometria de Traços, no entanto, recusa essa possibilidade, pois é princípio da teoria que qualquer traço se localize apenas sob um único nó, de modo que [- posterior] não pode estar associado ao nó dorsal e ao nó coronal[13].

A principal vantagem de se interpretar o traço referente à palatalização como [- posterior] é evitar problemas na caracterização das consoantes retroflexas. Como não são marcadas para [posterior], não podem ser analisadas como segmentos marcados para o traço de palatalização, o que conseqüentemente acontece se [+ P] é entendido como [- anterior], dependente do nó coronal.

[13] Hall (1997), em defesa de sua proposta, aponta que a localização de um mesmo traço em mais de um nó foi o recurso utilizado por Clements (1991) e Clements e Hume (1995) para a constituição da teoria unificada de traços para consoantes e vogais, já que os três traços [labial], [coronal] e [dorsal] são irmãos tanto em relação ao nó Ponto-C quanto em relação ao nó Ponto-V. Outros trabalhos são mencionados pelo autor em que se propõe a localização de um mesmo traço em mais de um nó, como por exemplo, o de Gnanadesikan (1991), para quem [posterior] também se localiza sob [coronal] e sob [dorsal]; o de Padgett (1994), que argumenta em favor da localização do traço [contínuo] sob os nós labial, coronal e dorsal; e o de Weijer (1995) que argumenta em favor da existência de dois traços [contínuo], localizados em camadas autossegmentais diferentes.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

5.5 Conclusão

Nesse capítulo, apresentamos o desenvolvimento da Geometria de Traços, modelo teórico que se caracteriza basicamente como o último estágio na extensão dos princípios da Fonologia Autossegmental. O foco está na expressão da conexão existente entre a organização interna dos segmentos, representada por meio de uma estrutura hierárquica formada pelo arranjo de camadas autossegmentais e baseada em uma taxonomia de traços, e os tipos de processos fonológicos sofridos.

Partimos da proposta seminal de Clements (1985), ainda enraizada na função classificatória dos traços como atributos de um som, passamos por Sagey (1986, 1990), quem apresenta uma concepção dinâmica dos contrastes entre os traços, definidos com base nos movimentos articulatórios envolvidos, e chegamos até Clements e Hume (1995), proponentes de uma redefinição dos traços em termos de suas constrições características, de forma que se tornem válidos igualmente para consoantes e vogais. É com base nesse último modelo que desenvolveremos nossa proposta de representação da fricativa palato-alveolar, identificada pela presença de [+ P].

Foi mostrado também que diversas são as interpretação do traço [+ P]. A dorsalização interpreta-o como [- posterior], dependente do nó dorsal. Consoantes palatais e palatalizadas são tidas como consoantes complexas. Palato-alveolares, embora possam ser originadas pela espraiamento desse traço a partir de um glide ou vogal frontal, sofrem uma regra de reestruturação, passando a consoantes simples, representadas pelo traço [coronal] e seu dependente [- anterior].

A palatalização como coronalização oferece várias interpretações de [+ P]. Mester e Itô (1989) entendem que a fricativa palato-alveolar se caracteriza fonologicamente como uma consoante simples palatalizada, cujo traço [+ P] equivale a [- anterior]. Lahiri e Evers (1991), embora concordem com Mester e Itô sobre a representação da fricativa palato-alveolar, propõem que a palatalização como articulação secundária seja interpretada de modo diverso, com [+P] equivalente a [alto], dependente do nó posição da língua. Para Clements e Hume (1995), [+ P] é indicado pela presença do nó vocálico e seus dependentes Ponto-V [coronal, -anterior] e abertura [- aberto1, - aberto2, – aberto 3].

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Outras alternativas relativas ao processo geral de palatalização podem ser divididas em dois conjuntos gerais: de um lado, as que buscam combinar as propostas de palatalização como coronalização e dorsalização (MESTER ,1986, 1988 e SELKIRK, 1988; JACOBS; WEIJER, 1992; HALL, 1997); de outro, as que propõem, como Lahiri e Evers (1991), um nó separado indicativo da posição da língua para a descrição da palatalização (NÍ CHIOSÁIN, 1994).

No próximo capítulo, apresentaremos uma proposta para a representação da fricativa palato-alveolar em que [+ P] exibe caráter dorsalizado, muito embora não seja entendido como dependente de [coronal] ou de [dorsal].

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

CAPÍTULO 6

A REPRESENTAÇÃO LEXICAL DAS FRICATIVAS PALATO-ALVEOLARES: UMA PROPOSTA

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

6.1 Introdução

As evidências apresentadas nessa pesquisa conduzem à conclusão de que as fricativas palato-alveolares [ʃ, ʒ] são representadas como segmentos complexos corono-dorsais, o que se pode expressar pelo modelo de Geometria de Traços proposto por Clements e Hume (1995).

Admitimos ainda que [+ P] não equivale apenas a um único traço, o que se justifica pelo fato de ser a palatalização um termo rótulo para uma série de processos diferenciados, envolvendo contextos indutores que extrapolam o comumente referido vocálico frontal alto, mas que se relacionam basicamente pelo envolvimento do levantamento do corpo da língua. Desse modo, a compreensão de que o formato de língua cupulado por trás da constrição coronal nas consoantes palato-alveolares é indicativo de certo grau de palatalização nos leva a propor [+ P] como correspondente ao nó Ponto-V e seu dependente [dorsal]. No caso das consoantes palatais, como [ɲ, ʎ], inerentemente palatalizadas, e de consoantes palatalizadas por influência de uma vogal frontal ou glide frontal circundantes, como [p^j], por exemplo, [+ P] equivale ao nó vocálico e seus dependentes Ponto-V [coronal] e abertura ([- aberto1, - aberto 2, - aberto 3]).

O capítulo que se inicia está organizado da seguinte forma: a seção 6.2 expõe nossa proposta de representação das palato-alveolares como segmentos complexos corono-dorsais, na linha de Clements e Hume (1995). As seções 6.3 e 6.4 discutem a inadequação da interpretação de [+ P] para as fricativas palato-alveolares na linha de Clements e Hume (1995), como nó vocálico e seus dependentes Ponto-V [coronal] e abertura e como traço [- anterior], respectivamente, conforme apresentado em 5.4 (ver Capítulo 5).

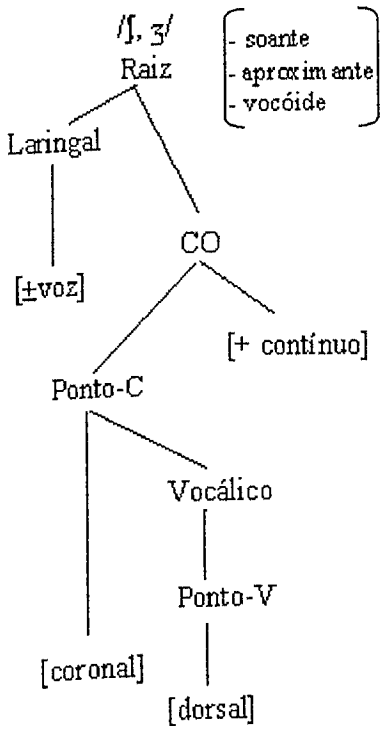
Em 6.5, são retomados aspectos da língua portuguesa salientados no Capítulo 4 e que envolvem as consoantes palato-alveolares em posição de ataque e em posição de coda, nesse caso, produzidas variavelmente no dialeto florianopolitano em exame.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

6.2 Uma Proposta para Representação da Fricativa Palato-Alveolar: [+ P] = Nó Vocálico e seu Dependente Ponto-V [dorsal]

Propomos que as fricativas palato-alveolares sejam representadas na Geometria de Traços, com base no modelo de Clements e Hume (1995), como em (74) a seguir, com um nó primário consonantal coronal e um nó secundário vocálico dorsal referente apenas à localização da constrição.

(74)



É pressuposto em (74) que o nó coronal possa sustentar apenas [- anterior].

Justificamos (74) através dos seguintes aspectos, discutidos principalmente no Capítulo 2 e no Capítulo 5:

(a) A produção de [ʃ, ʒ] ocorre em uma área mais posterior do trato oral se comparada à área de produção de suas contrapartes não palatalizadas [s, z]. Por trás da constrição coronal, formada pela aproximação entre lâmina da língua e a borda da arcada alveolar, representada em (74) por [coronal] sob Ponto-C, o corpo da língua assume um formato cupulado, conseqüência de sua elevação. Esse movimento é

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

acompanhado por uma retração automática e acarreta a formação de uma cavidade entre os dentes inferiores e a ponta/lâmina da língua, responsável pela formação da ressonância caracterizadora desse tipo de som.

(b) O caráter de "posteriorização" do corpo da língua na produção das palato-alveolares em relação as alveolares é salientado tanto por Bhat (1978) quanto por Lahiri e Evers (1991). A localização mais para trás da constrição, em comparação à alveolar, é acompanhada pelo recuo e elevação do corpo da língua, mais especificamente da parte por trás da constrição. Essa característica é representada em (74) por dorsal sob Ponto-V.

(c) Independentemente de ser a unidade organizacional da representação arbórea baseada na constrição (CLEMENTS; HUME, 1995) ou no articulador (SAGEY, 1986, 1990), a representação de segmentos pela hierarquia de traços aproxima substancialmente a teoria fonológica dos eventos de fala real, sem que o valor explanatório em nível lingüístico seja abandonado. Enquanto para o modelo baseado na Hierarquia do Nó do Articulador (SAGEY, 1986, 1990) o envolvimento do corpo da língua como articulador ativo em vogais é expresso por [dorsal] e seus dependentes, [alto], [posterior] e [baixo], o modelo baseado na constrição (CLEMENTS; HUME, 1995) estabelece um nó específico para tratar articulações do corpo da língua – o nó vocálico -, cujos nós dependentes Ponto-V e abertura são entre si independentes pois (i) podem participar isoladamente de processos de espraiamento, e (ii) se encarregam de tarefas diferentes na caracterização da constrição vocálica: Ponto-V é responsável pela tarefa de caracterizar a localização da constrição, ou seja, se posteriorizada ([dorsal]) ou não ([coronal]), ou ainda se arredondada ([labial]); abertura é responsável pela tarefa de caracterizar a altura vocálica.

Desse modo, em (74), a presença do nó Ponto-V e seu dependente [dorsal] indica justamente que [ʃ, ʒ] são consoantes que, embora coronais, apresentam uma articulação secundária de corpo de língua indicando movimento de retração. Como não há em [ʃ, ʒ] uma coloração vocálica de [i], conforme discutido em 2.1.3 (ver Capítulo 2), ou [u], já que não são conhecidas alternâncias entre /ʃ/ e /w/, o nó de

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

abertura indicativo de vogal alta [- aberto1, -aberto 2, - aberto 3] não é chamado à representação.

(d) A afinidade de [ʃ, ʒ] com o traço [dorsal] é comprovada pelo comportamento dessas consoantes em várias línguas. Weijer (1994, p. 111), em concordância com essa proposta, propõe que essas consoantes exibam em sua representação uma espécie de mistura, denominada por ele de "mistura de cor", envolvendo os elementos designadores de ponto de articulação I e A, interpretados, respectivamente, como coronal e dorsal.

Conforme apontado em 2.1.3 (ver Capítulo 2), a palato-alveolar [ʃ] origina-se principalmente a partir de processos envolvendo a fricativa coronal /s/. Além desse, foram também constatadas palato-alveolares originadas a partir de processos envolvendo as velares /x/, como no eslovaco (CLEMENTS; HUME, 1995) e no polonês (WEIJER, 1994), e /k/, como no norueguês (BHAT, 1978).

No eslovaco, conforme já discutido em 5.4 (ver Capítulo 5), /x/ se torna /ʃ/ diante de uma vogal frontal /i/. Em polonês, a mudança de /x/ a /ʃ/ desempenha papel no processo de flexão da língua, de forma que ocorrências como *mu*[x]*a* (voar) no nominativo singular ou *ci*[x]*a* (silêncio) no feminino tornam-se *mu*[ʃ]*e* no genitivo singular e *ci*[ʃ]*a* no nominativo singular (WEIJER, 1994, p. 110). No norueguês, /ʃ/ origina-se a partir de /k/ diante de /i/, /e/ e /y/.

(e) Com relação ao ambiente indutor, conforme mencionado em 2.1.3 (ver Capítulo 2), nem só uma vogal coronal constitui um ambiente propício para a formação de [ʃ, ʒ], como se verifica no coreano (NEELD, 1973), onde /s/ se torna [ʃ] diante de [i] e [e]. O movimento de posteriorização do corpo da língua verificado na produção dessas consoantes é atestado também como um ambiente indutor na passagem de /s/ a /ʃ/ em báltico e indo-ariano (MISCHA, 1967; ANDERSEN, 1968 apud HALL, 1997), onde se registra que a regra opera quando /s/ precede /u/, /k/ e /r/ (uma consoante

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

[+ alta]). Bhat (1978, p. 76) cita ainda o paiute do sul, em que /ʃ/ ocorre em contexto de vogal posterior e /c/, por outro lado, em contexto de vogal frontal, e o processo em que /s/ se torna /ʃ/ diante de /i/ e /u/, igualmente verificado no proto-iraniano (p. 55), gola (p. 66) e macuxi (p. 66). Pulleyblank (1998, p. 181) menciona ainda a mudança verificada de [ʃ] em francês (por exemplo, *Don Quichote*) para [x] em espanhol (*Don Quijote*).

(f) A identificação de um ambiente palatalizante como [u] e o traço [dorsal] está para Pulleyblank (1998, p. 180) no fato de que essa vogal combina protusão dos lábios e levantamento do corpo da língua em direção ao palato-mole, e desse modo, deve combinar os traços do articulador [labial] e [dorsal].

Estabelecida nossa proposta, passemos a apontar algumas inadequações verificadas nas outras possibilidades de interpretação de [+ P] sugeridas no Capítulo 5 (seção 5.4) na linha de Clements e Hume (1995).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

6.3 [+ P] = Nó Vocálico e seus Dependentes Ponto-V ([coronal] e Abertura ([- aberto1, - aberto 2, - aberto 3])

A inadequação da representação de [ʃ, ʒ] como o apresentado no Capítulo 5 (seção 5.4.2, (67)) está justamente na caracterização da articulação secundária como [i] ou [j]. Os argumentos contrários recebem suporte tanto da descrição articulatória dessas consoantes quanto de dados empíricos.

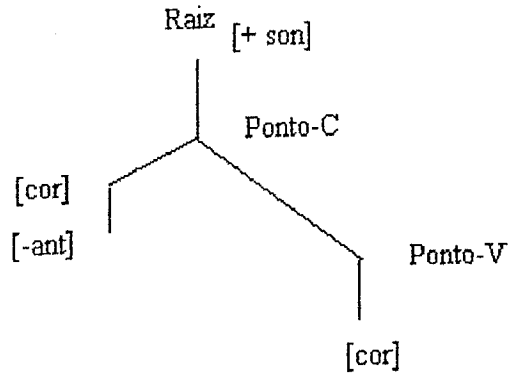
Do ponto de vista fonético, conforme discutido em 2.1.2 (ver Capítulo 2), a articulação de [ʃ, ʒ] envolve uma configuração do trato oral de certo modo partida, em que a constrição se realiza entre a lâmina da língua e a região pós-alveolar e, por trás dela, o corpo da língua assume um formato abobadado (ver Figura 2), considerado por Ladefoged e Maddieson (1996) como indicativo de certo grau de palatalização. Diferem, pois, nesse sentido, das consoantes palatais, produzidas com uma constrição longa e praticamente ininterrupta de toda parte laminal e pré-dorsal da língua (ver Figura 3), muito mais parecidas, pois, com vogais frontais "consonantais", já que a língua mantém o formato observado na produção da vogal [i].

A divisão classificatória entre palato-alveolares e palatais é confirmada ainda por Cagliari (1974) (ver Capítulo 2, seção 2.1.2) com base na análise de palatogramas. Mostra o autor que, apesar da semelhança perceptual entre essas consoantes devido à formação de uma cavidade ressoadora anterior, a regularidade obtida nos resultados evidencia que a constrição principal em palato-alveolares ocorre quase que exclusivamente na linha divisória entre as regiões alveolar e pré-palatal, diferentemente, portanto, das palatais.

Com relação ao sistema do português, se admitíssemos que o traço de palatalização para palato-alveolares fosse equivalente à vogal [i] ou ao glide frontal [j], automaticamente inseriríamos tais consoantes no grupo das consoantes complexas palatais lateral [ʎ] e nasal [ɲ], representadas como (75) a seguir, de acordo com Giangola (1994, p. 56). Tal fato, no entanto, não recebe suporte empírico.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(75) /ʎ, ɲ/



A reunião de /ʎ/ e /ɲ/ no grupo das consoantes complexas com articulação secundária vocálica é justificada por uma série de alternâncias. No português coloquial, a nasal palatal /ɲ/ é realizada como [j̃], conforme exemplifica (76). Essa simplificação se explica pelo desligamento de [coronal] sob Ponto-C em (75).

(76)

a.	banha	ba[ɲ]a	ba[j̃]a
b.	venha	ve[ɲ]a	ve[j̃]a
c.	senha	se[ɲ]a	se[j̃]a
d	caminho	cami[ɲ]o	cami[j̃]o

Na fala popular se observa muitas vezes a realização de /ʎ/ como [j] ou, menos comumente, como [l]. Os exemplos são apresentados em (77) adiante. A segunda alternância, como em *mu*['lɛ], se justifica pela manutenção na representação em (75) de Ponto-C e pelo desligamento do articulador [coronal] em Ponto-V.

(77)

a.	filho	fi[ʎ]o	fi[j]o	
b.	trabalhar	traba[ʎ]ar	traba[ja]	
c.	mulher	mu[ʎ]er	mu[jɛ]	mu['lɛ]
d.	colher	co[ʎ]er	co[jɛ]	co['lɛ]

As consoantes palato-alveolares, no entanto, não apresentam tais tipos de simplificações, já que não há registros de casos como *so*[j]*a* ou *so*[s]*a* para *soja* ou *a*[j]*o* ou *a*[z]*o* para *acho*, qualquer que seja a posição na palavra considerada.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

O tipo de alternância entre [ʒ] e [j], verificado em dados como [j]anela para *janela*, ou entre [ʃ] e [s], em [s]*ave* para *chave*, já referidos em 5.4.2 (ver Capítulo 5), parece fazer parte apenas da fase anterior à aquisição plena de [ʃ, ʒ], desaparecendo por completo na fala adulta, variedade popular ou coloquial. Possivelmente, constitui um fenômeno restrito à aquisição, sem reflexos fonológicos.

Diacronicamente, observa-se ainda que, conforme o apresentado em 2.3 (ver Capítulo 2), embora /ʎ, ɲ/ e /ʃ, ʒ/ constituam inovações originadas na passagem do sistema consonantal latino para o sistema da língua portuguesa, as soantes palatais são mais seguramente derivadas por um processo de palatalização sofrido pela consoante nasal alveolar e pela lateral alveolar em ambiente de /i/ ou /j/ do que as palato-alveoalares. Com relação inclusive aos *clusters gn* e *gl, kl*, apontados também como fonte da lateral palatal em língua portuguesa, prevêem-se estágios intermediários em que ocorre a presença do glide frontal, como em *ocŭlum* > o*y*lo > *olho*, em uma referência clara a sua influência na constituição final de /ʎ/.

As palato-alveolares, embora originadas a partir de processos de palatalização disparados pela vogal ou glide frontal (*s* latino diante de [i]), do mesmo modo verificado para as palatais nasal e lateral, envolvem também confusões de pronúncia, como a verificada na seqüência –ss- seguida por /i/, como em *uessīcam* > *bexiga*, causada pela estreita similaridade entre o /s/ cacuminal dialetal e [ʃ] (WILLIAMS, 1961, p. 85), pelo apagamento do oclusiva em [tʃ], proveniente das seqüências consonantais *cl*, *pl* e *fl* e pela seqüência *s* latino e [k], conforme discutido em 2.2.3.3 (ver Capítulo 2).

Vê-se, portanto, que os fatos históricos corroboram a análise de /ʎ, ɲ/ como segmentos complexos com uma articulação secundária vocálica de [i], mas deixam dúvidas com relação a mesma interpretação para as palato-alveolares.

Outra evidência contra a admissão de [+ P] como nó vocálico e seus dependentes em palato-alveolares está na existência de contraste lexical entre /s^{j} / e /ʃ^{j} /, observado

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

em moksha mordviniano (HALL, 1997, p. 65) e entre /ʃ/ e /ʃʲ/ e /ʒ/ e /ʒʲ/ em ter lapp (língua finno-ugric) (p. 75). Na linha de Clements e Hume (1995) não é possível representar uma consoante com dois nós vocálicos e seus dependentes. A inadequação desse tipo de representação é comprovada pela ausência de contrastes do tipo /ɲ/ e /ɲʲ/ ou /ʎ/ e /ʎʲ/ nas línguas do mundo. De acordo com Hall (1997, p. 73), essa impossibilidade articulatória é atestada fonologicamente até mesmo em línguas em que todas as consoantes, ou pelo menos um subconjunto previsível, possui equivalentes palatalizados, já que nenhuma língua com esse sistema foi encontrada pelo autor em que a uma consoante plana correspondesse uma palatal palatalizada[1].

Desse modo, o suporte empírico aliado aos fatos de história da língua e aos fatos articulatórios, fundamentais em um modelo teórico que visa a aproximar aspectos da anatomia do trato vocal e representações fonológicas, fornece evidências para a não adoção de [+ P] como equivalente ao nó vocálico e seus dependentes Ponto-V [coronal] e abertura ([- aberto1, - aberto2, - aberto 3]) para as palato-alveolares.

[1] O sistema consonantal subjacente em ter lapp apresenta uma consoante palatalizada equivalente para cada consoante plana. As exceções envolvem as africadas palatoalveolares [tɕ, dʑ], consideradas como inerentemente palatalizadas pelo autor (op. cit., p. 51), o glide [j], a lateral [ʎ] e a nasal [ɲ]. Desse modo, tem-se:

p	p^j	t	t^j			k	k^j
b	b^j	d	d^j			g	g^j
		ts	ts^j	tɕ			
		dz	dz^j	dʑ			
f	f^j	s	s^j	ʃ	$ʃ^j$	x	x^j
		z	z^j	ʒ	$ʒ^j$		
v	v^j			j			
		r	r^j				
l	l^j			ʎ			
m	m^j	n	n^j	ɲ		ŋ	$ŋ^j$

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

6.4 [+ P] = [- anterior]

A maioria das propostas revistas em 5.4 (ver Capítulo 5) assume uma representação diferenciada para palato-alveolares e palatais, propondo, no caso das primeiras, uma geometria de consoante simples, definida pelo traço [coronal] e seu dependente [- anterior] (SAGEY, 1986, 1990; LAHIRI; EVERS, 1991; MESTER; ITÔ, 1989; CLEMENTS; HUME, 1995; JACOBS; WEIJER, 1992).

O valor negativo do traço [anterior] é interpretado como definidor da mesma classe de consoantes formadas por uma obstrução realizada pelo corpo da língua, definida no sistema de traços do SPE pelo traço [posterior]. Quando a obstrução não envolve o corpo da língua, [+ anterior] é utilizado. Tal equivalência entre correlatos consonantais e vocálicos de traços é considerada por Sagey (1990, p. 108, nota 17) apenas como uma interpretação prática do traço [anterior] e, nesse sentido, deixa de refletir adequadamente o fato de que nas palato-alveolares, se tidas apenas como [- anterior], o dorso da língua está atuando conjuntamente com o levantamento de sua lâmina.

De modo análogo, no modelo baseado na constrição (CLEMENTS; HUME,1995), regras que espraiam [- posterior] são reinterpretadas como envolvendo [coronal] e seu dependente [- anterior] e regras que espraiam [+ posterior], como envolvendo [dorsal].

A substituição de [± posterior] por [coronal] e [dorsal] pode não resultar uma opção mais econômica ao sistema, como no caso da regra de harmonia vocálica em turco, descrita inicialmente por Clements e Sezer (1982), onde se observa a necessidade da estipulação de um nó adicional – o nó lingual – , abrangendo esses dois traços, para a obtenção da correta representação da regra.

O processo de harmonização em questão se dá da seguinte forma, de acordo com o modelo de Sagey proposto em 5.2.2 (ver Capítulo 5): o sufixo vocálico adquire o valor [α posterior] da primeira vogal precedente se a consoante interveniente for transparente ao espraiamento (ip → ip-i, *corda*), mas deixa de fazê-lo se houver entre as

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

vogais uma consoante palatalizada ou uma consoante velar (sual^j → sual^j -i, *questão*; tasdik → tasdik-i, *confirmação*). Com base no modelo Sagey (1986, 1990), como o nó dorsal das consoantes opacas ocupa a mesma camada do nó dorsal subordinante de [- posterior] referente às vogais, a restrição proibindo o cruzamento de linhas justifica a impossibilidade da harmonização.

Com base no modelo de Clements e Hume (1995) não é possível prever que a consoante velar, representada pelo nó [dorsal] sob Ponto-C, funcione como uma consoante opaca ao espraiamento do nó vocálico da vogal [i] do radical em um dado como *tasdik,* por exemplo, já que os nós envolvidos estão em camadas distintas.

Para interpretar esse bloqueio em termos dos traços privativos [coronal] e [dorsal], os autores (CLEMENTS; HUME, 1995, p. 290-291) assumem que esse processo de harmonização é expresso por meio do espraiamento do nó lingual, subordinante dos traços [coronal] e [dorsal] sob Ponto-V, da vogal do radical para o sufixo quando a consoante interveniente for /p/, /z/ ou /k/. Assim, a regra será bloqueada sempre que a consoante interveniente for uma consoante com articulação secundária, isto é, uma consoante palatalizada ou a velar /K/, casos em que o nó lingual desempenha o papel de articulação menor e, conseqüentemente, ocupa a mesma camada do nó língual vocálico[2]. Nesses casos, a vogal do sufixo /I/ é preenchida pelo espraiamento do próprio nó lingual da consoante palatalizada ou de /K/.

Kenstowicz (1994, p. 465) salienta também que a substituição de [± posterior] por [coronal] e [dorsal] não é inteiramente bem sucedida devido a complicações na representação de alguns processos. Cita o autor como exemplo um caso de dissimilação verificado em ditongos do inglês australiano, em que a vogal centralizada do núcleo se polariza com respeito à posterioridade do glide (*pr[ʌy]ce → pr[ay]ce; m[ʌw]th → m[æw]th*. A eliminação na representação do traço referente ao movimento horizontal do

[2] Em defesa do nó lingual, Clements e Hume (op. cit.) observam que a classe das consoantes descritas por ele é coextensiva , na cavidade oral, à classe das consoantes não-labiais e, desse modo, regras que exigem referência à classe [- labial] poderiam ser reformuladas como com base nesse nó. Kenstowicz (1994, p. 465) salienta, por outro lado, que [- labial] não é uma classe requerida comumente em regras fonológicas.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

corpo da língua conduz à perda de naturalidade na explicação de tais dissimilações, pois se perde o insight de que vogais frontais e vogais posteriores são claramente opostas.

Duas outras questões envolvem a identificação de [+P] como [- anterior]. Do ponto de vista estritamente fonético, o traço [anterior] encontra problemas com relação à falta de precisão na identificação da linha divisória entre [+ anterior] e [- anterior], o que torna possível, conforme comentado em 2.2.3.2 (ver Capítulo 2), encontrar os dois valores para o traço à frente da borda da arcada alveolar.

Outro aspecto refere-se ao fato de que a identificação de [+ P] como [- anterior] não se adequa à representação de consoantes retroflexas [ʂ, ʐ], também coronais [- anterior], mas não palatalizadas (HALL, 1997, p. 82-83).

Além disso, por trás da constrição coronal, o corpo da língua pode não desempenhar papel ativo na produção desses sons retroflexos, como o verificado em lardil (falado em Queensland, Austrália) por Stevens, Keyser e Kawasaki (1986, apud HALL, 1997, p. 49). Quando se nota envolvimento do corpo da língua, o formato de língua que se configura assume um caráter claramente velarizado, fato comprovado fonologicamente em línguas dravidianas, em que certas vogais, [i] e [e], por exemplo, se retraem para [ɯ] e [ɤ], respectivamente, antes de consontes retroflexas (HALL, 1997, p. 48), e em várias línguas do leste australiano, onde uma oclusiva retroflexa está em distribuição complementar com a oclusiva alveolar, de tal forma que [ʈ] se superficiaiza apenas após [u], mas como [t] nos demais casos (DIXON, 1980 apud HALL, 1997, p. 48).

Embora a interpretação de [+ P] como [- anterior] nas palato-alveolares continuasse a estabelecer claramente que não há apenas um único traço de palatalização, visto que para as palatais /ʎ/ e /ɲ/ o traço se configura de maneira diversa, como discutido na seção 6.3 anterior, entendemos que essa equivalência é problemática, já que não é possível tomar como verdadeira a afirmação de que [- anterior] implique sempre o envolvimento do corpo da língua na articulação. A equivalência entre [- anterior] e [+ corpo da língua] é desconfirmada pelas consoantes retroflexas pois, embora sejam [- anterior], podem não envolver o corpo da língua em sua articulação e,

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

nos casos em que o envolvem, o dorso da língua claramente se aproxima do palato mole, em um indício claro de velarização.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

6.5 A Fricativa Palato-Alveolar no PB

Conforme defendido até aqui, as fricativas /ʃ, ʒ/ só existem subjacentemente em posição de ataque no sistema da língua portuguesa. Em posição de coda surgem apenas no componente pós-lexical, como conseqüência de uma regra específica de alofonia, por palatalização conhecida, que se aplica no modo de preenchimento de traços. Insere-se, portanto, o traço [+ P], equivalente ao nó vocálico e seu dependente Ponto-V [dorsal], em uma consoante identificada como [coronal] sob Ponto-C, subespecificada para o traço [anterior].

Independentemente de ser a realização da consoante na coda alveolar ou palato-alveolar no componente pós-lexical, a consoante /S/, subespecificada também para o traço [voz], toma-o por assimilação da consoante seguinte na mesma palavra (me[zm]o ~me[ʒm]o) ou da consoante que inicia a palavra seguinte (na[s k]asas) ~ na[ʃ k]asas). A vogal que inicia a palavra seguinte também se mostrou em nossos dados um contexto possível para a produção da palato-alveolar [+ voz] (lu[z e]létrica ~lu[ʒ e]létrica). A regra (75) a seguir representa a assimilação do traço [voz] do contexto seguinte.

(75) $[\ ] \rightarrow [\alpha \text{ voz}] / _ [\alpha \text{ voz}]$

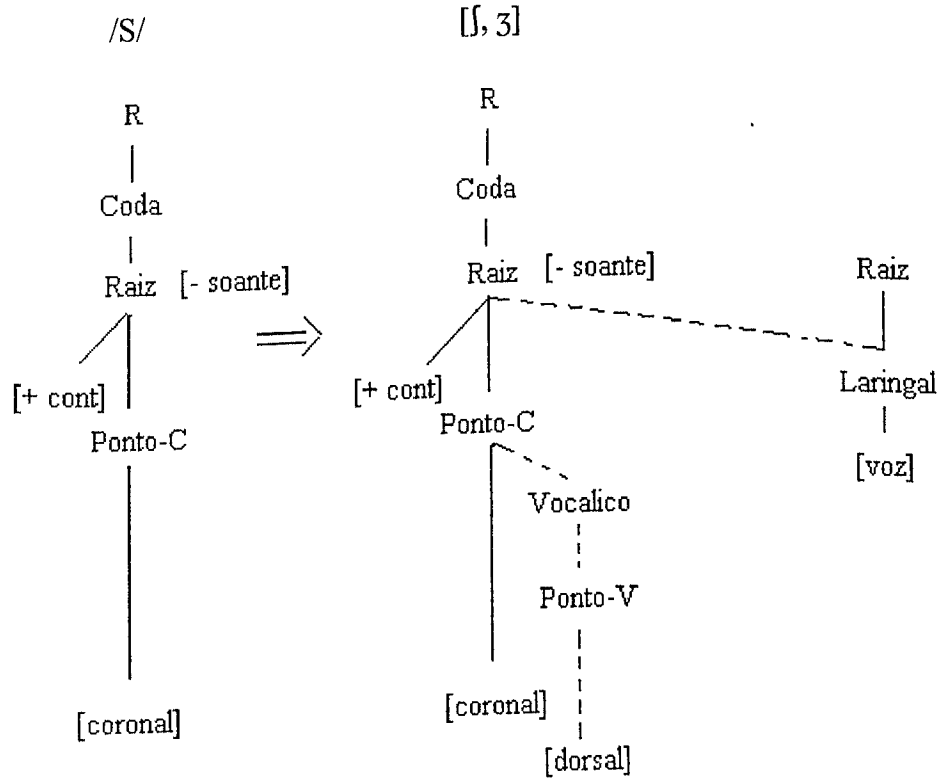
Caso não haja contexto seguinte vocálico ou consonantal, o traço [- voz], universalmente não-marcado para as obstruintes, é inserido por regra default, conforme (76) a seguir.

(76) $[\ ] \rightarrow [-\text{ voz}] / _ \ \#$

O processo de palatalização típico do dialeto em estudo, bem como o processo de assimilação do traço [voz], são representados em (77). As representações arbóreas dos segmentos não estão completas.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

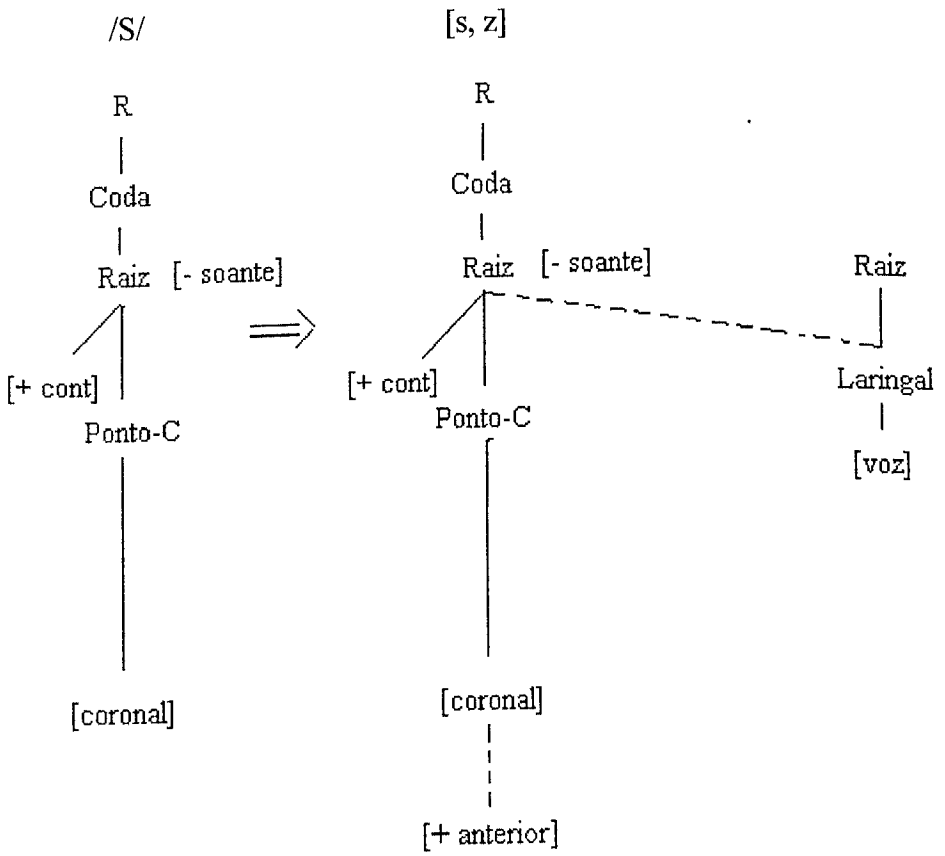
(77)



A produção alveolar, predominante no PB e também presente nos dialetos que palatalizam, é representada como (78) adiante, pela inserção do traço [+ anterior] sob o nó [coronal].

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(78)

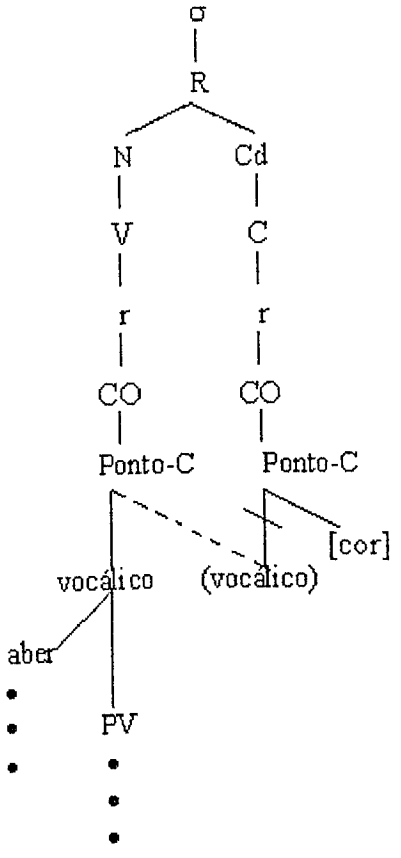


Relacionada à produção da fricativa coronal em posição de coda há ainda a questão, já mencionada em 4.4.1.1, sobre a presença de ditongo diante de /S/. Itens como *arroz, capaz, rapaz, mas* podem apresentar pós-lexicalmente um glide [j] entre a vogal tônica final e a fricativa, independentemente de sua produção alveolar, como em *arr*[ojs], ou palato-alveolar, como em *arr*[ojʃ].

Bisol (1994) estabelece que /S/, por ser um arquifonema sibilante, possui um nó vocálico inerente que se espraia para o núcleo vocálico precedente, produzindo o glide, conforme ilustra (79) a seguir.

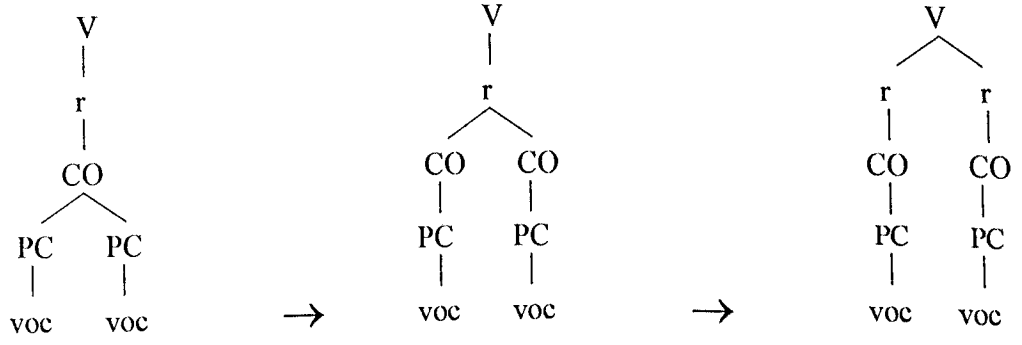
PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(79)



O nó vocálico em (79) é desassociado de /S/ e se fixa ao nó Ponto-C da vogal precedente como um ramo a mais, já que essa já possui seu próprio nó vocálico, criando assim o glide. A estrutura resultante, com PC ramificado em dois nós vocálicos, fere a *Condição de Não-Ramificação* (ver Capítulo 5, seção 5.3). A *Condição de Fissão de Nós* (ver Capítulo 5, seção 5.3) é chamada para ajustá-la, operando até que a camada da raiz seja atingida, conforme ilustra (80) a seguir. A estrutura originada apresenta uma única posição V que abriga a vogal núcleo e o glide.

(80)



PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Em dialetos que produzem a variante palato-alveolar na coda, a dessassociação verificada em (79) não ocorre, pois o nó vocálico se manifesta na consoante, já que a fricativa palato-alveolar é tida, nessa proposta, como uma consoante complexa com articulação secundária vocálica ([+ P] equivale ao nó vocálico e seus dependentes Ponto-V [coronal] e abertura) (BISOL, 1994, p. 136). A criação do glide, nesses casos, é entendida como análoga à criação do glide entre sílabas, independentemente do acento, como se verifica em *peixe* e *paixão*.

A idéia central para esse grupo de palavras é a de que o ataque palato-alveolar pode promover ou não o surgimento do glide do ditongo decrescente tanto em palavras como *peixe* (p[e]xe) quanto em *taxa* (t[ay]xa), pois ambas as estruturas subjacentes caracterizam-se pela presença de apenas uma vogal (/peʃe/ e /taʃa/, respectivamente) (BISOL,1989, p. 191-192). Desse modo, a autora propõe que o glide se origine por um processo assimilatório que consiste no espraiamento do nó vocálico da consoante, de modo semelhante ao apresentado em (79), mas que não seja apagado como esse e sim compartilhado entre glide e consoante (BISOL, 1994, p. 133; 136).

Como rejeitamos em 6.3 a proposta de que [+ P] para as palato-alveolares seja interpretado como o nó vocálico e seus dependentes PV [coronal] e abertura, concluímos que o glide variável, tanto em itens como *arroz* (arr[ojs] ~ arr[ojʃ] ~ arr[os] ~ arr[oʃ]) quanto em *peixe* (p[ejʃi] ~ p[eʃi]) é originado a partir do traço [coronal] da consoante fricativa.

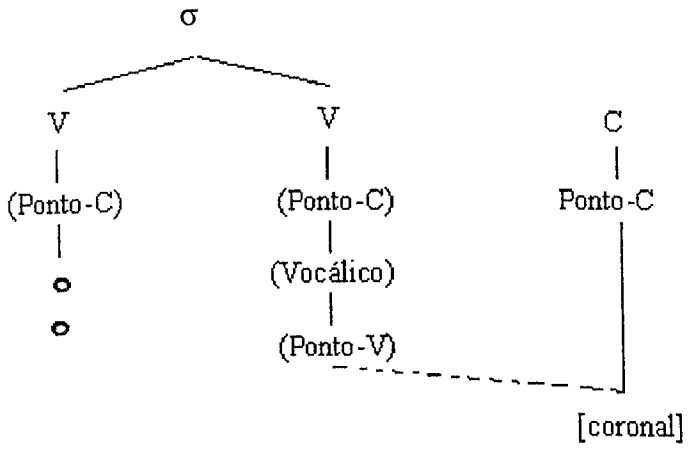
A pré-articulação vocálica proveniente dos traços fonéticos da consonante imediatamente seguinte não é incomum nas línguas do mundo. Um outro exemplo é encontrado na evolução do inglês médio, onde um glide vocálico posterior se desenvolveu em sílaba fechada pela fricativa /x/ (por exemplo.: [kɔf] > [kɔuχ] > [kɔf] para *cough*) (GUSSENHOVEN; WEIJER, 1991).

Propomos então que, de acordo com a operação elementar "cinda-se x" (ver Capítulo 5, seção 5.3, (56)), a vogal nuclear crie uma segunda raiz vocálica cujos traços fonéticos se derivam da consoante fricativa [coronal] seguinte. Assim, analogamente à

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

análise sugerida por Clements e Hume (1995, p. 296) para o árabe maltês, o traço [coronal] presente tanto em [s] quanto em [ʃ] espraia-se para a raiz vocálica à esquerda e ocasiona a interpolação dos nós Ponto-C, Vocálico e Ponto-V, conforme (81) a seguir.

(81)



A altura vocálica é atribuída por regra default a um segmento cuja raiz é [+ vocóide].

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

6.6 Conclusão

Nesse capítulo, defendemos, com base no modelo teórico da Geometria de Traços de Clements e Hume (1995), que a fricativa palato-alveolar é uma consoante complexa, representada pelo traço [coronal] sob Ponto-C e pelo traço [dorsal] sob Ponto-V. A motivação articulatória para o traço vocálico [dorsal] está na localização mais recuada no trato oral do formato cupulado assumido pelo corpo da língua por trás da constrição entre lâmina da língua e borda da arcada alveolar. A motivação fonológica vem da afinidade entre [ʃ, ʒ] e o traço [dorsal] em várias línguas.

Adicionalmente, foram apresentados argumentos contra a identificação de [+ P] como nó vocálico [coronal], como para as palatais /ʎ, ɲ/, e como [- anterior]. Com relação à língua portuguesa, a principal conseqüência da representação da fricativa palato-alveolar de acordo com nossa proposta é que o glide variável em itens como *arroz* e *peixe* origina-se do traço [coronal] sob Ponto-C e não do nó vocálico.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

CAPÍTULO 7

UMA REGRA VARIÁVEL

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

7.1 A Teoria da Variação Lingüística

7.1.1 Os predecessores

A partir da primeira metade do século XIX até meados do século XX, os estudos lingüísticos referentes à questão da mudança sofrida pelas línguas no tempo encontraram expressão em três linhas de pensamento distintas: (i) naturalista, representada pelo alemão Augusto Schleicher; (ii) psicológica subjetivista, defendida pelos neogramáticos, e que, de certa forma, deixou marcas no estruturalismo e no gerativismo e (iii) sociológica, formulada por Antoine Meillet e adotada posteriormente por William Labov.

A tradição histórico-comparativa da primeira metade do século XIX encontrou grande expressão nos trabalhos de Schleicher (1861). Lingüista e estudioso das ciências naturais, rompeu com a idéia defendida até então de que a língua estaria intimamente ligada à atividade do pensamento humano (na tradição de Humboldt e Steinthal), propondo, em seu lugar, uma visão da Lingüística como ciência natural (LABOV, 1994, p. 82). Nesse sentido, a língua é tida como um organismo natural, com existência própria e sujeita à evolução natural, ou seja, obedece leis determinadas de nascimento, crescimento, desenvolvimento, envelhecimento e morte.

O trabalho de Schleicher de reconstrução da proto-língua do indo-europeu e da classificação das línguas indo-européias no formato de árvore genealógica, um sistema de representação comum em estudos de evolução biológica, relaciona implicitamente o estudo da língua às ciências naturais, no sentido darwiniano.

A orientação naturalista de Schleicher encontrou forte oposição, a partir da segunda metade do século XIX, por parte de um grupo de lingüistas alemães que propuseram uma orientação metodológica diferente para os estudos lingüísticos - os neogramáticos. As bases desse movimento foram publicadas no prefácio do primeiro número da revista *Morphologische Untersuchungen* por dois de seus proponentes, Herman Osthoff e Karl Brugmann, ligados à Universidade de Lepzig (LABOV, 1994, p. 88).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Influenciado diretamente pelas idéias veiculadas na obra *Prinzipien der Sprachgeschichte*, de Hermann Paul (1880), tal grupo entendia o estudo da linguagem como a formulação de uma teoria científica de mudança lingüística, com especial interesse na investigação de sua(s) causa(s), as quais, segundo Paul, estavam na psicologia. Assim, à luz dessa perspectiva, toda mudança é entendida como processada na mente do indivíduo e difundida de acordo com o modo pelo qual os indivíduos em sociedade se deixam influenciar. O produto final desse processo é, pois, uma mudança comum na língua.

Desse modo, a concepção da existência independente da língua é abandonada em favor de sua ligação estreita ao indivíduo, fruto de uma orientação que considera não só os aspectos físicos que atuam na mudança dos sistemas, mas também os psicológicos. A esse respeito, no prefácio de *Morhologischen Untersuchungen*, afirmam Osthoff e Brugmann (1878, p. 198, nota 1):

> The human speech mechanism has a twofold aspect, a mental and a physical. To come to a clear understanding of its activity must be a main goal of the comparative linguist. For only on the basis of a more exact knowledge of the arrangement and mode of operation of this psychophysical mechanism can he get an idea of what is possible in language in general - by that one should not think of the language on paper, for on paper almost everything is possible (tradução para o inglês de Lehmann, 1967, p. 198)[1].

Além da orientação psicológica subjetivista na interpretação dos fenômenos de mudança lingüística, os neogramáticos passaram a priorizar o estudo de dialetos vivos com base na idéia de que estes funcionam como fonte de informação sobre a maneira como as formas lingüísticas vivem e mudam (LEHMANN, 1967, p. 202). O objeto de interesse dos estudos lingüísticos deixou de ser a língua original indo-européia, como

[1] O mecanismo humano de fala tem um aspecto duplo: um mental e um físico. Chegar a um entendimento claro de sua atividade deve, necessariamente, ser uma meta do lingüista-comparativista. Somente com base em um conhecimento mais preciso do arranjo e modo de operação do mecanismo psico-físico poderá o lingüista-comparativista chegar a uma idéia do que é possível na linguagem em geral – sendo assim, não se deve privilegiar a língua no papel, pois no papel quase tudo é possível.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

defendiam comparativistas como Schleicher, focalizando-se agora no entendimento da natureza da mudança.

Através de duas hipóteses de trabalho - a regularidade da mudança fonética e a analogia -, os pesquisadores adeptos dessas novas idéias lançaram os dois princípios mais importantes da escola neogramática. De acordo com o *princípio da regularidade*, a mudança fonética é vista como um processo mecânico, regido por leis que não admitem exceções, e uniforme para todos os membros de uma comunidade lingüística, com exceção dos casos de ruptura dialetal (LEHMANN, 1967, p. 204). Mudanças sonoras nesse sentido somente são explicadas por condicionamento fonético, nunca por meio de condicionamentos outros, como morfológicos, sintáticos ou semânticos. Assim, uma mudança que afeta um som em um contexto determinado, manifesta-se em todas as palavra na qual aquele contexto ocorre.

A única exceção aos resultados regulares da lei fonética era atribuída à analogia, entendida como um mecanismo mental de associação entre duas formas que rompe com a força de uma determinada lei e, conseqüentemente, interfere no desenvolvimento natural dos sons. Se alguma exceção causa uma ruptura no princípio da regularidade da mudança sonora, o *princípio da analogia* se encarrega de explicá-la no âmbito da morfologia, sintaxe ou semântica, mas nunca no âmbito da fonologia.

A divisão sistemática da linguagem estabelecida por Saussure, no *Curso de Lingüística Geral* (doravante CLG), entre *langue* e *parole*, responsável pela estrutura basilar do Estruturalismo, rompeu com o psicologismo característico do pensamento neogramático, uma vez que, enquanto a *parole* é tida como um produto individual, a *langue* é

> [...] a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade (CLG, 1977, p. 22).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

No entanto, o caráter social da *langue* foi tomado apenas em um sentido teórico, pois na prática foi estudada como um sistema autônomo, com relações puramente internas, já que

> Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas (CLG, 1977, p. 23).

Desse modo, a pré-condição para se lidar com a língua como um fenômeno social parece ser sua completa homogeneidade, paradoxalmente uma visão em conformidade com a raiz do pensamento neogramático, encontrada em Paul (1880). Conforme afirmam Weinreich, Labov e Herzog (1968, p. 121), a heterogeneidade não é tida por Saussure como um assunto de descrição sistemática, mas apenas como um tipo de imprecisão tolerável da performance.

O próprio conceito de *langue* é responsável ainda pelo estabelecimento de outra ruptura com relação aos pressupostos neogramáticos, referente à primazia dada à pesquisa sincrônica em detrimento da diacrônica. Segundo Saussure, a abordagem à sistematicidade da língua depende da análise, no indivíduo, de uma faculdade de associação e outra de co-ordenação no momento de sua conexão, ou seja, sincronicamente. Já a lingüística diacrônica preocupa-se com o estudo das relações que conectam itens sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva, itens que são substituídos um pelo outro mas que não formam um sistema entre si (CLG, 1977, p. 116).

Da mesma forma que Saussure, Bloomfield (1933) não focaliza o caráter heterogêneo da língua de uma comunidade em seus estudos, embora reconheça sua existência. De acordo com o autor:

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

> [...] If we observe closely enough, we should find that no two persons – or rather, perhaps, no one person at different times – spoke exactly alike [...] These diferences play a very important part in the history of languages; the linguist is forced to consider them very carefully, even though in some of his work he is forced provisionally to ignore them. When he does this, he is merely employing the method of abstraction, a method essential to scientific investigation, but the results so obtained have to be corrected before they can be used in most kinds of further work (BLOOMFIELD, 1933, p. 42-43)[2].

Bloomfield se vale do mecanismo de imitação dos hábitos de fala para explicar a mudança lingüística, a qual, acredita, é guiada inteiramente pela questão do prestígio. No entanto, devido à lentidão com que se processa, crê o autor ser possível observá-la somente quando seu efeito é difundido pelo processo de nivelamento que ocorre na comunidade (1933, p. 480-481).

A diversidade lingüística é considerada irrelevante para a formulação de um modelo teórico de linguagem, de modo mais explícito, pelos gramáticos gerativos a partir dos estudos encabeçados nos anos 50 por Noam Chomsky, que promove o rompimento da lingüística com a tradição empiricista seguida até então e assume uma concepção totalmente racionalista.

Assim como o binômio saussureano *langue/parole* contribui na fundamentação da linha estruturalista de estudo da linguagem, Chomsky propõe para o modelo gerativo a dicotomia *competence/performace*, atribuindo à primeira o papel de destaque no modelo e identificando a segunda como um problema lingüístico não primordial.

---

[2] [...] Se observarmos de perto, descobriremos que não há duas pessoas, ou melhor, talvez não haja ninguém, que, em momentos diferentes, fale exatamente da mesma forma [...]. Essas diferenças desempenham um papel muito importante na história das línguas; o lingüista é forçado a considerá-las muito cuidadosamente, até mesmo quando em seu trabalho é forçado a ignorá-las provisoriamente. Quando ele assim o faz, está meramente aplicando o método de abstração, um método essencial à investigação científica, mas os resultados, desse modo obtidos, devem ser corrigidos antes que possam ser utilizados na maior parte do trabalho conseqüente.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Em consonância com essa nova linha de pensamento lingüístico, afirma o autor que

> Linguistic theory is concerned with an ideal speaker-listener, in a completely homogeneous speech-community, who knows its language perfectly and is unaffected by such grammatically irrelevant conditions as memory limitations, distractions, shifts of attention and interest, and errors (random or characteristic) in applying his knowledge of the language in actual performance (CHOMSKY, 1965, p. 3-4)[3].

Assim como o defendido pelos neogramáticos e estruturalistas, mudanças lingüísticas são tidas no modelo gerativo como direcionadas apenas por forças internas à língua. Segundo McMahon (1996, p. 47), a inadequação desse tipo de posicionamento está na ausência de respostas a duas questões que se mostram primordiais, a saber: (i) por que as mudanças começam (problema da atuação) e (ii) como as mudanças se propagam (problema da implementação).

A formulação consistente de uma abordagem a tais questões, centrada em uma visão puramente sociológica do falante e da língua, surgiu paralelamente à concepção de homogeneidade do sistema lingüístico, nos primeiros anos do século XX, a partir dos trabalhos do comparativista Meillet (1926, 1951)[4]. A maior influência sofrida pelo lingüista foi a doutrina sociológica de Émile Durkhein (1858-1917), um expoente da Sociologia de então, e defensor da teoria da realidade social, segundo a qual o indivíduo é, em grande parte, aquilo que a sociedade espera que ele seja, pois ela (a sociedade) tem o poder de incutir em seus membros um conjunto de maneiras de pensar, agir e sentir. Seguindo tal perspectiva, entende-se que a estrutura da língua é imposta ao indivíduo pela sociedade na qual ele cresce e se desenvolve e as inovações individuais partem de uma corrente coletiva a qual o indivíduo dá vazão e que é espontaneamente aceita pelos ouvintes.

---

[3] A teoria lingüística está preocupada com um falante-ouvinte ideal, em um comunidade de fala completamente homogênea, que conhece sua língua perfeitamente e não é afetada por condições gramaticalmente irrelevantes como limitações de memória, distrações, desvios de atenção e interesse, e erros (aleatórios ou característicos) na aplicação de seu conhecimento da língua durante a performace real.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

A heterogeneidade da língua é considerada, à luz dessa perspectiva, condição principal para a mudança lingüística, cujo caráter esporádico é explicado pelas correlações com a estrutura social da comunidade de fala na qual ocorre. Com relação a essa questão, afirma o autor

> From the fact that language is a social institution, it follows that linguistics is a social science, and the only variable element that we can resort to in accounting for linguistic change is social change, of which linguistic variation are only consequences, sometimes immediate and direct, more often mediated and indirect [...]. We must determine which social strutucture corresponds to a given linguistic structure, and how in general changes in social structure are translated into changes in linguistic structure (MEILLET, 1926, p. 17-18; tradução para o inglês de William Labov, 2001)[5].

As idéias de Meillet, aliadas a uma sensibilidade crescente para com a questão da heterogeneidade da língua, foram fundamentais para o desenvolvimento dos estudos dialetológicos e sociolingüísticos.

Com relação aos primeiros, pode-se afirmar que figuram como uma das mais antigas disciplinas a se dedicar ao estudo sistemático da diversidade encontrada na fala, através da localização de línguas e de suas variedades em áreas geográficas.

Utilizando-se de métodos empíricos das ciências sociais, a Dialetologia parte do princípio de que a análise dos registros da fala de indivíduos representativos de determinadas localidades oferece a possibilidade de identificação em atlas lingüísticos de áreas regionais onde certas regras gramaticais se aplicam ou certas variantes de fala são usadas.

---

[4] Em defesa de uma perspectiva mais sociológica da linguagem estão também Whitney (1901), Jespersen (1946) e Sturtevant (1930, 1947), entre outros (LABOV, 1972, p. 266).

[5] A partir do fato de que a língua é uma instituição social, segue-se que a Lingüística é uma ciência social, e o único elemento variável a que podemos recorrer para dar conta da mudança lingüística é a mudança social, da qual as variações lingüísticas são apenas conseqüências, às vezes imediatas e diretas, mais freqüentemente mediatas e indiretas [...]. Devemos determinar qual estrutura social corresponde a uma dada estrutura lingüística e como, no geral, as mudanças na estrutura social são traduzidas em mudanças na estrutura lingüística.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Como a seleção dos falantes se dá principalmente com base na faixa etária, as situações de mudança lingüística, muitas vezes construídas apenas hipoteticamente através da investigação de textos arcaicos, são confirmadas pela relação estabelecida entre os resultados obtidos das amostras e os padrões de prestígio verificados na gramática e na pronúncia (DITTMAR, 1976, p. 115-116). De fato, uma das principais contribuições dos estudos dialetológicos foi justamente a constatação de que os dialetos locais e regionais conservam muito freqüentemente aspectos antigos da língua, que não mais ocorrem na variedade padrão.

O fato de a heterogeneidade lingüística ter sido relacionada apenas com as condições geográficas é uma das principais críticas à abordagem dialetológica, embora inovações, divergências, etc possam, mas não necessariamente devam, coincidir com as fronteiras geográficas. Até mesmo os próprios dialetólogos conscientizaram-se com o tempo de que a variação na fala é um resultado do processo de interação de uma série de outros fatores além dos puramente geográficos, como classe social, grau de instrução, sexo, ao lado dos geográficos (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 151-159).

Essa perspectiva de interação é, pois, explorada pela Sociolingüística, termo cunhado nos anos 50 para designar uma perspectiva de análise que reúne idéias de lingüistas e sociólogos com relação a questões sobre o lugar da língua na sociedade e, em particular, sobre a relação entre heterogeneidade da realidade lingüística e as diferentes formas de interação social entre falantes, essencial para a apreensão da dinâmica da mudança lingüística, conforme apregoado por Meillet (1926, 1951).

7.1.2 O modelo teórico-metodológico laboviano

Pesquisas desenvolvidas principalmente nos Estados Unidos por William Labov na década de 60 e que originaram a chamada *Teoria da Variação Lingüística*, ou *Sociolingüistica Quantitativa*, foram decisivas na constituição dessa concepção de estudo que, por compreender a noção de heterogeneidade lingüística como compatível com a noção de sistema, configurou-se como uma linha alternativa às linhas estruturalista e gerativista.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

A partir de então ficou claro que as opções dos falantes entre dois ou mais sons, palavras ou estruturas obedecem a um padrão sistemático regulado por regras especiais, conhecidas como *regras variáveis*, as quais expressam a covariação entre elementos do ambiente lingüístico e do contexto social. Sendo então a variação um requisito do próprio sistema lingüístico, uma característica essencial das línguas, a regra variável adquire status de regra gramatical.

O método variacionista de investigação é apresentado na seção 7.1.2.1 seguinte, através da exposição do primeiro estudo efetuado por William Labov sob a perspectiva da Teoria da Variação Lingüística – um caso de mudança sonora na Ilha de Martha's Vineyard (Massachussets, EUA), realizado em 1963.

É demonstrado nesse trabalho que as formas variantes coexistentes em uma língua podem atingir o estágio em que uma delas passa a ser claramente preferida por um grupo de falantes, caso em que se configura uma situação de mudança em progresso. O método básico para seu funcionamento é a combinação das observações em tempo aparente e tempo real, ou seja, o estabelecimento da correlação entre a distribuição da variável lingüística pelos níveis de idade, mais especificamente, entre a descoberta de uma relação monotônica entre idade e variável lingüística (LABOV, 1994, p. 45), e os aspectos diacrônicos da língua, recuperados principalmente através de atlas lingüísticos, gramáticas históricas e textos escritos que refletem o vernáculo de um certo período de tempo. As informações originadas dessa análise possibilitam a reconstrução de uma espécie de cronologia dos vários estados da língua e sua associação a características sociolingüísticas.

7.1.2.1 Martha's Vineyard: um estudo de regra variável

Durante uma pesquisa prévia na Ilha de Martha's Vineyard, foi constatado que a vogal base dos ditongos [aj] (*mice*) e [aw] (*mouse*) não era produzida sempre da mesma forma, mas apresentava pelo menos três alternâncias perceptíveis em direção a uma pronúncia mais centralizada - [a], [ɐ] e [ə]. Dentre estas, já se sabia que [a] caracterizava

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

a pronúncia padrão do estado de New England e [ɔ] era a mais antiga, remontando ao inglês do século XVII e XVIII.

A crença de que não se tratava de um simples caso de variação esporádica levou Labov a organizar um método para relacionar tal tendência centralizadora às características sociais dos falantes e à influência do ambiente fonético, prosódico e estilístico. O objetivo final dessa investigação foi o de compreender qual o padrão de distribuição das várias *escolhas* produzidas pelos falantes nativos no contexto lingüístico de [aj] e [aw].

Em primeiro lugar, delimitou-se cuidadosamente o assunto sobre o qual o pesquisador se debruçaria, ou seja, a chamada *variável dependente*, a partir da estipulação clara do conjunto de formas em situação de variação. No caso em questão, a pesquisa trata da centralização da vogal base dos ditongos (aj) e (aw)[6], cujas formas em variação, referidas como *variantes*, não constituem opções discretas, mas opções contínuas, já que a análise de espectrogramas apontou quatro graus de altura de /a/, situados entre [a] e [ɔ].

O passo seguinte envolveu a determinação dos *fatores,* lingüísticos ou sociais, que poderiam estar atuando na escolha de uma variante e não de outra. Quando se referem a uma mesma dimensão de análise, tais fatores constituem os *grupos de fatores* ou *variáveis independentes.*

Do ponto de vista extralingüístico, para a mencionada análise, Labov reuniu basicamente fatores relacionados à comunidade (região, grupos étnicos) e a seus habitantes (faixa etária, atividade profissional), da seguinte forma:

a) Para a variável Região, considerou-se o fato de o falante ser morador da parte alta da ilha (Up-island), rural e pouco habitada, ou da parte baixa da ilha (Down-island), onde vivem ¾ da população;

[6] Os parênteses indicam que se trata de uma variável dependente.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

b) Para a variável Grupo Étnico, foram consideradas as famílias descendentes dos colonizadores ingleses, residentes, portanto, desde meados do século XVII e XVIII, os descendentes de portugueses imigrantes das ilhas dos Açores, Madeira e Cabo Verde e os índios. Há ainda um pequeno grupo formado por ingleses, franceses, canadenses, irlandeses, alemães e poloneses e os veranistas, que povoam intensamente a ilha nos meses de verão e desfrutam de baixo prestígio na comunidade;

c) Para a variável Faixa Etária, a estratificação da comunidade obedeceu cinco faixas: mais de 75 anos, de 61 a 75, de 46 a 60, de 31 a 45 e de 14 a 30 anos;

d) Para a variável Atividade Profissional, os falantes foram divididos em apenas três grupos: pescadores, proprietários de terras e um terceiro grupo, constituído por donas de casa, estudantes, profissionais liberais, comerciantes e trabalhadores da construção civil.

O exame dos contextos fonéticos que circundam os ditongos, bem como o interesse na possibilidade de aspectos prosódicos do enunciado exercerem algum papel no condicionamento variável da vogal, conduziram à postulação de três variáveis independentes lingüísticas, a saber:

a) Consoante Seguinte ao ditongo, com base em sua classificação articulatória;
b) Consoante Precedente ao ditongo;
c) Acento.

Para que seja possível estudar sistematicamente o papel de cada um dos fatores estabelecidos em uma pesquisa de variação lingüística, é necessário que a amostra de dados possibilite ao pesquisador acessar um número considerável de exemplos envolvendo a variável dependente. No caso em estudo, enfrentou-se um problema nesse sentido, visto que (aj) é muito mais freqüente do que (aw).

A solução encontrada por Labov para garantir uma boa concentração de dados tanto para (aj) quanto para (aw), condição necessária para a obtenção de resultados confiáveis, foi realizar três tipos diferentes de entrevistas: (a) questionário lexical; (b)

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

entrevista livre e (c) leitura de texto. No primeiro caso, foi formulada uma lista de palavras contendo (aj) e (aw) em vários contextos lingüísticos que deveria ser lida pelo informante e gravada pelo entrevistador. A entrevista do tipo livre envolveu questões que visavam estimular o informante a emitir seus julgamentos a respeito da comunidade, do turismo, dos diferentes grupos étnicos residentes na ilha. Além desse tipo de informação, de grande importância para a compreensão do funcionamento da sociedade em estudo, essa modalidade de entrevista também possibilitava eliciar respostas contendo realizações de (aj) e (aw). O último caso, o da leitura de texto, ofereceu a oportunidade de observar a produção dos ditongos em uma situação formal de discurso.

Além destas observações sistemáticas de ocorrência de (aj) e (aw), outras foram realizadas em bares, restaurantes, docas, lojas, etc. Embora não tenham sido gravadas, serviram para checar as informações obtidas nas gravações.

Os três processos de coleta de dados acima descritos possibilitaram a gravação de 69 entrevistas, representantes de 1% da população da ilha. O número de ocorrências obtido para (aj) foi 3 500 e para (aw), 1 500.

Restava descobrir então quantas das ocorrências de (aj) e de (aw) eram produzidas com a vogal base mais centralizada. Como o interesse estava em descortinar o papel que cada um dos fatores escolhidos, sociais ou lingüísticos, poderia estar exercendo na produção da variável dependente, foi realizado um cálculo com base na relação entre o total de ocorrências de (aj) e de (aw) em cada fator e a contagem do número de vezes em que nestas ocorrências houve a produção da vogal mais centralizada. O resultado foi então multiplicado por 100[7].

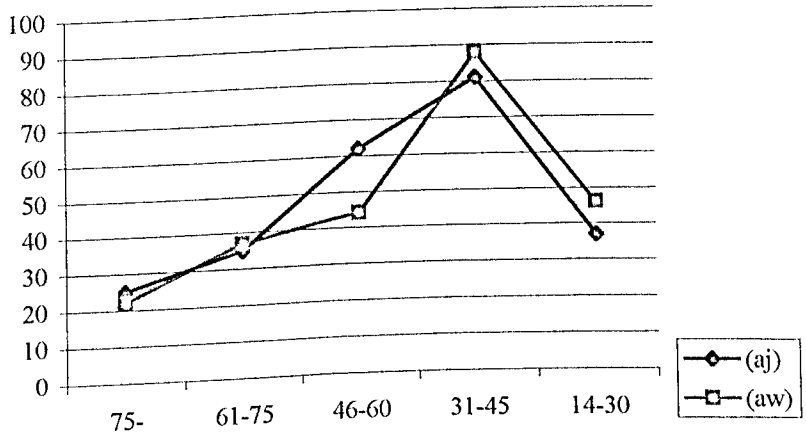
O Gráfico 1 a seguir apresenta a relação entre Faixa Etária e centralização de (aj) e (aw) obtida pela associação de valores numéricos aos dados. Observa-se que o uso da variante centralizada não é o mesmo para as diferentes faixas etárias. Ou dito de outra

[7] Por exemplo: de todas as ocorrências de (aj) coletadas, há 146 que apresentam uma consoante alveolar no contexto seguinte, como em *sight* e *night;* entre estas 146 ocorrências, a vogal mais centralizada ocorreu em 62 casos. A relação entre total de ocorrências e total de casos de centralização (62/146) é de 2,3 ou 23 (2,3 X 100), o que significa dizer que nos 100 casos de (aj) em que o contexto seguinte ao ditongo é uma consoante alveolar, há 23 em que a vogal base do ditongo é mais centralizada.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

forma, o fato de um indivíduo da comunidade ter 80 anos ou 40 anos informa algo diferente sobre o uso provável de vogais mais centrais em palavras como *life, out, dowm* ou *night*. Nitidamente, os falantes entre 31 e 45 anos produzem mais a variante centralizada e aqueles com mais de 75 anos são os que a produzem menos.

Gráfico 1 – Centralização de (aj) e (aw) e Faixa Etária



Fonte: LABOV (1972, p. 22, Tabela 1.2)

Os resultados expostos no Gráfico 1 poderiam nos levar a propor um padrão de comportamento lingüístico do tipo "quanto mais jovem for o nativo de Martha's Vineyard, mais propenso está a produzir as variantes centralizadas da vogal dos ditongos (aj) e (aw)"; no entanto, dois fatos impedem uma generalização deste tipo:

a) A faixa etária seguinte, de 14 a 30 anos, não acompanha o comportamento da faixa imediatamente anterior no eixo x, o que se observa facilmente pela mudança de direção da linha no gráfico, de ascendente para descendente;

b) Os dados do Atlas Lingüistico de New England (LANE) mostravam que em 1933, portanto 30 anos antes da época em que esta pesquisa foi realizada, apenas quatro indivíduos entre 56 e 82 anos apresentaram uma moderada taxa de centralização, o que parecia estar indicando uma tendência ao desaparecimento desta variante na comunidade.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Como explicar então o fato de os falantes adultos de Martha's Vineyard estarem recuperando essa variante e os mais jovens estarem se comportando praticamente como os mais idosos, no sentido oposto dos falantes adultos?

Foi somente através de um exame cuidadoso de informações referentes à estrutura social da Ilha - localização e origem dos diversos grupos étnicos presentes, bem como o status que desfrutam na comunidade, atitudes dos nativos com relação à sua comunidade e aos turistas que povoam massivamente a localidade nos meses de verão, dependência econômica do turismo - , acrescido pelo cruzamento entre estes resultados e os resultados obtidos para as outras variáveis sociais que o pesquisador conseguiu realmente chegar a uma resposta.

A produção centralizada revelou-se característica justamente dos nativos mais conservadores e com forte sentimento de identidade local, como os pescadores de Chilmark, uma das regiões da parte alta da ilha onde a pesca era ainda uma atividade econômica corrente.

Os resultados para a variável Grupo Étnico confirmaram a tendência mostrada no Gráfico 1. Entre os descendentes das famílias inglesas, os portugueses e os índios, as maiores taxas de centralização encontram-se na faixa de 31 a 45 anos. Labov observa que os portugueses entrevistados, embora constituam a terceira geração de imigrantes, comportam-se como a primeira na busca do status de habitante nativo. Isto estaria então refletindo-se não só no espaço social do grupo dentro da comunidade, mas também, e os números atestam, na adoção do mesmo comportamento lingüístico do grupo de referência.

A mesma tendência se observou para o grupo composto pelos índios, os quais, embora ainda se ressentissem dos bloqueios sociais criados pelos brancos, almejavam o mesmo status social.

Com relação ao comportamento surpreendente dos jovens, conforme mostra o Gráfico 1, notou-se forte correlação entre a produção das variantes centralizadas e o sentimento de identidade local. Quatro jovens pertencentes a famílias de origem inglesa,

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

dois da parte alta da ilha e dois da parte baixa, foram questionados sobre suas pretensões para o futuro. Aqueles que mostraram desejo de seguir carreiras profissionais no continente apresentaram poucos dados com centralização; já os que planejavam ir para a faculdade, mas retornar para viver na ilha, apresentaram taxas mais altas. Casos de hipercorreção, detectados entre jovens escolarizados que tentaram viver longe da ilha e acabaram retornando para desempenhar uma outra atividade profissional, confirmavam esta tendência.

Com relação às variáveis lingüísticas independentes, os fatores que demonstraram maior favorecimento ao fenômeno de centralização foram:

Contexto Seguinte: /t,s,p,f,d,v,z,k,θ, ð, ∅, l, r, n, m/;

Contexto Precedente: /h, l, r ,w, m,n/ ;

Acento.

Concluiu Labov que os recursos lingüísticos eram explorados pelos nativos da Ilha de Martha's Vineyard como uma forma de projetar sua identidade social. Somente a correlação entre função lingüística da variável e informações sociais veiculadas por suas várias realizações é que possibilitaram a configuração do quadro de mudança em progresso.

Embora refinamentos metodológicos tenham sido introduzidos nos estudos subseqüentes, manteve-se o fundamento central preconizado pela pesquisa em Martha's Vineyard: a realização de *escolhas* entre dois ou mais sons não se dá por causa de uma mera opção do falante, mas é regulada tanto por fatores do próprio sistema lingüístico quanto por fatores de ordem social, ou seja, é conseqüência da aplicação de *regras variáveis*.

7.1.2.2 Os modelos matemáticos para análise de regra variável

Foi em uma pesquisa posterior a de Martha's Vineyard - sobre a contração e apagamento das formas *is* e *are* no inglês falado por brancos e negros da cidade New

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

York, publicado em 1969 -, que Labov, com base em técnicas estatísticas, apresentou o primeiro modelo formal para o estudo da regra variável, conhecido como modelo aditivo. Mais tarde, outros surgiram, como o modelo multiplicativo de Cedergren e Sankoff (1974), em duas versões, e depois o modelo logístico, proposto por Rousseau e Sankoff (1978) para substituir os outros três. Antes de considerarmos as características de cada um deles, é necessário discutir a motivação para a aplicação deste tipo de formulação matemática em estudos lingüísticos de regra variável.

Em um primeiro momento, poder-se-ia pensar que para obtermos uma quantificação mais precisa sobre o papel dos fatores condicionadores da aplicação da regra variável, teríamos de calcular a taxa de aplicação da regra separadamente para cada um dos ambientes em que ela potencialmente poderia se aplicar, o que constituiria uma tarefa bastante complicada, visto que a multiplicação de todos os fatores lingüísticos e sociais um pelo outro geralmente resultaria sempre em um número elevado de ambientes.

Labov descobriu que isto não era necessário. A freqüência de aplicação de uma determinada regra é uniformemente afetada por um dado fator em todos os ambientes que o contêm (CEDERGREN; SANKOFF, 1974, p. 336). Desse modo, para se conhecer sua taxa de aplicação em cada ambiente específico basta que se calcule o efeito ou a contribuição de cada um dos fatores em exame e se combinem seus efeitos.

De acordo com Kay e Macdaniel (1979, p. 159), tal fato se traduz na adoção de um procedimento que (a) transforme em um conjunto de pesos numéricos as razões entre número total de ocorrências e número de ocorrências em que houve aplicação da regra para cada célula originada pela interseção entre as dimensões diversas de análise e (b) forneça uma regra capaz de combinar, de algum modo, os pesos de cada uma dessas células de forma a produzir um valor correspondente à probabilidade de aplicação da regra para aquela célula. Este é justamente o papel dos "modelos" de regra variável, os quais assumem a forma de equações. Se as probabilidades geradas corresponderem ou se aproximarem das freqüências observadas, o procedimento se justifica, pois se considera, em um sentido estatístico, que o modelo se ajusta bem aos dados.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

O envolvimento das operações de adição e subtração na equação definidora do modelo indica ser ele do tipo aditivo. Caso haja multiplicação e divisão, é chamado de multiplicativo e logístico.

Cada equação fornece um valor numérico associado à probabilidade, indicada pela letra *p,* de que uma determinada *escolha* seja feita pelo falante ou por grupos de falantes em um determinado ambiente lingüístico. Para que *p* possa ser calculado, é necessário que se determine um *input* p_o , entendido como a probabilidade de a regra aplicar-se em qualquer combinação possível de fatores que defina um contexto ou ambiente.

Além de p_o, a fórmula envolve a medida, expressa como p_i, do efeito do fator que compõe um ambiente ou contexto em análise; *i* pode ser uma condição fonológica, sintática ou representar ainda alguma tendência social (ROUSSEAU; SANKOFF, 1978, p. 57). Conclui-se daí que p_i só entra na fórmula se o fator *i* estiver presente no ambiente.

De acordo com Labov (1969), a forma mais adequada de se combinarem tais freqüências é adicioná-las.

O modelo aditivo

Discutidos os conceitos fundamentais, a fórmula matemática para o modelo aditivo (ROUSSEAU; SANKOFF, 1978, p. 57), apresenta-se como

(82)

$$p = p_o + p_i + ... + p_n$$

onde $0 = p_o = 1$ (i.e., p_o é sempre um valor positivo, entre 0 e 1); $-1 = p_i = +1$ (i.e, as restrições variáveis podem ser positivas ou negativas).

Embora o pressuposto para o modelo de regra variável seja que *p* se situe entre 0 e 1, casos em que as freqüências de um ambiente e outro sejam muito diferentes, ou em

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

que haja um grande número de ambientes distintos, podem resultar valores que fogem desse intervalo, com resultados negativos ou maiores do que um (CEDERGREN; SANKOFF, 1974, p. 337). Apesar de ser possível evitar tais problemas e alcançar valores que capacitem o modelo a se adequar bem aos dados, essas questões culminaram na proposta de um outro modelo - o multiplicativo

O modelo multiplicativo

Uma das noções fundamentais para a descrição desse modelo é a definição matemática de independência como a ausência de conexão causal entre dois eventos (KAY; MACDANIEL, 1979, p. 169). Nesse caso, a probabilidade de ocorrerem juntos dois eventos independentes é igual ao produto de suas probabilidades individuais.

Essa é justamente a forma assumida pelo modelo de aplicação (83), proposto por Cedergren e Sankoff (1974, p. 339) :

(83) $$p = p_o \times p_i \times p_j \ldots p_n$$

onde p_o é, como no modelo aditivo, a probabilidade de input comum a todos os ambientes e p_i é a probabilidade de contribuição do traço i à aplicação da regra, um valor entre 0 e 1.

O modelo multiplicativo oferece ainda uma outra equação que constitui a contra-parte negativa de (83), o modelo de não-aplicação. Como p é a probabilidade de aplicação, $1\text{-}p$ constitui a probabilidade de que a regra não se aplique. Tem-se, desse modo (84) (CEDERGREN; SANKOFF, 1974, p. 337):

(84) $$(1-p) = (1- p_o)\ (1- p_i)\ (1- p_j) \ldots (1- p_n)$$

A interpretação probabilística da versão (84) do modelo multiplicativo é a de que a regra se aplica sempre que pelo menos um traço no ambiente estiver associado com um experimento bem sucedido. Se a regra se aplicar apenas quando todos os traços simultaneamente envolvem experimentos bem sucedidos, tem-se então o modelo (83).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

A escolha entre um ou outro dos dois modelos parece estar relacionada à questão da adequação do modelo aos dados, mensurada através de cálculos. No artigo de Cedergren e Sankoff (1974, p. 345), a regra de espirantização do R no espanhol panamenho é apresentada com base em valores extraídos do modelo multiplicativo de não-aplicação. A justificativa para tanto, segundo os autores, é que este modelo é mais consistente com os dados obtidos. Já para a regra de apagamento do *que* no francês de Montreal, o modelo utilizado foi o de aplicação, pelo mesmo motivo.

O modelo logístico

Esse modelo matemático para análise de regra variável foi introduzido por Rousseau e Sankoff (1978) com o objetivo de substituir os anteriores e, desse modo, abandonar o critério de escolha de modelos com base no grau de adaptação aos dados. A fórmula é apresentada em (85) a seguir:

(85)

$$\frac{(p)}{(1-p)} = \frac{(p_o)}{(1-p_o)} \times \frac{(p_i)}{(1-p_i)} \times \frac{(p_j)}{(1-p_j)} \times \ldots \times \frac{(p_k)}{(1-p_k)}$$

Algumas características do modelo fazem com que ele seja visto como uma espécie de síntese dos anteriores. Em primeiro lugar, nota-se que (85) é simétrico com respeito às probabilidades de aplicação e não-aplicação, de modo diverso de (83) e (84) (ROUSSEAU; SANKOFF, 1978, p. 62). Os p_i são entendidos como *pesos relativos*, muito embora muitos lingüistas continuem usando a terminologia *probabilidade,* adotada no modelo de aplicação e não-aplicação (NARO, 1992, p. 23).

De modo geral, pode-se dizer que os problemas estatísticos associados com uma análise de regra variável envolvem (a) a estimativa dos parâmetros p_o e p_i com base nos dados de freqüência; (b) a decisão sobre qual o melhor procedimento de estimativa; (c) a checagem da adequação do modelo aos dados e (d) a verificação da pertinência de um determinado grupo de fatores na explicação dos dados. Uma ferramenta prática e facilmente manejável foi desenvolvida para resolver essas questões - o pacote

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

computacional de programas para o estudo da regra variável VARBRUL -, o qual opera justamente com base no modelo logístico. Na seção 7.2.6, apresentaremos sua composição e funcionamento.

Vimos, nessa seção, que a Teoria da Variação Lingüística constitui-se como uma linha de pesquisa alternativa à estruturalista e gerativista, seguidoras da abordagem neogramática quanto à concepção da língua como sistema homogêneo, justamente por assumir como objeto de estudo a heterogeneidade lingüística e propor um método para sua sistematização que envolve o uso de técnicas estatísticas para a depreensão do valor atribuído às variantes pelos falantes.

Mostramos através do clássico estudo de mudança em progresso em Martha's Vineyard realizado por Labov que as principais etapas a serem vencidas na configuração de uma regra variável são (i) definição da variável dependente; (ii) definição das variáveis independentes; (iii) delimitação da amostra e obtenção dos dados; (iv) transcrição e codificação dos dados; (v) quantificação dos resultados e (vi) interpretação dos resultados.

Essa metodologia tem permitido a constatação de que a avaliação diferenciada imprimida pelos falantes a uma determinada variante pode conduzir a sua adoção ou rejeição, situação subjacente ao processo de mudança. Desse modo, não é apenas uma situação de variação que está envolvida na mudança lingüística, mais primordialmente a motivação social.

A seção 7.2 seguinte apresenta as informações essenciais para a realização do estudo da regra variável referente à palatalização da fricativa em posição de coda no português de influência açoriana falado em três regiões do município de Florianópolis. Em 7.3 os resultados fornecidos pelo programas do pacote VARBRUL 2S para as variáveis lingüísticas e sociais propostas em 7.2.1 são apresentados e discutidos.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

7.2 Metodologia

7.2.1 As variáveis operacionais

A fim de atingirmos as regras que regulam a heterogeneidade lingüística, pressuposto básico da Teoria da Variação Lingüística, faz-se necessário, inicialmente, proceder à identificação das dimensões lingüísticas e não-lingüísticas que podem estar atuando na escolha de uma ou outra variante de uma determinada variável, conforme mostrado em 7.1.2.

Partimos, inicialmente, da definição da variável dependente.

7.2.1.1 A variável dependente

Por variável dependente entende-se o conjunto de variantes, ou de formas lingüísticas em variação, que são reguladas por uma série de categorias independentes (TARALLO, 1986, p. 8; NARO, 1992, p.18).

No estudo em questão, postulamos como variável lingüística dependente a palatalização da fricativa em posição de coda. As variantes em competição são, portanto, quatro:

Fricativa Alveolar	[s, z]
Fricativa Palato-Alveolar	[ʃ, ʒ]
Fricativa Glotal	[h, ɦ]
Zero Fonético	

As variantes acima arroladas ocorrem concomitantemente na fala dos florianopolitanos. De acordo com a pesquisa preliminar (BRESCANCINI, 1996), há

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

predominância da variante palato-alveolar. O apagamento e a fricativa glotal ocorrem raramente[8]. Esperamos encontrar na presente pesquisa uma distribuição semelhante.

7.2.1.2 As variáveis independentes

Constituem as dimensões que exercem influência na escolha de uma ou outra variante. Podem ser internas ao sistema lingüístico ou externas a ele. No primeiro caso, tem-se as *variáveis lingüísticas* ou *estruturais*, que espelham o modo como os aspectos do próprio sistema da língua influenciam a variabilidade. No segundo, as *variáveis sociais*, cuja correlação com as variáveis lingüísticas está na fundação dos estudos sociolingüísticos, conforme apresentado em 7.1.1.

7.2.1.2.1 As variáveis lingüísticas

Posição da Fricativa na Palavra

Essa variável engloba as posições que a fricativa em posição de coda pode ocupar na palavra e na frase. Partimos da hipótese de que a produção da palato-alveolar é favorecida quando a consoante fricativa e o ambiente indutor estão na mesma sílaba, ou seja, quando /S/ ocupa a coda medial da palavra.

Tal posicionamento fundamenta-se no Princípio Fonotático do Constituinte Imediato de Selkirk (1982) (ver Capítulo 4, seção 4.2.2). Também é constatado por Cagliari (1974) em análises palatográficas envolvendo fenômenos de palatalização em várias línguas (ver Capítulo 2, seção 2.1.4).

[8] Não estamos considerando para esse resultado as ocorrências de apagamento da fricativa morfema de plural no sintagma nominal e da fricativa indicadora de desinência número-pessoa por considerarmos que tais casos estejam relacionados a questões morfossintáticas e não puramente fonológicas.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Os fatores que compõem a variável em questão são:

Coda Medial	mesmo
Coda Final Absoluta	ônibus
Coda Final diante de Consoante da Palavra Seguinte	as nações;
	mas ganhou

A posição medial é destaque na produção palato-alveolar em posição de coda nos estudos de Callou e Marques (1975) para o Rio de Janeiro-RJ, Callou e Moraes (1996) para o Rio de Janeiro-RJ, Recife e Salvador, Brescancini (1996) para Florianópolis-SC, Scherre e Macedo (2000) para o Rio de Janeiro-RJ e Gryner e Macedo (2000) para Cordeiro-RJ.

Contexto Precedente

Refere-se essa variável ao contexto vocálico que antecede a fricativa em posição de coda. Foram consideradas para a análise particularidades articulatórias do contexto consonantal que precede as vogais. Sendo assim, uma vogal como [a], por exemplo, apresenta três possibilidades de classificação: retraída ([a̠]), se precedida por consoante dorsal (['**ka**ʃ]ca), quando passa a ser articulada com a língua mais para trás da posição comumente assumida para essa vogal em língua portuguesa; avançada ([a̟]), caso o ponto de articulação coronal (['**la**ʃ]ca) posicione o corpo da língua mais para frente no trato oral; normal, em sílaba sem ataque (**as**) ou iniciada por consoantes labiais (['**ma**ʃ]cara) (WEISS, 1988, p. 53).

A justificativa para tal divisão está na hipótese, baseada em Bhat (1978), de que a palatalização em sibilantes é favorecida tanto por vogais posteriores precedentes quanto por vogais frontais precedentes. Conclui-se, diante disso, que tanto o movimento de elevação da lâmina da língua em direção ao palato duro quanto o conseqüente movimento de retração sofrido pelo corpo da língua são importantes para o processo.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Desejamos, portanto, verificar, para o fenômeno de palatalização da fricativa em posição de coda em Florianópolis-SC, qual dos dois grupos – frontal ou posterior - se comporta de maneira mais favorecedora.

Os fatores que compõem a variável, considerando-se os detalhes articulatórios acima discutidos, são:

[i]	**bis**neto
[ĩ]	**in**stante
[i̯]	**giz**
[e]	**mes**mo
[ẽ]	[**tẽʃ**] (tens)
[e̯]	**res**peito
[ɛ]	**tes**ta
[ɛ̯]	**res**to
[a̟]	**las**ca
[a]	**mas**
[a̠]	**cas**ca
[o̟]	**nós**
[ɔ]	**hós**tia
[o̞]	**nos**
[o]	**os**tentar
[õ]	Li[**mõʃ**] (Saco dos Limões)
[u̟]	**in**dustrial
[u]	**mus**go
[ũ]	**uns**
[j]	**leis**
[j̃]	**tens**
[w]	**Deus**

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

[w̃]	irmãos
Ausência de vogal	[ʃkɔla] (escola)
Contóide	perspectiva; Inam[pʃ]; dependen[tʃ]

A comparação entre os resultados referentes a estudos sobre o processo de palatalização da fricativa em posição de coda em outras regiões do país não aponta para um único ambiente vocálico favorecedor. Enquanto Scherre e Macedo (2000) apresentam as vogais [+ alto, + anterior] como as maiores indutoras no Rio de Janeiro-RJ, Silva (1996) menciona as vogais nasais e a vogal [i] para Corumbá-MS e Brescancini (1996), a vogal [a] para Florianópolis-SC.

Duas variáveis de controle[9] relacionadas à variável Contexto Precedente foram consideradas na pesquisa: Status do Contexto Precedente e Sândi Externo. Os fatores que as compõem serão apresentados a seguir.

Status do Contexto Precedente :

/ e / → [i]	[i]stado
[i] epentético	sub[i]stituto
/o/ → [u]	vam[u]s
[o] → [w]	navi[w]s
Monotongação	dep[o]s para 'depois'
Ditongação	arro[j]s
Ditongo oral terminado em [j]	coroné[j]s
Ditongo nasal terminado em [j̃]	home[j̃]s
Ditongo nasal terminado em [w̃]	irmã[w̃]s
Não-derivado	l[i]sta, b[e]steira

[9] O envolvimento de uma determinada variável independente na pesquisa que não é justificado por nenhuma hipótese específica tem por objetivo apenas o melhor conhecimento dos dados que estão sendo analisados (cf. SCHERRE, 1992, p. 124).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Sândi Externo:

Elisão	cois[i]stúpida para 'coisa estúpida'
Degeminação	n[o]spital para 'no hospital'
Ditongação	pr[aj]screver para 'pra escrever'
Não se aplica	

Contexto Seguinte

O contexto consonantal que segue a fricativa em posição de coda pode exercer papel no condicionamento favorável à produção da variante palato-alveolar. Nossa hipótese retoma os resultados de Bhat (1978) (ver Capítulo 2, seção 2.1.4) obtidos na análise do comportamento das sibilantes palatalizadas em aproximadamente 120 línguas e dialetos: uma consoante velar ou labial vizinha à sibilante favorece sua palatalização.

Seguindo critério análogo ao adotado para a determinação dos fatores da variável Contexto Precedente, assumimos que a articulação das consoantes seguintes a /S/ se torna anteriorizada ou posteriorizada devido à ação do gesto articulatório das vogais que as seguem. Os fatores que compõem essa variável são:

[p̪, b̪]	hos**pi**tal
[p, b]	depois **ba**tia
[p̻, b̻]	es**po**sa
[m̪]	dois **me**nino
[m]	os **mar**telos
[m̻]	mes**mo**
[f̪, v̪]	des**fi**le
[f, v]	as **va**cas
[f̻, v̻]	mas **foi**
[t̪, d̪]	sus**ten**to, mas **de**pois
[t, d]	es**ta**do

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

[t̪, d̪]	cons**tru**ção
[l̪]	mais **li**vre
[l]	nos **la**tões
[l̠]	os **lo**cais
[n̪]	casados **né**
[n]	as **na**ções
[n̠]	casados **no** dia
[k̪, g̪]	outras **cri**anças
[k, g]	cas**ca**
[k̠, g]	nas **co**stas
[x̪]	outras **re**spostas
[x]	mais **ra**spado
[x̠]	nas **ro**das
[tʃ, dʒ]	as **ti**as
pausa	outras

Os fatores correspondentes ao contexto seguinte vocálico (luz elétrica), fricativa alveolar (dois sapatos; dois zeros) e fricativa palato-alveolar (dois chalés; dois gêmeos) são excluídos da análise quantitativa. No primeiro caso, há ocorrência massiva da fricativa alveolar sonora [z], a qual, devido à ressilabação, passa à posição de ataque silábico (lu[ze]létrica). No outros dois casos, registram-se comumente as ocorrências *doi*[s]*apatos*, *doi*[z]*eros*, *doi*[ʃ]*alés* e *doi*[ʒ]*êmeos*. Desse modo, seqüências /s s/, /s z/, /s ʃ/ ou /s ʒ/ são realizadas como uma única consoante. Exceções a tais padrões são consideradas separadamente e documentadas no Anexo B (Quadro B 2).

Apesar dos vários estudos sobre a produção palato-alveolar da fricativa no PB apresentarem arranjos diversos para os fatores dessa variável, os resultados obtidos convergem quanto ao maior favorecimento das consoantes classificadas como mais fortes na escala de Hooper (1976). Sendo assim, Pessoa (1986), para a amostra referente a Natal-RN, e Canovas (1996), para Salvador-BA, apontam as consoantes /t, d/ como o

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

ambiente seguinte mais indutor; Gryner e Macedo (2000), para Cordeiro-RJ, as coronais altas [tʃ, dʒ] e Scherre e Macedo (2000), para o Rio de Janeiro-RJ, as consoantes /p, t, k/. Para Florianópolis-SC, Brescancini (1996) aponta as consoantes dorsais como contexto seguinte mais importante.

Traço [voz] do Contexto Seguinte

Refere-se essa variável à especificação do traço [voz] do contexto seguinte à fricativa pós-vocálica. Esperamos que os melhores contextos para a ocorrência da palatalização sejam aqueles que dispendam maior energia articulatória para sua realização, como os contextos [-voz], visto que, conforme apresentado no Capítulo 2 (seção 2.1.4), consoantes palatalizadas compartilham com as palatais a qualidade de uma articulação com mais energia, apesar de a disposição articulatória diferente. Os fatores analisados para essa variável são:

[+ voz]	vacas gordas
[- voz]	escola
pausa	mês

O maior favorecimento do contexto seguinte [- voz] também é o resultado em Brescancini (1996) para Florianópolis-SC, Canovas (1996) para Salvador-BA, Silva (1996) para Corumbá-MS e Gryner e Macedo (2000) para Cordeiro-RJ.

Acento

Dois posicionamentos a respeito do papel condicionador da variável Acento quanto à regra de palatalização em várias línguas são mencionados na seção 2.1.4 (capítulo 2). De um lado, com base em análises palatográficas, defende Cagliari (1978) serem os contextos tônicos, ou seja, aqueles produzidos com maior energia articulatória, os que mais a favorecem. De outro, Bhat (1978), considerando especificamente as sibilantes, aponta que os contextos não-acentuados provam ser mais eficientes, principalmente se a palatalização for motivada pelo levantamento da língua. Buscamos,

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

portanto, verificar a qual dessas duas tendências a palatalização da fricativa alveolar em posição de coda melhor responde. Os fatores que compõem a variável são:

Pré-pretônica	**de**scascava
Pretônica	**res**peito
Tônica	**mes**mo
Postônica	va**cas**
Pós-postônica	ôni**bus**
Palavra sem acento	as, mas

De acordo com os resultados obtidos por Silva (1996) para Corumbá-MS e Gryner e Macedo (2000) para a comunidade de Cordeiro-RJ, as sílabas tônicas favorecem, de modo geral, a produção da palato-alveolar na coda. Em Brescancini (1996), para Florianópolis-SC, as pretônicas apresentaram-se como as maiores indutoras.

Função Morfológica

Embora tenhamos localizado o domínio da regra de palatalização da fricativa em posição de coda no pós-léxico (ver Capítulo 3, seção 3.2), onde as regras, opcionais, relacionam-se apenas aos fatos fonológicos, independentemente da informação morfológica, buscamos verificar:

(a) se a variável é estatisticamente relevante para o fenômeno em estudo, ou seja, se ela é selecionada pelo programa Varb 2000;
(b) se há diferença na motivação da regra, considerando-se os diferentes processos de flexão e derivação.

Os fatores analisados referem-se ao elemento mórfico que abriga /S/, a saber:

radical	mesmo
seqüência sC	estado
sufixo	desenhi**sta**

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

prefixo	**des**cascar
desinência verbal	fi**z**, somos
morfema de plural	vaca**s**, flore**s**

Essa variável caracteriza-se como uma inovação quanto ao estudo preliminar realizado em 1996, quando consideramos apenas dados de -s não-morfêmico.

7.2.1.2.2 As variáveis sociais

Faixa Etária

O padrão de distribuição do comportamento lingüístico através de vários grupos etários no presente – a chamada distribuição em tempo aparente – visa estabelecer uma relação entre gerações sucessivas de falantes, com características sociais comparáveis, e a disposição de formas lingüísticas. O pressuposto para uma investigação lingüística baseada nesse tipo de distribuição, de acordo com Labov (1972, p. 163), é a idéia de que cada uma das gerações representa estágios na evolução lingüística da mesma comunidade de fala.

Com relação à palatalização da fricativa em posição de coda em Florianópolis-SC, os resultados de Brescancini (1996) indicaram a não relevância estatística da variável Faixa Etária. No entanto, não acreditamos que esse seja um resultado definitivo, já que a divisão etária proposta envolveu duas faixas muito abrangentes: 15-30 anos e 31 anos ou mais. Desse modo, propomos para a presente pesquisa que cada um dos distritos examinados apresente uma divisão etária em três faixas, com aproximadamente 20 anos de diferença entre uma e outra, a saber:

25- 40 anos
41- 60 anos
61 anos ou mais

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Para os distritos do Ribeirão da Ilha e da Barra da Lagoa, há ainda uma quarta faixa etária, de 15 a 20 anos, que será incluída na rodada apenas quando a discussão dos resultados exigir.

Desejamos, pois, verificar no presente estudo se uma divisão etária menos abrangente é capaz de oferecer um quadro mais esclarecedor do status da palatalização da fricativa em posição de coda nos distritos em exame, no sentido de apontar se a variante se encontra em situação estável, com tendência à propagação, conforme propõe Furlan (1982), ou se dá mostras de enfraquecimento.

A maioria dos estudos referentes à palatalização da fricativa em posição de coda no PB apontam para a estabilidade dessa variável. Esse é o caso, por exemplo, no Rio de Janeiro-RJ e Recife-PE, conforme apresentado por Callou e Moraes (1996), e em Cordeiro-RJ, conforme Gryner e Macedo (2000). Em Salvador-BA, onde a fricativa alveolar em posição de coda representa a realização mais geral, a situação é de mudança em direção à variante palato-alveolar, liderada pelas mulheres jovens (CALLOU; MARQUES, 1996).

Gênero

A diferença no padrão de variação lingüística entre homens e mulheres tem sido apontada por um considerável número de estudos sociolingüísticos. Assim como o indivíduo, ao longo do processo de socialização, internaliza a identidade do gênero a que pertence, também incorpora o correspondente comportamento de fala, reforçado pela divisão de função, posição, valores e normas entre os dois sexos na sociedade.

Nesse sentido, as diferenças lingüísticas relativas a homens e mulheres não podem ser tratadas apenas como uma determinação biológica. O uso de "gênero" ao invés de "sexo" para a denominação da variável em questão enfatiza justamente essa preocupação com a dimensão sócio-cultural da divisão dos seres humanos em homens e mulheres (BROUWER; HOUT, 1992, p. 99; ROMAINE, 2000, p. 104)[10].

[10] Questões referentes à validade do uso da categoria "sexo" para discussões a respeito de diferenças de gênero, e vice-versa, são tratadas por Eckert (1989) e Labov (1990), entre outros.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Conforme afirma Bhat (1978), com base na observação de 120 línguas e dialetos, são as mulheres as maiores produtoras de palatalização. Também é esse o resultado obtido por Haeri (1994) com relação à palatalização das oclusivas apicais no árabe do Cairo.

Com relação ao processo de palatalização da fricativa em posição de coda no PB, os resultados são divergentes. Callou e Marques (1975), para o Rio de Janeiro-RJ, observam a predominância da variante palato-alveolar entre as mulheres na zona norte, região mais antiga e tradicional da capital. Já em Madureira e Jacarepaguá, os homens lideram o processo. Callou e Moraes (1996) salientam o comportamento diferenciado entre homens e mulheres no Rio de Janeiro-RJ e Recife-PE, com pouca diferença nas faixas mais jovens. Em Salvador-BA, são as mulheres que avançam na produção palato-alveolar. Ainda no estado do Rio de Janeiro, Gryner e Macedo (2000) concluem que a diferença na produção da variante entre homens e mulheres não é significativa no município de Cordeiro.

As mulheres jovens são apontadas como mais favorecedoras à produção da variante palato-alveolar nos estudos de Silva (1996) para Corumbá-MS e Brescancini (1996) para Florianópolis-SC. Esperamos novamente tal resultado para a amostra em exame.

Escolaridade

A importância da *Escolaridade* na avaliação de uma variável lingüística justifica-se pela crença de que há na sociedade uma estratificação social dos grupos baseada no grau de instrução de seus membros.

Embora Labov (1972, p. 115) advirta que o melhor retrato da posição social de uma variável seja obtido a partir da combinação de pelo menos dois indicadores sócio-econômicos, dentre escolaridade, ocupação e renda, na presente pesquisa partimos do pressuposto de que o dialeto da elite é mais representativo em indivíduos que apresentam mais anos de escolarização, não estando diretamente relacionado, portanto, ao grupo de indivíduos que detém maior poder econômico.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Nesse sentido, a avaliação social da variedade lingüística é diretamente proporcional ao prestígio que desfrutam seus usuários na sociedade: a variante com status superior é geralmente adotada pelos falantes mais escolarizados, de maior prestígio na comunidade; a variante com status inferior, por outro lado, é adotada pelos falantes menos escolarizados, de menor prestígio na comunidade.

Os resultados da pesquisa preliminar realizada em Florianópolis (BRESCANCINI, 1996) apontaram que, especificamente para o distrito de Florianópolis, a variável escolaridade não desempenhou papel estatisticamente relevante. Já para a região mais isolada do distrito do Ribeirão da Ilha, os resultados indicaram diferenças significativas entre os três níveis de escolaridade analisados: 0-4 anos, 5-8 anos e de 9 a 11 anos.

No presente estudo, incluímos um quarto fator – 14 anos ou mais de escolaridade -, com o objetivo de verificar quantitativamente se a variante palato-alveolar em posição de coda desfruta de prestígio entre os falantes nativos, já que, de acordo com Furlan (1982, p. 79), a variante palato-alveolar é registrada na fala de "professores universitários e indivíduos dos mais elevados cargos sociais e políticos".

Desse modo, os fatores, distribuídos por anos de escolarização, passaram a ser[11]:

0-5 anos (iletrados, primário incompleto ou completo, 5ª série do 1° grau incompleta ou completa)

6-9 anos (6ª série do 1° grau completa, 1° grau incompleto ou completo, 1° ano do 2° grau incompleto ou completo)

11 anos (2° grau completo)

14 anos ou mais (superior completo ou último ano em curso)

[11] De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, sancionada em 20 de dezembro de 1996, os oito primeiros anos de educação escolar (duração mínima), antigo 1° grau, passaram a

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Para as outras regiões brasileiras que praticam a variante palato-alveolar na coda percebe-se, de modo geral, que os falantes com formação universitária tendem sempre a adotar a variante de realização mais geral na comunidade. Esse é o resultado obtido em Natal-RS (PESSOA, 1986) e Salvador-BA (CANOVAS, 1996), onde a variante padrão é a fricativa alveolar, e no Rio de Janeiro-RJ (CALLOU; MARQUES, 1975), Cordeiro-RJ (GRYNER; MACEDO, 2000) e Corumbá-MS (SILVA, 1996), onde é a fricativa palato-alveolar o padrão geral.

Região

A inclusão da variável *Região* no presente estudo tem por objetivo possibilitar a verificação da influência que o grau de isolamento vivenciado por cada comunidade no passado exerceu no comportamento lingüístico de seus habitantes. Os fatores que compõem a variável são:

Distrito de Florianópolis
Distrito do Ribeirão da Ilha
Distrito da Barra da Lagoa

Defendemos a hipótese de que os falantes do distrito da Barra da Lagoa, dos três analisados, o que manteve certo grau de isolamento por mais tempo, desfrutaram de maiores condições para a manutenção da variante fricativa palato-alveolar em posição de coda, herança portuguesa trazida pelos imigrantes açorianos (ver capítulo 2, seção 2.3).

Os falantes do distrito de Florianópolis, por outro lado, são os que reúnem mais condições para o enfraquecimento da variante palato-alveolar, uma vez que essa região sempre desfrutou de maior interação sócio-cultural-espacial com pessoas de outras localidades, intensificada principalmente a partir da década de 60 com a chegada de novos moradores e turistas gaúchos, paranaenses, paulistas e catarinenses do interior.

constituir o *ensino fundamental* e os três anos seguintes (duração mínima), antigo 2º grau, passaram a constituir o *ensino médio*.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Espera-se que os falantes do distrito do Ribeirão da Ilha, área interiorana onde o processo de urbanização se iniciou mais cedo com relação à Barra da Lagoa, se aproximem mais do comportamento lingüístico dos falantes urbanos do que dos barrenses.

Na pesquisa preliminar a respeito da palatalização da fricativa em posição de coda (BRESCANCINI, 1996), apenas foram considerados dados das regiões de Florianópolis e de duas regiões específicas do distrito do Ribeirão da Ilha, a Freguesia e o Sertão. Os resultados apontaram para maior favorecimento da produção da variante palato-alveolar na Freguesia (0,56) em relação a Florianópolis (0,51). Cremos que a inclusão na presente pesquisa de uma terceira região interiorana, a Barra da Lagoa, com características diversas do Ribeirão da Ilha, possibilite a configuração de um quadro mais claro a respeito da relação entre a produção da variante palato-alveolar em posição de coda e o processo de cosmopolitização e urbanização vivenciado pelas diferentes regiões.

Relacionada principalmente à variável Região, propomos uma variável de controle, Sentimento do Nativo em relação ao Turista e aos Novos Moradores.

Sentimento do Nativo em relação ao Turista e aos Novos Moradores

Com base no estudo de Labov (1972) realizado na Ilha de Martha's Vineyard, onde a alta centralização da vogal dos ditongos decrescentes é correlacionada com expressões de identidade local e resistência à incursão de veranistas, procuramos verificar na amostra a possibilidade de depreendermos uma relação análoga entre maior produção da variante fricativa palato-alveolar em posição de coda e avaliação negativa do habitante nativo diante da presença crescente de novos moradores e turistas em sua localidade.

Para tanto, durante a entrevista, procuramos detectar qualquer manifestação negativa, positiva ou neutra do informante com relação a esse tema. Ao final, reunimos as informações prestadas e atribuímos então a cada informante um dos fatores a seguir:

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Sentimento Positivo: relacionado, de modo geral, à idéia de que as pessoas de fora colaboram para o progresso da localidade, seja com seu trabalho, seja com o turismo;

Sentimento Negativo: relacionado, de modo geral, à idéia de que as pessoas de fora poluem as praias, trazem "maus costumes" que passam a ser imitados pelos jovens nativos ou ocupam o espaço no mercado de trabalho que seria do ilhéu;

Sentimento Neutro

Não mencionou

Extratos de alguns dos depoimentos prestados pelos informantes com relação à tal questão são apresentados no Anexo D.

Propomos ainda a variável de controle Informantes com o objetivo de acessar valores atribuídos às variantes por cada um dos indivíduos que compõem a amostra.

A seção seguinte 7.2.3 apresenta um pequeno histórico de cada uma das regiões.

7.2.3 Os distritos em estudo

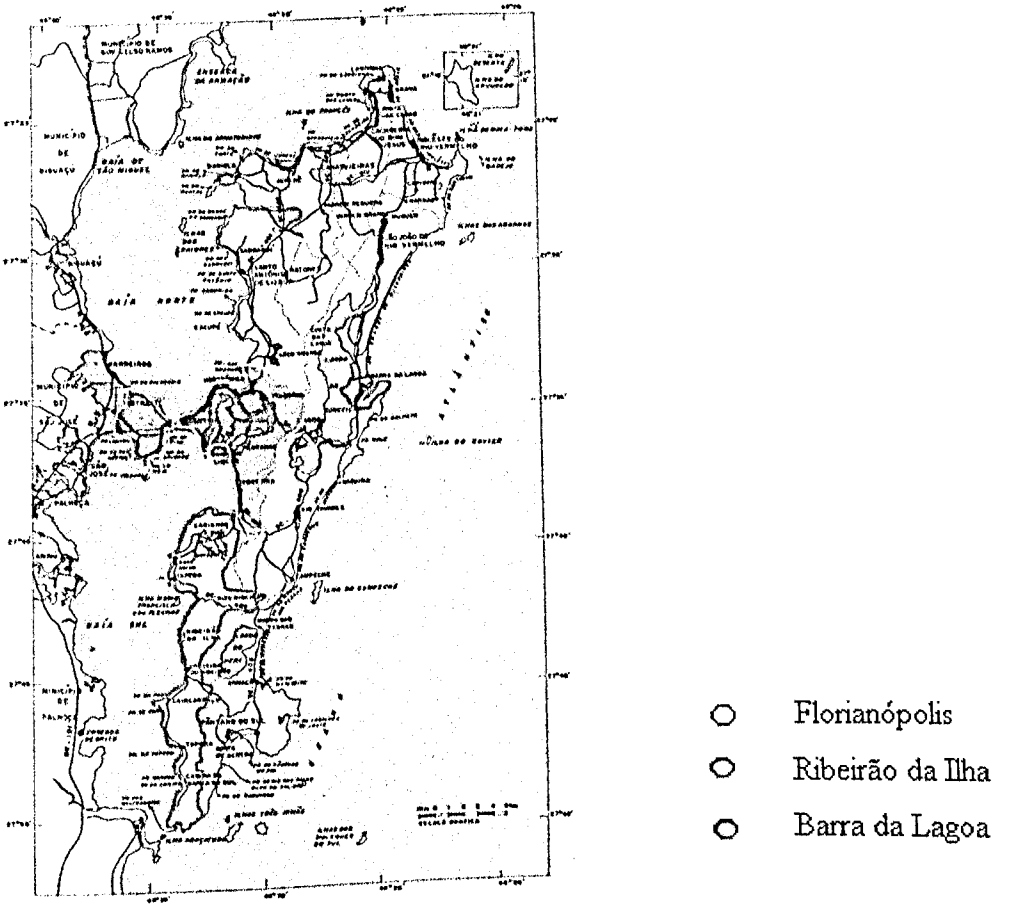
Capital do estado de Santa Catarina, o município de Florianópolis configura-se por duas porções de terras: uma referente à Ilha de Santa Catarina, com área de 424,4 Km^2, e outra porção localizada na área continental, com 12,10 Km^2, conhecida como continente. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1996[12], a população total, concentrada em sua maioria na área urbana, é de 271 281 habitantes, sendo 131 440 homens e 139 841 mulheres. Nos meses do verão, há um aumento considerável de pessoas, principalmente na porção insular, devido ao turismo.

[12] Dados de acordo com o último levantamento do IBGE – MSAN/RMMW/População, Área Territorial - de 1996.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Florianópolis se divide em doze distritos administrativos, a saber: Cachoeira do Bom Jesus, Canasvieiras, Ingleses do Rio Vermelho, São João do Rio Vermelho, Lagoa da Conceição, Barra da Lagoa, Pântano do Sul, Ratones, Ribeirão da Ilha, Santo Antônio de Lisboa, Campeche e o distrito sede de Florianópolis. Desses, focalizamos em nosso estudo o distrito de *Ribeirão da Ilha*, o distrito de *Barra da Lagoa* e o distrito sede de *Florianópolis*. O mapa a seguir localiza no município os três distritos em exame

Figura 11 – Município de Florianópolis-SC: distritos de Florianópolis, Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa



Distrito de Florianópolis

O distrito sede de Florianópolis, que abrange o lado oeste da Ilha de Santa Catarina e a porção continental, constitui a região mais povoada do município, com 189 132 habitantes.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Foi justamente nessa localidade que se deu a fundação da cidade, denominada inicialmente de Desterro ou Nossa Senhora do Desterro, entre os anos de 1673 e 1675 (SANTOS, 1995, p. 42), pelo bandeirante paulista Francisco Dias Velho, que ergueu uma pequena capela no local ocupado hoje pela Catedral Metropolitana na centro da cidade. As primeiras 60 famílias açorianas que chegaram à Ilha a partir de 1748 se estabeleceram principalmente nesse pequeno núcleo urbano.

O desenvolvimento local foi impulsionado pela organização do Porto de Desterro e pelo crescimento das atividades comerciais, aquecidas pelo comércio internacional a partir do século XIX. Gêneros manufaturados abasteciam a Vila que exportava parte da produção agrícola e produtos como a farinha de mandioca, por exemplo.

No início do século XX, conseqüentemente, o distrito sede já apresentava considerável modernização. Um dos principais símbolos dessa época, caracterizadores da chegada da modernidade à Ilha, é a Ponte Hercílio Luz, inaugurada em 1926 e responsável pela ligação Ilha-Continente,. A partir de então, o município passa, aos poucos, a se articular por meio de rodovias com as principais cidades do Estado e com as capitais vizinhas.

Com a decadência das atividades portuárias, a cidade entra em estagnação. Somente volta a crescer a partir da década de 60, quando se inicia um processo intenso de metropolização motivado principalmente pela implantação da Universidade Federal de Santa Catarina, da Eletrosul (Centrais Elétricas do Sul do Brasil S/A) e pela entrada do grupo gaúcho RBS (TV Florianópolis) em 1979. A conclusão da BR-101 e a modernização do sistema de comunicações telefônicas também constituíram eixos importantes de desenvolvimento da capital (SCHMEIL, 1994).

Tais instituições atraíram para o centro urbano estudantes e profissionais de nível superior de diversas partes do estado, do país e do mundo, que passaram a dividir o espaço urbano com os habitantes nativos e, inevitavelmente, exerceram influência no processo de cosmopolitização da cidade. Já em 1980, o censo demográfico registrava a diminuição no percentual de habitantes florianopolitanos na cidade e maior participação

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

principalmente de gaúchos, paranaenses, cariocas, paulistas e catarinenses provenientes do interior do estado.

É a partir da década de 60 que o cotidiano do florianopolitano passa também a ser influenciado pela presença do turista nos meses de verão, provenientes principalmente de São Paulo, Rio Grande do Sul e do interior do estado de Santa Catarina. A presença de argentinos ainda era esporádica nessa época, mas começa aumentar na década de 70 e atinge grande crescimento na década de 80.

É nesse distrito, pois, que está hoje a parte mais urbana do município, onde se localizam os órgãos administrativos estaduais e municipais, a universidade federal e estadual e a maior parte do comércio. Encontra-se aqui o cidadão urbano, ou o *manezinho*[13] *urbano*, nas palavras de Caldas Filho (1995, p. 19), cuja atividade profissional está geralmente ligada a órgãos públicos, à prestação de serviços, ao turismo ou ao comércio.

Distrito do Ribeirão da Ilha

O distrito do Ribeirão da Ilha, criado em 1809, caracteriza-se como uma das mais antigas freguesias da Ilha de Santa Catarina. Com uma área estimada em 51,54 km^2, localiza-se na parte meridional da Ilha, junto à baía sul. Sua população soma 18 034 moradores.

É nessa região que se encontra o conjunto arquitetônico mais completo representativo da presença açoriana ainda existente em Florianópolis e que se mantém fiel a sua edificação original (PEREIRA et al., 1991, p. 41). Tanto a Igreja de Nossa Senhora da Lapa bem como muitos dos casarões da Freguesia[14] acabaram sendo tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nas décadas de 70 e 80.

[13] A origem real da denominação é desconhecida. Caldas Filho (ibidem) aponta duas possibilidades: (a) seria uma criação de certa elite citadina formada por famílias européias ou nordestinas para designar, em tom pejorativo, os descendentes dos açorianos estabelecidos na Ilha de Santa Catarina ou (b) teria sido criada na própria Ilha, pelos ilhéus interioranos.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

A formação da Vila do Ribeirão deu-se de acordo com um processo de ocupação espontâneo, iniciado pela miscigenação entre índios Carijós, os primeiros habitantes da região, e espanhóis, e efetivado com a chegada dos açorianos entre 1748 e 1756.

A atividade econômica exercida nessa região nos séculos XVIII e XIX foi a agricultura, desenvolvida principalmente por influência dos imigrantes açorianos. Nas encostas cultivava-se mandioca, cana, milho, feijão e café (VÁRZEA, 1900, p. 127). Contavam-se na região ainda muitos engenhos de açúcar, de aguardente e de mandioca. A pesca passou a ser também praticada e ocasionou uma divisão nítida do espaço na localidade, cortada pela estrada: do lado do mar, estabeleceram-se os ilhéus pescadores e do lado oposto da estrada, nas encostas dos morros, os ilhéus agricultores.

Hoje em dia, são poucos os que ainda vivem da agricultura e em menor número ainda os que vivem da pesca. Os engenhos de aguardente reduziram-se consideravelmente. Uma das atividades econômicas mais rentáveis desenvolvidas na localidade, principalmente por não nativos, é a maricultura. Como conseqüência, a maioria de seus habitantes nativos que exercem atividade remunerada se deslocam para o centro urbano diariamente, onde trabalham como funcionários públicos ou comerciários.

O casario colonial distribuído ao redor da praça principal e ao longo de duas ruas mais centrais da Freguesia do Ribeirão da Ilha, a paisagem que mescla mar e morros e a Praia de Naufragados são os principais atrativos turísticos da localidade. A melhoria da estrada que liga o distrito ao centro urbano estimulou o estabelecimento, principalmente na região mais ao sul do distrito, de um número considerável de casas de veraneio e residências fixas de novos moradores, atraídos pela tranqüilidade e beleza natural oferecidas pela região.

[14] Denominação dada aos arraiaes que foram se constituindo na Ilha como uma irradiação do núcleo urbano de Desterro (cf. VÁRZEA, 1900, p. 117).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Distrito da Barra da Lagoa

A terceira localidade inserida em nossa pesquisa, Barra da Lagoa, um dos distritos de criação mais recente (1995), constitui um desmembramento do distrito da Lagoa da Conceição[15].

Com uma área de 4,75 Km^2, localiza-se na costa leste da Ilha de Santa Catarina, junto ao canal que liga a Lagoa da Conceição ao Oceano Atlântico (ver Figura 11). Calcula-se que sua ocupação tenha se dado há aproximadamente 250 anos por imigrantes açorianos, como um prolongamento da ocupação da Lagoa da Conceição.

Devido à distância considerável que separa esse distrito do centro do município, o distrito sede, e a precariedade da estrada que fazia tal ligação, a região da Barra vivenciou certo isolamento até meados dos anos 70. São vários os relatos que confirmam as dificuldades enfrentadas por seus moradores para chegar até o distrito sede, já que para tanto percorriam longas distâncias a pé. Em épocas de chuva, a única possibilidade era a travessia de barco.

A principal atividade econômica da Barra da Lagoa foi a pesca artesanal e, ainda hoje, a localidade é conhecida como um dos maiores núcleos pesqueiros da Ilha. O comércio de verão passou a ser, principalmente nos últimos vinte anos, uma fonte de renda importante para muitas famílias barrenses, uma vez que o local apresenta hoje em dia intenso movimento turístico.

As transformações decorrentes dessa atividade são evidenciadas na proliferação de bares e restaurantes, de casas de veranistas, situadas lado a lado das casas mais rústicas dos antigos habitantes, e de pousadas. Muitos habitantes nativos chegam mesmo a deixar suas casas nos meses de verão para poder alugá-las, principalmente a argentinos, uruguaios, paulistas e gaúchos, uma prática que se tornou bastante comum na localidade.

Com a melhoria das condições da estrada e do transporte público, a região, antes habitada apenas por pescadores e suas famílias, descendentes de açorianos e

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

portugueses, tem recebido, além da população flutuante no verão, novos moradores provenientes de outros estados, como Rio Grande do Sul e São Paulo, e de outros países, como Argentina e Uruguai, que para lá se dirigem em busca de qualidade de vida (LAGO, 1996, p. 44).

Apesar dessas modificações, a Barra ainda preserva a forte herança de suas raízes culturais, encontrada nas feições dos nativos, na sua fala rápida, no vocabulário e em muitas atividades tradicionais, como a produção da renda de bilro, de tarrafa e na gastronomia especializada em pescado. É nesse distrito que se encontra o típico *manezinho da ilha*, o "beira de praia", de acordo com Caldas Filho (1995, p. 19), isto é, o ilhéu interiorano pescador ou filho de pescador.

7.2.4 A amostra

Tendo por objeto o português falado em três distritos do município de Florianópolis, Santa Catarina – distrito de Florianópolis, distrito do Ribeirão da Ilha e distrito da Barra da Lagoa -, a presente pesquisa conta com um total de 100 informantes.

O corpus referente ao distrito de Florianópolis conta com 30 entrevistas provenientes do banco de dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil)[16] e 18 entrevistas coletadas entre 2000 e 2001, atingindo, portanto, um total de 48 entrevistas.

A decisão sobre tal número de informantes baseou-se no método *aleatório estratificado* (OLIVEIRA E SILVA, 1992, p. 104), de acordo com o qual a população é dividida em *células sociais*, ou seja, em unidades compostas, cada uma, de indivíduos com as mesmas características sociais. Como o preenchimento se dá de forma aleatória, cada membro da comunidade de interesse desfruta da mesma chance de ser escolhido para compor a amostra.

---

[15] Não há dados no censo de 1996 sobre população do distrito da Barra da Lagoa.
[16] As entrevistas do Banco de Dados do Projeto Varsul que são utilizadas no presente estudo foram coletadas em 1990, 1997, 1998 e 1999.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Conforme o recomendado por essa técnica de amostragem, realizamos a multiplicação entre o número total de fatores que compõem os parâmetros sociais Faixa Etária, Gênero e Escolaridade, um pelo outro. De acordo com 7.2.2.2, foram considerados 3 fatores para a variável idade, 2 fatores para a variável sexo e 4 fatores para escolaridade, o que resulta em 24 células sociais (3 x 2 x 4 = 24). O Quadro 7 apresenta tais possibilidades.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.696/2003.

Quadro 7 – Composição das Células Sociais para o Distrito de Florianópolis

Célula 1	• Homem • entre 25 e 40 anos de idade • de 0 a 5 anos de escolarização.	Célula 9	• Homem • 61 anos ou mais de idade • de 0 a 5 anos de escolarização	Célula 17	• Mulher • entre 41 e 60 anos de idade • de 0 a 5 anos de escolarização
Célula 2	• Homem • entre 25 e 40 anos de idade • de 6 a 9 anos de escolarização	Célula 10	• Homem • 61 anos ou mais de idade • de 6 a 9 anos de escolarização	Célula 18	• Mulher • entre 41 e 60 anos de idade • de 6 a 9 anos de escolarização
Célula 3	• Homem • entre 25 e 40 anos de idade • 11 anos de escolarização	Célula 11	• Homem • 61 anos ou mais de idade • de 11 anos de escolarização	Célula 19	• Mulher • entre 41 e 60 anos de idade • 11 anos de escolarização
Célula 4	• Homem • entre 25 e 40 anos de idade • 14 anos ou mais escolarização	Célula 12	• Homem • 61 anos ou mais de idade • 14 anos ou mais de escolarização	Célula 20	• Mulher • entre 41 e 60 anos de idade • 14 anos ou mais escolarização
Célula 5	• Homem • entre 41 e 60 anos de idade • de 0 a 5 anos de escolarização	Célula 13	• Mulher • entre 25 e 40 anos de idade • de 0 a 5 anos de escolarização	Célula 21	• Mulher • 61 anos ou mais de idade • de 0 a 5 anos de escolarização
Célula 6	• Homem • entre 41 e 60 anos de idade • de 6 a 9 anos de escolarização	Célula 14	• Mulher • entre 25 e 40 anos de idade • de 6 a 9 anos de escolarização	Célula 22	• Mulher • 61 anos ou mais de idade • de 6 a 9 anos de escolarização
Célula 7	• Homem • entre 41 e 60 anos de idade • 11 anos de escolarização	Célula 15	• Mulher • entre 25 e 40 anos de idade • 11 anos de escolarização	Célula 23	• Mulher • 61 anos ou mais de idade • de 11 anos de escolarização
Célula 8	• Homem • entre 41 e 60 anos de idade • 14 anos ou mais escolarização	Célula 16	• Mulher • Entre 25 e 40 anos de idade • 14 anos ou mais de escolarização	Célula 24	• Homem • 61 anos ou mais de idade • 14 anos ou mais de escolarização

Para a amostra referente ao distrito de Florianópolis, cada célula acima é ocupada por 2 informantes, o que resulta em um total de 48 informantes (24 x 2 = 48).

Não foi possível ocupar todas as células sociais apresentadas no Quadro 7 para a amostra referente ao distrito do Ribeirão da Ilha, principalmente devido à impossibilidade

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.696/2003.

de contatar falantes nativos na faixa de 61 anos ou mais de idade com mais de 6 anos de escolarização e falantes nativos na faixa entre 41 e 60 anos de idade com 14 anos ou mais de escolaridade. O corpus, coletado entre 1994 e 1995 e entre 2000 e 2001, apresenta então 24 informantes, 12 homens e 12 mulheres, sendo 19 deles distribuídos entre 25 a 40 anos de idade, 41 a 60 anos de idade e 61 ou mais anos de idade, e 5 informantes entre 15 a 20 anos de idade.

Do corpus referente à Barra da Lagoa, coletado entre 2000 e 2001, utilizamos 28 entrevistas[9]. Novamente, falantes nativos com mais de 41 anos de idade e com 14 anos ou mais de escolarização não foram encontrados. Desse modo, dispomos nessa amostra de 14 homens e 14 mulheres, sendo 19 deles distribuídos entre 25 a 40 anos de idade, 41 a 60 anos de idade e 61 ou mais anos de idade, e 9 entre 15 a 20 anos de idade.

A amostra total dispõe, portanto, de 48 informantes referentes à região urbana do município (distrito de Florianópolis) e 52 informantes referentes às regiões interioranas (distrito do Ribeirão da Ilha e distrito de Barra da Lagoa). Os indivíduos que a compõem são falantes da língua portuguesa, nascidos e residentes nos distritos mencionados.

Quanto ao corpus do Projeto Varsul, os informantes declaram-se filhos de pais nascidos no município de Florianópolis. Tanto os informantes do Ribeirão da Ilha quanto os informantes da Barra da Lagoa se declaram filhos de pais nascidos especificamente nessas localidades. Todos os entrevistados informaram ter vivido, no mínimo, 2/3 partes de suas vidas na localidade onde nasceram.

As entrevistas, gravadas em fita cassete de 60', apresentam, em média, a duração de uma hora e versam sobre lembranças do passado de Florianópolis, histórias da infância e da família, julgamentos sobre as conseqüências do turismo na Ilha, a relação do nativo com o "novo morador", culinária local, entre outros assuntos[17].

---

[9] As amostras referentes a Florianópolis, 2000-2001, e ao Ribeirão da Ilha, 1994-1995 e 2000-2001, foram coletadas por nós. O trabalho de coleta da amostra referente a Barra da Lagoa foi realizado em conjunto com Carla Valle (VARSUL/UFSC).

[17] Os Anexos C e D trazem trechos de respostas fornecidas pelos informantes a duas questões do roteiro utilizado pelo entrevistador.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.696/2003.

Os gravadores utilizados nas coletadas realizadas entre 1994 e 1995 e entre 2000 e 2001 foram Sony, TCM-81 com microforne externo e PANASONIC, modelo RQ-L30, com microfone de lapela.

De cada uma das 100 entrevistas que compõem a amostra, realizamos a transcrição fonética de aproximadamente 20 minutos de cada entrevista, obtendo, assim, 12 882 ocorrências de /S/ para o distrito de Florianópolis, 5 009 ocorrências para o distrito do Ribeirão da Ilha e 7 543 ocorrências para o distrito da Barra da Lagoa, somando na amostra geral 25 434 ocorrências. A transcrição fonética de cada entrevista foi revista três vezes.

7.2.5 A codificação

A codificação das 25 434 ocorrências da amostra geral deu-se de acordo com as variáveis consideradas na seção 7.2.1, a fim de que os dados pudessem ser submetidos ao pacote de programas Varbrul 2S. O Quadro 8 a seguir oferece um exemplo de ocorrência codificada. Na segunda coluna são apresentados os códigos correspondentes a cada um dos fatores das variáveis lingüística e sociais propostas.

Quadro 8 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Exemplo de Codificação de Ocorrência

Ocorrência	Fatores
['fɛʃtɐ]	1fdt2trm41f-2

De acordo com a orientação metodológica que seguimos no presente estudo, o primeiro símbolo deve sempre se referir a uma das variantes da variável dependente. Desse modo, temos que na ocorrência *festa* houve palatalização (1) e em posição medial (f). O contexto precedente é uma vogal média anterior (d) e o contexto seguinte apresenta uma oclusiva alveolar (t) surda (2). A consoante palato-alveolar ocorre em sílaba tônica (t) e no radical da palavra (r). O item foi produzido por um homem (m), com primário (4), cuja faixa etária está entre 25 e 40 anos (1). O informante reside em

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.696/2003.

Florianópolis (f) e quanto à presença de novos moradores e turistas posiciona-se negativamente (-). Recebe a identificação (2) no conjunto total de informantes.

De acordo com Labov (1972, p. 71), a definição de uma variável lingüística envolve (a) o estabelecimento de todos os contextos em que a variável ocorre; (b) a definição das variantes fonéticas maximamente; (c) o estabelecimento de um índice quantitativo para a medição das variáveis.

É sobre o item (c) que nos debruçamos a seguir.

7.2.6 O instrumento de quantificação – VARBRUL 2 S

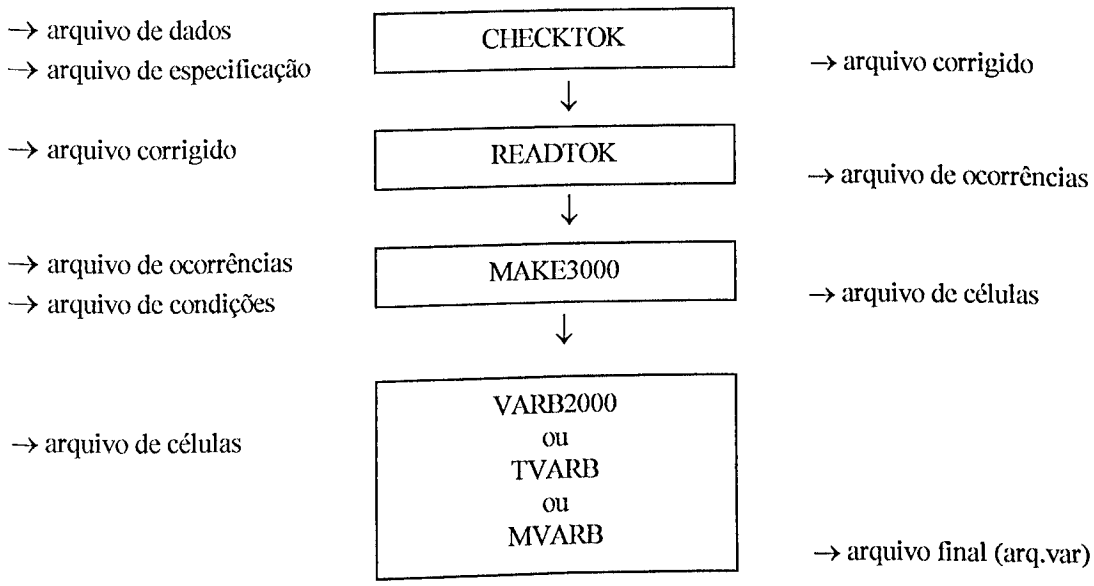
7.2.6.1 Os programas do pacote VARBRUL 2 S

A tarefa principal do VARBRUL é tomar um conjunto de dados lingüísticos e organizá-lo, de acordo com a variável dependente, em "ambientes possíveis" do ponto de vista lingüístico e extra-lingüístico. Estabelecidos tais contextos, é realizado um algoritmo que oferece informações estatísticas, na forma de pesos relativos, para cada fator condicionador de uma regra variável.

Os programas que compõem o pacote computacional, em sua versão 1988 com os implementos introduzidos em 1992, podem ser divididos em três grupos principais: os que preparam os dados para a performance do algoritmo (CHECKTOK, READTOK, MAKE3000); o que realiza o algoritmo (VARB2000) e os que efetuam tarefas de apoio (TSORT, TEXTSORT e CROSS3000) (PINTZUK, 1988, p. 1-2). O diagrama apresentado na Figura 12 a seguir expõe os dois primeiros grupos bem como os arquivos de entrada e saída relacionados a cada um deles.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.696/2003.

Figura 12 –Pacote Varbrul 2S: programas e arquivos referentes de entrada e saída



O primeiro grupo possui três programas, organizados na Figura 12 por ordem de aplicação. Para que o primeiro programa CHECKTOK possa ser utilizado, dois arquivos devem ser previamente preparados: o arquivo de dados e o arquivo de especificação.

O arquivo de dados contém todas as ocorrências lingüísticas a serem analisadas para o estudo de uma determinada regra variável, da forma apresentada no Quadro 8 (seção 7.2.5). O arquivo de especificação compõe-se de uma lista de todos os símbolos que representam os fatores das variáveis independentes e as variantes da variável dependente (SCHERRE, 1992, p. 13-18).

O programa CHECKTOK recebe então estes dois arquivos e realiza um tipo de comparação entre os símbolos do arquivo de dados e os símbolos do arquivo de especificações, registrando as possíveis inadequações entre ambos. De posse de tais informações, o arquivo de dados é corrigido pelo pesquisador e o programa CHECKTOK é novamente rodado para a criação do arquivo corrigido, fonte de alimentação para a execução do próximo programa do pacote - o READTOK.

A função desse programa é ler as cadeias do arquivo corrigido e escrevê-las em um arquivo de ocorrências, eliminando qualquer informação que não seja relacionada aos

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

símbolos necessários à identificação do ambiente da regra variável, como os parênteses iniciais das cadeias de codificação, as transcrições das ocorrências, etc.

Com o arquivo de ocorrências, conforme mostra o diagrama em 12, é possível rodar o MAKE3000, último programa de preparo dos dados. Para tanto, além do arquivo de ocorrências, se faz necessário um outro, o de condições, que deve ser preparado pelo pesquisador. Esse arquivo é construído pelo número de ordem dos grupos de fatores propostos no arquivo de especificação, inclusive a variável dependente. É através dele que o pesquisador informa ao programa como quer seus dados analisados, ou seja, quais grupos de fatores devem ser considerados, quais fatores devem ser reunidos em um único e quais grupos devem ser cruzados.

O arquivo gerado pelo MAKE3000 - o arquivo de células - fornece as percentagens de aplicação da regra para cada fator de cada variável considerada no arquivo de condições, matéria-prima para o cálculo dos pesos relativos dos fatores. Conforme mostra o diagrama em 12, é esse arquivo, desprovido das ocorrências de variáveis que resultaram em 100% de aplicação (os *knockouts*) e das variáveis que apresentaram aplicação zero, que irá alimentar os programas VARB2000, TVARB e MVARB.

Nessa etapa, o pesquisador deve fazer sua opção de escolha com relação ao programa que irá gerar as probabilidades para os grupos de fatores. Se a variável dependente for eneária e o pesquisador desejar obter probabilidades para todos os fatores em relação a cada uma das variantes, deve selecionar o TVARB (para três variantes) ou o MVARB (para quatro ou cinco variantes). Caso a variável dependente seja binária, o programa utilizado deve ser o VARB2000.

Mesmo uma pesquisa onde a variável dependente apresente três, quatro ou cinco variantes pode receber uma análise binária com o uso do VARB2000. Basta o pesquisador, durante a execução do MAKE3000, fazer uma opção binária, ou seja, selecionar qual variante deve ser considerada para a computação das freqüências de aplicação. Automaticamente, o programa considera todas as outras variantes como

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

valores de não-aplicação. Foi justamente esse procedimento adotado por nós para a computação dos dados referentes à palatalização da fricativa em posição de coda.

Os programas que efetuam tarefas de apoio não contribuem para o processamento dos pesos relativos dos grupos de fatores, mas executam atividades de extrema importância na busca de codificações específicas e na conferência dos dados.

Tanto o TEXTSORT quanto o TSORT recebem como entrada o arquivo de dados ou o arquivo corrigido. O TEXTSORT realiza a busca do que foi codificado após a cadeia de codificação, ou seja, copia para um outro arquivo (arq.dat) todas as ocorrências que foram digitadas exatamente da forma como o pesquisador solicita. Já o TSORT efetua a procura de uma ou mais codificações específicas na cadeia de codificação, permitindo assim que se crie um arquivo (arq.sor) com apenas os dados que o pesquisador deseja, eliminando-se todos os outros.

O último programa de apoio em discussão - CROSS3000 - recebe como entrada o arquivo de células gerado pelo MAKE3000 e produz um arquivo (arq.cro) que contém o cruzamento entre duas variáveis independentes, previamente selecionadas pelo pesquisador. Para cada uma das células geradas pelo cruzamento, o programa oferece um valor em percentagem que expressa a relação entre o total de ocorrências do ambiente definido na amostra pelos fatores em questão de cada uma das variáveis e o número de casos entre estes em que houve aplicação da regra.

Este tipo de informação é fundamental para que o pesquisador detecte possíveis casos de dependência ou interação entre duas variáveis independentes, conforme será exemplificado na presente pesquisa em 7.3.3.1, 7.3.3.2, 7.3.4.1 e 7.3.4.2.

7.2.6.2 A análise multidimensional do programa VARB2000

O produto final do processamento do programa Varb2000 é um arquivo contendo os resultados da análise binomial da regra variável. Com base no princípio de que a variável dependente vem inserida em um contexto lingüístico e social, e que alguns destes ou todos podem estar influenciando a escolha do falante, o programa toma as

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

percentagens calculadas pelo MAKE3000 para cada um dos fatores e, através de cálculos, as transforma em pesos relativos, valores que refletem as várias dimensões de interferência simultânea na regra. A análise assim efetuada é conhecida como multidimensional.

A hipótese de pesquisa estabelecida quando se reúne uma amostra aleatória para uma pesquisa de regra variável é a de que os fatores examinados exercem um efeito sistemático real no processo de escolha e os valores observados dão conta da variação que está sendo analisada. O programa VARB2000, nesse sentido, atribui significado estatístico a determinada variável independente e oferece a seus fatores pesos relativos indicativos do maior ou menor favorecimento com relação à aplicação da regra.

A hipótese oposta, e que deve ser refutada se os efeitos são realmente reais (ou não aleatórios), é conhecida em Estatística como *hipótese nula.* Desse modo, supõe que nenhum dos fatores exerce qualquer efeito sistemático no processo de escolha e todas as diferenças entre os efeitos dos fatores nos vários contextos devem ser atribuídas à flutuação estatística (SANKOFF, 1998, p. 987).

Rejeitar a hipótese nula e assumir que as variáveis apontadas pelo programa são de fato estatisticamente significativas implica a possibilidade de se cometer um erro. Portanto, é necessário que se defina o risco que se vai correr de rejeitar a hipótese nula quando, de fato, ela é verdadeira. Esse é exatamente o papel do *nível de significância 0,05*, medida utilizada nos programas do pacote VARBRUL para indicar que a hipótese nula não é evidenciada pela amostra: há aproximadamente 5 chances em 100 de a hipótese nula ser rejeitada quando, de fato, é verdadeira. Diz-se então que a hipótese nula é rejeitada no nível de significância de 0,05, o que implica 95% de chance de que o resultado apresentado pelo programa seja de fato verdadeiro.

Para se conhecer a taxa de aplicação de uma regra variável através de um modelo matemático, é necessário que haja adequação entre modelo e dados, o que significa, em outras palavras, que os valores previstos se aproximem dos observados. No estudo de regra variável, essa medida de adequação é realizada pelo critério de *likelihood* máximo (SANKOFF, 1988, p. 990).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Assim, para um determinado modelo e um conjunto de dados, o *likelihood* indica o grau de probabilidade de os dados terem sido gerados pelo modelo. São assim considerados os valores probabilísticos que resultam no valor mais alto do *likelihood.* Desse modo, o programa VARB2000 busca a configuração dos grupos de fatores mais apropriada a um determinado conjunto de dados passo a passo: todos os grupos de fatores são testados para se chegar até aquele que aumenta o *likelihood* de forma mais significativa quando adicionado à análise.

Essa etapa, identificada pelo programa como *step-up*, é realizada em níveis (LEVELS), de 0 a x, sendo x igual ao número de variáveis independentes selecionadas pelo programa como estatisticamente relevantes mais um. Ao final de cada nível, o programa informa a variável selecionada como estatisticamente relevante pelo programa[18].

No nível zero, obtém-se o chamado *input* da regra, isto é, a média global de sua aplicação, vista como "a probabilidade de aplicação da regra quando o efeito de todos os fatores de todas as variáveis é neutro" (SCHERRE, 1992, p. 27). No nível 1, o programa calcula os pesos relativos dos fatores de cada uma das variáveis isoladamente, apenas em comparação ao input, atribuindo a cada uma delas um valor para o *log likelihood* e para o *nível de significância.*

Baseando-se em tais parâmetros estatísticos e no número de fatores da variável, o nível 1 termina com a seleção de um grupo de fatores. O nível 2 retoma o grupo de fatores selecionado anteriormente e promove a conjugação deste com cada um dos outros grupos de fatores, dois a dois, atribuindo pesos relativos a cada um de seus fatores. Finaliza da mesma forma que o nível 1, selecionando um outro grupo de fatores.

Os outros níveis funcionam da mesma forma, ou seja, processa-se a comparação entre os grupos de fatores selecionados até o nível anterior e os demais. Ao final um grupo de fatores é selecionado.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Desse modo, as informações presentes em cada nível envolvem basicamente:

(a) o número de células envolvido na iteração.
(b) o momento da iteração em que a convergência foi atingida, o que sinaliza uma boa adequação do modelo aos dados[19];
(c) o *input,* valor em peso relativo, que deve se apresentar próximo da percentagem geral de aplicação da regra por estar relacionado ao nível geral de uso da variável;
(d) o valor do *log likelihood* e da significância.

O outro tipo de análise que o VARB2000 realiza - *step-down* - funciona pelo mesmo princípio do *step-up,* mas no sentido oposto, ou seja, os níveis promovem uma série de conjugações entre os grupos de fatores com o objetivo de descobrir qual deles é não significativo ou, em outras palavras, qual o grupo de fatores cuja perda reduz menos significativamente o valor do *log likelihood* (SANKOFF, 1988, p. 991).

Ao final do processamento do VARB2000, espera-se obter uma distribuição complementar entre os grupos de fatores selecionados pelo *step-up* e os eliminados pelo *step-down*[20]. Outra possibilidade de resultado seria aquela em que não há coincidência entre as duas análises, isto é, grupos de fatores podem ser selecionados e depois eliminados ou ainda não serem nem selecionados e nem eliminados, situação que os caracteriza como variáveis com status indefinido (SANKOFF, 1988, p. 991-992).

Para a execução apropriada da tarefa de interpretação dos resultados oferecidos pelo programa VARB2000, deve o pesquisador explorar adequadamente a informação fornecida pelo peso relativo, medida utilizada para classificar cada fator como mais ou menos condicionante. É sobre essa questão que nos debruçamos na seção seguinte.

---

[18] Caso a pesquisa conte, por exemplo, com sete variáveis independentes e todas as sete forem selecionadas como estatisticamente relevantes, sete níveis serão apresentados por essa etapa.
[19] A convergência deve ser alcançada antes da vigésima primeira iteração. Quanto antes for atingida, melhores são os resultados.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

7.2.6.3 O peso relativo

A interpretação do peso relativo calculado pelo modelo logístico deve ser entendida com base no valor de referência 0,5, visto que é este valor o correspondente à média dos valores para todos os fatores de cada grupo. Como o peso relativo (p_R) é definido pelo produto de termos da forma

$$\frac{p_n}{(1-p_n)}$$

se p_n é maior do que 0,5, o produto dos termos é maior do que 1 e, portanto, p_R cresce, no sentido da aplicação categórica da regra. De modo inverso, se p_n é menor do que 0,5, o produto dos termos é menor do que 1 e p_R decresce. Nesse sentido, a regra tende a não ser aplicada categoricamente. Quando p_n é exatamente 0,5, o termo se torna 1 e não tem qualquer efeito no produto dos termos (NARO, 1992, p. 24).

A conseqüência desse mecanismo para a interpretação do papel dos diferentes fatores na aplicação da regra variável é o seguinte: se o peso relativo de um fator for superior a 0,5, este é considerado como favorável à aplicação da regra; se for inferior a 0,5, é pouco favorável; e se for exatamente 0,5, é neutro.

Levando-se em conta o fato de que a solução numérica de uma equação logística depende de certas convenções matemáticas, é perfeitamente possível imaginar que um fator possa ter seu peso relativo alterado se essas convenções também se alterarem. Isto implica que o pesquisador não deve tomar esse ponto de referência 0,5 como único critério para avaliar se um dado fator contribui ou não para a aplicação da regra em estudo, mas sim sempre deve interpretar o peso relativo de um determinado fator de um grupo de modo relativo, ou seja, considerando a ordenação relativa entre os pesos dos fatores do grupo.

Um exemplo prático é apresentado em (86), onde dois pesos relativos são apresentados para os fatores *x* e *y* pertencentes a uma variável independente hipotética:

[20] Os programas MVARB e o TVARB processam apenas a análise progressiva *step up*.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(86) 0,53 0,38
x *y*

Consideramos que a interpretação mais adequada seria: o fator *x* apresenta peso relativo de 0,53 (0,03 apenas acima de 0,5), o que poderia caracterizá-lo com tendendo à neutralidade; já o fator *y*, com peso de 0,38, está nitidamente abaixo de 0,5, indicando clara tendência ao pouco favorecimento. Um fator em relação ao outro nos leva a considerar *x* mais favorecedor à regra em questão do que o fator *y*.

Com relação a um outro estudo, referente a uma outra variável independente hipotética, esse mesmo valor 0,53, agora referindo-se a outro fator (*w*), assume uma interpretação um tanto diferente. Os pesos para os fatores da variável são:

(87) 0,83 0,53 0,25
z *w* *k*

Acima do ponto de referência 0,5 estão os fatores *z* (0,83) e *w* (0,53); abaixo desse valor, apenas o fator *k* (0,25). No entanto, parece perigoso adotarmos uma interpretação que estabeleça resultados polarizados para o referido grupo de fatores, visto que existe uma distância considerável entre os dois fatores que ocupam o pólo representativo da tendência ao favorecimento, isto é, o fator *w* está muito mais próximo de 0,5 do que de 0,83, o que nos leva a interpretá-lo como tendendo mais a se comportar de modo neutro com relação à regra em questão. Sendo assim, concluímos que a melhor leitura do papel dos fatores da variável hipotética quanto à regra variável em questão é aquela que estabelece três tendências diferenciadas: uma claramente favorecedora (*z*), outra, inclinando para a neutralidade (*w*), e ainda uma terceira, pouco favorecedora (*k*).

O objetivo do pesquisador ao submeter seus dados ao programa VARB2000 é conhecer quais são os grupos de fatores estatisticamente relevantes para a aplicação da regra variável em estudo bem como o papel de cada fator do grupo no condicionamento da regra. Uma pesquisa em regra variável construída apenas estatisticamente, sem aprofundamento lingüístico, torna-se desinteressante e inadequada. Por outro lado, se não lançar mão do aparato estatístico à disposição e se concentrar apenas na aplicação da teoria lingüística aos resultados, corre o risco de se basear em resultados

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

equivocados. Conclui-se, pois, que a conjunção dos dois aspectos de análise, o lingüístico e o estatístico, é de fundamental importância para a análise da regra variável.

Na presente seção, delimitamos o fenômeno lingüístico variável como sendo a palatalização da fricativa alveolar em posição de coda e apresentamos a constituição da amostra. As hipóteses lingüísticas de trabalho, que versam sobre os contextos estruturais condicionadores da variante palato-alveolar e são baseadas em estudos sobre processos de palatalização em diversas línguas, são sumariadas a seguir:

a) Posição da Fricativa na Palavra: posição medial;
b) Contexto Precedente: vogais frontais ou vogais posteriores ?
c) Contexto Seguinte: consoante velar ou consoante labial ?
d) Traço [voz] do Contexto Seguinte: [- voz];
e) Acento: contextos acentuados ou não-acentuados ?

Quanto às variáveis sociais, as hipóteses de trabalho, relacionadas às características externas ao sistema lingüístico que podem estar influenciando a produção da palato-alveolar na coda, são:

a) Região: Barra da Lagoa;
b) Faixa Etária: a variante tende à propagação ou ao enfraquecimento?
c) Gênero: mulheres;
d) Escolaridade: indivíduos com 14 anos ou mais de escolarização.

A seção 7.3 seguinte tem o objetivo de apresentar e discutir os resultados fornecidos pelo programa Varb2000 para a regra de palatalização da fricativa em posição de coda. Através de recursos estatísticos adicionais aplicados às ferramentas oferecidas pelo programa em questão, procuramos realizar um trabalho basilar de conhecimento dos valores numéricos associados aos fatores lingüísticos e sociais propostos pelo estudo que conduzirão a interpretação dos resultados, juntamente com a teoria lingüística e os conhecimentos sobre a estrutura social das comunidades em exame.

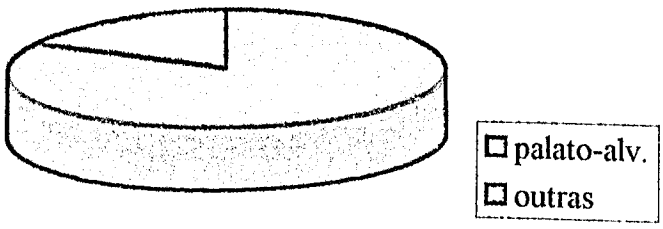
PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

7.3 Discussão dos Resultados

7.3.1 Freqüência global

A variante palato-alveolar surge como a predominante, conforme o esperado, em 83% das ocorrências. As variantes que constituem o valor de não-aplicação na análise binária apresentam, portanto, o menor índice de produção – 17% - , conforme o Gráfico 2 a seguir :

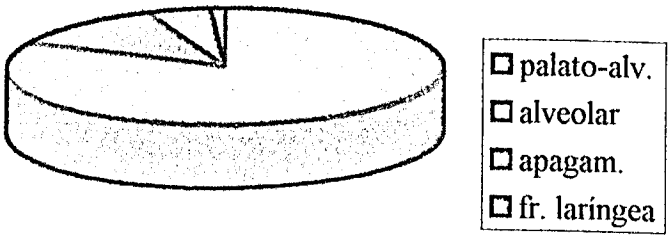
Gráfico 2 – Freqüência Geral: Fricativa Palato-Alveolar e Outras Variantes



O resultado obtido para cada uma das variantes da variável dependente é apresentado no Gráfico 3 seguinte. Dentre os valores de não-aplicação, observa-se que a fricativa alveolar aparece em segundo lugar, após a fricativa palato-alveolar, em 12% das ocorrências. O apagamento e a fricativa laríngea apresentam valores de 5% e 1%, respectivamente.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Gráfico 3 – Freqüência Global: Variantes de /S/



7.3.2 Seleção das Variáveis pelo Programa Varb2000

Devido ao grande número de células geradas – mais de 3000 - , não foi possível realizar uma rodada com todas as variáveis lingüísticas e sociais propostas na seção 7.2.1. A solução encontrada foi o estabelecimento de um grupo principal de variáveis formado por *Posição da Fricativa na Palavra, Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Traço [voz], Acento, Função Morfológica,* acrescido de apenas uma das variáveis sociais propostas, a saber *Região.*

O arquivo de condições assim constituído possibilitou ao programa MAKE3000 a constituição de um arquivo de células com 1 969 células. As variáveis lingüísticas de controle - *Status do Contexto Precedente* e *Sândi Externo* - passaram a fazer parte do arquivo de condições apenas na discussão da variável *Contexto Precedente.*

Para que fosse possível comparar o papel das variáveis lingüísticas e sociais frente ao fenômeno, as variáveis lingüísticas do grupo principal foram rodadas com cada uma das outras variáveis sociais - *Faixa Etária, Escolaridade* e *Gênero.* As variáveis sociais *Informantes* e *Sentimento do nativo com relação ao turista e novos moradores* foram rodadas separadamente e apenas quando da discussão das variáveis *Gênero* e *Região,* respectivamente.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

A análise progressiva *step-up* selecionou como estatisticamente relevantes todas as variáveis lingüísticas do grupo principal bem como a variável social *Região*. A ordem de seleção foi:

1. Traço [voz]
2. Contexto Precedente
3. Contexto Seguinte
4. Função Morfológica
5. Acento
6. Região
7. Posição da Fricativa na Palavra

Por terem sido selecionadas primeiro, a maior parte das variáveis lingüísticas propostas mostram-se mais importantes para a produção da palato-alveolar em posição de coda do que a variável social *Região*. Deixaremos para a seção 7.3.4.1 a exposição e comentários referentes às seleções efetuadas pela análise progressiva *step-up* quando da interação entre as variáveis lingüísticas do grupo principal e cada uma das outras variáveis sociais.

A discussão dos resultados para as variáveis lingüísticas será apresentada na seção 7.3.3, obedecendo à seguinte ordem de exposição: *Posição da Fricativa na Palavra*, *Traço [voz]*, *Contexto Seguinte*, Acento, *Contexto Precedente* e *Função Morfológica*. O objetivo é conciliar a interpretação lingüística dos fatos observados e os resultados estatísticos.

Os valores em peso relativo indicados nas tabelas referentes a tais variáveis não foram retirados de uma única rodada devido a questões referentes à comparação controlada de grupos de fatores e à criação de grupos de fatores adicionais no arquivo de condições para o estabelecimento de cruzamentos entre variáveis.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

7.3.3 As variáveis lingüísticas

7.3.3.1 Questões de ortogonalidade entre as variáveis Contexto Seguinte, Traço [voz] e Posição da Fricativa na Palavra

A rodada que oferece a seleção exposta em 7.3.2 apresenta valor input no nível 0 de 0,83, exatamente idêntico à percentagem geral de aplicação da regra variável, conforme exposto no Gráfico 3 da seção anterior. O valor máximo atingido é de 0,87 no nível 7 da análise progressiva *step-up,* quando todas as variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes se conjugam.

Um exame dos níveis que compõem a rodada mostra que a convergência não é atingida antes da vigésima primeira interação já no nível 2, quando ocorre a combinação entre as variáveis *Contexto Seguinte* e Traço [voz]. A não convergência passa a ser constante em todas as conjugações da análise progressiva *step-up* após o nivel 4, em que *Contexto Seguinte* é selecionada como estatisticamente relevante e a partir daí passa a se combinar com todas as outras variáveis nos demais níveis.

A razão de tal comportamento está em problemas de ortogonalidade entre estas duas variáveis, o que significa, na presente situação, que nem todos os fatores da variável *Contexto Seguinte* co-ocorrem com todos os fatores da variável *Traço [voz].* Observa-se na Tabela 3 a seguir, quando as duas variáveis são distribuídas em uma tabela bi-dimensional, o estabelecimento de uma relação do tipo "um para um" entre os fatores *ausência de contexto seguinte* e o fator *ausência de traço [voz],* motivada por impossibilidade estrutural.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Tabela 3 - Traço [voz] e Contexto Seguinte: total de dados por célula

Contexto Seguinte	**Traço [voz]**			
	[+ voz]	[- voz]	**Ausência de [voz]**	TOTAL
Labial frontalizada	1 309	1 731	**0**	3 040
Labial	822	1 039	**0**	1 861
Labial Posteriorizada	1 183	833	**0**	2 016
Coronal [+ ant] frontalizada	957	1 309	**0**	2 266
Coronal [+ant]	1 662	2 739	**0**	4 401
Coronal [+ ant] posteriorizada	732	1 643	**0**	2 375
Coronal [-ant]	295	431	**0**	726
Dorsal frontalizada	12	1 486	**0**	1 498
Dorsal	94	1 039	**0**	1 133
Dorsal posteriorizada	80	1 729	**0**	1 809
Ausência de contexto seguinte	**0**	**0**	3 815	3 815
TOTAL	8 558	12 567	3 815	24 941

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Essa situação de ortogonalidade pouco adequada entre *Contexto Seguinte* e *Traço [voz]* foi resolvida com o uso de uma barra de "não se aplica" ("/") para os fatores *ausência de contexto seguinte* e *ausência de traço [voz]*, o que implica a não inclusão desses fatores nas células criadas pelo MAKE3000 e conseqüentemente a não computação do cálculo de suas probabilidades pelo programa VARB2000 (PINTZUK, 1988, p. 9).

Apesar de a convergência passar a ser atingida quando da conjugação dessas duas variáveis, outra situação de não convergência torna-se visível, mais especificamente quando *Contexto Seguinte* e *Posição da fricativa na palavra* entram em contato no nível 4 da análise progressiva *step-up*. Novamente, devido a uma questão de impossibilidade estrutural, constatou-se uma situação de pouca ortogonalidade entre as variáveis: não há dados para as células formadas pelo fator *final absoluta* e todos os outros fatores da variável *Contexto Seguinte*, com exceção do fator *ausência de contexto seguinte*. A Tabela 4 a seguir apresenta a disposição bidimensional de tais grupos de fatores, com as doze células vazias resultantes da não co-ocorrência entre os fatores mencionados.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Tabela 4 - Posição da Fricativa na Palavra e Contexto Seguinte: total de dados por célula

Contexto Seguinte	**Posição da Fricativa na Palavra**			
	Medial	Final diante de consoante	**Final absoluta**	TOTAL
Labial frontalizada	767	2 273	**0**	3 040
Labial	313	1 548	**0**	1 861
Labial Posteriorizada	989	1 027	**0**	2 016
Coronal [+ ant] frontalizada	783	1 483	**0**	2 266
Coronal [+ant]	2 280	2 121	**0**	4 401
Coronal [+ ant] posteriorizada	1 450	925	**0**	2 375
Coronal [-ant]	387	339	**0**	726
Dorsal frontalizada	315	1 183	**0**	1 498
Dorsal	679	454	**0**	1 133
Dorsal posteriorizada	595	1 214	**0**	1 809
Ausência de contexto seguinte	**0**	**0**	3 815	3 815
TOTAL	8 558	12 567	3 815	24 941

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

A solução adotada foi a eliminação no arquivo de condições da variável *Posição da Fricativa na Palavra* para que os resultados oferecidos pelo programa convergissem em todos os níveis do *step-up* e, desse modo, oferecessem resultados confiáveis para a variável *Contexto Seguinte.* Essa solução mostra-se útil também para resolver outro tipo de problema de ortogonalidade, também causado por impossibilidade estrutural, entre as variáveis *Posição da Fricativa na Palavra* e *Traço [voz].* Os dados para o fator *final absoluta* da variável *Posição da Fricativa na Palavra* co-ocorrem apenas com os dados do fator *ausência de traço [voz]* da variável *Traço [voz],* ou seja, não há co-ocorrência entre o fator *final absoluta* e os fatores *[+voz]* e *[-voz]* e entre o fator *ausência de traço [voz]* e os fatores *posição medial* e *posição final diante de consonte da palavra seguinte*, conforme apresenta a Tabela 5 a seguir.

Tabela 5 - Posição da Fricativa na Palavra e Traço [voz]: total de dados por célula

Traço [voz]	**Posição da Fricativa na Palavra**			
	Medial	Final diante de consoante	Final absoluta	TOTAL
[+ voz]	1 191	6 070	**0**	7 261
[-voz]	7 366	6 613	**0**	13 979
Ausência de [voz]	**0**	**0**	3 815	3 815
TOTAL	8 558	12 683	3 815	25 056

Diante desse quadro, optamos por apresentar inicialmente a discussão dos resultados gerais referentes à variável *Posição da Fricativa na Palavra*, embora tenha sido a última variável selecionada como estatisticamente relevante pelo *step-up,* com o objetivo de focalizar as relações lingüísticas existentes entre essa variável e as variáveis

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Traço [voz] e *Contexto Seguinte*, de pertinência estatística mais relevante para o fenômeno em exame.

O comportamento da variável *Posição da Fricativa na Palavra* com relação à *Contexto Seguinte* e a todos os fatores da variável *Traço [voz]* será apresentado com relação a cada um dos fatores da variável *Posição da Fricativa na Palavra*, ou seja, levando-se em consideração apenas as posições em que tais variáveis desempenham papel, a saber: posição *medial* e posição *final de palavra diante de consoante da palavra seguinte*.

7.3.3.2 Questões de ortogonalidade entre as variáveis Posição da Fricativa na Palavra e Acento

A distribuição dos fatores das variáveis *Posição da Fricativa na Palavra* e *Acento* em uma tabela bidimensional, conforme a Tabela 6 a seguir, aponta para um tipo de subcategorização (GUY, 1998, p. 35) envolvendo, mais uma vez, um caso de impossibilidade estrutural: todos os dados do fator *pretônica* envolvem exatamente palavras em que a fricativa ocorre em posição *medial*, mas nem todos os casos em que a fricativa ocorre em posição *medial* foram codificados como *pretônicas*.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Tabela 6 - Posição da Fricativa na Palavra e Acento: total de dados por células

Acento	**Posição da Fricativa na Palavra**			
	Medial	Final diante de consoante	Final absoluta	TOTAL
Pretônico	5 456	**0**	**0**	5 456
Tônico	3 099	4 622	1 401	9 122
Postônico	4	4 842	2 200	7 046
Palavra sem acento	**0**	3 219	214	3 433
TOTAL	8 559	12 683	3 815	

Essa relação de "um para muitos" não se configura na outra célula vazia da Tabela 6, entre *posição medial* e *palavra sem acento*, já que há *palavras sem acento* tanto em *posição final absoluta* quanto em *posição final diante de consoante da palavra seguinte* e palavras com acento *tônico, pretônico* e *postônico* em que a fricativa ocorre em *posição medial*. Soma-se a essa questão a alta concentração de dados (3 433/ 3 219 = 93%) de *palavras sem acento* no fator *final diante de consoante da palavra seguinte*.

Em busca de resultados estatísticos mais confiáveis, optamos, desse modo, por apresentar os pesos relativos para a variável *Acento* também a partir da rodada em que *Posição da Fricativa na Palavra* não está presente e, do mesmo modo proposto para as variáveis *Contexto Seguinte* e *Traço [voz]*, o comportamento dos fatores da variável *Acento* será discutido em termos de sua pertinência para cada um dos fatores da variável *Posição da Fricativa na Palavra*.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

7.3.3.3 Posição da Fricativa na Palavra

Os resultados para esta variável concordam com a hipótese enunciada em 7.2.1.2.1. A posição de coda *medial* surge como a maior favorecedora da produção palato-alveolar em posição de coda, apresentando peso relativo de 0,60. É seguida pela posição de coda *absoluta*, com valor equivalente ao ponto de referência 0,50. A posição de coda *diante de consoante da palavra seguinte* apresenta a menor tendência favorecedora, com peso equivalente a 0,43. A Tabela 7 a seguir expõe os valores obtidos.

Tabela 7 - Posição da Fricativa na Palavra e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda

FATOR	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Coda medial (me[ʒ]mo)	7 572/8 559	88%	0,60
coda diante de consoante da palavra seguinte (a[ʃ] nações)	10 002/12 683	79%	0,43
coda absoluta (ônibu[ʃ])	3 123/3 815	82%	0,50
TOTAL	20 717/25 057	83%	

input 0,87
significância 0,000

A diferença na motivação para a produção da palato-alveolar de acordo com a presença ou não de um contexto contíguo, leva-nos a relacionar a tendência favorecedora da coda *medial* a características particulares do ambiente seguinte, como a presença ou não do traço [voz] e o papel do articulador móvel na produção da consoante

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

seguinte. Desse modo, entendemos que a menor tendência à palatalização apresentada pelos outros dois fatores se relaciona diretamente à contigüidade não imediata com outra consoante.

Tendo em vista, portanto, que características do ambiente contíguo à fricativa exercem influência de valor estatístico relevante na produção da palato-alveolar, conforme atesta inclusive a seleção apresentada em 7.3.2, poderíamos supor maior proximidade entre os resultados para coda *medial* e coda *final diante de consoante da palavra seguinte* do que entre coda *final absoluta* e coda *final diante de consoante da palavra seguinte*, conforme o obtido.

A distinção entre esses dois últimos fatores, apesar dos pesos relativos serem aproximados, sustenta-se na constatação de que, na fala normal, as fronteiras entre palavras em uma frase não podem ser associadas com silêncio, visto que não há suspensão de vibração das cordas vocais entre a produção de uma palavra e outra e nem de output de som (KAHN, 1976, p. 24). A confirmação estatística desse fato é obtida pela comprovação, por meio do teste de X^2, de que a distinção proposta pelos dois fatores é significativa e, portanto, não pode ser eliminada, ou seja, cada um dos fatores exprime informações diferentes do ponto de vista estatístico[21].

A explicação possível para o maior valor do peso relativo referente à coda *final absoluta* em relação ao valor obtido para coda *final diante de consoante da palavra seguinte* parece estar no papel do traço não-marcado [- voz], atribuído por regra default no nível pós-lexical quando nenhuma consoante ou vogal segue a fricativa na coda (ver capítulo 3).

Desse modo, por ser a variável Traço [voz] estatisticamente mais pertinente à produção da variante palato-alveolar do que a variável Contexto Seguinte, conforme atesta a seleção de variáveis realizada pelo programa e apresentada em 7.3.2, o fator coda *final absoluta*, influenciado diretamente pela primeira, mostra-se mais importante para o fenômeno do que coda *final diante de consoante da palavra seguinte*, em que há

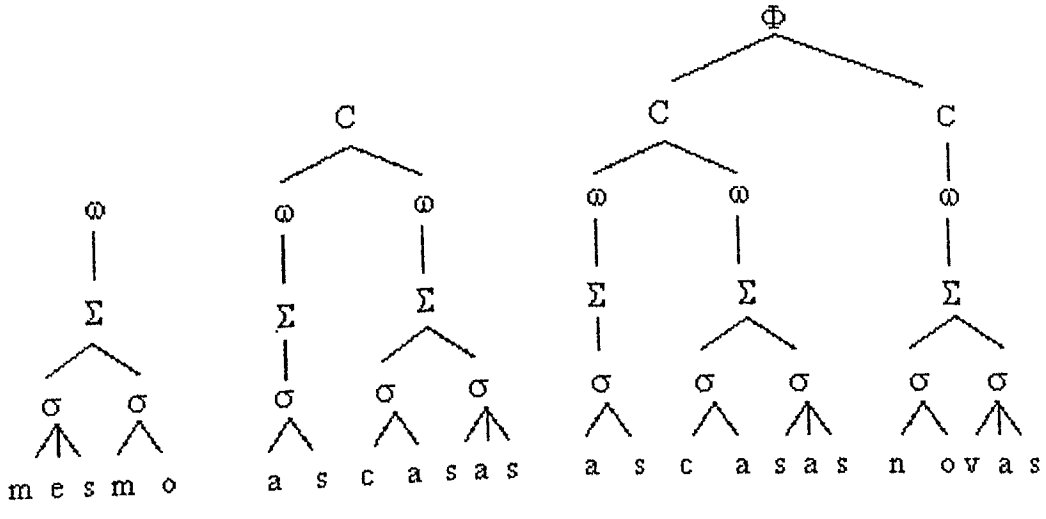
[21] O cálculo foi realizado da seguinte forma: 10 632,70 (*log likelihood* da rodada onde a distinção é mantida) – 10 617,52 (*log likelihood* da rodada experimental) = 15,27. A multiplicação desse valor por 2 resulta em 30,54. Grau de liberdade = 3-2 = 1. Portanto, a porcentagem de chance de que os fatores possam ser amalgamados é muito baixa, menor do que 0,1%.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

um misto da influência tanto de Contexto Seguinte quanto de Traço [voz] aliado a não contigüidade imediata. Coda *medial*, por sua vez, embora também esteja sujeita à influência de Traço [voz] e de Contexto Seguinte, tem a seu favor a contigüidade imediata do contexto seguinte.

Com base na árvore prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986), conforme o exposto em 4.2.1.3, nota-se que a fricativa em discussão pode ocupar tanto a coda interna de uma palavra fonológica, como em *mesmo*, quanto a coda final de um clítico em um grupo clítico, como em *as casas*, ou a coda final de palavra dentro de uma frase fonológica, como em *as casas novas*. Os diagramas arbóreos expressos em (88) apresentam as estruturas hierárquicas correspondentes. Nota-se que a sílaba é representada aqui como o domínio mínimo de aplicação da regra, conforme o proposto pelas autoras.

(88)



A fim de investigar se o fato de a fricativa em posição de coda estar inserida em um constituinte prosódico mais alto na hierarquia exerce algum tipo de influência na aplicação da regra de palatalização, propomos um rearranjo dos fatores da Tabela 7, considerando-se os constituintes prosódicos a que pertencem. A Tabela 8 a seguir apresenta os resultados:

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Tabela 8 – Constituintes Prosódicos e Palatalização da Fricativa Alveolar

FATOR	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Palavra fonológica (me[ʒ]mo)	5 559/6 350	88%	0,65
Grupo clítico (a[ʃ] nações)	3 189/3 718	86%	0,47
Frase fonológica (casa[ʃ] mais bonitas)	8 846/11 174	79%	0,43
TOTAL	17 594/21 242	83%	

input 0,85
significância 0,000

O constituinte a oferecer a relação mais estreita entre a fricativa e seu contexto seguinte - a palavra fonológica – é justamente o que mais privilegia a produção da fricativa palato-alveolar (0,65). Em ordem decrescente quanto à tendência favorecedora, mas crescente quanto à posição na hierarquia, estão o grupo clítico (0,47) e a frase fonológica (0,43), com pesos relativos bastante próximos entre si.

É possível estabelecer diante de tais pesos relativos uma divisão semelhante à apresentada na Tabela 7: de um lado, *palavra fonológica*, em que a fricativa na coda está mais próxima ao ambiente seguinte; de outro, *grupo clítico* e *frase fonológica*, menos favorecedores, em que a fricativa na coda não é contígua ao contexto seguinte.

Nota-se que a proximidade entre os resultados obtidos para *grupo clítico* e *frase fonológica* não justifica sua reunião em um único fator. O teste de X^2 realizado provou que a distinção expressa pelos dois fatores é significativa e, conseqüentemente, a amalgamação não aconselhável[22]. Retomaremos essa questão quando da discussão da

[22] O cálculo foi realizado da seguinte forma: 10 838,18 (*log likelihood* da rodada onde a distinção é mantida) – 10 844,82 (*log likelihood* da rodada experimental) = 6,64. A multiplicação desse valor por 2 resulta em 13,28. O grau de liberdade = 3-2 = 1. A porcentagem de chance de que os fatores possam ser amalgamados é muito baixa, menor do que 0,1%.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

variável *Acento*. Por enquanto, concluímos que a análise estatística oferece suporte à hipótese de que o envolvimento da fricativa em constituintes mais altos da hierarquia prosódica torna a possibilidade de produção da variante palato-alveolar mais remota.

A fricativa em posição de coda *medial* envolve ainda uma questão fonológica. No sistema da língua portuguesa, a alternância na posição pós-vocálica entre as consoantes /S/, /ɾ/ e o zero fonético provoca distinção de significado em itens como *pasta/parta/pata,caspa/carpa/capa*, *asta/carta/cata*, *pasto/parto/pato*, *costa/corta/cota*, *poste/porte/pote*. Diante disso, Scherre e Macedo (2000, p. 59) apontam que a raridade das variantes zero e aspirada de /S/ nessa posição se justifica pelo fato de que o sistema tende a bloquear ocorrências que eliminem distinções fonológicas: o apagamento de /S/ eliminaria a distinção, por exemplo, entre *pasto* ['paØtu] e *pato* ['patu], e a aspiração entre *pasto* ['pahtu] e *parto* ['pahtu], já que [h] funciona também como variante de /ɾ/ pós-vocálico.

Na amostra que serviu de base para a presente análise, a variante aspirada é rara em qualquer posição, com aplicação geral de 1%, conforme ilustra o Gráfico 3, menor ainda do obtido por Scherre e Macedo para o Rio de Janeiro (8%). As variantes apagamento e aspiração em posição medial envolvem majoritariamente o item *mesmo* (80% (42/52) das ocorrências de aspiração e 88% (141/159) das ocorrências de apagamento) (ver Anexo A) e entre elas não há nenhum caso que estabeleça par mínimo na língua. Vê-se, ainda, que a raridade de tais variantes (apenas 52 casos de aspiração e 159 de apagamento de um total de 25 057 dados da amostra) se estende aos casos em que a alternância não acarreta mudança de significado, como, por exemplo, para o item *turismo* ([tu'ɾihmu] ~ [tu'ɾimu]).

Conclui-se, assim, que a posição da fricativa na palavra mais propícia à produção da variante palato-alveolar é a *medial* e o constituinte prosódico mais favorecedor é a *palavra fonológica.* Sendo a variável *Posição da fricativa na palavra* a última a ser selecionada como estatisticamente relevante pela análise progressiva *step-up,* atribui-se ao papel principalmente das variáveis *Traço [voz]* e *Contexto seguinte,* primeira e terceira variáveis selecionadas, respectivamente, o condicionamento

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

favorecedor à palatalização na coda. A posição *final absoluta* apresenta-se neutra em relação ao fenômeno. A tendência menos favorecedora é representada pela posição *final diante de consoante da palavra seguinte*, resultado do enfraquecimento da influência do contexto seguinte. As variantes aspirada e zero em posição medial são raras e não envolvem palavras cuja alternância com tais produções acarretaria mudança de significado.

Passemos a discutir os resultados da primeira variável selecionada como estatisticamente relevante – Traço [voz]. Conforme proposto em 7.3.3.1, os resultados dessa variável para as posições *medial* e *final diante de consoante da palavra seguinte* serão considerados.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

7.3.3.4 Traço [voz]

A variável independente Traço [voz] foi a primeira selecionada como estatisticamente relevante. Os resultados, apresentados na Tabela 9 a seguir, indicam que os contextos seguintes *[-voz]*, com peso relativo de 0,62, surgem como os grandes motivadores da produção palato-alveolar em posição de coda, em acordo com a hipótese proposta em 7.2.1.2.1. Já os contextos *[+ voz]* tendem ao menor favorecimento, apresentando peso relativo de 0,30, inferior ao ponto de referência. O fator *pausa*, com peso relativo de 0,54, aproxima-se mais da tendência à favor da produção palato-alveolar assumida pelo fator *[-voz]*.

Tabela 9 - Traço [voz] e Produção Palato-alveolar em Posição de Coda

FATOR	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
[+voz] (mes[**m**]o; as [**n**]ações)	4 993/7 261	69%	0,30
[-voz] (es[**k**]ola; faz [**t**]empo)	12 599/13 979	90%	0,62
Pausa	3 124/3 816	82%	0,54
TOTAL	20 716/25 056	83%	

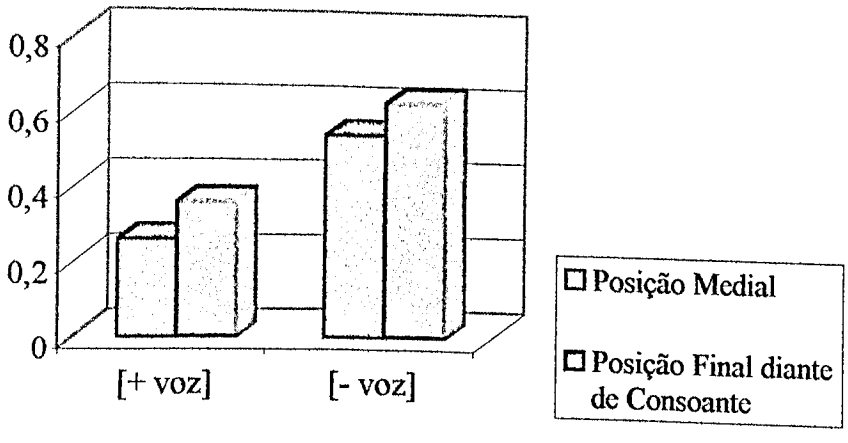
input 0,87
significância 0,000

Considerando-se cada uma das posições na palavra em que a fricativa sofre a influência de um contexto seguinte, a saber, a posição *medial* e a posição *final diante de consoante da palavra seguinte,* foi constatado que o padrão oferecido pela Tabela 9 anterior se mantém regularmente, conforme mostra o Gráfico 4 a seguir. Tanto com relação às ocorrências em que a fricativa está na posição *medial* (fe[ʃ]ta; me[ʒ]mo)

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

quanto nas que está em posição *final diante de consoante da palavra seguinte* (fa[ʃ] tempo; o[ʒ] navios), a tendência favorecedora à produção da palato-alveolar está claramente no fator *[-voz]* (0,54 e 0,63, respectivamente). O fator *[+voz],* do mesmo modo que o exposto na Tabela 9, oferece pesos relativos bastante inferiores ao ponto de referência 0,50 (0,26 e 0,36, respectivamente)[23].

Gráfico 4 – Traço [voz] e Posição da Fricativa na Palavra



Embora a posição *medial* (fe[ʃ]ta) seja preferida à aplicação da regra variável (ver Tabela 7), os resultados apresentados pelo Gráfico 4 não confirmam a hipótese, proposta em 7.3.3.3, de que o maior favorecimento à produção palato-alveolar está diretamente relacionado à contigüidade imediata entre a fricativa na coda e a consoante [-voz] seguinte. Ao contrário do esperado, o peso relativo para o fator *medial* seguido de *[-voz]* é um pouco inferior (0,54) em relação ao oferecido pelo fator *posição final diante de consoante da palavra seguinte* seguido de [- voz] (0,63). Tais resultados, conclui-se, indicam que o papel do traço [voz] seguinte é mais atuante no condicionamento da produção da palato-alveolar na coda do que a posição da fricativa na palavra, fato que vem a confirmar a seleção efetuada pelo *step-up* e que aponta Traço [voz] como a variável estatisticamente mais relevante (ver 7.3.2).

[23] Tanto na rodada por *posição medial* quanto na rodada por *posição final diante de consoante da palavra seguinte,* a variável Traço [voz] foi a primeira selecionada como estatisticamente relevante pela análise progressiva *step-up,* fato que, novamente, comprova sua importância para o fenômeno em exame.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Conforme já discutido (ver Capítulo 3 e Capítulo 6), cremos ser o traço [voz] adquirido pela fricativa na coda apenas no pós-léxico, através do mecanismo de espraiamento a partir da consoante seguinte, resultando em uma estrutura de ligação dupla. A maior proximidade entre os resultados apresentados na Tabela 9 para os fatores *[- voz]* (0,62) e *pausa* (0,54) e a distância desses com relação ao fator *[+ voz]* (0,30) é justificada pelo fato de que nas palavras onde /S/ ocupa a posição final absoluta o valor não-marcado do traço é atribuído por regra default e, conseqüentemente, colabora de modo favorável à produção da variante palato-alveolar.

Tido como um contexto forte, produzido com maior esforço muscular (SCHANE, 1975, p. 42), as consoantes [-voz] são por isso situadas por Hooper (1976, 206) nos níveis mais altos (a saber, 6 e 5) de sua escala universal de força (capítulo 4, seção 4.3). Tal característica é captada em palatogramas, segundo Cagliari (1974, p. 82), pela existência de uma área de contato maior, percebida em consoantes palatais e também palatalizadas. Diante disso, conclui o autor que consoantes [-voz], mais fortes do que consoantes [+voz], são mais propícias à palatalização, entendida como um tipo de articulação produzida com mais energia (ver capítulo 2, seção 2.1.4).

As consoantes [ʃ, ʒ] não são classificadas pelo autor como consoantes palatalizadas, pois os palatogramas referentes indicam a existência de diferenças marcantes na energia de articulação se comparados aos obtidos para as consoantes palatais ou palatalizadas. Acreditamos que essa diferença é provocada pelo formato assumido pelo corpo da língua, mais parecido com uma vogal *i* "consonantal" para as palatais, consideradas como consoantes inerentemente palatalizadas, e cupulado e retraído para as palato-alveolares.

Porém, a predileção pelos contextos de maior energia articulatória demonstrada nessa seção pela variante palato-alveolar em posição de coda parece funcionar como suporte à observação de Ladefoged e Maddieson (1996) de que o formato cupulado da língua por trás da constrição nessas consoantes caracteriza-se como um certo grau de palatalização.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Desse modo, a variável Traço [voz] mostrou que, independentemente da contigüidade imediata de um contexto consonantal seguinte, [- voz] favorece mais a produção da variante palato-alveolar em posição de coda do que [+ voz]. A tendência condicionadora da posição final absoluta se dá pela atuação da regra default que insere [-voz], o valor não-marcado do traço.

A variável *Traço [voz]* é retomada na seção seguinte, durante a discussão dos resultados obtidos para a variável *Contexto Seguinte*.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

7.3.3.5 Contexto Seguinte

A variável lingüística independente *Contexto Seguinte* foi selecionada como a terceira estatisticamente relevante pelo programa VARB2000, conforme o exposto em 7.3.2 .

A análise de processos de palatalização em várias línguas do mundo efetuada por Bhat (1978) (ver Capítulo 2, seção 2.1.4) indica que a palatalização em sibilantes é induzida tanto por uma consoante velar quanto por uma consoante labial vizinha. Os resultados para a variável Contexto Seguinte, apresentados na Tabela 10 a seguir, onde os fatores estão organizados de acordo com os traços de ponto de articulação (SAGEY,1986, 1990; CLEMENTS, 1991; CLEMENTS; HUME, 1995), confirmam essa hipótese com relação às consoantes velares apenas, por d*orsal* identificadas (e[ʃk]ama), cujo peso relativo é de 0,62.

As consoantes *labiais* (ho[ʃp]ital), por outro lado, não respondem à tendência condicionante apontada por Bhat (1978). O peso relativo apresentado de 0,51 denota comportamento neutro. Logo abaixo dessas, o contexto *coronal [+ anterior]* (e[ʃt]ado), com peso relativo de 0,42, indica a tendência menos favorecedora da variável. Opostamente, o fator *coronal [- anterior]* (e[ʃtʃi]ca) surge como o mais propício, apresentando peso relativo de 0,67.

Consideramos esse resultado, no entanto, de modo relativo, visto que o fator representa apenas 3% do total de ocorrências de amostra. A escassez desse tipo de dado se justifica pelo fato de que o dialeto florianopolitano realiza majoritariamente a variante não africada da oclusiva alveolar. De acordo com Pagotto (tese em andamento), as variantes africadas alveolares ([t^s, d^z]) e africadas palato-alveolares ([tʃ, dʒ]) caracterizam-se como inovadoras no dialeto.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Tabela 10 - Contexto Seguinte e Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda

FATOR	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Labial (hos[**p**]ital; nós [**b**]atemos)	5 716/6 917	83%	0,51
Coronal [+ant] (es[**t**]ado; mais [**l**]azer)	7 214/9 042	80%	0,42
Coronal [-ant] (es[**tʃ**]ica; mais [**dʒ**]inheiro)	654/726	90%	0,67
Dorsal (es[**k**]ama; os [**g**]atinhos)	4 009/4 440	90%	0,62
TOTAL	20 717/24 941	83%	

input 0,86
significância 0,000

O papel indutor do contexto seguinte dorsal na produção da variante palato-alveolar em posição de coda evidencia a importância para o processo do movimento tanto de posteriorização quanto de elevação do corpo da língua por trás da constrição, focalizados, na representação lexical dessas consoantes, pela presença do nó dorsal sob Pontos-V (ver Capítulo 6).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Tais aspectos articulatórios refletem-se no sistema de traços proposto no SPE para o papel de relevância desempenhado pelos traços [- anterior, + alto]. O estabelecimento de uma relação de oposição entre contextos favorecedores [- anterior, + alto] e contextos menos favorecedores [+ anterior, - alto], acrescido pelo fator *pausa*, oferece um quadro mais geral do comportamento da variável. A Tabela 11 a seguir expõe os resultados.

Tabela 11 - Contexto Seguinte e Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda: papel dos traços [anterior] e [alto]

FATOR	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
[- anterior, + alto]	4 663/5 166	90%	0,63
[+ anterior, - alto]	12 930/15 959	81%	0,45
Pausa	3 124/3 816	82%	0,52
TOTAL	20 717/24 941	83%	

input 0,86
significância 0,000

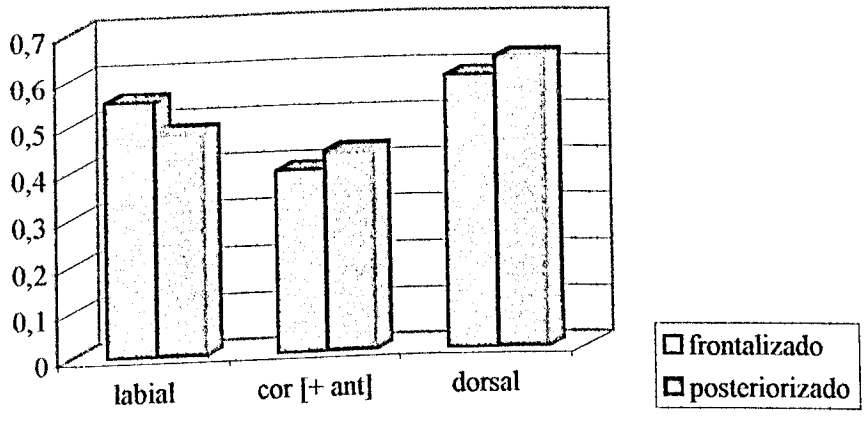
Embora os pesos relativos para os fatores *pausa* (0,52) e contextos *[+ anterior, - alto]* sejam mais aproximados se comparados ao fator *[- anterior, + alto]* (0,63), nota-se que o primeiro aponta para o favorecimento e o segundo para o não favorecimento, de acordo com o ponto de referência 0,50. Tal resultado indica que são preferíveis à variante palato-alveolar os contextos seguintes [- anterior, + alto] e os contextos [- voz], já que, conforme o discutido em 7.3.3.4 (ver também Capítulo 3), é o valor negativo do traço de vozeamento que preenche por regra *default* a fricativa em posição de coda

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

quando essa não tem a possibilidade de obter o traço por assimilação a um contexto seguinte.

A necessidade de conjugação dos traços do SPE [- anterior] e [+ alto] para a melhor descrição do papel do contexto seguinte no fenômeno em discussão é ainda evidenciada pelos resultados apresentados no Gráfico 5 a seguir. De acordo com a descrição articulatória das palato-alveolares, poderíamos supor que a retração do corpo da língua verificada na produção de [ʃ, ʒ] seria facilitada por um contexto seguinte posteriorizado, independentemente da série a que pertence, se labial, coronal [+ anterior] ou dorsal, o que significa dizer que os contextos posteriorizados são melhores indutores do que os contextos frontalizados porque confluem com as fricativas palato-alveolares quanto ao movimento de retração do corpo da língua.

Gráfico 5 – Contexto Seguinte e Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda: particularidades articulatórias do Contexto Seguinte



Em cada uma das séries expostas no Gráfico 5, ou seja, labial, coronal [+ anterior] e dorsal, os pesos relativos refletem o padrão geral exposto na Tabela 10: o ambiente seguinte *dorsal* é o maior indutor, com pesos relativos de 0,59 e 0,63, seguido pelo *labial,* em torno de 0,55 e 0,48, e pelo *coronal [+ anterior]*, entre 0,43 e 0,39. Os contextos seguintes *posteriorizados* são mais favorecedores em relação aos *frontalizados* em *dorsais* e *coronais [+ anterior]*, embora os valores para os pesos sejam bastante aproximados entre *posteriorizadas* e *frontalizadas*, com diferença exatamente de 0,04 para ambos os casos: entre *dorsais*, como em *nas colheitas* (nas

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

[**ko**]lheitas), o peso relativo é de 0,63 para *posteriorizadas* versus 0,59 para as *frontalizadas*; e entre *coronais*, como em *mas tudo* (mas [**tu**]do), o peso relativo é de 0,43 para *posteriorizadas* versus 0,39 para as *frontalizadas*.

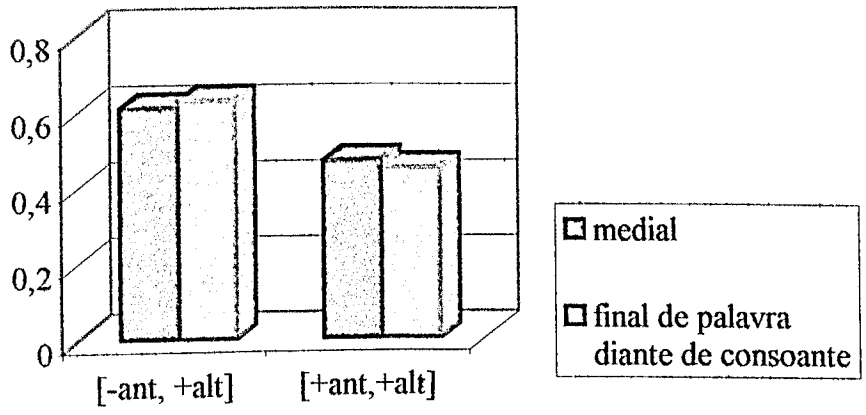
A série *labial*, no entanto, comporta-se de modo diverso se comparada à *dorsal* e *coronal [+ anterior]*: as *labiais frontalizadas*, como em *hospital* (hos[**pi**]tal), inclinam ao favorecimento, com peso de 0,55, mas as *labiais posteriorizadas*, como em *esposa* (es[**po**]sas), são menos favorecedoras, com peso relativo de 0,48.

Conclui-se, portanto, que o movimento de retração do corpo da língua oferece uma descrição coerente da preferência pela produção da variante palato-alveolar na posição de coda quando está relacionado às consoantes coronais [+ anterior] e dorsais, mas não às labiais. O comportamento diferenciado dessa série parece ser justificado antes pela atuação da configuração dos lábios na produção da fricativa palato-alveolar do que pelo movimento horizontal efetuado pela língua no trato oral. Conforme mostrado em 2.1.3, [ʃ, ʒ] são produzidas com uma configuração labial mais arredondada e projetada se comparada a [s, z] e, portanto, consoantes *labiais frontalizadas* em contexto seguinte, infere-se, colaboram no sentido de intensificar a atuação desse canal de ressonância.

Considerando-se a relação entre as variáveis Contexto Seguinte e Posição da Fricativa na Palavra, o Gráfico 6 a seguir mostra que a tendência exposta na Tabela 11 se mantém independentemente da contigüidade imediata ou não da consoante em contexto seguinte. O contexto mais favorecedor, [- anterior, + alto], apresenta pesos relativos praticamente idênticos : 0,61 para posição *medial* e 0,63 para posição *final de palavra diante de consoante da palavra seguinte.* De modo oposto, para o contexto [+ anterior, - alto] os resultados, também muito próximos, situam-se abaixo do ponto de referência: 0,47 para a posição *medial* e 0,45 para a posição *final de palavra diante de consoante da palavra seguinte.*

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Gráfico 6 – Produção Palato-alveolar em Posição de Coda: Contexto Seguinte e Posição da Fricativa na Palavra



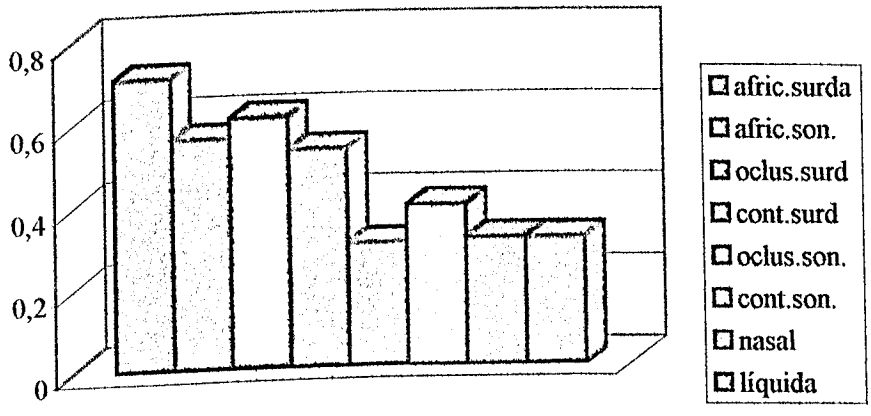
Novamente, tem-se comprovado o fato já constatado na discussão sobre o papel da variável Traço [voz], isto é, o de que independentemente da fricativa /S/ e o contexto que a segue estabelecerem uma relação de contigüidade em constituinte mais baixo na hierarquia prosódica, como a palavra fonológica (festa) ou em constituintes mais altos, como o grupo clítico (as nações) ou a frase fonológica (as casas bonitas), a maior ou menor influência exercida pelo contexto seguinte é a mesma.

A relação entre as variáveis *Contexto Seguinte* e *Traço [voz]* quanto à produção da fricativa palato-alveolar é expressa diretamente pela escala de sonoridade baseada no traço de força consonantal proposta por Hooper (1976, p. 206) (ver Capítulo 4, seção 4.3.2). O Gráfico 7 a seguir mostra que o contato mais propício à produção da variante em questão entre uma posição fraca de final de sílaba e uma posição forte de início de sílaba é aquele estabelecido entre a fricativa /S/ e os segmentos que ocupam as posições mais altas na Escala Universal de Força, a saber a *africada surda* (0,71), a *africada sonora* (0,56)[24], a *oclusiva surda* (0,61) (nível 6 da escala) e as *contínuas surdas* (0,53) (nível 5 da escala).

[24] De acodo com Hooper (1976, p. 206), pressume-se que as africadas, devido a sua complexidade, sejam as mais fortes das consoantes. Sua contraparte sonora deve ser um pouco mais fraca.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Gráfico 7 – Produção Palato-alveolar em Posição de Coda: Contexto Seguinte e Escala de Sonoridade de Hooper (1976)



As *oclusivas sonoras* e as *contínuas surdas,* que compartilham o nível 5 da escala (em tons de verde no Gráfico 7), apresentam comportamento bastante diferenciado em termos estatísticos. Enquanto oclusivas sonoras inclinam-se ao não favorecimento, com peso relativo de 0,30, contínuas surdas, com peso relativo de 0,53, indicam maior favorecimento. Esse resultado para o nível 5 comprova, mais uma vez, a importância do traço [- voz] na produção da variante palato-alveolar. O nível 4 da escala (em bege no Gráfico 7), ocupado pelas *contínuas sonoras,* mostra-se igualmente pouco favorecedor (0,39) se comparado principalmente às *contínuas surdas* (0,53).

Os últimos níveis ocupados por consoantes, níveis 3 e 2 (em tons de azul), representam as *nasais* e *líquidas,* com pesos idênticos (0,31) e indicadores da pouca eficiência dessas consoantes para a regra em estudo.

Sendo assim, embora possamos afirmar com base em tais resultados que a produção da fricativa palato-alveolar na coda é favorecida por um ambiente seguinte consonantal forte, a escala obtida no Gráfico 7 não nos permite estabelecer uma relação direta do tipo "quanto mais alto o nível a que pertence a consoante em contexto seguinte à fricativa, maior a probabilidade de produção da fricativa palato-alveolar", visto que o papel relevante do traço [voz] impede que os pesos relativos apenas decresçam do nível 6 ao 2. Exceção deve ser feita às africadas surdas e sonoras, que ocupam posições

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

adjacentes na escala e pesos relativos igualmente altos e condizentes com a relação estabelecida.

Se ao invés da escala de Hooper, utilizássemos uma escala baseada no grau de sonoridade, como a de Jespersen, conforme apresentado no Capítulo 4 (seção 4.3.1), em que o início da escala é ocupado por segmentos [+ soante], equivalentes aos de menor força consonantal na escala de Hooper, os resultados sinalizariam diretamente a pouca pertinência do traço soante do contexto seguinte para a produção da palato-alveolar.

O papel não significativo dos contextos seguintes [+ soante] para a produção da palato-alveolar, atestado pelos pesos relativos de não favorecimento em *nasais* e *líquidas* no Gráfico 7 anterior, é evidenciado ainda mais pelo baixo número de ocorrências de palato-alveolares diante vogais: em aproximadamente 33 horas e 33 minutos de gravação, apenas 40 ocorrências de variante palato-alveolar em posição de coda foram encontradas nesse contexto (ver Anexo B, Quadro B-1).

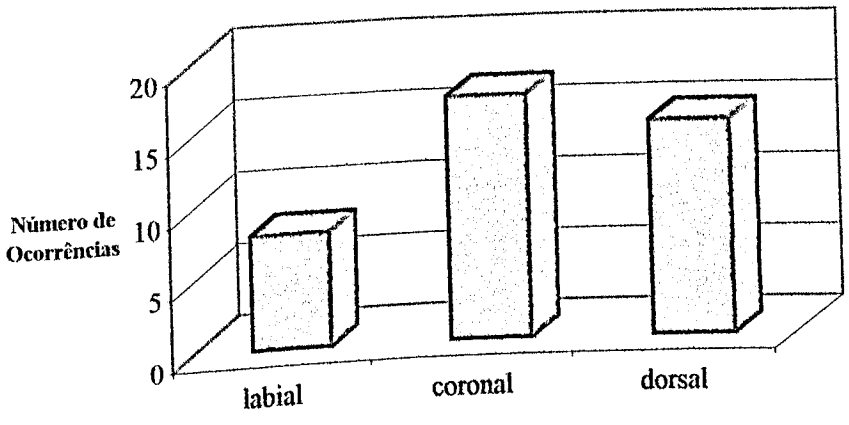
A raridade desse tipo de dado é prevista pelas formalizações da regra de palatalização oferecidas por Mateus (1975) e Guy (1981), conforme apresentado no capítulo 2 (seção 2.2.3.3), onde apenas o contexto consonantal seguinte ou a pausa são registrados. Mesmo assim, Mateus (1990, p. 345, nota 1) menciona que a fricativa seguida por vogal pode não seguir a regra geral e se tornar [+ anterior], como em *meus amigos* (meu[za]migos), mas é possível que adquira o traço de palatalidade, de modo semelhante ao comportamento verificado diante de consoantes. Ocorrências de variante palatal diante de vogal foram também registradas por Scherre e Macedo (2000) em aproximadamente 1% da amostra referente ao Rio de Janeiro (21 casos de um total de 1 925 ocorrências).

O Gráfico 8 adiante, com base nos pressupostos da *Teoria Unificada de Traços para Consoantes e Vogais* (CLEMENTS, 1989a), apresenta a relação entre o total de ocorrências em que a variante palatal ocorre diante de vogal (40 ocorrências) e o número de casos encontrados especificamente diante de vogal labial, coronal ou dorsal. Apesar do pequeno número total de dados para esse ambiente requerer que consideremos o papel do ambiente indutor de modo relativo, observamos que vogais *coronais* (17 ocorrências), como em *mas eu* (ma[ʒew]), ao lado de *dorsais* (15

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

ocorrências), como em *mas até* (ma[ʒa]té), compartilham a posição de vogais em contexto seguinte mais favorecedoras. Poucos casos de variante palato-alveolar diante de vogais *labiais*, como em *mas o* (m[ajʒu]) foram encontrados (8 ocorrências).

Gráfico 8 – Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda diante de Vogal da Palavra Seguinte: número de ocorrências



Apesar de tais resultados não confirmarem aqueles obtidos pelo contexto seguinte consonantal, no sentido de espelhar o efeito pouco indutor do traço de ponto coronal na indução do processo de palatalização do /S/, não inverte o resultado com relação a dorsal, ou seja, esse continua sendo um ambiente favorecedor. Outra informação expressa pelo Gráfico 8 concorde com o comportamento do contexto seguinte consonantal refere-se ao status de pouco favorecimento do traço *labial*.

Retomando os resultados apresentados para o contexto seguinte consonantal com base na escala de sonoridade de Hooper (1976), expressos no Gráfico 7, onde o traço de força consonantal é considerado como referência para a avaliação do ambiente seguinte mais propício à produção da variante palato-alveolar na coda, vê-se que contínuas surdas, como /f, s, ʃ/ (peso relativo de 0,53), apresentam-se praticamente neutras com relação à indução da regra, embora em situação de maior favorecimento do que as contínuas sonoras (0,39). Desse modo, contextos como os expressos em ocorrências do tipo *dois sapatos, dois zeros, dois chalés* e *dois gêmeos* não parecem contribuir significativamente para a produção da palato-alveolar na coda.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Para justificar esse fato, Guy (1981), com base em dados do português falado no Rio de Janeiro, se vale da regra de assibilação (ver capítulo 2, seção 2.1.3), de acordo com a qual /S/ em posição de coda assimila-se a qualquer fricativa alveolar ou palato-alveolar que lhe siga, como se vê em doi[s s]apatos, doi[z z]eros, doi[ʃ ʃ]alés ou doi[ʒ ʒ]êmeos. Isto significa que seqüências do tipo doi[ʃ s]apatos ou doi[ʒ z]eros, previstas pela regra de palatalização da fricativa alveolar, inexistem na língua.

Mateus (2000, p. 145), tratando do PE, não reconhece, da mesma forma, tais seqüências como usuais. Segundo a autora, em tais contextos ocorre um tipo de simplificação em uma única consoante. Desse modo, seqüências como /s ʃ/ ([ʃ ʃ]) e /s s/ ([ʃ s]) tornam-se sempre [ʃ] (doi[ʃ]alés; (doi[ʃ]apatos) e seqüências como /s ʒ/ ([ʒ ʒ]) e /s z/ ([ʒ z]), de modo análogo, simplificam-se em [ʒ] (doi[ʒ]êmeos); doi[ʒ]eros). Esse processo, verificado tanto na fala cuidada quanto na casual, é esperado também, nesse dialeto, em posição interna de palavra, como em *nascer* [nɐ'ʃeɾ] e *piscina* [pi'ʃina] e, além disso, pode dar origem a geminadas, como se verifica nos exemplos *sabe bem* (['sab:ẽj]) e *disse sim* (['dis:ĩ]).

Para o dialeto florianopolitano em exame, os dados referentes a tais contextos (ver também Anexo B, Quadro B-2) não confirmam plenamente as predições de Guy (1981) para o dialeto carioca e de Mateus (2000) para o PE. O Quadro 9 adiante exemplifica cada tipo de ocorrência encontrada na amostra em que à palavra terminada por /S/ precede outra iniciada por /s/, /z/, /ʃ/ ou /ʒ/.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Quadro 9 – Contexto Seguinte Fricativo Alveolar ou Fricativo Palato-alveolar: ocorrências possíveis na amostra em exame

dois sapatos /s s/	dois zeros /s z/	dois chalés /s ʃ/	dois gêmeos /s ʒ/
doi[s]apatos	doi[z]eros	doi[ʃ]alés	doi[ʒ]êmeos
doi[ʃ s]apatos	* doi[ʒ z]eros		
doi[ʃ]apatos	* doi[ʒ]eros		

A seqüência /s s/ raramente pode ser simplificada em [ʃ], conforme o verificado para o PE por Mateus (2000). Na amostra considerada, apenas uma ocorrência desse tipo foi encontrada, a saber: *quis seguir* (qui[ʃ]eguir) (ver Anexo B, Quadro B-2). As realizações de transição entre palato-alveolar surda e alveolar surda, como em doi[ʃ s]apatos, somam 5 ocorrências apenas (ver Anexo B, Quadro B-2). As outras seqüências possíveis seguem o padrão encontrado nos dialetos do PB que não palatalizam a fricativa em posição de coda, ou seja, /s z/ realizam-se sempre como [z], /s ʃ/ como [ʃ] e /s ʒ/ como [ʒ].

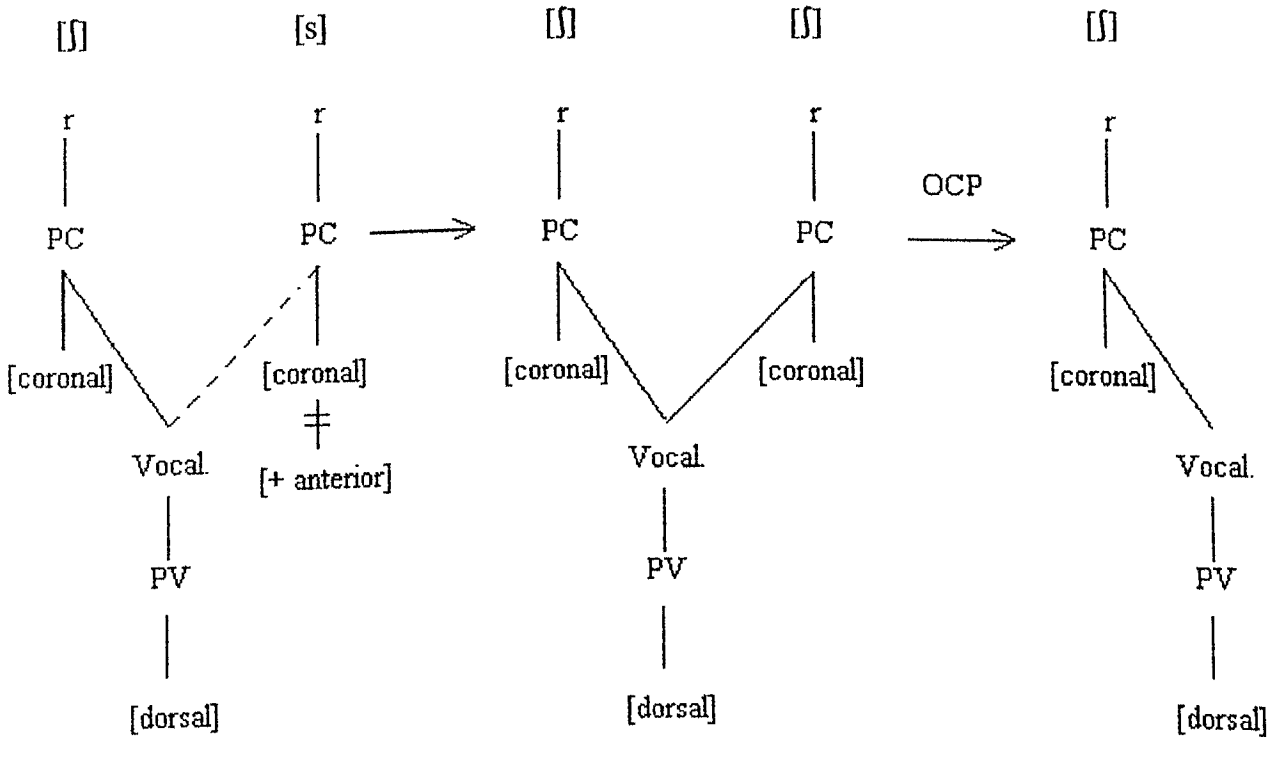
Cremos, desse modo, que o processo de simplificação sugerido por Mateus (2000) para o PE não atua da mesma forma no dialeto em exame. Além da escassez de ocorrências em que /s s/ em fronteira de palavra se simplifiquem em [ʃ], como em doi[ʃ]apatos, e da ausência de casos em que /s z/ se simplifiquem em [ʒ], como em doi[ʒ]eros, não são registrados casos na amostra em que a simplificação ocorra em posição interna de palavra, como em *nascer* [nɐ'ʃer] e *piscina* [pi'ʃina].

Os dados expressos no Quadro 9 anterior indicam a não preferência por segmentos idênticos adjacentes, muito comum nas línguas do mundo, e justificada pela atuação do Princípio do Contorno Obrigatório (ver Capítulo 5, seção 5.3). Sendo assim, quando duas fricativas [coronal, + anterior] tornam-se adjacentes no nível frasal,

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

preferencialmente se fundem em uma única consoante [coronal, + anterior], como em doi[s]apatos, na maioria dos dialetos do PB. Caso a fricativa na coda seja produzida como uma palato-alveolar, verificam-se as produções de transição, como em doi[ʃ s]apatos ou o espraiamento do nó Vocálico da consoante da coda para a fricativa alveolar do ataque e desligamento do traço [+ anterior] da fricativa do ataque, resultando em doi[ʃ]apatos, uma alternativa muito rara no dialeto em exame, mas bastante comum no PE. Esse processo progressivo de assimilação é representado em (89) a seguir. A estrutura resultante, dois nós de raiz idênticos, funde-se em um único nó.

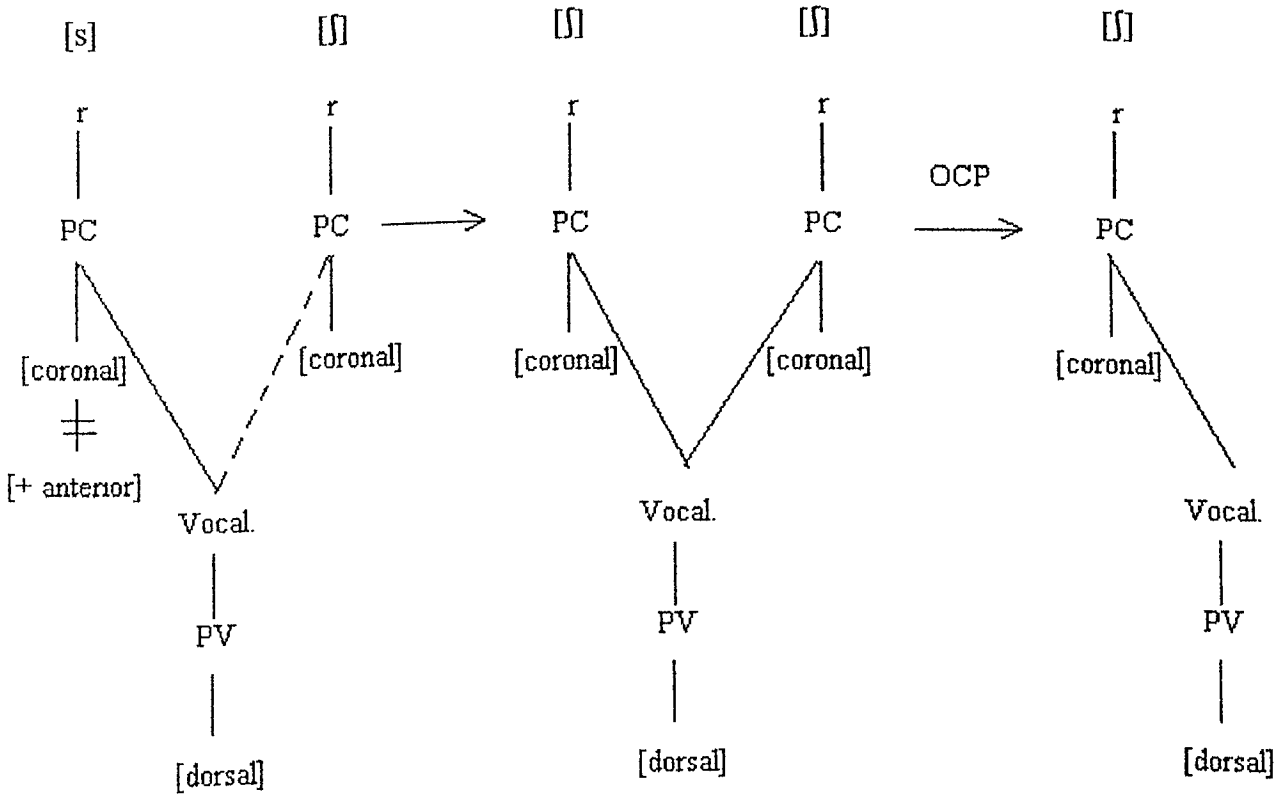
(89)



Espraiamento do nó Vocálico [dorsal] também parece ser a operação que dá conta das ocorrências do tipo de doi[ʃ]alés e doi[ʒ]êmeos, com a diferença de que, nesses casos, ocorre na direção oposta, no modo de uma assimilação regressiva, ou seja, do ataque da palavra seguinte para a coda. A representação (90) a seguir ilustra o processo.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

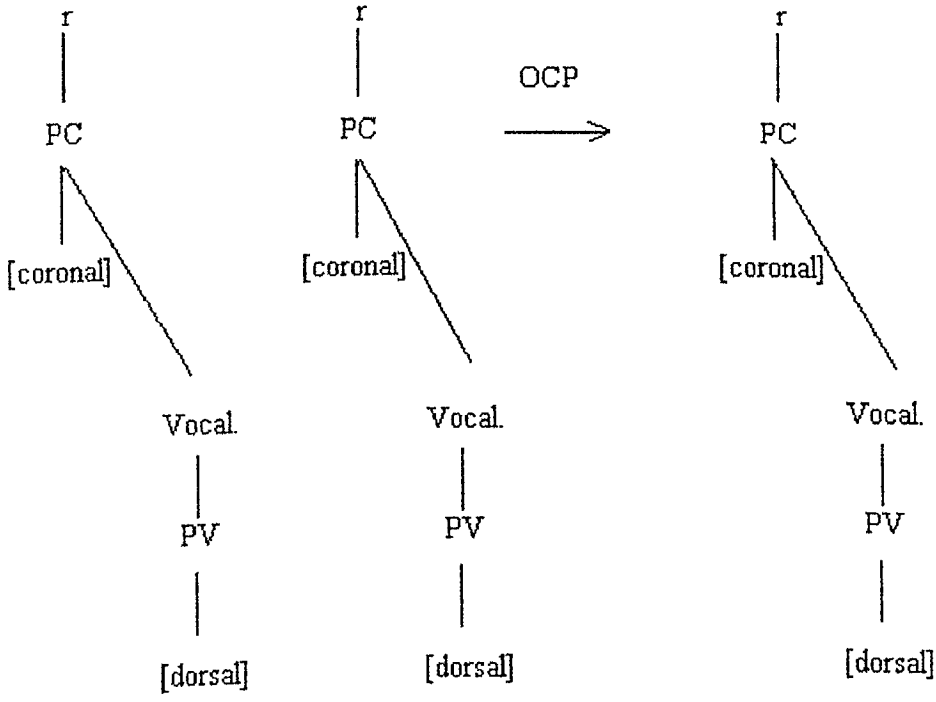
(90)



No entanto, nos dialetos que produzem regularmente a variante palato-alveolar na coda, podemos supor que ocorra processo semelhante ao observado na maioria dos dialetos do PB com relação à seqüência /s s/, isto é, a recusa da situação de adjacência de segmentos idênticos pode conduzir à formação de apenas um nó na representação, conforme mostra a representação em (91) a seguir.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(91)



O Quadro 10 adiante resume os fatos apresentados até aqui envolvendo os processos fonológicos pós-lexicais e a atuação do Princípio do Contorno Obrigatório na produção palato-alveolar da fricativa na coda quando seguida por [s, z] ou [ʃ, ʒ] em posição de ataque. A sigla *PAL* é utilizada para palatalização da fricativa em posição de coda e a abreviatura *s.c.*, para "sem contexto para aplicação".

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Quadro 10 –Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Processos Fonológicos Pós-Lexicais e a atuação do Princípio do Contorno Obrigatório

Processos Fonológicos e OCP	dois sapatos /s s/	dois sapatos /s s/	dois sapatos /s s/	Dois chalés /s ʃ/	dois chalés /s ʃ/
PAL	____	[ʃ s]	[ʃ s]	____	[ʃ ʃ]
OCP	[s]	s.c.	s.c.	s.c.	[ʃ]
Assimilação Progressiva	s.c	____	[ʃ ʃ]	____	s.c.
Assimilação Regressiva	s.c.	____	s.c.	[ʃ ʃ]	s.c.
OCP	s.c	s.c.	[ʃ]	[ʃ]	s.c.
Output	doi[s]apatos	doi[ʃs]apatos	doi[ʃ]apatos	doi[ʃ]alés	doi[ʃ]alés

Nota-se no Quadro 10 anterior que não há ordenamento entre os processos. O OCP é sempre uma opção disponível que atua quando há segmentos idênticos adjacentes. Os processos assimilatórios podem ser opcionais. O processo de assimilação progressiva, muito comum no PE, ocorre raramente no dialeto em estudo. A regra de palatalização da fricativa na coda e o processo de assimilação regressiva estão em relação de sangramento no caso em que a fricativa da coda é seguida por ataque ocupado por [ʃ] ou [ʒ]: quando a variante palato-alveolar é produzida na coda, elimina o contexto para assimilação regressiva.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Os resultados gerais para a variável lingüística Contexto Seguinte mostraram que a variante palato-alveolar tende a ser mais favorecida por contextos que promovam a retração do corpo da língua e que também trabalhem a favor do levantamento desse articulador, o que evidencia a presença do nó Dorsal na representação das consoantes fricativas palato-alveolares. Com base na proposta de Bhat (1978) sobre a estipulação dos processos que descrevem o fenômeno de palatalização nas línguas – levantamento da língua, frontalização da língua e espirantização - os resultados para a variável Contexto Seguinte nos induzem a classificar a regra em exame como um processo induzido mais pelo levantamento da língua, já que sua frontalização não se mostrou significativa.

As consoantes que se mostram como maiores indutoras da palatalização de /S/ são as que apresentam níveis de força consonantal mais elevados de acordo com a escala de sonoridade de Hooper (1976), aliados à presença do traço [-voz]. Contextos vocálicos seguintes não se comportam como fortes condicionadores, assim como também os fricativos alveolares e palato-alveolares. Assim como o obtido para a variável Traço [voz], a contigüidade imediata entre a fricativa na coda e o contexto consonantal que a segue não se mostrou relevante quanto à facilitação do processo.

Passemos aos resultados alcançados para a variável lingüística Acento.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

7.3.3.6 Acento

Acento foi a quinta variável lingüística selecionada como estatisticamente relevante pelo programa Varb2000. O resultado obtido para essa variável aponta a preferência pela produção da variante palato-alveolar em contextos produzidos com maior energia articulatória, o que vai ao encontro dos resultados obtidos por Cagliari (1978) a partir de análises palatográficas (ver Capítulo 2, seção 2.1.4).

A outra hipótese considerada em 7.2.1.2.1 para essa variável, baseada em Bhat (1978), sobre a tendência da palatalização em consoantes sibilantes ocorrer mais produtivamente em contextos não-acentuados, principalmente se for motivada pelo levantamento da língua, não se confirma, muito embora o processo em análise envolva tal particularidade articulatória, como ficou comprovado pelos resultados da variável Contexto Seguinte.

A Tabela 12 a seguir indica que os maiores pesos relativos referem-se aos contextos anteriores à sílaba tônica, a saber *pré-pretônicos* (de[ʃ]kascava), com peso relativo 0,64 e *pré-tônicos* (re[ʃ]peito) com 0,71. A sílaba com acento *tônico* ([meʒ]mo) comporta-se como contexto neutro, com peso relativo equivalente ao ponto de referência (0,51). Inferior a este verificam-se as *palavras sem acento* ([maʃ]), apresentando peso relativo de 0,43 e, com resultados praticamente idênticos, as *postônicas* (vaca[ʃ]) e *pós-postônicas* (ônibu[ʃ]), com pesos relativos de 0,38 e 0,39, respectivamente.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Tabela 12 – Variável Acento e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda

FATOR	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Pré-pretônica ([**deʃ**]kascava)	2 010/2 213	91%	0,64
Pretônica ([**xeʃ**]peito)	3 005/3 243	93%	0,71
Tônica ([**meʒ**]mo)	7 004/9 060	77%	0,51
Postônica (va[**kaʃ**])	5 492/6 734	82%	0,38
Pós-postônica (oni[**buʃ**])	232/312	74%	0,39
Palavra sem acento ([**aʃ**]; [**maʃ**])	2 974/3 495	85%	0,43
TOTAL	20 717/25 057	83%	

input 0,87
significância 0,000

Os pesos relativos indicativos de favorecimento envolvem os contextos que antecedem o tônico, os *pré-pretônicos* e *pretônicos*. O maior peso relativo apresentado

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

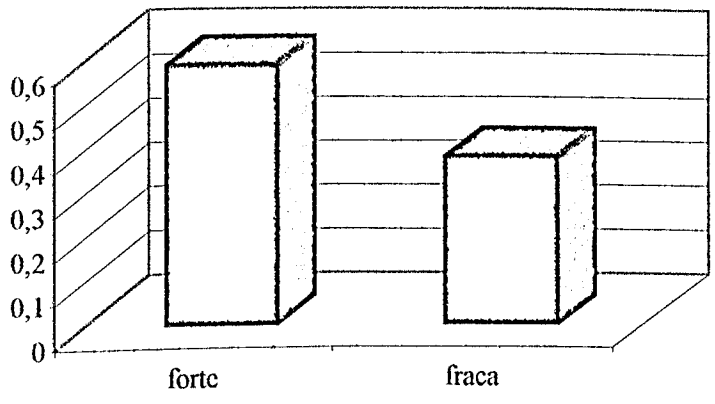
pelo fator *pretônico* (0,71) em relação ao fator *pré-pretônico* (0,64) indica ser a sílaba imediatamente contígua à tônica mais suscetível de sofrer palatalização do que aquela também precedente, porém mais distante.

Os pesos relativos mais baixos da Tabela 12 anterior referem-se justamente aos fatores relacionados a contextos produzidos com menor energia articulatória, a saber *palavra sem acento* (0,43), *pós-postônico* (0,39) e *postônico* (0,38). De modo oposto ao observado para os contextos pré-pretônicos e pretônicos, a semelhança entre os pesos relativos para os fatores pós-postônico e postônico aponta para o fato de que é irrelevante à regra em discussão se a sílaba que contém /S/ segue imediatamente ou não a sílaba tônica.

Tais resultados parecem indicar que um quadro mais claro sobre o papel da variável Acento na produção palato-alveolar em posição de coda pode ser obtido se os seis fatores da Tabela 12 forem amalgamados em apenas dois fatores, tendo por base a força articulatória na emissão da sílaba. Desse modo, teríamos o fator *posição forte*, englobando as posições pré-pretônica, pretônica e tônica, e o fator *posição fraca*, reunindo palavras sem acento, posição pós-postônica e postônica. O Gráfico 9 a seguir apresenta os resultados para os fatores assim amalgamados.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Gráfico 9 – Variável Acento e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: fatores amalgamados

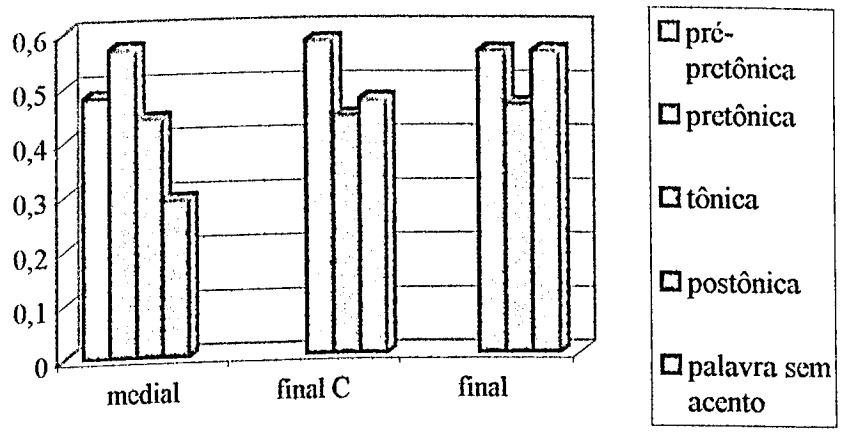


O resultado obtido segue o esperado. A posição *forte* apresenta-se como a maior indutora da produção palato-alveolar na coda, com peso relativo de 0,59, e a posição *fraca*, por sua vez, assume um valor pouco favorecedor, de 0,38.

A relação pouco ortogonal entre *Acento* e *Posição da Fricativa na Palavra*, apontada em 7.3.3.2, fornece mais elementos para a comprovação dos resultados expressos no Gráfico 9 anterior. O comportamento de cada um dos fatores da variável Acento para cada uma das posições que a fricativa pode ocupar na palavra é apresentado no Gráfico 10 a seguir.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Gráfico 10 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Acento e Posição da Fricativa na Palavra



O comportamento da variante palato-alveolar para a posição *medial* difere-se, por questões estruturais, do obtido para as posições *final de palavra diante de consoante* (referido como "final C" no Gráfico 10) e *final absoluta* (referido como "final" no Gráfico 10), já que acentos *pré-pretônicos* e *pretônicos* só ocorrem na primeira. O padrão obtido é semelhante ao apresentado na Tabela 12 anterior: as *pretônicas* (gastar) oferecem o maior peso relativo (0,57), seguidas pelas *pré-pretônicas* (colesterol), com peso relativo em torno do ponto de referência (0,48); as *tônicas* (mesmo) indicam relativamente o menor favorecimento - 0,44. O resultado mais baixo – 0,29 – relativo às *postônicas* refere-se apenas a quatro ocorrências, a saber os nomes próprios *UFSC* (Universidade Federal de Santa Catarina) ['ufiʃki] (3 ocorrências) e *Vendoviski* [vẽy'doviʃki] (1 ocorrência).

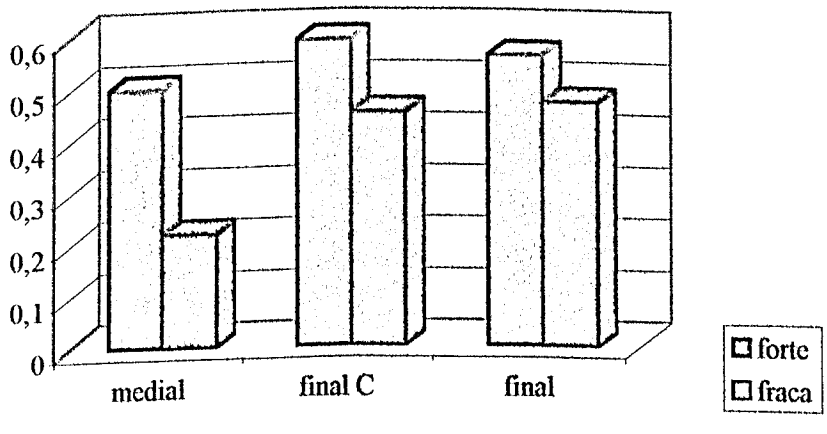
Para a *posição final de palavra diante de consoante*, não há casos de produção palato-alveolar em sílaba *pretônica*. A posição acentual de maior influência é a *tônica* (capaz de), com peso relativo de 0,58, contrariando, desse modo, a hipótese de Bhat (1978) sobre a maior ocorrência de palatalização de sibilantes em posição não-acentuada. As *postônicas* (ônibus velho) e as *palavras sem acento* (os carros) situam-se abaixo do ponto de referência, com pesos relativos de (0,44) e (0,47), respectivamente, tendendo ao pouco favorecimento.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Na posição *final absoluta*, assim como na posição *final de palavra diante de consoante*, em que *pretônicas* não estão em questão, a palatalização é favorecida tanto por *tônicas* (0,56) (luz) quanto por *palavras sem acento* (0,56) (mas); já as *postônicas* (ovos) situam-se um pouco abaixo do ponto de referência, com peso relativo de 0,46. O significado da equivalência entre os pesos relativos para os fatores *tônica* e *palavras sem acento* é, no entanto, questionável, visto que o total de ocorrências do último equivale a apenas 5,6% (214 ocorrências) do total de ocorrências da amostra (3 815 ocorrências).

De modo geral, depreendemos do Gráfico 10 que, caso /S/ esteja em posição *medial*, as *pretônicas* são mais propícias à produção palato-alveolar; se a palavra não possui sílaba pretônica, então as *tônicas* assumem o papel favorecedor. As *postônicas* e as *palavras sem acento* sempre tendem ao menor favorecimento. A fim de alcançar maior generalização, representamos, pois, a relação entre as variáveis Acento e Posição da Fricativa na Palavra conforme o Gráfico 11 a seguir.

Gráfico 11 - Produção da Palato-Alveolar em Posição de Coda: Acento e Posição da Fricativa na Palavra – fatores amalgamados



Em qualquer posição de /S/ na palavra, os contextos fortes surgem como os maiores favorecedores da produção palato-alveolar em comparação aos contexto fracos. O maior peso relativo indicativo de favorecimento, 0,59, é apresentado pelos contexto mais *fortes* em *posição final de palavra diante de consoante* (no Gráfico 10, referido como *final C*). Logo em seguida, estão os contextos *mais fortes* em *posição final*

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

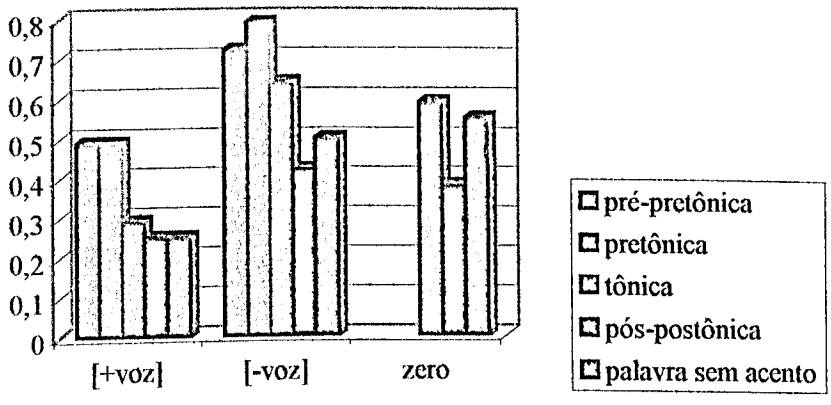
absoluta (no Gráfico 10, referido como *final*), com peso relativo de 0,56, e os contextos *mais fortes* em *posição medial*, com peso relativo de 0,50. Os contextos *fracos* apresentam valores em peso relativo sempre abaixo do ponto de referência 0,50, aproximando-se, porém, mais dos valores de favorecimento nas posições *final absoluta* (0,47) e *final de palavra diante de consoante* (0,45), mas bem mais distantes para a posição *medial* (0,22).

Dentre o contexto *forte*, a maior importância observada quanto ao fator *pretônico* em relação ao *tônico* para a produção do fenômeno é ainda constatada pela seleção de base estatística obtida nas rodadas realizadas separadamente para cada um dos fatores da variável *Posição da Fricativa na Palavra*: quando não há dados de sílaba pretônica, a variável *Acento* ou não é selecionada como estatisticamente relevante pelo programa Varb2000 (rodada apenas com os dados referentes ao fator *posição final absoluta*) ou é a penúltima selecionada (dados referentes à *posição final de palavra diante de consoante*). Poder-se-ia ainda pensar que o alto índice para *pretônica* está relacionado com a presença nos dados de muitas ocorrências envolvendo o prefixo *des-* (descalço), *ex-* (esforçar) e palavras iniciadas por sC (estado, escola), as quais sofreram epêntese vocálica na passagem do latim para o português. Porém, ao retirarmos tais dados da amostra e realizarmos outra rodada, os resultados continuam a apontar a predominância do fenômeno entre as sílabas *pretônicas* (*pretônicas* 0,73; *pré-pretônicas* 0,64; *tônicas* 0,53; *palavra sem acento* 0,44; *postônica* 0,39).

A relação entre as variáveis Acento e Traço [voz], expressa no Gráfico 12 a seguir, mostra que a predominância dos contextos silábicos fortes no favorecimento da regra está condicionada também pela energia de produção da consoante em contexto seguinte. Os contextos mais fortes, pré-pretônicos, pretônicos e tônicos (no Gráfico 12 representados por tons de azul), seguidos por contexto seguinte [-voz] apresentam pesos relativos indicativos de favorecimento da regra mais elevados do que os obtidos para os contextos mais fortes seguidos por traço [+ voz]. Do mesmo modo, contextos fracos, pós-postônicos, postônicos e palavras sem acento (em tons de amarelo), com pesos relativos mais baixos, mostram-se mais favorecedores quando seguidos por [-voz] do que quando seguidos por [+ voz].

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Gráfico 12 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Acento e Traço [voz]



Nota-se que a diferença é bastante clara até mesmo para as *pretônicas*, o contexto mais favorecedor. Desse modo, quando são seguidas por *[-voz]*, os pesos relativos apresentados são de 0,79 para *pré-pretônicas* (hospital) e 0,72 para *pretônicas* (descobre), mas seguidas por [+voz] assumem comportamento neutro (0,49 para *pré-pretônicas* (transmitir) e *pretônicas* (bisneto)).

A predominância do traço *[-voz]* para a produção da palato-alveolar é verificada claramente para as sílabas *tônicas* (0,64) (lasca), inclusive quando /S/ está em posição final absoluta (0,59) (luz), caso em que o traço referido assume o contexto por regra *default*. Os contextos seguintes *[+voz]* apresentam-se como pouco favorecedores (0,29) para as sílabas *tônicas* (mesmo).

Da mesma forma, para as *postônicas*, embora os pesos relativos sejam, no conjunto, mais baixos, os contextos *[-voz]* (0,42) (elis fugiram) e *zero* (0,38) (eram muitos) são ainda mais palatalizantes do que os *[+voz]* (0,25) (todus dois).

Os contextos *[+voz]* seguintes às *palavras sem acento* apresentam o mesmo comportamento do exposto para as sílabas *postônicas* (0,25) (as gaiolas). Já o *traço [-voz]* (0,50) (os carros) situa-se exatamente no ponto de referência, próximo ao peso relativo apresentado quando [- voz] é preenchido por regra default, ou seja, caso do fator *zero* (0,55).

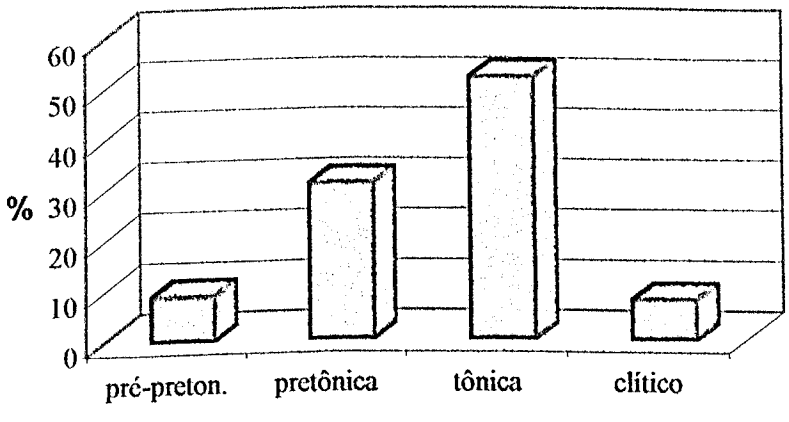
PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Podemos concluir, diante de tais resultados, que o contexto mais facilitador à palatalização é aquele em que a assimilação do traço *[-voz]* se dá a partir de um contexto forte. Daí o peso relativo mais alto das sílabas *pretônicas* em relação às *pré-pretônicas*, conforme apresentado na Tabela 12 e nos Gráficos 10 e 12.

Tal afirmação também justifica o menor peso relativo assumido pelas *tônicas* em relação às *pretônicas*, já que o traço *[-voz]* para as primeiras é tomado de uma sílaba postônica, ou seja, de uma sílaba produzida ainda com menos energia articulatória.

Seguindo esse raciocínio, o maior favorecimento mostrado no Gráfico 12 pelas *palavras sem acento* em comparação às *postônicas* justifica-se, portanto, pela possibilidade desse contexto assimilar o traço [-voz] da consoante de uma palavra seguinte iniciada por sílaba pretônica ou tônica e não apenas por outro clítico. De fato, o Gráfico 13 a seguir mostra justamente esse resultado.

Gráfico 13 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Papel do Acento da Sílaba em Contexto Seguinte ao Clítico (Contexto [- voz]) (em percentagem)



A palavra de conteúdo iniciada por sílaba *tônica* (as casas) constitui o contexto que mais favorece a produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda no clítico que a antecede (52%), resultado em concordância com a idéia de que a regra é preferencialmente motivada quando a assimilação do traço *[-voz]* se dá a partir de um contexto acentuado, tanto quando o processo se dá na palavra fonológica ou no grupo clítico. Em seguida, surgem as *pretônicas* (nos tapetes), em 31% dos dados

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

considerados. As *pré-pretônicas* (umas prestações) e as *palavras sem acento* (dá umas pros meninos) apresentam índices semelhantes e pouco significativos (9% e 8%, respectivamente), indicando que, até mesmo quando a palavra seguinte se inicia por uma consoante [-voz], ambiente altamente favorecedor, a distância dessa sílaba daquela que contém o acento primário influi consideravelmente na aplicação da regra.

A análise dos resultados obtidos para a variável Acento mostrou que os contextos mais favorecedores para a produção palato-alveolar em posição de coda são oferecidos pelas contextos mais fortes, entendidos como aqueles produzidos com força articulatória e expiratória maior na emissão da sílaba. A relação dessa variável com outras duas, Posição da Sílaba na Palavra e Traço [voz], indica que (i) em qualquer posição que /S/ possa ocupar na palavra ou na frase fonológica, os contextos mais fortes (sílabas pré-pretônicas, pretônicas, tônicas) sempre superam os mais fracos (sílabas postônicas e palavras sem acento) no favorecimento da produção palato-alveolar em posição de coda e (ii) a fricativa palato-alveolar é preferida quando /S/ assimila o traço [-voz] de um contexto forte seguinte; conseqüentemente, sílabas pretônicas sempre apresentam pesos relativos mais altos do que sílabas tônicas.

A seção seguinte discute os resultados para a variável Contexto Precedente.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

7.3.3.7 Contexto Precedente

A variável *Contexto Precedente* foi a segunda selecionada como estatisticamente relevante pela análise progressiva *step-up*, conforme o exposto em 7.3.2. Em relação à variável *Contexto Seguinte* (terceira selecionada), a maior relevância estatística de *Contexto Precedente* se justifica pelo fato de que /S/ e o contexto indutor (no caso, a vogal) estão não só na mesma sílaba, mas também pertencem à mesma unidade sub-silábica – a rima -, o que lhes confere restrições fonotáticas mais estreitas, de acordo com o *Princípio do Constituinte Imediato* (SELKIRK, 1982) (ver capítulo 4, seção 4.2.2.1). Tal configuração já não se estabelece entre /S/ e a consoante da sílaba seguinte (festa) ou da palavra seguinte (as nações).

A importância estatística da variável *Contexto Precedente* para a produção palato-alveolar na coda constitui mais um argumento em favor da adoção do tipo de representação silábica da forma defendida por SELKIRK (1982), em que a importância de restrições fonotáticas intra-sílaba é focalizada por uma representação arbórea de constituintes binários com nós rotulados (ver capítulo 4, seção 4.2.2.1).

Os fatores da variável Contexto Precedente estão reunidos na Tabela 13 adiante de acordo com os pressupostos da Teoria Unificada dos Traços para Consoantes e Vogais (CLEMENTS, 1989a, CLEMENTS, 1991, CLEMENTS; HUME, 1995). Em um exame inicial dos resultados apresentados, nota-se que a hipótese baseada em Bhat (1978) sobre a preferência das sibilantes por se palatalizarem após vogais posteriores, e não apenas após vogais frontais, é parcialmente confirmada. O fator *vogal e glide labiais* [w, u, o, ɔ] (**luz**; **Deus**), embora apresente peso relativo de 0,56, indicativo de favorecimento, está um pouco abaixo do fator *vogal dorsal [a]* (**as** nações), com peso relativo de 0,62. *Vogal e glide coronal* (**mesmo**, **mais**) surge como o fator que menos propicia a produção da fricativa palato-alveolar, apresentando peso relativo de 0,41, distante dos valores dos outros dois fatores e abaixo inclusive do ponto de referência. O fator *ausência de vogal* ([ʃ]cola para *escola*) constitui praticamente um *knockout*, com 99% de aplicação em apenas 0,7% de ocorrências do total da amostra. Ao redor do ponto de referência, com peso relativo de 0,49, está o fator *contóide* (perspectiva, Inamps).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Tabela 13 – Contexto Precedente e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda

FATOR	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Vogal e Glide Labiais (l[**u**]z; De[**w**]s)	5 689/6 540	87%	0,56
Vogal e Glide Coronais (m[**e**]smo; ma[**j**]s)	10 185/ 13 072	78%	0,41
Vogal Dorsal ([**a**]s nações)	4 674/5 275	89%	0,62
Ausência de Vogal ([ʃ]cola)	169/170	99%	0,92
Seqüência de Contóide (pe[**r**]spectiva; Inam[**p**]s; for[tʃ])	285/364	78%	0,49
TOTAL	21 004/25 428	83%	

input 0,87
significância 0,000

A proximidade do resultado em direção à palatalização apresentado pelos fatores *vogal dorsal* (0,62) e *vogal e glide labial* (0,56), se comparada ao fator *vogal e glide coronal* (0,41), merece alguns esclarecimentos.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Moraes, Leite e Callou (1996), com base em dados do NURC[25], apontam que o sistema vocálico do PB, devido a um processo de compactação, parece estar se distanciando tanto do PE quanto das médias estabelecidas por Catford (1988, p. 44) para o sistema quadrangular de vogais cardeais. Em especial, a vogal /i/ estaria centralizando-se (dimensão relacionada ao segundo formante F2) e a vogal /a/, elevando-se (dimensão relacionada ao segundo formante F1) e frontalizando-se.

Segundo os autores, essa tendência é geral, havendo, portanto, estados de dialetação verificados nas cinco capitais pesquisadas, a saber Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Quanto a Florianópolis, Borges de Faveri e Pagotto (2000), comparando os resultados de Moraes, Leite e Callou (1996) aos de Lima (1991), apontam que, em conformidade com a tendência apontada pelos primeiros autores, a vogal /i/ também dá mostras de estar sofrendo um processo de centralização, mas a vogal /a/, inversamente, surge com uma realização marcadamente elevada e posteriorizada, aproximando-se, assim, do PE.

Diante disso, os resultados da Tabela 13 parecem indicar que dois movimentos articulatórios são fundamentais para a facilitação da produção palato-alveolar em posição de coda no dialeto florianopolitano: um certo grau de elevação da lâmina da língua, facilitada pela produção característica da vogal /a/ nesse dialeto e a retração do corpo da língua, evidenciada pelo peso relativo de favorecimento tanto de *vogal e glide labial* (0,56) (/w, u, o, ɔ/) quanto de *vogal* (*/a/*) (0,62).

Assim como o obtido para a variável lingüística Contexto Seguinte, conclui-se que a variante palato-alveolar tende a ser mais favorecida por contextos que promovam a retração do corpo da língua e o levantamento desse articulador, o que, mais uma vez, evidencia a presença do nó Dorsal na representação das consoantes fricativas palato-alveolares, conforme o proposto no Capítulo 6.

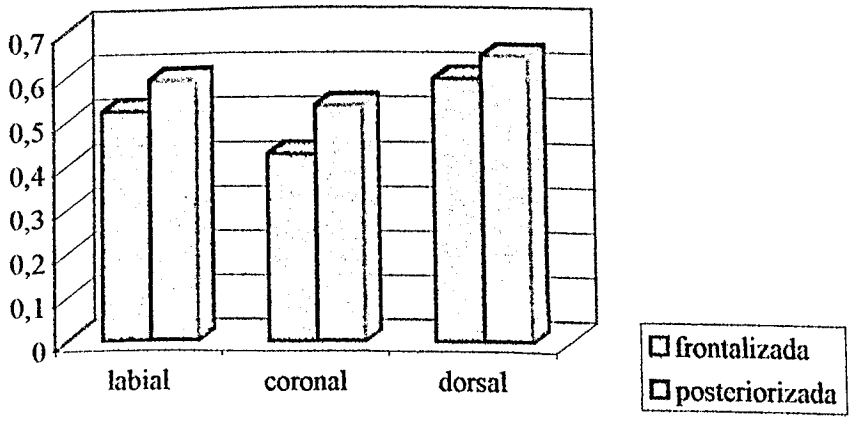
[25] Projeto Norma Urbana Culta que reúne dados de cinco capitais brasileiras: São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ, Porto Alegre-RS, Salvador-BA e Recife-PE.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Sobre o comportamento palatalizante das vogais labiais especificamente, acrescenta-se ainda uma justificativa acústica. Tanto esse grupo quanto o das fricativas palato-alveolares são ambos produzidos pela atuação do conjunto particular de músculos que realizam o fechamento dos lábios (HALLE; STEVENS, 1979, p. 342), associados, do ponto de vista acústico, à queda nas freqüências do segundo e terceiro formantes, principalmente (BROSNAHAN; MALMBERG, 1970, p.63-64). Como [ʃ, ʒ] apresentam freqüências mais baixas do que [s, z] (ver capítulo 2, seção 2.1.2), poderíamos supor, portanto, que a protusão e arredondamento labiais verificados em [w, u, o, ɔ] contribuem para abaixar freqüências de fricativas alveolares contíguas, facilitando, assim, a produção de fricativas palato-alveolares. Essa tendência já foi apontada na discussão dos resultados da variável Contexto Seguinte, com relação às consoantes labiais que seguem /S/.

Se assumimos que o movimento de retração da língua desempenha papel relevante na produção variável da fricativa palato-alveolar, parece lícito crer que quanto mais posteriorizada for a articulação da vogal precedente, até mesmo para os contextos menos favorecedores, pesos relativos cada vez maiores serão obtidos. O Gráfico 14 a seguir mostra que tal tendência é plenamente confirmada: à medida que o corpo da língua se retrai no trato oral em cada uma das séries representadas, os pesos relativos mostram-se mais altos. Além disso, a característica [+ posterior] da vogal /a/ no dialeto é evidenciada pela maior proximidade dos resultados entre a série dorsal e a série labial em comparação à série dorsal e a coronal.

Gráfico 14 - Contexto Precedente e Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda: Particularidades Articulatórias do Contexto Precedente



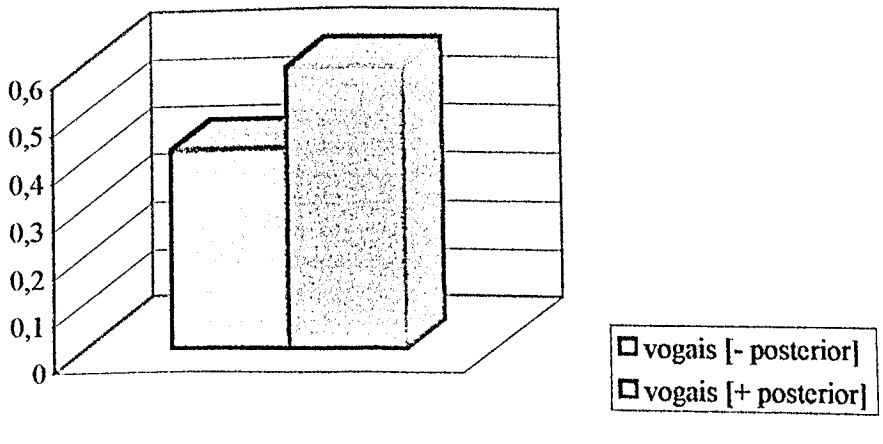
PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

As vogais dorsais, com pesos relativos mais altos no geral, aumentam de 0,59 em /a̱/ ([laʃ]ca) para 0,64, referente à /a̲/ ([kaʃ]ca). Com relação às consoantes *labiais*, embora os resultados sejam indicativos de favorecimento à aplicação da regra, vê-se que há uma pequena diminuição no peso relativo referente à vogal *labial frontalizada* (0,52) ([luʃ]) em comparação às *labiais posteriorizadas* (0,59) ([kuʃ]tume).

As *vogais coronais* surgem como os contextos relativamente menos influentes. Mesmo assim, *vogais coronais posteriorizadas* ([xeʃ]peito) apresentam peso relativo de 0,53, ao redor do ponto de referência, mas superior ao apresentado pelas *vogais coronais frontalizadas* ([teʃ]to) (0,42).

Diante de tal quadro, pode-se concluir que o Gráfico 14 indica a tendência de todos os fatores em privilegiar a palatalização em contextos posteriorizados ou não-frontalizados. Tal resultado confirma-se pelo Gráfico 15 abaixo, em que apenas vogais frontais [j, i, e, ɛ] e vogais posteriores [w, u, o, ɔ], acrescidas pela vogal [a], são considerados. As *vogais posteriores*, como o esperado com base nos resultados até agora discutidos, surgem como as maiores favorecedoras, com peso relativo de 0,59. Distante desse valor e abaixo do ponto de referência, situam as *vogais frontais*, com peso relativo de 0,42.

Gráfico 15 – Contexto Precedente e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: fatores amalgamados de acordo com o traço [posterior]

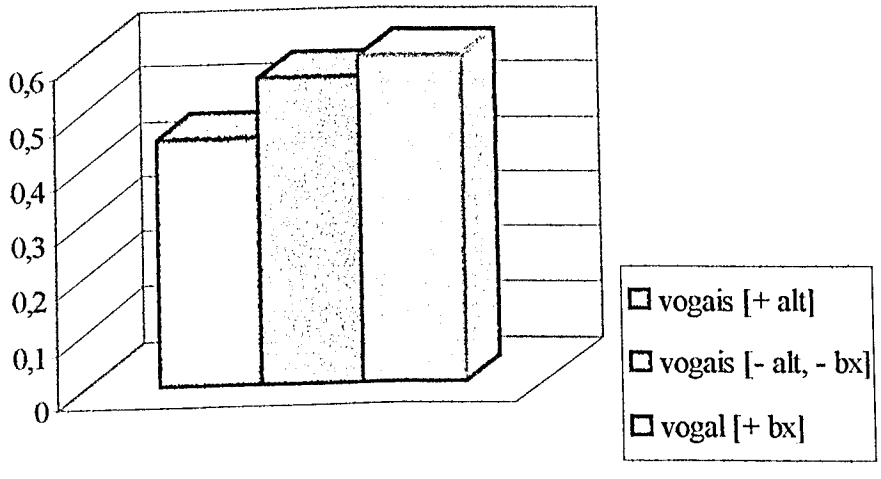


PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

A importância do movimento de retração do corpo da língua para a produção palato-alveolar da fricativa em posição de coda no dialeto florianopolitano concorda com o resultado obtido para a variável *Contexto Seguinte* (ver seção 7.3.3.5), o qual aponta também a relevância do traço [alto].

A reunião dos fatores da variável Contexto Precedente de acordo com o traço de altura, conforme expõe o Gráfico 16 a seguir, mostra, de modo diverso do obtido para Contexto Seguinte, que são os contextos precedentes vocálicos [+ baixo] e [-alto, - baixo] os que apresentam pesos relativos indicativos de favorecimento (0,60 e 0,56, respectivamente). O contexto [+alto] exibe o peso relativo mais baixo (0,45), apontando para uma tendência comparativamente menos favorecedora.

Gráfico 16 – Contexto Precedente e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: fatores amalgamados de acordo com o Traço [alto]



Concluímos, diante dos resultados até aqui apresentados, que os contextos precedentes favorecedores são as vogais [+ posterior], [+ baixo] (/a/) e, as vogais [- alto, - baixo] (/o, ɔ/). Considerando-se o fato de que a vogal /a/ é mais elevada no dialeto em exame, tal resultado geral parece mostrar, do ponto de vista articulatório, que a vogal antecedente mais indicativa da produção da variante palato-alveolar é aquela em que o maior volume do corpo da língua está um tanto mais elevado no trato oral em relação à posição de repouso e um tanto recuado, o que contribui para a configuração do formato cupulado de língua característico de [ʃ, ʒ] e para a localização da constrição

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

coronal (aproximação entre lâmina da língua e borda da arcada alveolar) mais para trás no trato oral em comparação a [s, z].

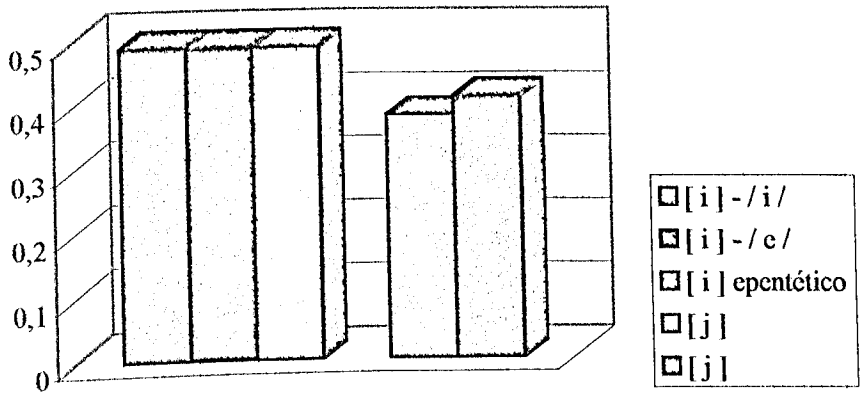
O papel relativamente pouco saliente de [+ alto] parece estar relacionado, no caso de [i], ao posicionamento do maior volume do corpo da língua na área mais anterior do trato oral, o que torna custoso o movimento de retração do corpo da língua, de importância para a produção da variante palato-alveolar, conforme apontam os resultados.

A produção mais centralizada verificada por Borges de Faveri e Pagotto (2000) para [i] não se expressa em nossos resultados com tendência a motivar a regra em estudo. O peso relativo relativamente mais baixo apresentado pelo fator *vogal e glide coronal* na Tabela 13 e pelo fator *coronal (frontalizado e posteriorizado)* no Gráfico 14 descarta a possibilidade de se interpretar a palatalização da fricativa alveolar em posição de coda como motivada principalmente por um ambiente contíguo coronal. Isso vai de encontro ao obtido para a palatalização da fricativa alveolar no Rio de Janeiro-RJ (Scherre e Macedo, 2000), conforme mencionado em 7.2.1.2.1, e ao mesmo tempo coloca em questão a afirmação bastante freqüente na literatura de que o processo de palatalização envolve apenas o movimento da parte anterior da língua em direção ao palato duro (ver capítulo 2, seção 2.1.4).

Outra evidência para esse fato envolve, dentre os contextos coronais altos, o comportamento do glide [j] em comparação à vogal [i]. O Gráfico 17 adiante, com dados apenas de palavra fonológica, mostra que o glide coronal se apresenta como menos indutor ainda à produção palato-alveolar do que a vogal frontal alta [i], um resultado contrário ao defendido por Neeld (1973) (ver capítulo 2, seção 2.1.4) com base em sua escala de sonoridade, onde /j/ surge como o ambiente mais favorecedor a processos de palatalização nas línguas.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Gráfico 17 - Contexto Precedente e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: comparação entre os resultados obtidos para [j] e [i] na palavra fonológica



De modo geral, os pesos relativos para o glide coronal expressos no Gráfico 17 (em tons de azul) - 0,38 para o [j] e 0,41 para [j] - são inferiores aos obtidos para a vogal coronal alta, independentemente do fato de estar presente no léxico profundo (l[iʃ]ta) (0,49), ser produzida durante a flexão (el[iʃ]) (0,49) ou constituir uma inserção (sub[iʃ]tituto) (0,49). Em todos os casos, o peso relativo está ao redor do ponto de referência, mas acima dos obtidos para o glide coronal.

No casos em que o glide coronal [j] é apagado, processo raro no PB mas comumente encontrado no dialeto florianopolitano em itens como *seis, réis, demais, dois, mais, Limões*[26], *vais* e *depois*, nota-se um aumento da produção da variante palato-alveolar na coda. Desse modo, em uma ocorrência como *mais*, por exemplo, que ocorre na amostra 1 565 vezes, sendo 1 356 vezes com a produção do glide e 177 vezes sem o glide, é constatada palatalização na coda em 58% das ocorrências do primeiro tipo (não tem ma[jʃ] futuro) e em 96% do segundo (o filho m[aʒ] velho). Outros exemplos seguem esse mesmo padrão: para *seis* (264 ocorrências), a produção da fricativa palato alveolar ocorre em 90% dos casos em que há apagamento do glide (s[eʒ] dias de choro) e em 76% dos casos em que o glide é produzido (trinta e se[jʃ]); para *dois* (341 ocorrências), a produção da fricativa palato alveolar ocorre em 100% dos casos em que

[26] Saco dos Limões, bairro do município de Florianópolis-SC.

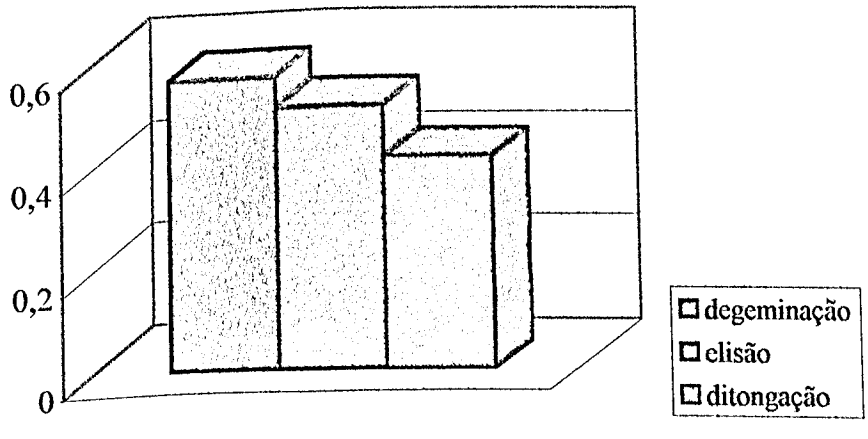
PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

há apagamento do glide (d[oʒ] dias) e em 85% dos casos em que o glide é produzido (vinte e do[jʃ]).

Ainda com relação ao contexto coronal precedente, os baixos pesos relativos indicativos da produção palato-alveolar em posição de coda também são verificados para os casos de sândi externo envolvendo seqüências sC que receberam a prótese de uma vogal [i] (ver capítulo 4, seção 4.4.1.2), como se verifica, por exemplo, em *pra escrever, ele estuda, coisa estúpida.* Em tais casos, o choque entre os núcleos silábicos de cada uma das palavras (pr[**a**] [**i**]screver) conduz à perda do núcleo mais fraco e, conseqüentemente, à ressilabação. É nesse momento que os processos comuns de sândi externo – ditongação, elisão e degeminação – podem ocorrer.

O Gráfico 18 a seguir mostra que o maior índice atingido está nos casos de *degeminação* (0,57) (el[iʃ]tuda) e *elisão* (0,51) (coiz[iʃ]túpida), em que os valores se encontram ao redor do ponto de referência. Logo abaixo está a *ditongação* (0,41) (pr[ayʃ]crever), resultado em conformidade com apresentado no Gráfico 17 que aponta o glide coronal [j] como o ambiente vocálico menos favorecedor à produção palato-alveolar na coda.

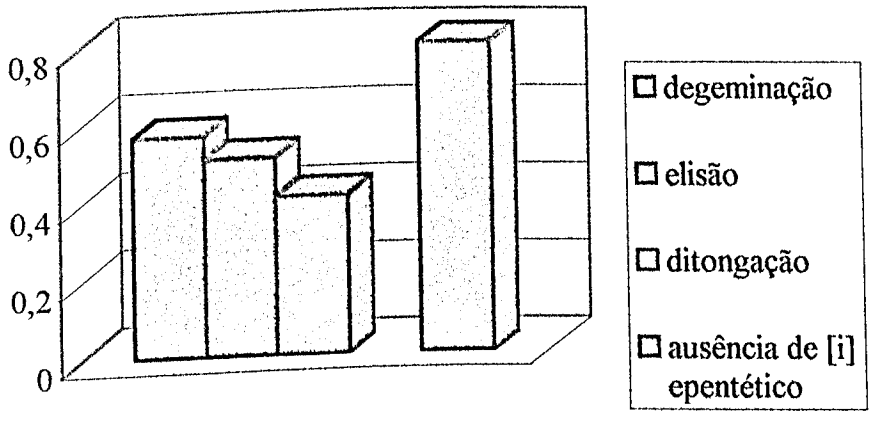
Gráfico 18 - Contexto Precedente e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: contexto vocálico coronal alto em processos de sândi externo



PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

No entanto, ao observarmos os casos de sândi externo envolvendo seqüências sC em que a prótese de uma vogal [i] não ocorreu (n[aʃ]cola para *na escola*), observamos um aumento considerável do papel favorecedor do contexto precedente vocálico na palatalização da consoante em posição de coda, já que um contexto vocálico dorsal ou labial passa a ser imediato ao /S/. O Gráfico 19 a seguir implementa o Gráfico 18 anterior ao apresentar os resultados em peso relativo para ambas as situações, isto é, para os casos em que houve epêntese e para os que não apresentaram epêntese. Nitidamente, o segundo caso apresenta-se como mais favorecedor, com peso relativo de 0,80.

Gráfico19 - Contexto Precedente e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: presença e ausência de contexto vocálico coronal alto diante de sC

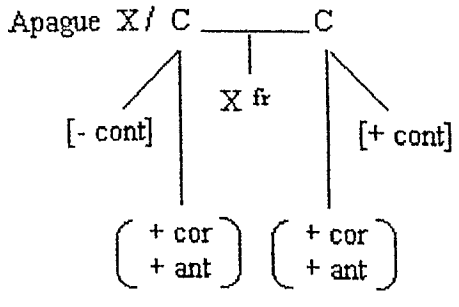


Os casos em que não ocorreu a epêntese de uma vogal alta apresentados no Gráfico 19 anterior são precedidos por vogal ou glide labial, como em *eu escrevo* ([ewʃ]crevo), *um escândalo* ([ũʃ]cândalo, *o espetáculo* ([uʃ]petáculo). As ocorrências análogas em que sC é precedida por vogal dorsal, como em *a esposa* ([aʃ]posa), *já estudei* ([ʒaʃ]tudei), *ela estaria* (el[aʃ]taria), *da estrada* (d[aʃ]trada), constituem casos de *knockout* na amostra, com 100% de aplicação da variante palato-alveolar (56/56 = 100%). Vê-se, desse modo, que tanto na palavra fonológica quanto na frase fonológica, os contextos vocálicos dorsais e labiais são mais favorecedores à produção da palato-alveolar em posição de coda do que os coronais.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

A Tabela 13 mostra que pouco favorecedor ao processo em exame também é o contóide precedente a /S/, independentemente da contigüidade já existir na estrutura subjacente, como em *perspectiva* (pe[ɾʃ]pectiva), ou ser criada pela formação de uma seqüência de contóides a partir (a) do não preenchimento de uma posição V vazia subjacente, como em *substituto* (su[bʃ]tituto) (ver capítulo 4, seção 4.4.1.2) ou (b) da queda da vogal entre a oclusiva e a fricativa em ocorrências como *sa*[bʃ] *pouco de matemática* (sabes pouco de matemática) e *gru*[pʃ]*colar* (grupo escolar). Esse tipo de apagamento que ocorre entre consoantes oclusivas [- coronal] e fricativas e em contexto átono ainda não mereceu um exame detalhado nos estudos sobre fonologia do português. Não intencionamos levá-lo adiante no presente trabalho, porém observamos que as ocorrências relativas a esse processo não são consideradas pela regra de Síncope proposta por Bisol e Hora (1995, p. 18) para a queda de vogal átona verificada entre consoantes oclusivas [+ coronal, + anterior] e fricativas, conforme o apresentado em (92).

(92) Síncope da Vogal Átona



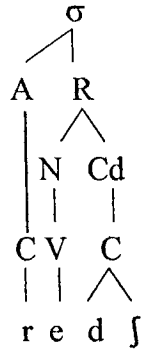
Onde X é qualquer vogal átona, menos /a/.

A regra de Síncope como formulada em (92) conduz à conclusão de que a africada palato-alveolar verificada no nível da palavra, como em *antes* (an[tʃ]), *dependentes* (dependen[tʃ]), ou no nível da frase, como em *a gente escreveu* (gen[tʃ]creveu), *dando estudo* (dan[d̪ʃ]tudo), pode ser tanto criada pelo segundo estágio da regra de palatalização da oclusiva alveolar (ver Capítulo 5), que torna africada uma consoante oclusiva com articulação secundária vocálica, quanto pelo processo de

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

palatalização da fricativa na coda. De modo geral, três processos pós-lexicais de aplicação opcional dão conta de tais ocorrências, a saber: a síncope da vogal átona, de acordo com (92), a palatalização da oclusiva alveolar e a palatalização da fricativa alveolar. O resultado final, uma rima constituída por coda consonantal bifurcada em duas raízes, conforme ilustra (93) adiante, não é bloqueado pelo Princípio de Preservação de Estrutura, já que esse se restringe apenas ao controle de regras lexicais.

(93)



Com base em dialetos que não produzem a fricativa palato-alveolar na coda (doravante Dialeto A), Bisol e Hora (1995) constatam que a regra de síncope em (92) e a regra de palatalização da oclusiva encontram-se em relação mútua de sangramento: a aplicação da regra de palatalização da oclusiva retira o contexto para a aplicação da regra de síncope e vice-versa. No Quadro 11 a seguir, observa-se que tanto a aplicação de uma regra como de outra conduz a resultados possíveis.

Quadro 11– Dialeto A: relação entre as regras pós-lexicais de palatalização da oclusiva e síncope da vogal átona final

Pós-Léxico	[redis][27]	[redis]	[redis]
Síncope	reds	_____	_____
Palatalização /t, d/	_____	redʲis	_____
Output	[reds]	[redʲis]	[redis]

[27] Estamos considerando que a regra de neutralização da vogal em posição de sílaba átona final ocorre ainda no componente lexical. No entanto, a questão é discutível.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Uma ocorrência como [reḍʃ] nesse dialeto, embora rara, só é possível se a palatalização da oclusiva alveolar ocorrer, pois caracteriza-se como resultado do segundo estágio desse processo, quando a articulação secundária da consoante palatalizada ([tʲ] ou [dʲ]) é promovida à articulação primária. Conseqüentemente, a aplicação da regra de síncope elimina qualquer possibilidade de ocorrência de uma variante africada, já que retira o contexto para aplicação da palatalização da oclusiva alveolar.

No dialeto florianopolitano em exame, representante dos dialetos que produzem a variante palato-alveolar na coda (Dialeto B), a palatalização da fricativa em posição de coda tem a capacidade de sangrar a Síncope, mas não o contrário, já que a primeira não se restringe à aplicação em contexto coronal alto, como a palatalização da oclusiva alveolar. Como não há um ordenamento fixo entre as três regras, são apresentadas nos Quadros 12 e 13, as combinações possíveis que ocasionam as ocorrências encontradas na amostra.

Quadro 12 – Dialeto B: relação entre as regras pós-lexicais de palatalização da oclusiva em posição de ataque, palatalização da fricativa em posição de coda e síncope da vogal átona final

Pós-Léxico	[redis]	[redis]	[redis]	[redis]
Síncope	reds	———	———	———
Palatalização /t, d/	———	redʲis	———	———
Palatalização /S/	redʃ	redʲiʃ	rediʃ	———
Output	[reḍʃ]	[redʲiʃ]	[rediʃ]	[redis]

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Quadro 13 – Dialeto B: relação entre as regras pós-lexicais de palatalização da oclusiva em posição de ataque, palatalização da fricativa em posição de coda e síncope da vogal átona final

Pós-Léxico	[redis]	[redis]	[redis]	[redis]
Palatalização /t, d/	red^{j}is	———	———	———
Palatalização /S/	red^{j}iʃ	rediʃ	———	———
Síncope	———	———	reds	———
Output	[red^{j}iʃ]	[rediʃ]	[reds]	[redis]

Uma ocorrência como [red̥ʃ] é possível nesse dialeto independentemente da aplicação da regra de palatalização da oclusiva alveolar, como se observa na segunda coluna do Quadro 12, já que a regra de síncope não sangra a palatalização da fricativa na coda.

Já em 13, nota-se, nas segunda e terceira colunas, que tanto os processos de palatalização da oclusiva alveolar quanto o da fricativa na coda sangram a regra de síncope da átona final.

A aplicação opcional da regra de síncope em um dado como *a gente escreve sempre*, por exemplo, conforme mostram os Quadros 14 e 15 a seguir, indica que a seqüência gen[tʃ]creve pode ser originada tanto a partir da palatalização da oclusiva diante da vogal [i] quanto a partir da palatalização da fricativa na coda, independentemente inclusive da prótese da vogal [i] diante de sC. No primeiro caso, em que [tʃ] é criada pela regra de palatalização da oclusiva alveolar, um caminho possível seria conforme o apresentado no Quadro 14 a seguir.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Quadro 14 – Dialeto B: criação da africada palato-alveolar a partir da não aplicação da regra de síncope

Pós-léxico	gen[ti] [iS]creve
Degeminação	[tiS]
Síncope	———
Palatalização de /t,d/	[tʲiS]
Palatalização de /S/	[tʲiʃ]
Promoção do traço secundário da consoante	[tʃʃ]
OCP	[tʃ]
Output	gen[tʃ]creve

Nota-se que, mesmo sem a prótese de [i], a africada também seria criada. Caso a regra de síncope sangre a palatalização da fricativa alveolar, [tʃ] deixa de ser criado pelo processo de promoção mencionado anteriormente, constituindo-se apenas como fruto da ressilabação. Esse output é possível independentemente da ocorrência de epêntese da vogal [i] diante de sC. O Quadro 15 a seguir considera o caso de sua ocorrência. Se a vogal [i] não é produzida, a regra de degeminação deixa de operar.

Quadro 15 - Dialeto B: criação da africada palato-alveolar a partir da aplicação da regra de síncope

Pós-léxico	gen[ti] [iS]creve
Degeminação	[tiS]
Síncope	[ts]
Palatalização de /t,d/	———
Palatalização de /S/	[tʃ]
Output	gen[tʃ]creve

Tendo em vista que a palatalização da oclusiva alveolar é ainda uma regra incipiente no dialeto em exame, conforme mencionado anteriormente, e que a

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

palatalização da fricativa alveolar se apresenta comumente, supomos ser bastante provável que as consoantes africadas sejam formadas mais freqüentemente pelo segundo processo.

Os resultados gerais para a variável Contexto Precedente indicam, portanto, que os contextos favorecedores à produção palato-alveolar em posição de coda são a vogal dorsal e as vogais labiais. Considerando-se que a vogal /a/ é, no dialeto florianopolitano, mais elevada e mais recuada, conclui-se que os contextos mais indutores são os que promovem a retração do corpo da língua e o levantamento desse articulador. Cremos que tal particularidade funciona como um argumento a mais a favor da presença do nó dorsal na representação das consoantes fricativas palato-alveolares. Os contextos vocálicos coronais apresentam-se como pouco favorecedores, quer estejam presentes na estrutura subjacente, quer sejam originados por processos de neutralização, harmonização vocálica, epêntese ou ditongação. As consoantes africadas que se formam devido à aplicação opcional de uma regra de síncope da vogal átona entre consoantes coronais podem ser criadas tanto pela palatalização da fricativa na coda quanto pelo segundo estágio da regra de palatalização da oclusiva alveolar.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

7.3.3.8 Função Morfológica

Embora não tenhamos proposto nenhuma hipótese específica com respeito ao papel da variável *Função Morfológica* na produção da variante palato-alveolar em posição de coda, as informações fornecidas pela rodada principal efetuada pelo Varb2000 permitem que as duas questões propostas em 7.2.1.2.1 sejam respondidas. Desse modo, constatamos que a variável é estatisticamente relevante, pois foi a quarta variável lingüística selecionada pela análise progressiva *step-up*. Além disso, os resultados, expostos na Tabela 14 adiante, sugerem que os processos de derivação e de flexão não motivam a produção da palato-alveolar em posição de coda do mesmo modo.

Mesmo entre prefixos e sufixos o comportamento é diferenciado com relação ao favorecimento do processo em exame. Apesar do pequeno número de dados apresentado por cada fator (*sufixo* compreende 1,2% da amostra e *prefixo*, 2,3%), os prefixos (**des**cascar) se mostram como mais favorecedores à produção palato-alveolar em posição de coda, com peso relativo de 0,59, em comparação aos sufixos (desenh**ista**), cujo peso relativo de 0,49 aponta para a neutralidade do fator.

Os processos de flexão, nominal ou verbal, tendem a motivar a palatalização. O fator *desinência verbal* (somus), embora concentre apenas 3,7% do total de dados da amostra considerada na pesquisa, atinge o peso relativo de 0,54. Mais favorecedor ainda é o fator *morfema de plural* (vacas), com peso relativo de 0,65.

O fator *radical*[28] (mesmo) surge como o menos palatalizante, com peso relativo de 0,40.

[28] O fator *radical* reúne também as ocorrências do fator *seqüência sC* (estado).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Tabela 14 – Variável Função Morfológica e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda

FATOR	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Radical (mesmo)	11 420/14 312	80%	0,40
Sufixo (desenhista)	272/317	86 %	0,49
Prefixo (**des**cascar)	551/583	95 %	0,59
Desinência verbal (fi**z**; so**mus**)	771/941	82 %	0,54
Morfema de plural (va**cas**; flo**res**)	7 703/8 904	87 %	0,65
TOTAL	20 717/25 057	83 %	

input 0,87
significância 0,000

Os fatores da variável Função Morfológica estão dispostos na Tabela 14 anterior de acordo com a proposta de estruturação do léxico adotada no presente estudo para a língua portuguesa (ver Capítulo 3). O exame dos resultados, a partir da linha superior da tabela, aponta para o fato de que os pesos relativos tendem a aumentar à medida que os níveis terminais do léxico são alcançados.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

O fator *radical*, relativo ao nível mais profundo do léxico, apresenta-se como o menos favorecedor, com peso relativo de 0,40.

Em seguida estão os fatores referentes aos processos derivacionais, os quais não se comportam sempre como indutores. Apesar de exibirem uma distribuição não equilibrada do total de ocorrências com relação aos outros fatores da variável, é possível afirmar que a principal justificativa para a diferença de motivação apresentada por *sufixo e prefixo* está no papel, já discutido em 7.3.3.6, da variável lingüística Acento: as ocorrências do fator *prefixo* (0,59) estão em sílaba *pré-pretônica* (**des**cascar) ou *pretônica* (**des**monta), ambiente altamente favorecedor (pesos relativos de 0,64 e 0,71, respectivamente), e as ocorrências do fator *sufixo* (0,49) estão em sílaba *tônica*, contexto neutro (0,51).

Os fatores representativos dos processos flexionais se mostram sempre motivadores da produção palato-alveolar em posição de coda. O valor mais alto obtido na Tabela 14 - 0,65 - refere-se, inclusive, ao fator *morfema de plural*.

Em suma, os resultados para a variável Função Morfológica mostraram basicamente que há uma considerável diferença na motivação da regra de palatalização da fricativa em posição de coda quando se considera o fato de /S/ estar no radical ou desempenhar a função de morfema de plural. Essa última constitui a preferida para a variante em exame.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

7.3.4 As variáveis sociais

7.3.4.1 Seleção das variáveis sociais

Devido à impossibilidade de rodar conjuntamente todas as variáveis lingüísticas e sociais propostas no presente estudo, conforme discutido em 7.3.2, foram realizadas rodadas entre o grupo principal de variáveis lingüísticas - *Posição da Fricativa na Palavra, Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Traço [voz], Acento* e *Função Morfológica* - e cada uma das principais variáveis sociais - *Região, Faixa Etária, Escolaridade, Gênero*.

O objetivo principal desse procedimento é o estabelecimento de um quadro comparativo referente à relevância estatística entre variáveis lingüísticas e sociais no condicionamento da produção palato-alveolar em posição de coda.

Os resultados indicaram que em todas as rodadas realizadas (i) tanto as variáveis lingüísticas quanto as sociais foram selecionadas como estatisticamente relevantes e (ii) exceção feita à variável Gênero, todas as outras variáveis sociais foram sempre as últimas selecionadas, fato que indica, comparativamente, a menor relevância estatística desse grupo de variáveis para a regra em exame. O Quadro 16 a seguir apresenta as seleções efetuadas pela análise progressiva *step-up* do programa Varb2000 nas quatro rodadas principais realizadas.

Quadro 16 – Seleção efetuada pelo Varb2000: Variáveis Lingüísticas e Sociais

Traço [voz]	Traço [voz]	Traço [voz]	Traço [voz]
Contexto Precedente	Contexto Precedente	Contexto Precedente	Contexto Precedente
Contexto Seguinte	Contexto Seguinte	Contexto Seguinte	**Gênero**
Função Morfológica	Função Morfológica	Função Morfológica	Função Morfológica
Acento	Acento	Acento	Contexto Seguinte
Posição	Posição	Posição	Acento
Região	**Faixa Etária**	**Escolaridade**	Posição

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Desse modo, a análise das quatro seleções principais obtidas indica que *Gênero* é a variável social estatisticamente mais relevante e *Região, Faixa Etária* e *Escolaridade* assumem grau equivalente de importância estatística, pois são sempre as últimas selecionadas.

Com o objetivo de estabelecer uma hierarquia estatística entre essas variáveis, realizamos uma outra rodada apenas com as variáveis sociais. A base para a validade da informação estatística oferecida por esse tipo de procedimento está na pressuposta não interação entre variáveis lingüísticas e sociais[29], resultado da ausência de independência entre variáveis (ver seção 7.2.6.2). Nesse sentido, afirma Sankoff (1988) que

> [...] Empirical studies of speech communities which are relatively homogeneous socially have tended not to find such interaction; with some exceptions, age and sex differentiation in phonology, morphology and syntax is generally quantitative rather than qualitative [...] (SANKOFF, 1988, p. 992)[30].

A seleção efetuada pela análise progressiva *step-up* nessa nova rodada é apresentada em (94). Como o esperado, confirma-se a maior relevância de Gênero. Entre as variáveis sociais que demonstraram status idêntico no Quadro 16 anterior, verifica-se que *Escolaridade* é a segunda mais significativa, seguida por *Região*. *Faixa Etária* mostra-se a menos relevante para a produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda[31].

---

[29] Sankoff e Labov (1979, p. 210-212) discutem um caso de possível interação entre fator social e lingüístico.

[30] Estudos empíricos de comunidades de fala que são relativamente homogêneas do ponto de vista social tendem a não apresentar tais interações; com algumas exceções, a idade e a diferenciação de sexo na fonologia, morfologia e sintaxe é geralmente antes quantitativa do que qualitativa [...].

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

(94)

1. Gênero
2. Escolaridade
3. Região
4. Faixa Etária

A discussão dos resultados para as variáveis sociais obedecerá a seguinte ordem de exposição: *Região, Faixa Etária, Gênero* e *Escolaridade*. A alteração verificada com relação à ordem de seleção oferecida em (94) se justifica pela facilidade de interpretação dos resultados obtidos diante das hipóteses estabelecidas em 7.2.1.2.2.

7.3.4.2 Questão referente à variável Informantes

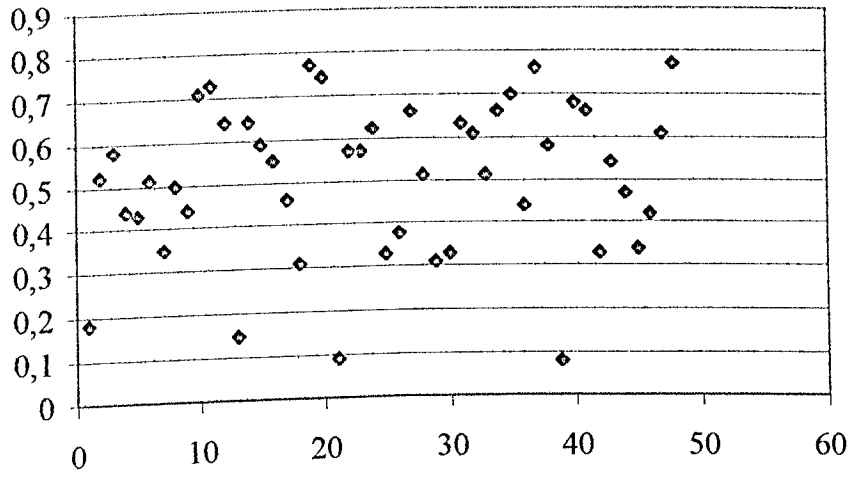
Por originarem pesos relativos muito baixos com relação à produção palato-alveolar em posição de coda, dois informantes do distrito de Florianópolis foram desconsiderados no arquivo de condições.

O Gráfico 20 a seguir possibilita a comparação entre os pesos relativos obtidos para cada um dos informantes do distrito de Florianópolis. Os informantes em questão localizam-se abaixo da linha indicativa de peso relativo 0,10 e se referem, respectivamente, a uma mulher, entre 41-60 anos, com nível superior completo, e a um homem, entre 25-40 anos, com 11 anos de escolarização.

[31] Nota-se que não houve alteração dos pesos relativos referentes aos fatores que compõem essas variáveis em comparação aos pesos relativos obtidos nas rodadas apresentadas no Quadro 16.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Gráfico 20 – Informantes Florianópolis e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda



Uma análise preliminar dos resultados mostrou que a presença de tais índices interfere de modo relevante nos resultados para as variáveis sociais *Faixa Etária* e *Escolaridade*, comprometendo, assim, o alcance de generalizações.

7.3.4.3 Questão referente à interação

De modo contrário ao constatado geralmente entre variáveis lingüísticas e sociais, a situação de interação real entre variáveis sociais é bastante comum. Assim, conforme afirma Sankoff (1988, p. 992), "Interaction among extralinguistic factors, however, is quite usual"[32].

Cremos que esse tipo de relação se estabelece em nosso estudo para as variáveis *Região* e *Faixa Etária*. A disposição dessas duas dimensões sociais de análise em um tabela bi-dimensional, conforme apresenta a Tabela 15 adiante, possibilita a avaliação do modo como se dá a aplicação da regra de palatalização da fricativa em posição de coda pelas células originadas. Como foi utilizado o programa Cros3000, parte do pacote VARBRUL 2S, os resultados são oferecidos em percentagem.

Os totais de aplicação analisados verticalmente (última coluna da direita), indicam que *Barra da Lagoa* é o distrito que mais produz a variante em exame, com

[32] Interação entre variáveis extralingüísticas, no entanto, é bastante comum.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

percentagem de 85% de aplicação. Porém, a análise por *Faixa Etária* não confirma totalmente esse resultado: enquanto para a faixa dos *adultos* (41-60 anos) e *adultos jovens* (25-40 anos), respectivamente, *Barra da Lagoa* (89%) e *Barra da Lagoa* (85%) *e Florianópolis* (86%) surgem como os distritos onde os índices são mais elevados, os *idosos* de *Florianópolis* (85%) superam no favorecimento os *idosos* da Barra (82%).

Os resultados para *Faixa* Etária também não apontam para a mesma direção. Os totais de aplicação analisados horizontalmente (última linha da Tabela 15) indicam que os *idosos* (84%) e os *adultos jovens* (84%) são os que mais produzem a variante em exame. No entanto, apenas *Florianópolis* está de acordo com o oferecido por essa análise, já que o maior favorecimento da produção palato-alveolar está em *idosos* (85%) e os *adultos jovens* (86%). Para o *Ribeirão da Ilha* e para a *Barra da Lagoa*, diferentemente, são os *adultos* (41-60 anos) os que oferecem percentagens mais altas (84% e 89%, respectivamente).

Tabela 15 – Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda: Região e Faixa Etária

	61 anos ou mais	41-60 anos	25-40 anos	**TOTAL**
Florianópolis	3 764/4 411 = 85%	3 063/3 951 = 78%	3 229/3 764 = 86%	**10 056/12 126 = 83%**
Ribeirão da Ilha	658/799 = 82%	982/1 169 = 84%	1 519/1 873 = 81%	**3 159/3 841 = 82%**
Barra da Lagoa	895/1 094 = 82%	1 419/1 593 = 89%	2 205/2 605 = 85%	**4 519/5 292 = 85%**
TOTAL	**5 317/6 304 = 84%**	**5 464/6 713 = 81%**	**6 953/8 242 = 84%**	

Podemos inferir, portanto, que os totais não refletem os padrões expressos pelos contextos quanto à produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda porque os grupos de fatores apresentam efeitos não independentes, ou seja, interagem (SANKOFF, 1988, p. 986).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Na seção 7.3.4.4 adiante, os resultados para o cruzamento apresentado na Tabela 15 serão discutidos com base em uma análise multidimensional realizada pelo programa Varb2000. Embora não tenhamos detectado entre as outras variáveis sociais nenhum caso de interação ou dependência, diversos cruzamentos serão apresentados com o objetivo único de atingir maior compreensão a respeito da complexa estrutura criada pelas variáveis em conjugação.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

7.3.4.4 Região

Região foi a segunda variável social selecionada como estatisticamente relevante pelo programa Varb2000 na rodada efetuada apenas com as variáveis sociais, de acordo com o discutido em 7.3.4.1. Os resultados, apresentados na Tabela 16 a seguir, indicam que, conforme o esperado, a região da *Barra da Lagoa* surge como a que mais produz a variante palato-alveolar em posição de coda, com peso relativo de 0,55. *Ribeirão da Ilha* e *Florianópolis* exibem o mesmo comportamento com relação à regra variável, com pesos relativos de 0,49 e 0,48, respectivamente, ao redor do ponto de referência.

Tabela 16 – Variável Região e Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda

FATOR	**APLIC./TOTAL**	**PORCENTAGEM**	**PESO RELATIVO**
Barra da Lagoa	4 519/5 292	85%	0,55
Ribeirão da Ilha	3 159/3 841	82%	0,49
Florianópolis	10 056/12 126	83%	0,48
TOTAL	17 734/21 259	83 %	

input 0,88
significância .000

A maior proximidade dos resultados para Florianópolis e Ribeirão da Ilha e a maior distância desses dois distritos com relação ao distrito da Barra da Lagoa parece estar relacionada ao diferente processo de urbanização sofrido pelas localidades. Enquanto o isolamento experienciado por longo tempo pelo distrito da Barra a Lagoa, devido à precariedade da estrada de ligação com o centro da cidade, parece ter propiciado a manutenção da variante palato-alveolar, a maior interação sócio-cultural-espacial com pessoas provenientes de outras localidades vivenciada no distrito sede de Florianópolis parece ter estimulado a maior penetração da variante alveolar. O distrito do Ribeirão da Ilha, por sua vez, dá mostras de acompanhar o comportamento do distrito sede, o que se compreende pelo contato diário de grande parte de seus moradores com as regiões mais urbanas da Ilha, onde exercem suas atividades profissionais.

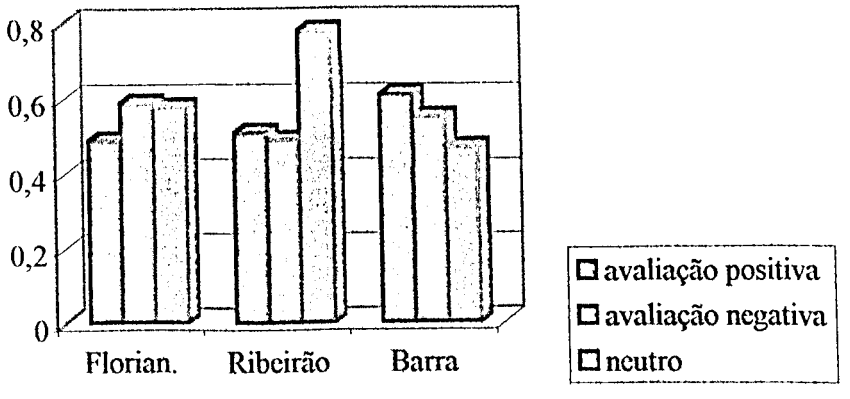
PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Conforme atestam os próprios informantes em diversos momentos das entrevistas (ver Anexo D), a produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda é de fato uma das marcas lingüísticas de identidade do ilhéu, assim como também a fala rápida, o vocabulário e as expressões características. No entanto, a hipótese de que o falante nativo estaria espelhando nos índices relativamente altos de produção da fricativa palato-alveolar uma forma de fortalecimento da identidade ilhoa, ameaçada, de certo modo, pelo contato com outras culturas, não foi estatisticamente confirmada.

A relação entre maior produção da fricativa palato-alveolar e avaliação negativa da presença de turistas e novos moradores, proposta em 7.2.1.2.2 para a variável de controle *Sentimento do Nativo em relação ao Turista e Novos Moradores*, não ofereceu resultados estatisticamente significativos nessa direção, conforme mostra o Gráfico 21 adiante.

A análise do papel da variável de controle *Sentimento do Nativo em relação ao Turista e Novos Moradores* para cada um dos distritos analisados indica que os moradores do distrito sede de Florianópolis que mais produzem a variante palato-alveolar são aqueles que demonstram tanto uma avaliação negativa (0,59), quanto aqueles que apresentam uma posição neutra (0,58) com relação à questão da presença de pessoas de fora na Ilha, seja na categoria de turista ou de novo morador. Os indivíduos com aplicação neutra da regra (0,49) avaliam positivamente a presença de turistas e novos moradores.

Gráfico 21 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Região e Sentimento do Nativo em relação ao Turista e Novos Moradores



PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Para o Ribeirão da Ilha, o quadro se delineia de modo completamente diferente. Não há diferença significativa entre a produção da variante palato-alveolar para os indivíduos que exibem avaliação positiva ou negativa. Os valores dos pesos relativos situam-se ao redor do ponto de referência (0,51 e 0,49, respectivamente). Já os indivíduos que oferecem uma avaliação neutra à questão são os maiores produtores dessa variante, com peso relativo de 0,78.

Para a Barra da Lagoa, de modo oposto ao obtido para Florianópolis, o maior peso relativo (0,61) encontra-se entre os que avaliam positivamente a presença de turistas e novos moradores. Um pouco abaixo, com peso relativo de 0,55, estão os que a avaliam negativamente. O peso relativo indicativo de pouco favorecimento à produção palato-alveolar (0,47) refere-se aos que são neutros à questão.

Em suma, a variável social Região, portanto, apontou que a maior produção da variante palato-alveolar se dá na Barra da Lagoa, distrito em que o processo de interação com pessoas provenientes de outras localidades é mais recente em comparação ao ocorrido no distrito do Ribeirão da Ilha e principalmente no distrito sede de Florianópolis. Do ponto de vista estatístico, não foi constatado, em nenhum dos distritos, que a variante em exame esteja espelhando uma atitude de reação por parte dos ilhéus à entrada de outras culturas na comunidade.

A relação de interação entre as variáveis Região e Faixa Etária, detectada em 7.3.4.1, será discutida na seção seguinte.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

7.3.4.5 Faixa Etária

A variável *Faixa Etária* foi a última variável social selecionada como estatisticamente relevante. A proximidade do ponto de referência 0,50 exibida pelos fatores expressos na Tabela 17 adiante conduz à conclusão de que a idade do falante não tem efeito significativo na produção ou não da variante palato-alveolar em posição de coda. Não há indício de perda de vitalidade e nem tampouco de fortalecimento em direção à propagação, mas sim de estabilidade.

As faixas referentes aos mais idosos, *61 anos ou mais*, e aos mais jovens, de *25 a 40 anos*, exibem pesos relativos praticamente idêntico, de 0,52 e 0,51, respectivamente. A faixa etária intermediária, de *41 a 60 anos*, situa-se um pouco abaixo, com peso relativo de 0,47.

Tabela 17 - Variável Faixa Etária e Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda

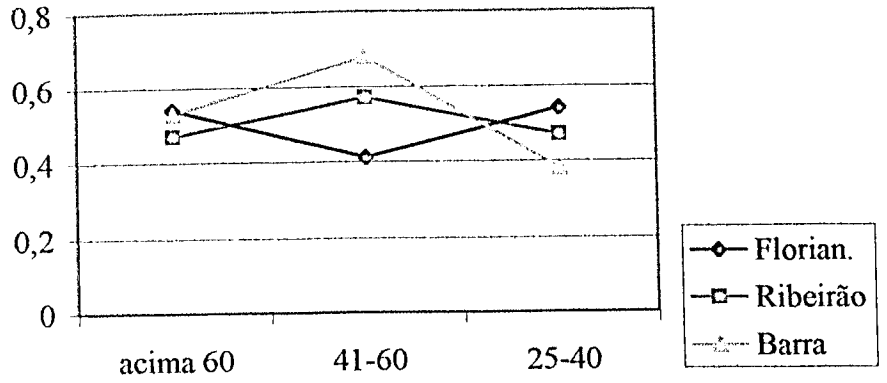
FATOR	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
61 anos ou mais	5 317/6 304	84%	0,52
de 41 a 60 anos	5 464/6 713	81%	0,47
de 25 a 40 anos	6 953/8 242	84%	0,51
TOTAL	17 734/21 259	83 %	

input 0,88
significância .000

No entanto, a situação de interação entre as variáveis *Faixa Etária* e *Região*, apontada em 7.3.4.1, sugere que o padrão exibido na Tabela 17 pode não ser exatamente o mesmo para os diferentes distritos no tempo aparente. De fato, o exame de cada faixa etária em relação a cada um dos distritos, expresso no Gráfico 22 a seguir, aponta que a faixa intermediária, de *41-60 anos*, se comporta de modo diferenciado. Enquanto essa é a faixa indicativa do ponto de pico na curva referente ao Ribeirão da Ilha e também à Barra da Lagoa, para Florianópolis constitui a faixa indicativa do ponto de depressão.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Gráfico 22 – Produção da Variante Palato-Alveolar em Posição de Coda: Faixa Etária e Região



Os informantes da faixa intermediária da *Barra da Lagoa* são os que mais produzem a variante palato-alveolar em posição de coda, com peso relativo equivalente a 0,68, seguidos pelos adultos do *Ribeirão da Ilha*, com peso relativo de 0,57. Os informantes com a mesma característica social originários de *Florianópolis* situam-se abaixo do ponto de referência, com peso relativo de 0,41, indicativo de pouco favorecimento à variante.

A faixa etária referente aos mais idosos exibe um comportamento bastante semelhante para cada uma das regiões, sempre ao redor do ponto de referência. *Florianópolis* e *Barra da Lagoa* apresentam tendências praticamente idênticas, com pesos relativos de 0,54 e 0,53, respectivamente. O *Ribeirão da Ilha* situa-se um pouco abaixo, com peso de 0,47.

Na faixa relativa aos adultos jovens, 25-40 anos, nota-se, em comparação à faixa 41-60, maior proximidade entre os resultados de cada uma das regiões. Os adultos jovens de Florianópolis são os que apresentam maior peso relativo, de 0,54. Os informantes da mesma faixa do Ribeirão e da Barra exibem resultados abaixo do ponto de referência, de 0,47 e 0,38, respectivamente, apontando assim para um menor favorecimento.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Nota-se que Florianópolis e Ribeirão da Ilha se mostram muito semelhantes com relação ao comportamento das faixas etárias extremas, visto que os idosos (*61 anos ou mais*) e os adultos jovens (*25-40 anos*) em cada uma dessas localidades apresentam pesos relativos idênticos: 0,47 para Florianópolis e 0,54 para o Ribeirão da Ilha.

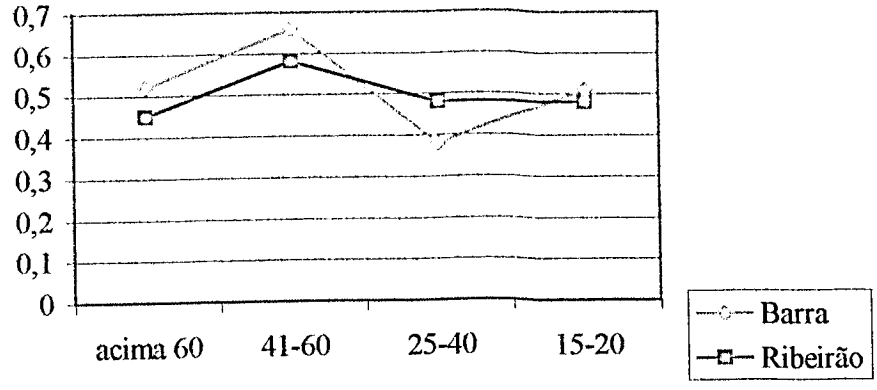
O exame do padrão de curva representativo da *Barra da Lagoa* aponta para a perda de vitalidade da variante palato-alveolar nesse distrito, já que o maior peso relativo representado no Gráfico 22 – 0,68 -, referente à faixa de *41-60 anos* dessa localidade, contrasta com o menor peso relativo obtido – 0,38 -, referente à faixa *25-40 anos*. Embora a curva referente ao distrito do *Ribeirão da Ilha* apresente a mesma orientação da obtida para a Barra da Lagoa, observa-se que a queda verificada entre essas duas faixas é menos abrupta, de 0,57 (*41-60 anos*) para 0,47 (*25-40 anos*).

De modo contrário ao padrão representativo das regiões interioranas da Ilha de Santa Catarina, *Florianópolis* dá mostras de que a variante palato-alveolar se fortalece na geração *25-40 anos* em comparação à geração *41-60 anos*: o menor peso relativo referente à faixa *41-60 anos* representado no Gráfico 22, de 0,41, contrasta com o maior peso relativo referente à faixa 25-40, de 0,54.

Diante de tais resultados, poderíamos concluir que (a) *Florianópolis* e *Ribeirão da Ilha*, áreas de contato mais antigo, apresentam comportamento idêntico com relação à produção da variante palato-alveolar entre adultos jovens e idosos; e (b) *Barra da Lagoa* e *Ribeirão da Ilha*, áreas menos urbanas, dão mostras de que a variante palato-alveolar está perdendo força (principalmente *Barra da Lagoa*) e que apenas *Florianópolis*, região mais urbana, tende a propagá-la. A fim de obter um quadro mais claro a respeito do status da variante palato-alveolar nos dois distritos do *interior da Ilha*, incluímos na amostra a faixa jovem *15-20 anos*. O Gráfico 23 adiante expõe os resultados.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Gráfico 23 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Faixa Etária e Região (inclusão da Faixa 15-20 anos para Barra da Lagoa e Ribeirão da Ilha)



O peso relativo demonstrado pelos jovens do Ribeirão da Ilha é exatamente idêntico ao obtido para os adultos jovens da faixa anterior, de 0,48, o que parece apontar para a manutenção do status da variante na comunidade. Já para os jovens da Barra da Lagoa, o peso relativo de 0,51 indica aumento considerável na produção da variante palato-alveolar para essa faixa em comparação aos adultos jovens, cujo peso é de 0,38.

Conclui-se, portanto, com base no formato de curva obtido no Gráfico 23 anterior, que nas regiões interioranas da Ilha de Santa Catarina a variante palato-alveolar também não se mostra enfraquecida, mas tende à estabilidade. A maior distância entre as regiões interioranas (Ribeirão e Barra) e a região urbana (Florianópolis) quanto à produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda está, pois, na faixa correspondente aos adultos (41-60 anos).

Cremos ser possível supor que o comportamento exibido por esse grupo se justifica pelo próprio processo de modernização sofrido principalmente pelo distrito de Florianópolis. Os informantes inseridos nessa faixa etária são representativos do sistema lingüístico adquirido justamente nas décadas de 60, 70 e 80, quando a cidade passou a receber grande fluxo de turistas e novos moradores, provenientes principalmente do Rio Grande do Sul, interior do estado de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. O "novo morador", em especial, passou a desfrutar de certo prestígio na comunidade, visto que

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

provinha de centros mais urbanizados do que a capital até então e possuía, em sua maioria, maior escolaridade, o que possibilitou a ocupação de cargos de destaque.

Diante desse quadro, presume-se que a convivência cada vez mais intensa com pessoas que majoritariamente utilizavam a variante alveolar em posição da coda exerceu influência sobre os jovens da época, muitos dos quais passaram a "imitar" a fala do novo grupo, como conseqüência do choque de comportamentos culturais distintos, em que o cidadão urbano simboliza o novo, a modernidade, e o ilhéu, o antigo, o subdesenvolvimento.

Nesse sentido, a depressão verificada na curva referente à faixa 41-60 anos parece indicar que é o ilhéu urbano o mais afetado pelo prestígio social do novo morador. O ilhéu interiorano da faixa correspondente dá mostras de ter sido menos influenciado por esse processo ou até mesmo de ter estado alheio a esse processo.

Este tipo de identificação por parte de um grupo da comunidade de fala com relação a um grupo exterior é encontrado por Labov (1963) no clássico estudo de Martha's Vineyard, conforme apresentado em 7.1. Embora as características da pesquisa desenvolvida presentemente sejam diferentes, pode-se afirmar que em um aspecto os dois trabalhos se aproximam, ou seja, há um grupo lingüisticamente influenciado pelo prestígio social que atribui ao status do cidadão proveniente de áreas mais desenvolvidas. No caso de Martha's Vineyard, apesar de ser a centralização da vogal base dos ditongos [aw] e [ay] a pronúncia característica dos mais jovens, há um grupo entre eles que foge a este padrão, composto por aqueles que ambicionam se estabelecer no continente. No caso do distrito de Florianópolis, são os adultos, na faixa de 41 a 60 anos, e que vivenciaram intensamente o processo de desenvolvimento do centro urbano na capital principalmente a partir da década de 60, os que se distanciam do padrão geral do município de Florianópolis.

Concluímos, portanto, que o quadro delineado para a variável *Faixa Etária* no distrito de Florianópolis não caracteriza um caso de mudança em progresso, mas sim de variação estável, já que não se pode estabelecer uma correlação linear unidirecional entre a faixa etária dos informantes e a regra variável. A maior distância entre as três

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

regiões com relação à produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda está na faixa dos adultos (41-60 anos) e parece ser motivada pelo baixo peso relativo exibido pelos falantes do distrito sede de Florianópolis. A história do processo de modernização sofrido pela Ilha leva-nos a conjeturar que tal comportamento seja decorrente do status prestigioso que o grande contingente de novos moradores e turistas desfrutou principalmente nas décadas de 60 e 70.

A seção seguinte apresenta os resultados para a variável social Gênero, estatisticamente mais relevante para a produção da variante palato-alveolar em posição de coda.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

7.3.4.6 Gênero

A variável Gênero foi a primeira variável social selecionada pela análise progressiva *step-up* realizada pelo programa Varb2000, conforme mostrado em 7.3.4.1. Os resultados, apresentados na Tabela 18 adiante, confirmam nossa hipótese inicial sobre o predomínio das mulheres na produção da palato-alveolar em posição de coda nos distritos florianopolitanos em exame. Enquanto os homens apresentam baixo índice de favorecimento, com peso relativo de 0,43, as mulheres atingem o peso relativo de 0,57.

Tabela 18 - Gênero e Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda

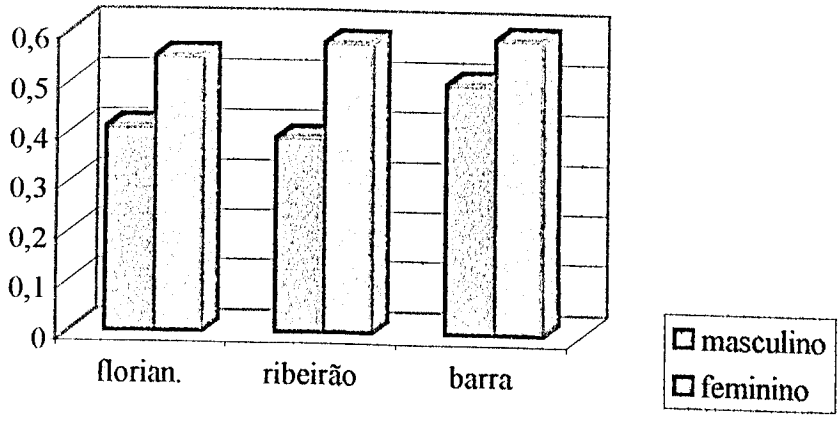
FATOR	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Masculino	8 402/10 495	80%	0,43
Feminino	9 332/10 764	87%	0,57
TOTAL	17 734/21 259	83%	

input 0,88
significância .000

Embora seja esperado que em cada um dos distritos examinados as mulheres superem os homens quanto à produção da variante palato-alveolar em posição de coda, verifica-se no Gráfico 24 a seguir que entre as mulheres das regiões examinadas não há diferença significativa, uma realidade, porém, não observada entre os homens. Para as mulheres, os pesos relativos obtidos são sempre indicativos de favorecimento: Barra da Lagoa e Ribeirão da Ilha apresentam praticamente o mesmo índice, de 0,59 e 0,58, respectivamente; Florianópolis situa-se um pouco abaixo, com peso relativo de 0,55.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Gráfico 24 – Produção da Variante Palato-Alveolar em Posição de Coda: Gênero e Região

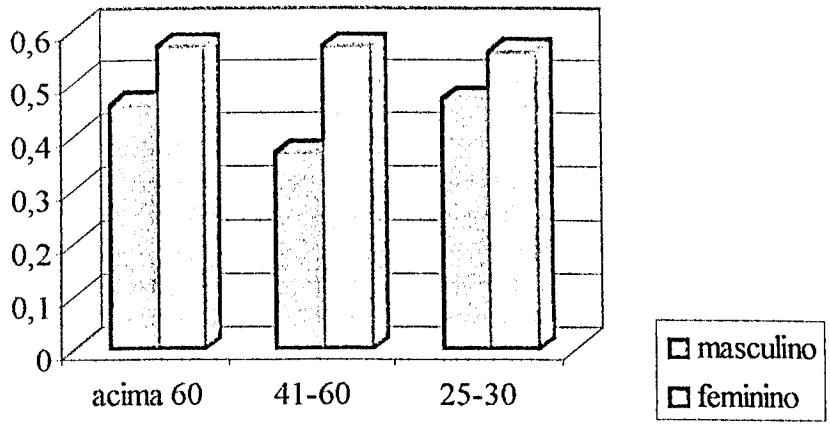


Para os homens, as diferenças entre as regiões são mais significativas e repetem exatamente o padrão obtido para a variável Região na Tabela 16 (seção 7.3.4.4), ou seja, maior proximidade entre a produção da variante palato-alveolar para Florianópolis e Ribeirão da Ilha, com pesos relativos localizados abaixo do ponto de referência, de 0,41 e 0,39, respectivamente, e maior favorecimento para o distrito da Barra da Lagoa, com peso relativo de 0,50, apontando para a neutralidade.

Resultado análogo se observa para a relação entre Gênero e Faixa Etária, exposta no Gráfico 25 a seguir. Novamente, entre as mulheres os pesos relativos são praticamente idênticos para todas as faixas de idade: 0,57 para os idosos, 0,57 para os adultos e 0,56 para os adultos jovens. Os homens exibem, por sua vez, exatamente o padrão geral apresentado na Tabela 17 (seção 7.3.4.5), ou seja, pesos relativos idênticos entre a faixa dos idosos (0,46) e dos adultos jovens (0,47) e uma pequena depressão na faixa intermediária, com peso de 0,37.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Gráfico 25 - Produção da Variante Palato-Alveolar em Posição de Coda: Gênero e Faixa Etária



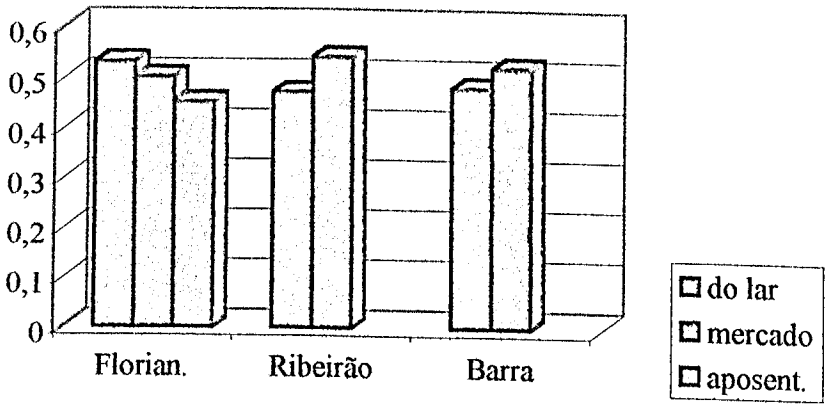
Conclui-se, a partir de tais resultados, que as mulheres não só estão à frente dos homens quanto à produção da fricativa palato-alveolar, visto que os pesos relativos demonstrados para esse fator são sempre mais elevados e situados acima do ponto de referência, como também se comportam de modo mais homogêneo.

No entanto, homens e mulheres exibem um padrão semelhante por região quando se correlaciona o tipo de ocupação exercida pelo informante e o aumento ou diminuição no uso da variante palato-alveolar. Esse resultado foi atingido através do estabelecimento de mais uma variável social, *Ocupação do Informante*, criada a partir da variável *Informantes* e de dados pessoais registrados na ficha social de cada indivíduo que compõe a amostra. O objetivo principal dessa investigação é verificar se a situação de maior interação sócio-cultural propiciada pelo ambiente de trabalho, principalmente para aqueles que exercem sua atividade profissional no distrito sede, influencia a produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda.

Com relação às mulheres, três fatores puderam ser determinados: *aposentadas, inseridas no mercado de trabalho* e *do lar*. Apenas o distrito de Florianópolis apresenta dados para o fator *aposentadas* na amostra analisada. O exame inicial dos resultados obtidos, apresentados no Gráfico 26 a seguir, aponta para dois padrões gerais, um exibido por Florianópolis e outro, por Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Gráfico 26 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Ocupação das Mulheres e Região



Com relação ao distrito de Florianópolis, o maior peso relativo indicativo de favorecimento à produção da fricativa palato-alveolar, de 0,53, está entre as mulheres *do lar*, seguidas de perto pelas mulheres *inseridas no mercado de trabalho*, com peso relativo exatamente no ponto de referência 0,50. As mulheres que já se retiraram do mercado de trabalho exibem peso relativo de 0,45, mais próximo do obtido para as mulheres *inseridas no mercado*[33].

Para os distritos do interior da Ilha, o padrão se inverte, ou seja, o maior peso relativo relaciona-se às mulheres inseridas no mercado de trabalho: 0,54 para o Ribeirão da Ilha e 0,52 para a Barra da Lagoa. As donas de casa dessas duas regiões exibem pesos relativos semelhantes, de 0,48 para a Barra e de 0,47 para o Ribeirão.

O fato de as mulheres exercerem sua atividade profissional no distrito sede, onde a interação com pessoas de outras localidades no ambiente de trabalho é maior, não parece exercer influência significativa na produção da variante palato-alveolar nos distritos interioranos. Das informantes ribeironenses inseridas no mercado de trabalho, 80% exercem sua atividade profissional no distrito sede de Florianópolis. Já para as barrenses, apenas 16% daquelas inseridas no mercado de trabalho se deslocam para o centro urbano da capital, ou seja, a grande maioria - 84% - exerce alguma atividade

[33] Não é estatisticamente aconselhável amalgamar os fatores *inseridas no mercado de trabalho* e *aposentadas*. De acordo com o cálculo de X^2 realizado, $p > 0,1$, ou seja, a diferença expressa pelos fatores é realmente significativa e não deve ser eliminada.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

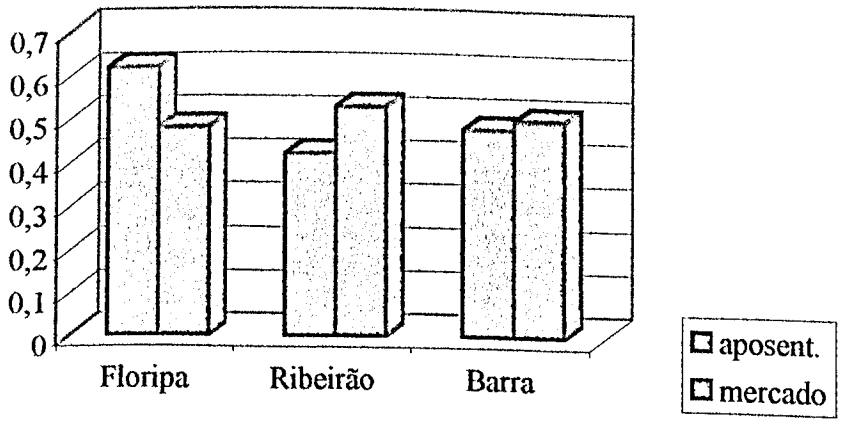
remunerada no próprio distrito. Mesmo assim, a diferença entre *do lar* e *inseridas no mercado* é praticamente a mesma (0,06 para *Ribeirão* e 0,05 para *Barra*).

Desse modo, os resultados parecem mostrar que a maior interação sócio-cultural-espacial vivenciada diariamente pelas mulheres *inseridas no mercado de trabalho* no centro urbano do município não tem a mesma influência em florianopolitanas e ribeironenses. Enquanto para as primeiras tende a acarretar maior sensibilidade ao padrão nacional alveolar em posição de coda, para as mulheres do Ribeirão, ocasiona o movimento contrário, isto é, aumento na produção da variante palato-alveolar.

Para os homens, a relação entre *Ocupação do Informante* e *Região* é bastante semelhante ao obtido para as mulheres, no sentido de oferecer um padrão de comportamento diferenciado da variável em exame entre o ilhéu urbano e o ilhéu interiorano. Os fatores que compõem a primeira variável são agora *aposentados* e *inseridos no mercado de trabalho.*

Os indivíduos *inseridos no mercado de trabalho* não apresentam pesos relativos muito diferenciados para cada uma das regiões, conforme indica o Gráfico 27 a seguir. Os homens do Ribeirão são os que mais produzem a variante palato-alveolar em posição de coda, com peso relativo de 0,53. São seguidos de perto pelos homens da Barra da Lagoa (0,50) e pelos homens de Florianópolis, (0,48).

Gráfico 27 – Produção Palato-Alveolar em Posição de Coda: Ocupação dos Homens e Região



PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Nota-se que, ao contrário das mulheres, a maioria dos homens nativos das regiões interioranas que estão inseridos no mercado de trabalho exerce sua atividade profissional no distrito sede de Florianópolis (78% dos riberonenses e 75% dos barrenses), o que significa um tipo de interação sócio-cultural-espacial semelhante para os ilhéus interioranos masculinos em exame e, conseqüentemente, funciona como mais uma prova de que o fato de se exercer atividade profissional no distrito sede não influencia significativamente a produção da variante palato-alveolar nos distritos interioranos.

A maior distância entre os resultados no Gráfico 27 está, pois, entre os aposentados. Enquanto os indivíduos retirados do mercado de trabalho em Florianópolis produzem a variante palato-alveolar com índice claro de favorecimento, de 0,62, o grupo equivalente do Ribeirão da Ilha se mostra pouco favorecedor, com peso relativo de 0,42, e o da Barra, neutro (peso relativo de 0,48).

Entre homens e mulheres, é também na classe dos *aposentados* que se encontra a diferença mais significa: enquanto o peso relativo referente à produção da variante palato-alveolar para as mulheres aposentadas (0,45) aproxima-se mais do expresso para as inseridas no mercado de trabalho (0,50), para os homens, a distância entre tais fatores é a mais significativa do Gráfico 27. Esse resultado parece ir ao encontro do comportamento já relatado em outros estudos para homens aposentados, ou seja, o de que esse grupo tende a alterar a variedade lingüística em uso, resgatando, muitas vezes, aquela que adotavam na juventude (BROUWER; HOUT, 1992, p. 119). O presente estudo defende, com base na regra em exame, que as mulheres ao se retirarem do mercado de trabalho, ao contrário, tendem a manter a variedade lingüística em uso até então.

A situação de variação estável detectada para a produção palato-alveolar em posição de coda recebe ainda suporte do fato de que essa variante é mais produzida pelas mulheres. De acordo com Labov (1972, p. 301), em situação de variação estável, as mulheres tendem a se aproximar mais da norma estabelecida pela comunidade em que estão inseridas do que os falantes masculinos. Além disso, o papel mais favorecedor das mulheres aponta para a tendência de propagação da variante palato-alveolar para as gerações futuras, já que, conforme o constatado, as crianças são influenciadas muito

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

mais pelas mulheres do que pelos homens na fase em que estão formando suas regras lingüísticas com rapidez e eficiência (p. 303).

Em suma, a variável Gênero revelou as mulheres como as maiores produtoras da variante palato-alveolar em posição de coda, resultado esse em concordância com a maioria dos estudos sobre processos de palatalização em diversas línguas (BHAT, 1978). Sob a perspectiva de que essa variável se refere à dimensão sócio-cultural da divisão dos seres humanos em masculino e feminino, e não com a determinação apenas biológica, realizamos seu cruzamento com outras dimensões sociais, como Região, Faixa Etária e Ocupação do Informante, a fim de analisar se os mesmos diferenciais seriam repetidos em todas as dimensões sociais analisadas no trabalho. O resultado mostrou que (a) as mulheres apresentam um comportamento mais homogêneo do que os homens em relação às regiões e às faixas etárias examinadas e (b) o ilhéu *urbano*, homem ou mulher, inserido no mercado de trabalho, demonstra mais sensibilidade à variante alveolar em posição de coda do que o ilhéu interiorano.

Transferimos para a seção 7.3.4.7 seguinte, quando serão apresentados os resultados para a variável Escolaridade, a discussão acerca da relação entre Gênero e prestígio da variante palato-alveolar.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

7.3.4.7 Escolaridade

A variável Escolaridade foi a segunda variável selecionada pelo programa Varb 2000 na rodada que considera apenas as variáveis sociais, de acordo com o discutido em 7.3.4.1. Os resultados, expostos na Tabela 19 adiante, apontam para a confirmação da hipótese sobre a valoração social positiva da fricativa palato-alveolar em posição de coda, pois o maior índice, expresso pelo peso relativo 0,56, encontra-se entre os indivíduos mais escolarizados, com *14 anos ou mais* de escolarização.

As faixas *0-5 anos* de escolarização e *11 anos* de escolarização apresentam peso relativo idêntico de 0,47. A faixa intermediária entre essas, *6-9 anos* de escolarização encontra-se apenas uma pouco acima, com peso relativo de 0,51, ao redor do ponto de referência[34].

Tabela 19 Escolaridade e Produção da Fricativa Palato-Alveolar em Posição de Coda

FATOR	APLIC./TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
0- 5 anos	5 621/6 905	81 %	0,47
6- 9 anos	4 295/5 098	84 %	0,51
11 anos	3 746/4 575	82%	0,47
14 anos ou mais	4 072/4 681	87 %	0,56
TOTAL	17 734/21 259	83%	

input 0,88
significância .000

Muitos estudos realizados à luz da Teoria da Variação Lingüística já atestaram que homens e mulheres não respondem do mesmo modo às pressões sociais com relação às formas lingüísticas de prestígio, o que se explica não só pela diferença comportamental entre os dois sexos, mas também pela diferente atitude que desenvolvem com relação à língua como símbolo social. Se é verdade que as mulheres

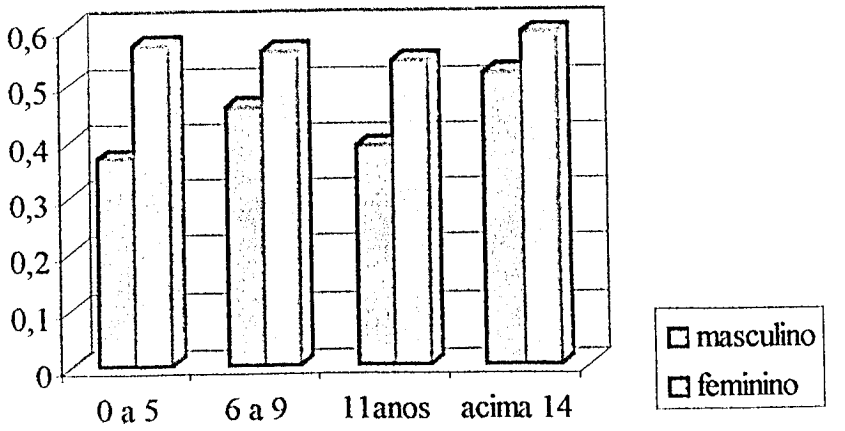
[34] Embora os fatores *0-5 anos* e *11 anos* sejam estatisticamente idênticos e possam ser reunidos em um único fator, a amalgamação entre esses dois fatores e os fator *6-9 anos* não é estatisticamente

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

apresentam maior consciência sobre os valores de status social do que os homens, então são justamente elas a demonstrarem mais sensibilidade ao significado social de variáveis lingüísticas (TRUDGILL,1983, p. 87-88; 94).

Tal constatação tende a ser confirmada no Gráfico 28 a seguir, que relaciona as variáveis Gênero e Escolaridade. As mulheres, independentemente do grau de instrução, apresentam sempre pesos relativos indicativos de favorecimento da variante palato-alveolar em posição de coda (0,57 para *0-5 anos*; 0,56 para *6-9 anos*; 0,54, para *11 anos*), sendo que a faixa *mais de 14 anos de escolarização* exibe o valor mais alto, de 0,59.

Gráfico 28 – Produção da Variante Palato-Alveolar em Posição de Coda: Escolaridade e Gênero



Entre os homens, independentemente do grau de instrução, os pesos relativos são mais baixos (0,37 para *0-5 anos*; 0,46 para *6-9 anos*; 0,39, para *11 anos*) e também mais oscilantes de uma faixa a outra. Os indivíduos com escolarização superior apresentam peso relativo comparativamente mais alto, de 0,52, ao redor do ponto de referência.

Desse modo, o aumento no nível de escolarização dos homens ocasiona o aumento na adoção da variante de prestígio; para as mulheres, esse aumento é menos

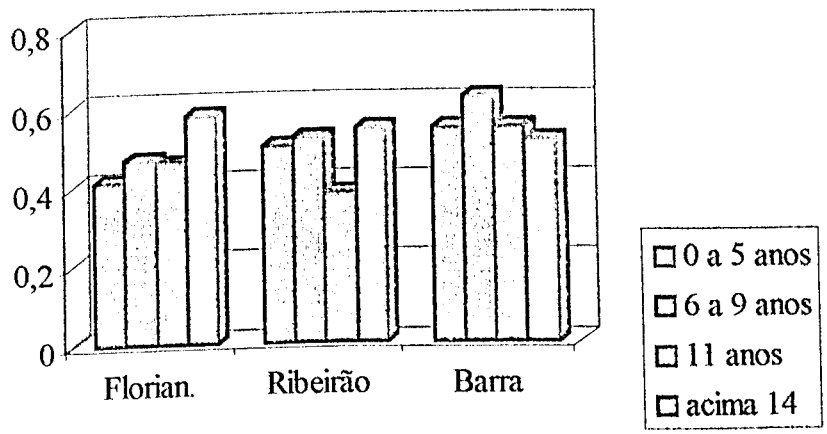
aconselhável. De acordo com o cálculo de X^2 realizado, $p < 1$, ou seja, a diferença expressa pelos fatores é significativa e não deve ser eliminada. Sendo assim, mantemos a divisão da variável em quatro fatores.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

marcado, visto que, independente do grau de instrução que possuem, respondem melhor ao padrão da comunidade.

A interpretação da fricativa palato-alveolar em posição de coda como uma variante de prestígio, visto que seu uso é mais evidente na camada social mais escolarizada, independentemente do sexo dos falantes que a compõem, não é exatamente possível em todos os distritos em exame. O Gráfico 29 a seguir exibe o padrão obtido pelo cruzamento entre as variáveis Escolaridade e Região. Observa-se que os falantes com *14 anos ou mais* de escolarização do distrito de Florianópolis e do Ribeirão da Ilha se apresentam como os que mais produzem a variante palato-alveolar em sua região, comportamento esse não exibido pelos falantes da Barra da Lagoa com o mesmo grau de instrução.

Gráfico 29 – Produção da Variante Palato-Alveolar em Posição de Coda: Escolaridade e Região



Desse modo, para Florianópolis, é possível afirmar que quanto mais escolarização, mais favorecida é a variante palato-alveolar em posição de coda, pois os pesos relativos aumentam à medida que aumenta o grau de instrução do falante (0,41; 0,47; 0,46 e 0,58, respectivamente). Para Ribeirão da Ilha, a variante em exame também pode ser considerada de prestígio, já que o falantes com *mais de 14 anos* de escolarização apresentam o maior peso relativo, de 0,54. O falantes incluídos nas faixas vizinhas de *0-5 anos* e *6-9 anos* de escolarização apresentam pesos relativos muito

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

próximos, de 0,50 e 0,52. A depressão é verificada na faixa *11 anos* de escolarização, que exibe peso relativo de 0,38[35].

Para a Barra da Lagoa, no entanto, o peso relativo referente à faixa *14 anos ou mais* de escolarização, de 0,51, aponta para a neutralidade do fator quanto à produção da variante palato-alveolar. As faixas *0-5 anos* e *11 anos* apresentam pesos relativos idênticos e indicativos de favorecimento (0,54). O valor mais alto apresentado para a região – 0,62 – refere-se à faixa 6-9 anos de escolarização.

De modo geral, depreendem-se dois comportamentos distintos a partir dos resultados apresentados no Gráfico 29 anterior com relação à avaliação social da variante em exame: de uma lado, Florianópolis e Ribeirão da Ilha[36], regiões de interação social mais antiga, tendem a valorizar positivamente a variante palato-alveolar, já que são os falantes mais escolarizados os que a produzem mais intensamente; de outro lado, Barra da Lagoa, que demonstra neutralidade quanto à questão do prestígio da variante, muito embora os indivíduos com grau de instrução menor apresentem sempre pesos relativos indicativos de favorecimento.

O exame da relação entre as variáveis Escolaridade, Região e Faixa Etária permite que seja confirmada uma das constatações verificadas na análise do papel da idade do ilhéu urbano na produção da fricativa palato-alveolar (seção 7.3.4.3). Inferimos dos resultados apresentados que a faixa correspondente aos adultos (41-60 anos) do distrito sede de Florianópolis parece ter sido a mais influenciada pela entrada na comunidade de novos moradores, principalmente a partir da década de 60, fato que, supomos, tenha provocado certo fortalecimento da variante alveolar em posição de coda.

Ao considerarmos os resultados apenas para a faixa etária dos adultos em relação ao grau de instrução dos falantes que nela se incluem, para cada um dos distritos em exame, conforme o expresso no Gráfico 30 a seguir, verificamos que

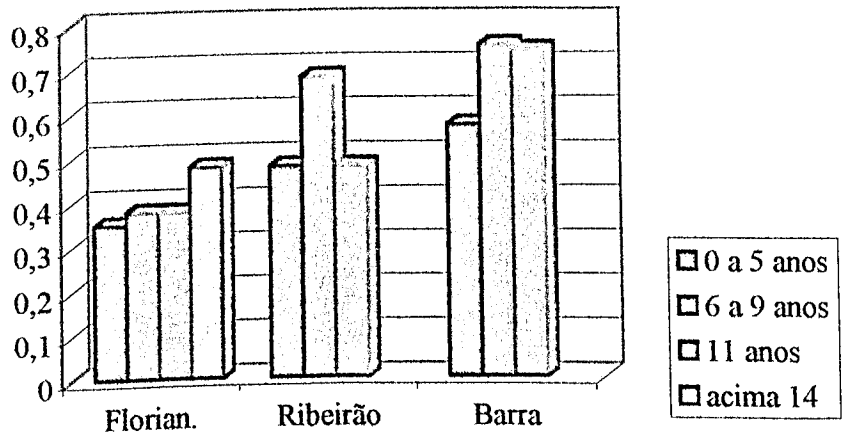
---

[35] O baixo peso relativo apresentado pelo fator *11 anos de escolarização* no Ribeirão da Ilha se deve aos baixos pesos relativos apresentados pelos homens que se incluem nessa faixa (0,29 e 0,23), principalmente em comparação aos pesos relativos referentes às mulheres com o mesmo grau de instrução (0,66 e 0,55).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

independentemente do grau de instrução do falante, Florianópolis apresenta sempre pesos relativos indicativos do uso da variante palato-alveolar de menor valor (0,35, para *0-5 anos de escolarização*; 0,38 para *6-9 anos* e 0,38 para *11 anos*)[37]. Apenas para os falantes que apresentam *14 anos ou mais* de escolarização é que o peso relativo cresce, seguindo a tendência esperada para esse distrito, conforme mostra o Gráfico 29 anterior, mas mesmo assim o valor assumido (0,48) aponta para a neutralidade.

Gráfico 30 – Produção da Variante Palato-Alveolar em Posição de Coda: Escolaridade e Região para a Faixa Etária 41-60 anos



Tanto para o Ribeirão da Ilha quanto para a Barra da Lagoa verifica-se maior oscilação na produção da variante palato-alveolar com relação ao grau de instrução. Enquanto para a Barra da Lagoa, essa variante é mais produzida pelos adultos com mais anos de escolarização (0,57, para *0-5 anos de escolarização*; 0,75 para *6-9 anos* e 0,74 para *11 anos*), para o Ribeirão da Ilha nota-se comportamento idêntico entre as faixas de menor e de maior grau de instrução (0,48) e aumento considerável na faixa intermediária (0,68).

Assim, os resultados para a variável social Escolaridade apontaram que a variante palato-alveolar em posição de coda recebe avaliação social positiva principalmente em Florianópolis e Ribeirão da Ilha, onde é adotada pelos falantes mais

[36] Os falantes com 14 anos ou mais de escolarização dos distritos de Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa incluem-se na faixa etária dos adultos jovens (25-40 anos).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

escolarizados e, portanto, de maior prestígio intelectual. Na Barra da Lagoa, os indivíduos com tal grau de instrução exibem comportamento neutro.

Desse modo, o grau de instrução dos falantes adultos (41-60 anos) originários do distrito de Florianópolis mostra-se pouco significativo para a explicação do padrão de uso da variante palato-alveolar em posição de coda para essa faixa etária. Cremos que o tais índices são explicados, de acordo com o discutido em 7.3.4.5, através da maior sensibilidade dos falantes dessa faixa etária ao padrão alveolar, produzido majoritariamente pelo contingente de novos moradores e turistas que começaram a chegar ao município principalmente a partir da década de 60.

[37] Apenas os indivíduos entre 41-60 anos nativos do distrito de *Florianópolis* apresentam dados referentes ao fator *14 ou mais anos* de escolarização.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

7.4 Conclusão

A seção 7.3 apresentou e discutiu os resultados estatísticos oferecidos pelo programa Varb2000 com relação à produção palato-alveolar em posição de coda. Foram confirmadas as seguintes hipóteses lingüísticas, enunciadas em 7.2.1.2.1:

1- Posição da Fricativa na Palavra: posição medial;
2- Traço [voz] do Contexto Seguinte: [- voz].

Com relação às outras variáveis, os resultados obtidos foram:

3- Contexto Precedente: vogal dorsal [a] e glide e vogais labiais;
4- Contexto Seguinte: consoantes velares e consoantes coronal [- anterior];
5- Acento: contextos acentuados.

Para as variáveis sociais, foram confirmadas as hipóteses, enunciadas em 7.2.1.2.2:

1- Região: Barra da Lagoa;
2- Gênero: mulheres;
3- Escolaridade: 14 anos ou mais de escolarização.

Com relação à variável Faixa Etária, indicativa da relação entre a disposição de formas lingüísticas e as gerações sucessivas de falantes, os resultados mostraram que a variável se encontra estável na comunidade.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

CAPÍTULO 8

CONCLUSÃO

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

A fricativa palato-alveolar é o tema da presente pesquisa. Os objetivos dividem-se em duas vertentes principais: (i) análise fonológica realizada sob a perspectiva não-linear; (ii) análise de regra variável realizada sob a perspectiva da Teoria da Variação Lingüística, modelo laboviano.

Apresentaremos a seguir as conclusões que a discussão do tema ao longo dos capítulos nos permitiu alcançar.

Com base no modelo teórico da Geometria de Traços (CLEMENTS; HUME, 1995), propomos que a fricativa palato-alveolar é uma consoante complexa, representada pelo traço [coronal] sob Ponto-C e pelo traço [dorsal] sob Ponto-V. A motivação articulatória para o traço vocálico [dorsal] está na localização mais recuada do formato cupulado assumido pelo corpo da língua por trás da constrição entre lâmina da língua e borda da arcada alveolar. A motivação fonológica está na afinidade entre [ʃ, ʒ] e o traço [dorsal] em várias línguas.

As palato-alveolares, assim como as palatais, incluem-se no fenômeno geral de palatalização a partir da compreensão de que não só um formato de língua frontal alto, equivalente à vogal [i], constitui um indicativo do fenômeno, mas também um formato de língua cupulado que se localiza por trás da constrição coronal. Sob essa perspectiva, a palatalização é vista como um "termo rótulo" (LAHIRI; EVERS, 1991) para uma série de processos com características diferenciadas, cujo denominador comum é o movimento de aproximação do corpo da língua em direção à área correspondente ao palato-duro.

Propomos, desse modo, que o processo de palatalização seja referido nas representações hierárquicas de traços pelo Nó Vocálico, mas por diferentes traços sob Ponto-V, ou seja: pelo (1) Nó Vocálico e seus dependentes Ponto-V [coronal] e Abertura, como o registrado para as consoantes palatais /ʎ, ɲ/ e pelo (2) Nó Vocálico e seu dependente Ponto-V [dorsal].

Em língua portuguesa, as fricativas palato-alveolares /ʃ, ʒ/ só existem subjacentemente em posição de ataque. Em posição de coda, surgem apenas no

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

componente pós-lexical, como conseqüência de uma regra opcional de palatalização. A aplicação se dá no modo de preenchimento de traço, através da operação elementar de inserção: o traço de palatalização equivalente ao Nó Vocálico e seu dependente Ponto-V [dorsal] passa a compor uma consoante identificada como [coronal] sob Ponto-C, mas subespecificada para o traço [anterior].

A análise realizada sob a perspectiva variacionista apontou a variante palato-alveolar como predominante no dialeto florianopolitano. Todas as variáveis propostas, lingüísticas e sociais, mostram-se estatisticamente relevantes para a produção da variante palato-alveolar em posição de coda. A seleção efetuada pelo programa de análise estatística computacional privilegiou, de modo geral, as variáveis lingüísticas.

A seleção estatística referente às variáveis lingüísticas, por ordem decrescente de relevância no condicionamento, foi:

1. Traço [voz] do contexto seguinte
2. Contexto Precedente
3. Contexto Seguinte
4. Função Morfológica
5. Acento
6. Posição da Fricativa na Palavra

O contexto seguinte [- voz] é o mais favorecedor à produção palato-alveolar. A justificativa está no fato de que consoantes [- voz], produzidas com maior esforço muscular do que consoantes [+voz], são mais propícias a processos de palatalização em geral, entendidos como articulações produzidas com mais energia.

Para a variável Contexto Precedente, segunda mais relevante, os contextos que se mostraram favorecedores à produção palato-alveolar na coda são a vogal dorsal /a/, comprovadamente mais elevada e mais recuada no dialeto florianopolitano, e as vogais labiais. Os contextos vocálicos coronais, tradicionalmente considerados como os maiores indutores do fenômeno de palatalização, apresentam-se pouco favorecedores, quer

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

estejam na estrutura subjacente, quer sejam originados por processos de neutralização, harmonização vocálica, epêntese ou ditongação.

Os resultados para a variável Contexto Seguinte apontam que a variante palato-alveolar tende a ser mais favorecida por contextos dorsal e coronal [- anterior]. Considerando-se esse resultado juntamente ao obtido para a variável Contexto Precedente, com relação ao papel estatisticamente relevante da vogal /a/, constatamos que os contextos circundantes mais indutores à palato-alveolar são os que promovem a retração do corpo da língua e o levantamento desse articulador. Tal fato constitui um argumento a mais para a presença do nó dorsal na representação das consoantes palato-alveolares.

Com relação à variável lingüística Acento, mostram-se favorecedores para a produção palato-alveolar os contextos mais fortes, entendidos como aqueles produzidos com força articulatória e expiratória maior na emissão da sílaba, ou seja, sílabas pré-pretônicas, pretônicas e tônicas. Esse resultado é confirmado em qualquer posição que /S/ possa ocupar na palavra ou na frase fonológica.

A fricativa palato-alveolar se mostra favorecida quando /S/ assimila o traço [-voz], ambiente do ponto de vista estatístico altamente indutor, de um contexto forte seguinte. Desse modo, sílabas pretônicas sempre são mais indutoras ao processo do que sílabas tônicas.

Para a variável Função Morfológica, mostramos que há diferença na motivação da produção palato-alveolar em posição de coda quando se considera o fato de /S/ estar no radical ou desempenhar a função de morfema de plural, situação que se mostrou preferida para a variante em exame. Os prefixos apresentam-se como o segundo contexto mais favorecedor, o que se justifica pelo fato de que todas as ocorrências desse fator se encontram em sílaba pré-pretônica e sílaba pretônica, ambientes altamente indutores.

Com relação à variável Posição da Fricativa na Palavra, a posição medial desponta como maior favorecedora à produção palato-alveolar em posição de coda.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Desse modo, com base na proposta de Bhat (1978) sobre a estipulação dos processos que descrevem o fenômeno de palatalização nas línguas - levantamento da língua, frontalização da língua e espirantização -, os resultados obtidos para as variáveis lingüísticas, principalmente aqueles relacionados ao ambiente circundante segmental, conduzem à classificação do processo em exame como induzido pelo levantamento da língua, já que sua frontalização não se mostrou significativa.

A seleção estatística referente às variáveis sociais, por ordem decrescente de relevância no condicionamento da palatalização da fricativa em posição de coda, foi:

1. Gênero
2. Escolaridade
3. Região
4. Faixa Etária

Gênero foi a única variável social considerada relativamente mais significativa para a produção da palato-alveolar em posição de coda do que as variáveis lingüísticas Função Morfológica, Contexto Seguinte, Acento e Posição da Fricativa na Palavra.

Os resultados gerais para as variáveis mostram que nem sempre é possível estabelecer um comportamento semelhante entre os distritos interioranos (Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa) e o distrito urbano (Florianópolis) com relação ao condicionamento social da produção palato-alveolar em posição de coda. Para a variável Região, entre os três distritos analisados, os resultados gerais apontam a Barra da Lagoa como aquele em que a fricativa palato-alveolar é produzida com índices mais altos de favorecimento. Cremos que o maior isolamento vivido no passado por essa região tenha favorecido a manutenção da variante fricativa palato-alveolar em posição de coda.

Os resultados para Faixa Etária apontam a estabilidade da variante palato-alveolar nos distritos examinados. No entanto, a separação entre distrito urbano e distritos interioranos é novamente recuperada com relação à maior distância observada na faixa correspondente aos adultos, de 41-60 anos de idade do distrito de Florianópolis,

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

os quais apresentam um índice de produção relativamente mais baixo do apresentado para os adultos dos distritos do Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa. Relacionamos esse comportamento à maior sensibilidade do ilhéu urbano ao prestígio desfrutado pelo elemento "estrangeiro" no passado (década de 60 e, mais intensamente, nas décadas de 70 e 80), quando se deu início um processo de maior interação sócio-cultural na comunidade, que perdura até os dias de hoje.

A variável Gênero, estatisticamente a mais relevante para a produção palato-alveolar em posição de coda, revela que a maior produção da variante em exame está entre as mulheres, um resultado concorde com a maioria dos estudos que tratam de processos gerais de palatalização. A divisão entre distrito urbano e distrito interiorano é mais uma vez contemplada pela relação entre as variáveis Gênero e Ocupação do Informante. Independentemente do fato de pertencer ao gênero masculino ou feminino, o ilhéu urbano inserido no mercado de trabalho apresenta menor produção da variante palato-alveolar em posição de coda em comparação ao ilhéu interiorano.

Escolaridade é a segunda variável social mais importante. Os falantes com maior número de anos de escolarização são os que mais produzem a fricativa palato-alveolar em posição de coda, resultado que aponta para a valoração social positiva da variante na comunidade como um todo. Tal interpretação dos fatos é confirmada pelos altos índices de produção palato-alveolar exibido pelas mulheres, tradicionalmente consideradas nos estudos variacionistas como possuidoras de maior consciência sobre os valores de prestígio em comparação aos homens.

Com relação a cada um dos distritos, a noção de prestígio da variante palato-alveolar relacionada ao maior índice de produção verificado pelos falantes com maior número de anos de escolarização é confirmada para Florianópolis e Ribeirão da Ilha. Para a Barra da Lagoa, os falantes com maior grau de instrução exibem comportamento neutro.

Cremos, pois, que a pesquisa desenvolvida tenha cumprido os objetivos a que se propôs. A fricativa palato-alveolar e a palatalização foram examinadas e, conseqüentemente, relacionadas à luz dos pressupostos da fonologia não-linear,

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

especialmente da Geometria de Traços. A análise realizada à luz da Teoria da Variação Lingüística permitiu que o processo de palatalização verificado em posição de coda fosse sistematizado, contribuindo assim para a discussão acerca do valor e da função da língua no meio social e, mais especificamente, para a descrição do português falado em Florianópolis, Santa Catarina.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

ABERCROMBIE, D. *Elements of general phonetics.* Edinburg: Edinburg University Press, 1967.

ARCHANGELI, D. Underspecification in Yawelmani phonology and morphology. PhD Dissertation. Cambridge.; MIT. New York: Garland Press, 1988.

ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar.* Cambridge, Mass.: MIT Press, 1976.

BATTISTELLA, E. Percolation assimilation in Chinese. In: *Winter LSA Metting*, 1984.

BHAT, D. N. S. A general study of palatalization. In: GREENBERG, J. S. (Ed.). *Universals of human language.* Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 1978. p. 47-92. (Phonology, v. 2).

BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A*, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.

_____ . O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 22, p.70-80, 1992.

_____ . Ditongos derivados. *D.E.L.T.A,* v. 10, p. 123-140, 1994. Número especial.

_____ . A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M.H.M (Org.). *Gramática do Português Falado.* Campinas: UNICAMP, 1999. v. VII, p. 701-742.

_____ ; HORA, D. da. A palatalização da oclusiva dental e a Fonologia Lexical. *Estudos Lingüísticos e* Literários, n. 17, p. 11-23, jul. 1995.

BLOOMFIELD, L. *Language*. London: George Allen & Unwin, 1933.

BOOIJ, G.; RUBACH, J. Morphological and prosodic domains in Lexical Phonology. *Phonology Yearbook*, London, n. 1, p. 1-27, 1984.

_____ ; _____ . Postcyclic versus postlexical rules in Lexical Phonology. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass., v. 18, n. 1, p. 1-44, 1987.

BORGES DE FÁVERI; PAGOTTO, E.. *Realização da vogal [i] no dialeto de Florianópolis.* Mimeo. 2000.

BRESCANCINI, C. R. *A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português de influência açoriana do município de Florianópolis: uma abordagem não-linear.* 1996. 219 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BROE, M. An introduction to feature geometry. In: DOCHERTY, G. J.; LADD, D. R. (ed.) *Papers in Laboratory Phonology II*: gesture, segment, prosody. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 149-165.

PUCRSBIBLIOTECA CENTRAL - CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

BROUWER, D.; Van HOUT, R. Gender-related variation in Amsterdam vernacular. In: BULL, T.; SWAN, T. (Ed.). *International Journal of the Sociology of Language,* Mouton de Gruyter, n. 94, p. 13-26, 1992.

CAGLIARI, L. C. *A palatalização em português* : uma investigação palatográfica. Campinas, 1974. 173 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Departamento de Lingüística do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____ . *Elementos da fonética do português brasileiro.* Campinas, 1981. 165 f. Tese (Livre Docência) – Departamento de Lingüística do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. *Fonologia do Português*: análise pela Geometria de Traços. Campinas: edição do autor, 1997. (Coleção Espiral, 2, Série Lingüística).

CALDAS FILHO, R. *Oh! Que delícia de Ilha.* 2. ed. Florianópolis: Paralelo 27, 1995.

CALLOU, D.; MARQUES, M. H. D. O -s implosivo na linguagem do Rio de Janeiro. *Littera,* n.14, p. 9-137, 1975.

_____ ; MORAES, J. A de. A norma de pronúncia do S e R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais. In: CARDOSO, S.A M. (Org.) *Diversidade lingüística e ensino.* Salvador: EDUFBA, 1996. p. 133-147.

CÂMARA JÚNIOR., J. M. Sobre as consoantes palatalizadas. *Boletim de filologia,* Rio de Janeiro: Livros de Portugal, fasc. IV, ano I, p.225-229, dez. 1946.

_____ . *Manual de transcrição fonética.* Rio de Janeiro: Museu Nacioanal, 1957.

_____ . *Princípios de lingüística geral.* 4. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972.

_____ . *Estrutura da língua portuguesa.* 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____ . *Para o estudo da fonêmica portuguesa.* 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977 [1953].

_____ . *Problemas de lingüística descritiva.* 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CAMPBELL, L. Quicheab palatalized velars. *IJAL*, n. 40, v. 2, p. 132-134, 1974.

CATFORD, J. C. *Fundamental problems in phonetics.* Edinburg: Edinburg University Press, 1977.

_____ . *A practical introduction to phonetics.* Oxford: Clarendon Press, 1988.

CANOVAS, M. I. F. Variação fônica de /S/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba na fala de Salvador. In: CARDOSO, S.A M. (Org.) *Diversidade lingüística e ensino.* Salvador: EDUFBA, 1996. p. 184-194.

CAPO, H. B. L'assimilation d'arrondissement dans le redoublement des formes verbales en gbe. *Linguistique africaine*, n. 3, p. 19-42, 1989.

ÇARREIRA, M. M. The structure of palatal consonants in Spanish. *Chicago Linguistic Society,* v. 24, n. 1, p. 73-87, 1988.

CEDERGREN, H. J.; SANKOFF, D. Variable rules: performance as a statistical of competence. *Language,* n. 2, p. 333-355, 1974.

CHEN, M. Abstract symmetry in Chinese verse. *Linguistic Inquiry*, n. 15, p. 167-171, 1984.

CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax.* Cambridge: The MIT Press, 1965.

_____ . Conditions on transformations. *A festschrift for Morris Halle.* In: ANDERSON, S.; KIPARSKY, New York: Holt, Rinehart and Winston. 1973. p. 232-286.

_____ ; HALLE, M. *The sound pattern of English.* New York: Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, G. N. Palatalization: linking or assimilation ? *Papers from the Chicago Linguistics Society*, n. 12, p. 96-109, 1976.

_____. The geometry of phological features. *Phonology Yearbook,* n. 2, p. 225-252, 1985.

_____ . A unified set of features for consonants and vowels. Cornell University, p. 1-48, 1989a. Versão preliminar.

_____ . On the representation of vowel height. Cornell University, p.1-50, 1989b. Versão preliminar.

_____. The role of the sonority cycle in core syllabification. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory,* n.2, p. 1-68, abr. 1990.

_____. Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory,* n.5, p. 77-123, 1991.

_____. Lieu d'articulation des consonnes et des voyelles: une theórie représentations phonologiques. Paris: CNRS, 1993.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E.V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. *The handbook of phonological theory.* Cambridge, Massachusetts: Basil Blackwell, 1995. p. 245-301.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

CLEMENTS, G. N.; KEISER, S.J. *CV phonology*: a generative theory of the syllable. Cambridge, Massachussets: MIT Press, 1983.

CLEMENTS, G. N.; SEZER, E. Vowel and consonant disharmony in Turkish. In: HULST, H. van der; SMITH, N. *The Structure of Phonological Representation.* Dordrecht: Foris Publications, 1982. part II.

COLLISCHONN, G. *Análise prosódica da sílaba em português.* 1997. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CRISTÓFARO SILVA, T. *Fonética e fonologia do português.* São Paulo: Contexto, 1999.

CRYSTAL, D. *A. Dictionary of linguistics and phonetics.* 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1988.

CUESTA, P. V.; LUZ, M. A M. da. *Gramática Portuguesa.* 3. ed. rev. aum. Madrid: Biblioteca Románica Hispânia, 1971. Tomo I.

CUNHA, C. F. da. Le polymorphisme du portugais du Brésil et ses causes: le case du /s/ implosif. *Cultura Neolatina*, fasc. 3-4, p.327-335 ,1974.

DITTMAR, N. *Sociolinguistics.* London: Edward Arnold, 1976.

DIXON, R. M. W. *The languages of Australia.* Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

ECKERT, P. The whole woman: sex and gender differences in variation. *Language Variation and Change*, n. 1, v. 3, p. 245-267, 1989.

FISCHER-JORGENSEN, E. *Trends in Phonological Theory*: a historical introduction. Copenhagen: Akademisk Forlang, 1975.

FOLEY, J. *Foundations of theorical phonology.* Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

FUDGE, E.C. Syllable. *Journal of Linguistics,* Great Britain, n. 5, p. 253-286, 1969.

FURLAN, O. A. *Subsistência luso-açoriana na linguagem catarinense.*1982. 420 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FREITAS, M. J. O grupo consonântico s + C em início de palata na aquisição do português europeu. In: CASTRO, R. V.; BARBOSA, P. (Org.).*Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística.* Braga: Associação Portuguesa de Lingüística, 2000. p. 499-512.

GAYA, S.G. *Elementos de fonética general.* 5. ed. cor. e ampl. Madrid: Editorial Gredos, 1966.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL - CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

GIANGOLA, J. Complex palatal geminates in Brazilian Portuguese. *The Proceedings of the Thirteenth West Coast Conference on Formal Linguistics.* San Diego: University of California, 1994.

GNANADESIKAN, A E. The feature geometry of coronal subplaces. *University of Massachusetts Occasional Papers in Linguistics*, n. 16, p. 27-67, 1993.

GOLDSMITH, J. A. *Autossegmental phonology.* New York: Garland Publishing, 1979. (Outstanding Dissertation in Linguistics, Harvard University).

_____. *Autosegmental and Metrical Phonology.* Oxford: Basil Blackell, 1990.

GRYNER, H.; MACEDO, A. A pronúncia do –S pós-vocálico na região de Cordeiro-RJ. In: MOLLICA, M. C.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Análises lingüísticas: a contribuição de Alzira Macedoi.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 26-51.

GUSSENNHOVEN, C.; WEIJER, J. van der. On V-Place Spreading vs. Feature Spreading in English Historical Phonology. *The Linguistic Review*, n. 7, p. 311-32, 1990.

GUY, G. R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese*: aspects of the phonology, syntax and language history. 1981. 391 f. Ph.D Dissertation - University of Pennsylvania, Philadelphia.

_____. VARBRUL: análise avançada. Tradução de: Ana Maria Stahl Ziles. In: MATTE, N. (Org.). *Cadernos de Tradução.* Porto Alegre: UFRGS, 1998. p. 27-49. Original inglês.

HALL, T. A. *The phonology of coronals.* Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1997. (Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science. Series IV, Current issues in linguistic theory, v. 149).

HALLE, M. Features. In: BRIGHT, W. (Ed.) *Oxford International Encyclopedia of Linguistics.* Oxford: Oxford University Press, 1988.

HALLE, M.; STEVENS, K. N. Some reflections on the theoretical bases of phonetics. In: LINDBLOM, B.; OHMAN, S. *Frontiers of speech communication research.* London: Academic Press, 1979.

HARRIS, J. Evidence from Portuguese for the Elsewhere Condition in Phonology. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass., v.5, n.1, p. 61-80, 1974.

_____. *Syllable structure and stress in Spanish.* Cambridge, Massachussets: MIT Press, 1983.

HART, T. Notes on sixteenth-century portuguese pronunciation. *Word*, v. 11, p. 414-415, 1955.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

HAYES, B. Assimilation as spreading in Toba Batak. *Linguistic Inquiry*, n. 14, p. 467-499, 1986.

_____. *Metrical stress theory*: principles and case studies. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HEAD, B. *A Comparison of the segmental phonology of Lisbon and Rio de Janeiro.* Austin, Tx, 1964. 305 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - The University of Texas.

HEFFNER, R-M. S. *General phonetics.* Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1969.

HERNANDORENA, C. L. M. A geometria de traços na representação das palatais na aquisição do português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 159- 167, dez. 1994

HOCKETT, C. F. A manual of phonology. *International Journal of American Linguistics,* 1955. (Memoir, II).

HOIJER, H. Chiricahua Apache. In: OSGOOD, C. (Org.) *Linguistic Structures of Native America.* Viking Fund Publications in Antrophology, n. 6, 1946. p. 55-84.

HOOPER, J. B. *An introduction to natural generative phonology.* New York: Academic Press, 1976.

HYMAN, L. The feature [grave] in phonological theory. *Journal of Phonetics*, n.1, p. 329-337, 1973.

ITÔ, J. *Syllable strucuture in prosodic phonology.* Cambridge, Massachussets, 1986. 227 p. Tese (Doctor of Philosophy) – Department of Linguistics, University of Massachussets.

JACKENDOFF, R. Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language*, v. 51, n. 3, p. 639-671, 1975.

JACOBS; H. WEIJER, J. van de. On the formal description of palatalisation. In: BOK-BENNEMA, R.; HOUT, R. van (Ed.). *Linguistics in the Netherlands.* John Benjamins Publishing Company, 1992. p. 125-135.

JAKOBSON, R.; FANT, G.; HALLE, M. *Preliminaries to Speech Analysis.* Cambridge, Massachusetts: M.I.T Press, 1951.

JESPERSEN, O. *Lehrbrych der Phonetic.* Leipzig. Berlin, 1994.

JOOS, M. The Medieval Sibilants. *Language*, v. 28, n. 2, p.222-231,1952.

KAY, P.; McDANIEL, K. On the logic of variable rules. *Language in Society*, n. 8, p. 151-187, 1979.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

KEATING, P. Palatals as complex segments: X-ray evidence. *UCLA Working Papers in Phonetics*, n. 69, p. 77-91, 1988.

_____ . Coronal places of articulation. In: PARADIS, C.; PRUNET, J-F (Ed.). *Phonetics and phonology*: the special status of coronals – internal and external evidence. New York: Academic Press, 1991. p. 29-48.

KENSTOWICZ, M. *Phonology in generative grammar*. London: Basil Blackwell, 1994.

KENSTOWICZ, M.; KISSEBERTH, C. *Generative phonology*: description and theory. New York: Academic Press, 1979.

KEY, H. Phonotactics of Cayuvava. *IJAL*, n. 27, v. 2, p. 143-150, 1961.

KHAN, D. *Syllable based generalizations in English phonology.* Cambridge, Massachussets, 1976. Ph.D. dissertation – IULC, MIT.

KIPARSKY, P. Elsewhere in phonology. In: ANDERSON, S. R.; KIPARSKY, P. (Org.). *A festschrift for Morris Hall.* New York: Holt, Rinerhar & Winston, 1973. p. 93-106.

_____. Lexical morphology and phonology. In: YANG, S. (Org.) *Linguistic in the Morning Calm.* Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982. p. 3-91.

_____. Some consequences of Lexical Phonology. *Phonology Yearbook,* London, n. 2, p. 85-138, 1995.

KURIŁOWICZ, J. Contribution à la théorie de la syllabe. *Bulletin de la Société Polonaise de Linguistique,* n. 8, p. 80-114, 1948.

LABOV, W. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. *Language,* n. 45, p. 715-762, 1969.

_____ . *Sociolinguistic Pattern.* Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____ . The intersection of Sex and social class in the course of linguistic change. *Language Variation and Change*, n. 2, p. 205-254, 1990.

_____ . *Principles of linguistic change.* Malden, Massachussets: Blackwell, 1994. (Volume I: Internal Factors).

LABOV, W.; SANKOFF, D. On the uses of variable rules. *Language in Society*, n. 8, p. 189-222, 1979.

LACERDA, E. F. O Tratamento do Fonema S em Português. *Revista Brasileira de Filologia,* Rio de Janeiro, v.6, n 1, p. 1-7, jun.1961.

LADEFOGED, P. Use of palatography. *Journal of Speech and Hearing Disorders*, n. 22, 1957, p. 764-774.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

_____ . *Preliminaries to linguistic phonetics.* Chicago: Chicago University Press, 1971.

LADFOGED, P.; MADDIESON, I. *The Sounds of the World's Languages.* Oxford: Blackwell, 1996.

LAGO, M. C. de S. *Modos de vida e identidade:* sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.

LAHIRI, A.; BLUMSTEIN, S. A re-avaluation of the feature coronal. *Journal of Phonetics*, n. 12, p. 133-145, 1984.

_____; EVERS, V. Palatalization and coronality. In: PARADIS, C.; PRUNET, J-F. (Ed.). *Phonetics and phonology*: the special status of coronals, internal and external evidence. New York: Academic Press, 1991. (Phonetics and Phonology, v. 2).

LASS, R. *English phonology and phonological theory*: synchronic and diachronic studies. New York: Cambridge University Press, 1976. (Cambridge Studies in Linguistics).

LEE, S-H. Fonologia Lexical do português. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 23, p. 103-120, 1992.

LEHMANN, W. P. (Ed.). *A reader in nineteenth-century historical indo-european linguistics.* Bloomington: Indiana University Press, 1967.

LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, n. 8, p. 249-336, 1977.

LIMA, R. *Análise acústica das vogais orais do português de Florianópolis.* 1991. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LOPEZ, B. S. *The Sound Pattern of Brazilian Portuguese(Cariocan dialect).* 1979. 265 f. Tese (Doutorado, Ph.D) - University of California, Los Angeles.

McCARTHY, J. On stress and syllabification. *Linguistic Inquiry*, n. 10, p. 443-466, 1979.

_____; TAUB, A . Carole Paradis and Jean-François Prunet: review article, *Phonology 9*, p. 363-370, 1992.

MADDIESON, I. *Patterns of sounds.* Cambridge, England: Cambridge University Press, 1984.

MAIA, C. de A. *História do Galego-Português*: estudo lingüístico da Galiza e do nordeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI, com referência à situação do galego moderno. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

MALMBERG, B. *A fonética.* Tradução de: Oliveira Figueiredo. Lisboa: Livros do Brasil, 1954. Título original: La phonétique.

MASCARÓ, J. *Catalan phonology and the phonological cycle.* PhD Dissertation,1976.

MATEUS, M. H. M. *Aspectos da fonologia portuguesa.* Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1975.

_____. *Fonética, fonologia e morfologia do português.* Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

_____; D'ANDRADE, E. The syllable structure in portuguese. D.E.L.T.A, v. 14, n.1, 1998.

_____;_____ . *The phonology of portuguese.* Oxford: Oxford University Press, 2000.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale.* 2th. ed. Paris: Libraire Ancienne Honoré Champion, 1926.

MESTER, R. A.; ITÔ, J. Feature predictability and underspecification: palatal prosody in Japanese mimetics., *Language*, v. 65, n. 2, p. 258-293, 1989.

MILLER, W. R. Uto-Aztecab cognate sets. *UCPL*, n. 48, 1967.

MOHANAN, K. P. *The Strucuture of the Melody.* MIT e National University of Singapore, 1983.

MOHRLANG, R. Higi phonology. *Studies in Nigerian Linguistics*, n. 2, 1972.

MONARETTO, V. N. de O. *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica.* 1997. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MORAES, J.; CALLOU, D.; LEITE, Y. O sistema vocálico do português do Brasil: caracterização acústica. KATO, M. (Org.). *Gramática do português falado:* Convergências. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. v. V. p. 33-53.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C. *Introdução à Sociolingüística Variacionista.* Rio de Janeiro: Programa de Apoio à Produção de Material Didático (PROMADI 1)- UFRJ, 1992. p. 17-25. (Cadernos Didáticos UFRJ).

NEELD, L. E. Remarks on palatalization. *Working Papers in Linguistics,* Ohio State University, n. 14, p. 37-49, 1973.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology.* Dordrecht: Foris Publications, 1986. (Studies in Generative Grammar, 28).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

NEWMAN, P. Syllable weight as a phonological variable. *Studies in African Linguistics*, n. 3, p. 301-23, 1972.

NÍ CHIOSAIN, M. Irish palatalization and the representation of place features. Phonology, n. 11, p. 89-106, 1994.

NUNES, J. J. *Cantiga d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928.

ODDEN, D. Further evidence for the feature [grave]. *Linguistic Inquiry*, n. 9, p. 141-144, 1978.

OLIVEIRA e SILVA, G. M.. Coleta de Dados. In: MOLLICA, M. C. (Org.). *Introdução à sociolingüística variacionista.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. p. 101-114.

PADGETT, J. Stricture and nasal place assimilation. *Natural Language and Linguistic Theoryi,* n. 12, v. 3, p. 465-513, 1994.

PARADIS, C.; PRUNET, J-F. (Ed.). *Phonetics and phonology*: the special status of coronals, internal and external evidence. New York: Academic Press, 1991. (Phonetics and Phonology, v. 2).

PAUL, H. *Princípios fundamentais da história da língua.* Lisboa: Gulbenkian, 1880-1920. (impressão 1970).

PEREIRA, N. doV.et al. *Ribeirão da Ilha: vida retratos. Um distrito em destaque.* Florianóplolis: Fundação Franklin Cascaes, 1991.

PESETSKY, D. *Russian morphology and lexical theory.* Cambridge, Massachussets: MIT, 1979.

PESSOA, M. A. O s pós-vocálico na fala de Natal. *Atas do I Simpósio Diversidade Lingüística no Brasil.* Salvador: UnBA, 1986.

PIKE, K. L. *Phonemics: a Technique for Reducing Languages to Writing.* Ann Arbor: University of Michigan Press, 1947.

_____ . *Language in relation to a unified theory of human behavior.* The Hague: Mouton, 1967.

_____ ; PIKE, E. Immediate constituints of mazateco syllables. *International Journal of American Linguistics,* n. 13, p. 78-91, 1947.

PINTZUK, S. *Programas Varbrul.* Tradução de Ivone Isidoro Pinto. Rio de Janeiro:UFRJ, 1989. mimeo.

PULLEYBLANK, D. *Tone in Lexical Phonology.* Reidel: Dordrecht, 1986.
RAMERS, K.H.; VALTER, H. *Einführung in die Phonologie.* Köln: Gabel Verlag, 1991.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

RECASENS, D.The articulatory characteristics of palatal consonants. *Journal of Phonetics*, n. 18, p. 267-280, 1990.

REIGHARD, J. Labiality and velarity in consonants and vowels. *Papers from CLS*, n. 6, p. 533-543, 1972.

RÉVAH, I. S. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI^{E} siècle à s jours. *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro 1.* Rio de Janeiro: MEC, 1958.

ROMAINE, S. *Language in society.* 2th ed. Oxford: Oxford University Press, 2000.

ROSETTI, A. *Introdução à fonética.* 4. ed. Tradução de: Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Publicações Europa-América, 1962. (Saber, 88). Título original: Introducere în Foneticã.

ROUSSEAU, P.; SANKOFF, D. Advances in variable rule methodology. In: SANKOFF, D.(Ed.). *Linguistic Variation: models and methods.* New York: Academic Press, 1978. p. 57-68.

ROUSSELOT, A. P. J. *Principles de phoétique expérimentale.* Paris: Didier, 1924.

SAGEY, E. *The representation of features and relations in non-linear phonology.* 1986. Doctoral dissertation- Massachesetts Institute of Technology.

_____ . *The representation of features in non-linear phonology*: the articulator node hierarchy. New York: Garland Publishing, 1990. (Outstanding dissertations in linguistics).

SANKOFF, D. Variables rules. In : AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. J. (Ed.). *Sociolinguistics:* an international handbook of the science of language and society. Berlim/New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-998.

SANTOS, S. C. dos. *Nova história de Santa Catarina.* 4. ed. Florianópolis: Terceiro Milênio, 1995.

SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral.* Tradução de: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Cultrix, 1977. Título original: Cours de Linguistique Générale [1949].

SCHANE, S. A. *Fonologia gerativa* . Tradução de: A. S. da Rocha; H. M. Camacho e J. Mallas. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. Título original: Generative Phonology.

SCHERRE, M. M. P. *Introdução ao pacote Varbrul para microcomputadores* . Rio de Janeiro: UFRJ, 1992; Brasília 1993. mimeo.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

_____; MACEDO, A V. T. Variação e mudança: o caso da pronúncia do s pós-vocálico. In: MOLLICA, M. C.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Análises lingüísticas: a contribuição de Alzira Macedoi.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 52-64.

SCHLEICHER, A *Compendium der Vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen: kurzer Abriss einer Laut – und Formenlehere der indogermanischen Ursprache*. 4. ed. Weimar, 1861. (impressão1876).

SCHMEIL, L. *Alquila-se una Isla: turistas argentinos em Florianópolis*. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social – Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SCHMIDT, D. Against the universality of the feature geometry. *Word,* v. 45, n. 3, p. 287-291, dez. 1994.

SELKIRK, E. O. The syllable. In: HULST, H. van der; SMITH, N. *The structure of phonological representations.* Dordrecht: Foris Publications, 1982. Parte II. p. 337-383.

_____ . Dependency, adjacency, and secondary articulation. *63rd Annual Meeting of the LSA*, 1988.

SHADLE, C.H.; BADIN, P.; MOULINIER, A. Towards the spectral characteristics of fricative consonants. In: ROSSI, M et al. (Ed.) *Proccedings of the Twelfth International Congress of Phonetic Sciences.* Aix-en-Provence: Université de Provence, 1991. p. 42-45.

SIEGEL, D. The adjacency condition and the theory of morphology. *Proceedings of NELS* 8, Amherst: GLSA, University of Massachusetts, p. 189-197, 1978.

SILVA, R. S. da. *Estudo do /S/ posvocálico na região de Corumbá-MS.* 1996. 87 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Universidade Estadual de São Paulo, Assis.

SILVA NETO, S. da S. *Ensaios de Filologia Portuguesa* . São Paulo: Cia Editora Nacional, 1956.

_____ . *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil.* 4. ed., Rio de Janeiro, Presença, 1977.

_____ . *História da Língua Portuguesa.* 5. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

SILVEIRA, R.C.P. *Estudos de fonética do idioma português.* 2. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

STERIADE, D. Redundant values. *Papers from the Twenty-third Regional Meeting,* Chicago Linguistic Society, v. 2, p. 339-362, 1987.

_____ . CV phonology: a generative theory of the syllable. L*anguage,* v. 64, n.1, p. 118-129, 1988. (Review Article).

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

_____. Underspecification and markedness. In: GOLDSMITH, J. A (Ed). *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, 1995. p. 115-174.

STEVENS, K. The quantal nature of speech: evidence from articulatory-acoustic data. In: DAVID, E. E.; DENES, P. B. (Ed.). *Human Communication: a unified view*. New York: McGraw Hill, 1972. p. 51-66.

_____; KEYSER, S. J.; KAWASAKI, H. Toward a phonetic and phonological theory of redundant features. In: PERKELL, J.; KLATT, D. (Ed.). *Symposium on invariance and variability of speech processes*. Hillsdale: Erlbaum, 1986. p. 426-449.

STRAKA, G. Naissence et disparition des consonnes palatales dans l'evolution du latin au francais. *Travaux de Linguistique et de Litterature*, Strasbourg: Lib. C. Klincksieck, n. III, I, p. 117-167, 1965.

STURTEVANT, E. H. *An introduction to linguistic science*. New Haven: Yale University Press, 1947.

TARALLO, F.. *A pesquisa sociolingüística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996. (Princípios, 9).

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Tradução de: Celso Cunha. 2. ed., Lisboa: Sá de Costa, 1984. Título original: Historie de la langue portugaise. (Colecção Nova Universidade, Linguística).

TRANSTAGANO, A V. *Maître Portugais*. Paris, 1799. Título original: New Portuguese Grammar. Londres, 1768.

TRUBETZKOY, N. S. *Principles of phonology*. Tradução de: Christiane A. M. Baltaxe. Los Angeles: University of California Press, 1969. Título original: Grundzüge der Phonologie [1939].

TRUDGILL, P. *Sociolinguistics:* an introduction to language and society. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 1983.

VAGO, R. M. More evidende for the feature [grave]. *Linguistic Inquiry*, n. 7, p. 671-674, 1978.

VÁRZEA, V. *A Ilha*: parte primeira de Santa Catarina. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1900.

VENNEMANN, T.; MURRAY R. W. Sound change and syllable structure: problems in Germanic phonology. *Language,* n. 59, p. 514-528, 1983.

VERNEY, L. A. *Verdadeiro Método de Estudar: estudos lingüísticos*. Edição de Antônio Salgado Júnior. Lisboa: Sá da Costa, 1949. vol. 1.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

VIANA, A. R. G. Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros (1892). In: *Estudos de Fonética Portuguesa.* Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973, p. 153-258.

WEIJER, Jeroen van der. *Segmental structure and complex segments.* Nijmegen: Holland Institute of Generative Linguistics, 1994.

_____ . Continuancy in liquids and obstruents. *Lingua*, n. 96, p. 45-61, 1995.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W; MALKIEL, Y. (Ed.). *Directions for historical linguistics.* Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.

WEISS, H. E. *Fonética articulatória*: guia de exercícios. 3. ed. rev. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1988.

WETZELS, L. Mid vowel neutralization in Brazilian portuguese. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 23, p. 19-55, 1992.

_____; MASCARÓ, J. The typology of voicing and devoicing. *Language*, v. 77, n. 2, p. 207-244,2001

WHITNEY, W.D. *Language and the study of language*. New York: Scribner's, 1901.

WIESE, R. *The phonology of German*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português*: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. Tradução de: Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961. Título original: From Latin to Portuguese. Historical phonology and morphology if the Portuguese language.(Coleção de Filologia, III).

YIP, M. Feature Geometry and co-occurence restrictions. *Phonology*, v. 6.2, p. 349-374, 1989.

_____ . Coronals, consonant clusters, and the coda condition. PARADIS, C.; PRUNET, J-F. (Ed.). *Phonetics and phonology*: the special status of coronals, internal and external evidence. New York: Academic Press, 1991. (Phonetics and Phonology, 2). p. 61-75.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

ANEXO A

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Posição Medial: Ocorrências de Variante Aspirada (total de 52 ocorrências)

mesmo, mesma	['mehmu], ['mehma]	(42 ocorrências)
simplesmente	[sĩplih'mẽ ʒ̃ ti]	(2 ocorrências)
bastante	[bah'tãti]	(1 ocorrência)
turismo	[tu'rihmu]	(2 ocorrências)
desmembrado	[dihmẽ ʒ̃'bradu]	(1 ocorrência)
desmanchar	[dihmã'ʃa]	(3 ocorrências)
festa	['fehta]	(1 ocorrência)

Posição Medial: Ocorrências de Variante Zero (total de 159 ocorrências)

mesma, mesmo	['mesma], ['memu]	(141 ocorrências)
turismo	[tu'rimu]	(1 ocorrência)
desvaziava	[diva'zjava]	(1 ocorrência)
jornalismo	[ʒoxna'limo]	(1 ocorrência)
desde, desde a	['dejdi], ['dejda]	(7 ocorrências)
cismou	[si'mo]	(1 ocorrência)
desmanchei	[dimã'ʃej]	(2 ocorrências)
desmanchada	[dimã'ʃada]	(1 ocorrência)
desmanchamos	[dimã'ʃãmu]	(1 ocorrência)
desmaiaram	[dimaj'aru]	(1 ocorrência)
que a escola	[kjaj'kɔla]	(1 ocorrência)
desmonta	[di'mõta]	(1 ocorrência)

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

ANEXO B

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Quadro B 1 - Produção da Variante Palato-Alveolar diante de Vogal

INFORMANTE (código de identificação)	REGIÃO	OCORRÊNCIA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
,	Florianópolis	Depois ia lá e comprava tudo.	Depoi[ʒi]a
A	Florianópolis	Eu era a mais atrasada.	mai[ʒa]trasada
L	Florianópolis	... dos bancos até o portão.	banku[ʒa]té
M	Florianópolis	...mas o que eles cobram, não dá não.	m[ajʒu] que
M	Florianópolis	Mas eu não tenho tanto acesso a livros.	Ma[ʒew] não
M	Florianópolis	Lá trás eu ... fiz tal coisa.	tra[ʒew]
#	Florianópolis	Não existiu aqui, vamos dizer, a especulação mobiliária por empresas. São pessoas individuais.	pessoa[ʒĩ]dividuais
O	Florianópolis	Mas até a minha filha casou com um gaúcho.	Ma[ʒa]té
&	Florianópolis	Aí depois ele tirou ... só que areia volta.	dep[ojʒe]le
2	Ribeirão	O outro carpinteiro não quis arrumar para ele.	Não [kiʒa]rrumar
8	Ribeirão	Aí elas disseram: - Ensina nós a fazer ?	n[ɔʒa] fazer
D	Ribeirão	Aí dava pra trás e eu tinha que fazer tudo.	tr[ajʒjew] tinha
!	Ribeirão	Se tivesse luz, eles faziam.	l[uʒe]les
!	Ribeirão	Às vezes, a cabeça muda.	Ás v[ejʒa] cabeça

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

!	Ribeirão	Às vezes eu digo assim, quando estou meio arreliada da vida...	Às v[eʒo] digo
!	Ribeirão	E a luz era a luz de querosene que a gente usava.	lu[ʒɛ]ra
@	Ribeirão	Tem um barzinho aqui, mas é pequeno.	m[ajʃɛ] pequeno
F	Barra	Tem festas, assim, do camarão...	fest[aʒãsĩ] do
F	Barra	E aí vai ser uma coisa assim mais Rio-São Paulo.	m[ajʒasĩ] Rio-São Paulo
B	Barra	Eu pensava em terminar a oitava série e depois entrar pro segundo grau.	dep[oʒj̃tra] pro
C	Barra	Fez o povo todo se converter.	F[eʒu] povo
C	Barra	Nós ainda ciente que dava.	N[ɔjʒa]inda
D	Barra	São Paulo é excelente, mas é muito agitação.	m[aʒɛ] muita
D	Barra	Tem muito argentino, mas em questão de turista brasileiro...	m[aʒẽj̃] questão
M	Barra	Mas eu, como falo um pouquinho melhor, sou sempre chamada.	M[aʒew] como
I	Barra	Mas é nossa coisa. Ninguém tira.	M[ajʒɛ] nossa
I	Barra	Eles ficam, mas o que se vai fazer.	m[ajʒu] que

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

J	Barra	Tá com um garotinho de 15 anos e agora a mulher dele teve outro bebezinho.	anu[ʒi] agora
J	Barra	Tem o dinheirinho delas pra pagar todo o mês o passe que elas estudam, né.	m[eʒu] passe
J	Barra	Mas o cara pediu mil e oitocentos reais.	M[aʒu] cara
J	Barra	Pra passar o mês até que, assim, é difícil não ganhar.	me[ʒa]té
N	Barra	A água só entra por cima do convés e sai pelos lados.	conv[ɛjʒi] sai
N	Barra	Pra não desmanchar a cruz eles botam lá.	cru[ʒe]les botam
H	Barra	Hoje é do juiz aquela casa lá.	jui[ʒa]quela
H	Barra	E a mãe delas e a nossa mãe.	dela[ʒi] a nossa
H	Barra	Quantas mães fazem o que quererem fazer , né.	f[ajʒu] que
H	Barra	Não uma tia Marica, uma tia Maneca, mas uma mulher nova.	ma[ʒu]ma
P	Barra	Olha, olha, lá por lá, pro lado delas. Mas aqui não tá olhando.	ma[ʒa]qui não
K	Barra	Mas aqui ... pro lado de cá, a gente plantava.	Ma[ʒa]qui ...
=	Barra	Vamos trazer essas pessoas pra nós, até porque ... precisa, né.	n[ɔjʒa]té porque

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Quadro B 2 - Produção da Variante Palato-Alveolar diante de Palavra Iniciada por /s/

INFORMANTE (código de identificação)	REGIÃO	OCORRÊNCIA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
W	Florianópolis	Ele quis seguir...	qui[ʃi]guir
W	Florianópolis	Mas se eu não levo...	ma[ʃ s]i
X	Florianópolis	E eles são muito seguros.	el[iʃ s]ão
B	Barra	Alguns são.	Algu[ʃ s]ão
R	Barra	Eles são na deles e eu sou na minha.	Ele[ʃ s]ão
V	Barra	Tem vários tipos de pessoas, sabe.	pessoa[ʃ s]abe.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

ANEXO C

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Trechos das respostas concedidas pelos informantes à questão **Você se considera um manezinho da Ilha?**

Informante c: mulher, 36 anos, superior completo, Florianópolis

É a maneira de falar, de conhecer a Ilha, as características que a Ilha tem, a maneira de lidar com a realidade que é própria da Ilha, tipo assim: a pesca, as rendeiras, a organização do mercado... a pessoa que está, assim, mais integrada nessa realidade. [...] E uma coisa que caracteriza muito é a maneira de falar, que eles falam muito tudo assim, bem rapidinho, algumas determinadas palavras, tipo "oi, oi, o" [[ɔj, ɔj, ɔ]]. Aquela maneira de falar rapidinho e tal, é muito característico do pessoal do interior da Ilha. É cultural É uma coisa assim, não sei direito, dos açorianos, mas é muito característico do pessoal da Lagoa, que é de lá e mora lá, do Rio Tavares, aquela região assim... tem outros lugares na Ilha, no Ribeirão da Ilha. Então são essas pequenas comunidades que desenvolveram, que tem uma maneira de falar, que vivem aquela realidade local intensamente [...]. É isso que eu considero. Então, por exemplo, alguém lá do Ribeirão, que mora lá , que goste muito, que conheça os costumes, que está muito integrado lá, pra mim é um manezinho da Ilha.

[Eu não me sinto com toda essa característica] Talvez porque eu morava no centro e o centro modificou muito [...] Não tinha tanto prédio assim como tem hoje. Tinha movimento, mas era um movimento acho que não chega a 1/10 do movimento de pessoas e carros que tem hoje. Então era uma outra realidade. [...] Talvez o fato de eu ter vindo para a universidade, ter convivido com outras pessoas... acho que eu me modifiquei mais, em relação àquela realidade local, né.

Informante q : mulher, 63 anos, 6-9 anos de escolaridade, Florianópolis

[Na minha época] Chamavam de manezinha, mas aí era pra ofender [...] "Ah, tu és uma manezinha!" Quer dizer, mal vestida, ignorante, entendes. Agora é que ficou lá em cima... por causa do ... Quem começou isso foi, seu eu não me engano, foi o Andrino quando foi candidato a deputado... aquela coisa ... abria a boca pra dizer que era manezinho da Ilha. Agora é o Guga. Então, agora tá bonito! Agora já é um orgulho, que eles têm de ser filho da Terra, né, ... manezinho, né, [...]. Mas antigamente, não. Antigamente, quando a gente queria ofender, dizia: "Ah, tu és uma manezinha!"

Informante n: homem, 30 anos, superior completo, Florianópolis

Por que não ? Eu gosto dessa terra, nasci aqui, me criei aqui. Todo ilhéu que se preza tem que não se ofender, né [...] O manezinho é a pessoa que é criada no interior da Ilha, nasceu na Ilha, se criou na Ilha. Manezinho mesmo, se tem, é a pessoa que morava no Ribeirão, Alto Ribeirão, na Lagoa, na Barra... A gente nasceu um pouquinho mais no centro, mas é manezinho do mesmo jeito [...] Não é muito diferente, não. Só não puxa rede!

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

[Sobre a caracterização do Seu Maneco e da Dona Bilica, dois personagens muito conhecidos na Ilha representativos do típico manezinho] Mostra, eles mostram, mas o pessoal de mais de 30 anos atrás. Se bem que hoje o "oi, oi, o" [[ɔj ɔj ɔ]], "mai[ʒ] não é", "poi[ʃ], poi[ʃ], poi[ʃ]", às vezes, a gente fala.

Informante ^: homem 32 anos, 11 anos de escolaridade, Florianópolis

Eu me considero manezinho porque nasci aqui, né. Eu sou manezinho, mas não manezinho no modo de se vestir, no modo de falar. Muita gente pergunta se sou gaúcho [...]. Meu sotaque não é manezinho como é o do pessoal do Ribeirão, dos mais antigos [...]. A gente tem alguns sotaques, a gente fala "oi, oi, o " [[ɔj ɔj ɔ]], a gente fala "não tem", então [...] manezinho no fato de ser morador daqui, não é manezinho no fato de se vestir, né, é manezinho no fato de comer, de gostar de farinha, de gostar de pirão, de gostar de peixe com pirão, né. Então isso é manezinho [...]. Mas é manezinho nesse sentido, né, não é manezinho em outra história. Tanto é que hoje todo mundo quer evoluir, quer ter as coisas legais [...], então eu acho que não é mais manezinho, né. É manezinho nas raízes, no que comer, na família, tal, tal [...].

Informante p: homem 39 anos, 11 anos de escolaridade, Florianópolis

E tenho característica de manezinho. Não vou dizer que não tenho, porque eu tenho. Então, querendo ou não, tu tem umas características daqui. Eles chamam nativo [...]. Mas eu vou fazer o quê! Aquilo não me estressa! Deixo [...]. Não sei se é orgulho. Aquilo não me afeta... dizer que sou manezinho. Também não me engrandece! Normal. Tem o maneziho que é aquele bem assim, que nunca saiu daqui, que só come peixe, que não faz mais nada diferente. Aquele típico manezinho mesmo e tem os outros manezihos que são os que viajam, vem e voltam, tipo o Guga.

Informante @: homem, 65 anos, 6-9 anos de escolaridade, Florianópolis

Todo mundo quer ser manezinho agora. E não era assim. Agora todo mundo gosta [...]. Manezinho é um nome feio, né [...] "Que manezinho, nada. Não sou manezinho, não!" É assim que a gente dizia. Dizia que não era manezinho [...]. Manezinho da Lagoa. Manezinho lá dos Ingleses. Isso que eles falam assim, né.

Informante o: homem, 67 anos, 0-5 anos de escolaridade, Florianópolis

Manezinho é o matuto [...]. Sou manezinho porque sou natural e moro na Ilha.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Informante x: homem, 68 anos, 11 anos de escolaridade, Florianópolis

Me cosidero. Com orgulho. Que era assim uma palavra muito pejorativa em alguns tempos atrás. E atualmente muita gente quer receber esse título de manezinho. Inclusive eu já fui numa festa onde é dado esse título[1]. A festa é muito bacana, concorrida [...], onde eu vi a importância, como está sendo valorizado, esse apelido que deram ao filho daqui da Ilha. Eu me considero manezinho. Atualmente é importante. Todo mundo que ser. Não tem problema, não.

Informante u: homem, 76 anos, superior completo, Florianópolis

Manezinho, que eu acho, por exemplo, meu pai. Nasceu em Sambaqui, distrito de Santo Antônio de Lisboa. Ali que a gente vê o que é manezinho mesmo. Dentro do interior da Ilha, né. Lá por 1925, 27, 28, por aí, né, então a gente vê o falar, a maneira de eles utilizarem as coisas, né. Se eles forem falar, as pessoas não entendem ,né. Não entendem o que eles querem, né. O linguajar diferente, né [...]. O manezinho é a pessoa que nasce na Ilha, né. Nasce aqui pela Ilha. Tem a consciência da Ilha. Então, é considerado manezinho da Ilha.

[Sobre a semelhança entre o falar carioca e o falar florianopolitano] É diferente. A entonação é diferente, né. Por causa dos Açores. Açoriano, né [...]. Doi[ʃ], poi[ʃ]. É parecido [risos].

Informante r: mulher, 17 anos, 16-9 anos de escolaridade, Barra da Lagoa

É manter a tradição do povo, entendeu. Não precisa falar um português, assim como exige a gramática, como exigem os professores. É falar do jeito que tu quer, inventar as gírias que tu quer...manter a cultura, no caso a renda de bilro, a pesca, essas coisas que se costumava fazer antigamente, né [...] Eu sou [manezinha]. Nasci aqui, fui criada aqui. Não tem porque dizer que não sou. Sou filha de manezinho, de pescador e isso é uma coisa que a gente deve se orgulhar, né [...] Acho que nem todos tem essa consciência. Tem até muita gente que esquece da tradição da Ilha, do que os pais são. Às vezes, até se fazem mais do que os outros [...]. Às vezes, eles querem andar no ritmo da moda. Como o manezinho é uma coisa mais antiga, fora de moda, então eles não querem muito saber disso.

Informante z: mulher, 28 anos, superior completo, Barra da Lagoa

Quem é manezinho? [...] quem nasceu na Ilha e, sobretudo, dentro da sua cultura. Povo que vive sua cultura, participa dela. A fala, que pra mim é a parte fundamental [...].
O que era antes o manezinho, o que era uma ofensa, atualmente já não é. É orgulho [...]. Antes do Guga, já tinha despertado o negócio. Porque o que era aquele manezinho, lá do

[1] Alusão feita à festa de entrega do Troféu Manezinho da Ilha, criado em 1988 pelo jornalista Aldírio Simões para homenagear cidadãos ilustres da Ilha

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

fim do mundo [...], que não tinha contato com nada, que falava palavras que ninguém entendia, o seu próprio dialeto e que tinha medo até de ver gente de fora [...] ? Hoje não, o manezinho é aquele que nasceu na Ilha de Florianópolis, a Ilha que hoje é explorada por todo mundo e que todo mundo desejava, se pudesse, nascer aqui. Eu sou manezinha porque eu nasci aqui. [..] as pessoas que vem morar aqui, ficam dois dias ... "Eu sou manezinho da Ilha! Agora eu sou manezinho da Ilha, tô morando aqui!" Não, a coisa não é bem assim ! [...] Despertou na Ilha de Florianópolis o turismo e pelo turismo, houve a valorização do manezinho, do povo. O que era antes uma ofensa: "Ó, seu manezinho, vai embora!". Agora, não. Agora é motivo de orgulho: "Eu sou manezinho!" O Guga só veio a reforçar essa situação. Mas eu acho que antes dele mesmo já houve a valorização da palavra 'manezinho'.

Informante b: mulher, 40 anos, 11 anos de escolaridade, Barra da Lagoa

Pra mim, manezinho da Ilha tem que ser uma pessoa de idade, né, bem velha, que já tem toda aquela característica assim... o jeito de falar, de pensar, que é diferente de agora [...] Falam rápido, falam errado, também, né! [...] São engraçados [...] Só as pessoas mais velhas, né [...] Tem alguns mais novos que ainda são assim. São meio manezinho.

Informante a: mulher, 32 anos, 11 anos de escolaridade, Barra da Lagoa

[...] é por morar na Ilha ... ser açoriana. Cada um tem seu jeito de conversar, de se expressar ... manezinho é por morar em Florianópolis, na Barra. Eu não ligo!

Informante j: mulher, 41 anos, 0-5 anos de escolaridade, Barra da Lagoa

Eu já não gosto disso aí, entendesse! Parece, assim, uma coisa assim...desfazer da pessoa, assim, entendesse. Ah, eu não suporto isso aí! Tudo é oportunidade na vida. Ah, porque, diz assim: ah, manezinha ..., mas ela não teve oportunidade de chegar lá [...]. Não suporto isso aí!

Informante y : mulher, 42 anos, 6-9 anos de escolaridade, Barra da Lagoa

[...] Quando falavam "manezinho da Ilha", no caso, né [...] na minha época, eu me lembro, a gente ficava lá embaixo, não tem. Era manezinho mesmo. Faziam até chacota da gente. Vamos supor, dizia que morava na Barra da Lagoa, eles riam da cara da gente. E hoje em dia se tu falar isso, noss! Vai ficar lá em cima. Manezinho da Ilha hoje é uma pessoa que fica lá em cima, né, e antigamente não [...]. Mudou de uma hora pra outra.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Informante k: mulher, 81 anos, 0-5 anos de escolaridade, Barra da Lagoa

Alguém pode falar assim pra mim: "Ó, manezinha da Ilha!" Como eu sou da Ilha, sei falar pouco, não sei ler ... acho eu que é por causa disso, né! [...] Acho que é uma coisa até carinhosa, né [...] Acho que não seja uma coisa muito de ofensa, não.

Informante s: homem, 16 anos, 6-9 de escolaridade, Barra da Lagoa

Como é o caso do Guga, que deixa bem claro que é manezinho.Eu também, né. Quando a pessoa me chama de manezinho da Ilha, eu acho que ... eu não acho isso um insulto, eu acho isso até um elogio, né, porque a pessoa que mora aqui na Ilha de Florinópolis é bem conhecida, né, porque é uma ilha, né, que tem tradição, que tem folclore, tem música, tem sua história, né. Então eu acho que o manezinho é uma pessoa como qualquer outra. Talvez tenha até mais privilégios [...] Não é pelo fato de eu ser manezinho que eu vou deixar de conhecer as coisas, tudo. Meus amigos, às vezes, me chamam de manezinho pelo fato de eu, sei lá, não ... porque eles acham que o manezinho [...] não mexe em computador, não sabe mexe em vídeo game ... só sabe tarrafear, fazer rede, por causa da tradição, né, do que as pessoas falaram, né, descreveram sobre os manezinhos.

Informante u: homem, 17 anos, 11 anos de escolaridade, Barra da Lagoa

[...] manezinho da Ilha é o florianopolitano. É o mesmo, é a mesma coisa. Isso aí, eu até me orgulho, pra falar a verdade. Nativo, né. Manezinho da Ilha, então eu sou nativo [...]. Há pessoas que não gostam. Acham que mané é uma pessoa tola e preferem ser chamados só de ilhéu ou florianopolitano mesmo [...]. Tem gente que diz quando faz alguma coisa meio assim, fala errado ou fala alguma coisa: "Ah, ó seu mané!"

Informante v: homem, 17 anos, 11 anos de escolaridade, Barra da Lagoa

[...] acho que manezinho da Ilha tinha que ser um cara nativo daqui, né. Os costumes daqui, falar a língua daqui, nunca, assim, imitar nada, sabe. Aquela coisa de tu não se importar com as coisas ... pra mim, é isso, manezinho da Ilha [...] Assim sempre puxando o 's', sabe. Porque [...], por exemplo, em São Paulo, eles dizem "doi[s], doi[s]". Aqui a gente diz "doi[ʃ]" e deu. Não tem que tá puxando! [...] Eu sou daqui, sabe, mas não me considero mané. Não sei porque, mas não me considero mané [...]. Sempre gostei de falar a língua daqui mesmo, nunca fui de estar naquelas coisas de ... [...] Muitas pessoas daqui, acho que falam diferente pra ... eu acho que eles acham feio falar a língua daqui, mas pra mim não. Pra mim é normal tanto aqui quanto em outro lugar. Sempre vou falar a minha língua, né, [...] essa coisa de bem manezinho. Eu falo isso, mas não me considero manezinho.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Informante = : homem, 33 anos, superior incompleto, Barra da Lagoa

Hoje todo mundo quer ser manezinho! Antigamente, ser manezinho, ih.... Até quem não é, quer ser [...]. É aquele que fala as coisas meio errada. A palavra meio cabeluda, meio errada: 'Tu vai[ʃ]' ... Se vai entrevistar um pescador, de cincoenta palavras, vai falar duas corretas, né, pra gente que conhece mais um pouquinho. Mas ele tá falando o correto, o dele. Não tem vergonha...'mai[s], [mai[s]', não! É o 'mai[ʃ] mesmo. É o manezinho.

[...] Quando eu tinha 22 anos, eu tava em Santos [São Paulo] ... se perguntasse pra mim, eu dizia que era de Porto Alegre, de Curitiba, era de ... Não ia mesmo [dizer que era de Florianópolis]! Hoje, não. Hoje eu digo que sou de Florianópolis, da Barra da Lagoa, da terra do manezinho mesmo. É lá que nós manda!

Informante w: homem, 34 anos, 6-9 anos de escolaridade, Barra da Lagoa

[Sobre o preconceito com a designação 'manezinho'] Até hoje tem, né! "Ah, é manezinho, açoriano, não sei o quê". Antes era mais ainda, né. Antes era mais ainda [...]. Hoje o pessoal tá diferente, né. Tá bem mais instruído, tem outra cultura [...] Continua [manezinho], sempre vai ser [...] Mas eu acredito que na época do pessoal mais velho, se apegavam a isso e se mordiam. Só que hoje o pessoal não se liga a isso, não. [...] Se me chama de manezinho da Ilha, eu sou e daí ? Por quê? Que é que tem ? Eu sou diferente? Sou igual. Mas hoje o pessoal se aceita mais, né, [...]. Hoje o pessoal já se assume.

Informante o: homem, 42 anos, 0-4 anos de escolaridade, Barra da Lagoa

Barra da Lagoa, Ingleses, Pântano do Sul são comunidades que cultivam e guardam a sua colônia, a sua tradição de pessoas que vivem ainda aquela saudade do passado, da cultura do passado e que ainda conservam um prato com peixe, com pirão d'água, com camarão cozido, com camarão ensopado, com peixe assado na brasa [...] Eu comi bastante pirão de feijão com laranja, pirão d'água com peixe assado e tenho orgulho de ser manezinho [...] Porque [na Barra] ainda se fala o manezejo. Ainda se fala a cultura, o linguajar da tradição do açoriano. Algumas pessoas me perguntam se eu sou nativo do Rio de Janeiro ou de outros estados porque o meu vocabulário não traz aquele traço de nossa cultura, do nosso linguajar cantado. O linguajar cantado é aquele que fala "oi, oi, o" [[ɔj ɔj ɔ]]. Já saiu um pouco [esse linguajar]. É lógico que em 1974, 1960, 1965 ainda se falava o manezejo, o cantado, né [...]. A culpa é do turista [...]. A saída do linguajar do manezejo açoriano acabou em função da presença de pessoas de outra cultura, de outros estados, de outros países, que tivemos que praticar aquele ato do linguajar dele pra dar uma atenção pra ele.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Informante n: homem, 45 anos, 0-5 anos de escolaridade, Barra da Lagoa

É manezinho, é daqui da Ilha[...] É uma coisa bonita! É uma coisa saudável [...] Por ser manezinho, ele tem um ritmo de vida diferente. Um coisa bem saudável [...] O manezinho que eu entendo ... que eu sou manezinho, né. O manezinho que eu entendo é até pela nossa fala. A gente fala errado. Fala errado! Quem estudou, pelos livros, a palavra é diferente do que a gente fala. Então, o pessoal que estuda, fala corretamente, fala bem diferente de nós. Então, o manezinho, ele não é estudado. Ele não sabe falar difícil [...] O manezinho [...], ele fala cantado! O manezinho é que fala cantado. O manezinho fala "é memo". Mas não é "memo', é "me[ʒ]mo, né. O gaúcho fala é "me[z]mo [..]

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

ANEXO D

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Trechos das respostas concedidas pelos informantes à questão: "O que você acha dos novos moradores da sua localidade, isto é, das pessoas de fora da Ilha que se mudaram para cá, e dos turistas? Você tem um bom relacionamento com eles ?

Informante c: mulher, 36 anos, superior completo, Florianópolis

[...] A pessoa que mora aqui não pode desfrutar das praias, ou não vai se aventurar a pegar fila e tal, já que ela não está acostumada a concorrer com os outros, o preço das coisas aumenta, o volume de pessoas dentro do supermercado é maior, o preço do comércio tende a aumentar e, muitas vezes, a gente é confundido com o turista e, vamos dizer assim, alguns mau intencionados querem tirar vantagem em cima da gente. Então isso assim não é uma coisa, assim, agradável para o florianopolitano, né. Ele acaba sendo desvalorizado por causa do turista.

[...] Normalmente o florianopolitano é amável com o turista, mas se ele está concorrendo ou tirando a tranqüilidade que ele tem, fica difícil a pessoa ser dócil, aceitá-lo e tratá-lo bem.

Informante c: mulher, 41 anos, superior completo, Florianópolis

Os de fora vem a querem mudar as tradições. Descaracteriza. Teve uma época até que estava bem descaracterizado. O açoriano começou a deixar. Hoje em dia, não. Eles já estão mais voltando a essa realidade.[...] Os jovens não passaram por essa tradição aí [...], mas na épocda do outro prefeito, Edson Andrino, ele era bem manezinho, da Lagoa da Conceição. Ele começou a resgatar os valores, né. E eu acho que hoje em dia estão bem resgatados, né. Você vê algumas partes aí, na Barra da Lagoa, Santo Antônio de Lisboa, né. Bem açoriana mesmo. E eles querem cultivar essa cultura pelas casas, a maneira que eles falam, tudo.

Informante q: mulher, 63 anos, 6-9 anos de escolaridade, Florianópolis

[...] se o estrangeiro vier pra cá e também dizer que é da Ilha... manezinho... aí não dá, né! [...] Não são filho daqui. Mas aí não dá! Isso é uma coisa de filho da Terra!

Informante n: homem, 30 anos, superior completo, Florianópolis

Há [em Florianópolis] uma miscigenação muito grande de pessoas de São Paulo, Rio, Minas, Bahia e Rio Grande do Sul principalmente, que se atraem pela beleza natural e vão fazendo com que a cultura em si fique escassa, né. Vão impondo a cultura de outras cidades.

A mão-de-obra de fora é valorizada porque dizem que o ilhéu é preguiçoso [...]. O pessoal não se atualiza e também não valoriza o seu passado [...]. O que falta mesmo é o pessoal mesmo se valorizar e daí não abre a prerrogativa de contratação externa, né [...].

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Informante h: homem, 54 anos, superior incompleto, Florianópolis

Investir no turismo é importantíssimo também ... talvez evitar que chegue mais gente [...]. Atrás dessa qualidade de vida, talvez. Até atrás dessa tranqüilidade. Até marginais vindo atrás desse sossego pra explorar isso aí, né, o lado negativo, de assalto, roubo. Tirar um pouco do sossego daqui [...]. A cidade sempre foi tranqüila pra nós. Nós vivemos aquela fase mais tranqüila ainda. E a gente, comparando o passado, vê que aqui já foi mais sossegado. Tá perdendo um pouco o sossego, a tranqüilidade e morar aqui. Então, talvez, tá na hora de fechar a ponte... só sai, não entra.

Informante x: homem, 68 anos, 11 anos de escolaridade, Florianópolis

Eu não tenho nada a contestar quanto a vinda dessas pessoas, porque em geral são famílias boas, pessoas boas que estão ajudando também, na sua maneira, ao seu modo de viver, para o desenvolvimento desta cidade. São pessoas de boa índole, de bom relacionamento e que até eles se integram na nossa sociedade em diversas áreas. Isso aí é importante [...]. Será que nós, daqui de Florianópolis, se nós fossemos para a cidade dele, nós faríamos o que eles estão fazendo ? Se integrando no nosso meio, nas entidades de ajuda aos menos favorecidos, na igreja, né, nas atividades da igreja [...]. E eles são muito seguros, amigos e participativos ... Eu acho importante a vinda deles, porque o número de pessoas boas que vem pra cá é maior, é a sua totalidade, daquelas pessoas que não deveriam vir [...]. Há lugar para todos! A cidade está crescendo e tem muita área para construção [...]

Informante x: mulher, 24 anos, superior completo, Barra da Lagoa

[...] e uma das coisas que eu acho mais legal aqui na Barra é assim [...] com todas essas pessoas de fora, a Barra não perdeu a identidade dela [...]. Porque os pescadores continuam a mesma coisa, aquela fala manezinho, cantado, continua a mesma coisa [...]. Quando eu vou falar com pessoas mais velhas, assim, eu vou na mesma linha delas, sabe [...]. E a Barra não perdeu isso. Existe essas pessoas que continuam falando manezinho, sabe, no mesmo ritmo.

Informante z: mulher, 28 anos, superior completo, Barra da Lagoa

Tem o turista que vem, que fica dias [...], um mês que seja, e vai embora [...]. Que utiliza o seu espaço, que suja ou sei lá, que usa indevidamente, né. Porque a maioria das vezes é um provo que n!ao tá nem aí. Se a praia vai ficar suja, se a tua cada vai ficar suja [...] e tem aquele que vem, conhece e fica. Eu acho que esse é um povo perigoso, assim [...]. É um povo mais difícil de se trabalhar porque ele acaba descaracterizando teu ambiente[...] Atualmente, tu já tá vivendo como uma cidade; tu já não sabe mais quem é o teu vizinho. Antes [o barrense] vivia em uma comunidade onde todos dançavam a mesma música. Agora, não. Agora vem um que fala um pouquino mais bonitom, que fala umas palavrinhas que eu não entendo [...] e que se acham superiores mesmo. Que vem, que moram aqui e que em algum evento, algum movimento da comunidade... é ele que tá lá ditando as normas.

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

Daqui a pouquinho, já é presidente da igreja, já é presidente do colégio [...]. E vão criando raízes e aí sim o povo da Barra vai morrendo[...]. O que era antes um domínio, agora já não é mais. Agora tu só é mais um participante de uma comunidade, que já tá mista. Já não tem mais a tua cultura, as tuas tradições ... atualmente tá cada vez menos.

Informante = : homem, 33 anos, superior incompleto, Barra da Lagoa

[...] Tu gosta da Barra da Lagoa e tu faz parte da minha comunidade. Não é porque você não é nativa[...] e tá aqui já há quatro, cinco anos... Vamos trazer essas pessoas também pra nós, até porque se veio pra cá é porque gosta da raiz, gosta do nativo. Então vamos trabalhar essa pessoa pra ficar mais no grupo da comunidade[...]

Informante d: homem, 41 anos, 11 anos de escolaridade, Barra da Lagoa

Os novos moradores, a maioria, s!ao tudo um saco. Eles vão dando leis disso, que "não quero barulho daquilo" ... Não pode botar um som ... e exige um monte de coisa, que eles viveram em uma cidade grande, então, eles também ficam meio louco também [...]. Não gosto muito, não [...] Tenho um vizinho de Porto Alegre, tenho um de Curitiba, tem um de Florianópolis ... Eles são um saco!

O turista traz muita coisa boa, mas 70% não é coisa boa. É coisa ruim... [...] Hoje tudo pega um ônibus da Barra para o centro, tem 50 passageiros, 10 tu conhece, 40 tu já não conhece mais. Aí tu vê, o cara falando gaúcho, falando mineiro, falando paulista ... e aí tu já não vê mais, né, ... a comunidade pegando ônibus, né.

Informante h: homem, 41 anos, 0-5 anos de escolaridade, Barra da Lagoa

Foi muito bom [morar na Barra da Lagoa]. Um lugar pequenininho como o nosso [...], cresceu um pouco, mas não foi muito bom tanto assim. Não foi muito bom assim porque se tivesse um regulamento [...] de escolher o pessoal pra mim. Se tivesse um regulamento par adar um passaporte para aquelas pessoas [...] Eles trazem muita gente ruim porque tem em quantidade que bota os filhos aí morando e vai-se embora. Os filhos começa nessa praia e começa a encontra aquela gente meia coisa, meia coisa, e fica tudo ruim. Fica tudo ruim! Quantos pai lá, quantas mãe tá lá, que os filho tão aqui [...]

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

MEMORIAL

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.

CLÁUDIA REGINA BRESCANCINI nasceu em 06 de setembro de 1968, na cidade de Jundiaí, São Paulo, onde cursou o primeiro e segundo grau. Licenciou-se em Letras, habilitações Tradutor/Intérprete, pela Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas, na capital. Durante esse período, realizou trabalhos de tradução, entre os quais se destaca a transcrição e tradução do curso *Respiration and ventilation* do Emergency Medical Department (Weston, Connecticut), destinado ao II Grupamento de Incêndio de São Paulo.

Em 1994 iniciou o curso de mestrado em Lingüística na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, tendo defendido, em 1996, a dissertação intitulada *A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana do município de Florianópolis- uma abordagem não-linear*, sob a orientação de Prof. Dr. Paulino Vandresen e Prof[a]. Ms. Sidneya Gaspar de Oliveira. Em 1998, ingressou no programa de doutorado em Lingüística Aplicada da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, sob a orientação da Prof[a]. Dr[a]. Leda Bisol.

Passou a atuar como docente no nível superior em 1996 na Fundação Educacional Regional Jaraguaense, em Jaraguá do Sul, Santa Catarina. As disciplinas ministradas foram Língua Inglesa I, II, III, IV, V, VI e Lingüística Geral. Nessa mesma instituição, participou como professora-orientadora do projeto de iniciação científica *O português falado na região da AMVALI.* A partir de 1997, ingressou como docente no Projeto Magister (Universidade Federal de Santa Catarina e Governo do Estado de Santa Catarina). As disciplinas ministradas foram Língua Portuguesa I e Lingüística Aplicada.

Em sua produção científica, destaca-se o trabalho de organização, realizado ao lado da Prof[a]. Dr[a]. Leda Bisol, da obra *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro* (EDIPUCRS, 2002), onde assina o primeiro capítulo, *A análise de regra variável e o programa Varbrul 2 S.*

PUCRS/BIBLIOTECA CENTRAL – CÓPIA NOS TERMOS DA LEI 9.610/1998 E LEI 10.695/2003.